

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Do adro à praça
desenhos e significados da presença franciscana nas
cidades de Marechal Deodoro e do Penedo - Al.

Érica Aprígio de Albuquerque



Maceió
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO

ÉRICA APRÍGIO DE ALBUQUERQUE

**DO ADRO À PRAÇA – DESENHOS E SIGNIFICADOS DA PRESENÇA
FRANCISCANA NAS CIDADES DE MARECHAL DEODORO E DO PENEDO - AL**

MACEIÓ
2012

ÉRICA APRÍGIO DE ALBUQUERQUE

**DO ADRO À PRAÇA – DESENHOS E SIGNIFICADOS DA PRESENÇA
FRANCISCANA NAS CIDADES DE MARECHAL DEODORO E DO PENEDO - AL**

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Maria Angélica da Silva

MACEIÓ, ALAGOAS
2012

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Fabiana Camargo dos Santos

A345d Albuquerque, Érica Aprígio de.
Do adro à praça: desenhos e significados da presença franciscana nas cidades de Marechal Deodoro e do Penedo - AL / Érica Aprígio de Albuquerque. – 2013. 181 f. : il.

Orientadora: Maria Angélica da Silva.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo : Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2012.

Bibliografia: f. 147-152.
Anexos: f. 162-181.

1. Adros franciscanos. 2. Cidades coloniais – Alagoas. 3. Relações urbanas. 4. Arquitetura – Trocas socioculturais. 5. Arquitetura religiosa. I. Título.

CDU: 726.7(813.5)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO - DEHA

ÉRICA APRÍGIO DE ALBUQUERQUE

**DO ADRO À PRAÇA – DESENHOS E SIGNIFICADOS DA PRESENÇA
FRANCISCANA NAS CIDADES DE MARECHAL DEODORO E
PENEDO - AL**

Dissertação de mestrado apresentada à
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Alagoas, como requisito
final para obtenção do grau de Mestre em
Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

Maria Angélica da Silva

Prof.^a Dr.^a Maria Angélica da Silva
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL

Geraldo Majela Gaudêncio Faria

Prof.^o Dr.^o Geraldo Majela Gaudêncio Faria
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL

Josemary Omena Passos Ferrare

Prof.^a Dr.^a Josemary Omena Passos Ferrare
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo –UFAL

Leonardo Barci Castriota

Prof.^o Dr.^o Leonardo Barci Castriota
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

À família e aos amigos.
Aos irmãos do fogo e do vento, que carregam São Francisco no espírito.
Dedico também a Murillo Marx, grande inspiração para o meu trabalho.

*Lá vai São Francisco
Pelo caminho
De pé descalço
Tão pobrezinho
Dormindo à noite
Junto ao moinho
Bebendo a água
Do ribeirinho*

*Lá vai São Francisco
De pé no chão
Levando nada
No seu surrão
Dizendo ao vento
Bom dia, amigo
Dizendo ao fogo
Saúde, irmão*

*Lá vai São Francisco
Pelo caminho
Levando ao colo
Jesus Cristinho
Fazendo festa
No menininho
Contando histórias
Pros passarinhos*

São Francisco. Vinicius de Moraes

RESUMO

Os adros das casas franciscanas do Nordeste constituem um espaço habitado fundamental nas cidades onde estão inseridos, desde fins dos quinhentos, quando foi erguido o primeiro convento, em Olinda. Da Bahia à Paraíba, essa “verdadeira escola” composta por quatorze cenóbios ajudou a definir a paisagem urbana do litoral brasileiro e foi centro difusor de cultura e costumes, por intermédio do adro. Dentro desse contexto, em meados do século XVII, os frades menores fundaram suas duas últimas residências na parte austral da Capitania de Pernambuco: os conventos de Santa Maria Madalena e de Nossa Senhora dos Anjos, hoje, situados nas cidades alagoanas de Marechal Deodoro e do Penedo, respectivamente. É das relações dessas casas conventuais com suas cidades, que tangenciam o espaço do adro, de que trata essa dissertação. Entendendo-o como *locus* singular, integrante de um conjunto edificado que articula o material e o imaterial, configura-se em importante “peça” de investigação para compreender as dinâmicas histórica e urbana das antigas vilas coloniais, pois, o mesmo agrega além das manifestações de natureza material e imaterial tradicionais, uma existência física (espacial) diretamente ligada à conformação do lugar. Ao tempo colonial, essas cidades, enquanto “vilas pernambucanas”, foram produzidas urbanisticamente sob a aliança entre a “Cruz” e a “Coroa”, atentas às estratégias alusivas tanto a questões de defesa do território quanto dos preceitos sacros. Como conseqüência, amoldados à topografia do lugar, cresceram os conventos franciscanos, e o adro, principal marco visual juntamente com edifício religioso, concebido prioritariamente para as práticas coletivas de cunho litúrgico. Hoje, quando a maior parte dos cenóbios não exerce mais plenamente sua função, possuem poucos ou nenhum frade, os adros se conformam em espaços de uso público, onde são, ao mesmo tempo: fundamentais para o monumento, partícipes de um patrimônio edificado e praças centrais para a cidade. Diante disso, este trabalho investiga a herança sociocultural estabelecida nas fases mais fortes e nos momentos de maior mudança da relação destas casas conventuais com a comunidade e suas respectivas cidades, no decorrer dos séculos. Como método, para além da documentação textual, utilizou-se das fontes iconográficas, detendo-se principalmente no uso de fotografias e da comparação *in situ* com a intenção de identificar as marcas dessas mudanças. A fim de compreender as dualidades e as coexistências das intervenções e apropriações no adro, seja por meio das atividades promovidas pela igreja, seja pelas práticas seculares realizadas no adro, objetivou-se montar o percurso deste espaço de uso público quanto ao “movimento” de sua área, diálogo com a cidade, sua lógica de desenho, basculando passado e presente, sagrado e profano. Por fim, vê-se o antigo adro configurar-se em praça, fundamental como “área livre” no cenário urbano atual, mantendo-se múltiplo e ainda polo de atração social.

Palavras-chave: Adros franciscanos. Cidades coloniais. Relações urbanas. Trocas socioculturais.

ABSTRACT

The churchyards of Franciscan houses in the northeastern Brazil are a vital living space in cities where they are inserted, since the end of the fifteen hundred, when it was erected the first monastery in Olinda. From Bahia to Paraiba, this "real school", which is composed of fourteen monasteries, helped define the urban landscape of the Brazilian coast and was a center for disseminating culture and customs through the churchyard. Within this context, in mid-seventeenth century, the Friars Minor founded his last two homes at the southernmost Province of Pernambuco, the convents of St. Mary Magdalene and Our Lady of the Angels, now located in Marechal Deodoro and Penedo cities, in the State of Alagoas, respectively. The relationship between the convent and the city, which touches the space of the churchyard, is the subject of this dissertation. The churchyard is a singular locus, it links the material and immaterial. It also sets up an important "piece" of research to understand the dynamics of urban history and old colonial towns, because it adds something beyond expressions of traditional material and immaterial nature: a physical existence directly linked to the conformation of the place. In colonial times, these cities, when they were "Pernambuco towns", were produced under the alliance between the "Cross" and "Crown", alluding to of homeland defense and the sacred precepts. As a consequence, conformed to the topography of the place, grew the Franciscan convents, and the churchyard, it was the main visual landmark together with the religious building, designed primarily for the collective practices of liturgy. Today, when most monasteries no longer plays its role fully, have few or no friar, the churchyards conform spaces for public use, which are, at the same time: essential for the monument, participants of a built heritage and central squares of the city. Thus, this study investigates the socio-cultural heritage established in the strongest phases and at moments of big changes in the relation of these monastic houses with the community and their respective cities, over the centuries. As a method, in addition to textual documents, iconographic sources were used, focusing primarily on the use of photographs and of the comparison in situ with the intention of identifying marks of these changes. In order to understand the dualities and coexistences of the interventions and appropriations in the churchyard, either through the activities promoted by the church or by secular practices conducted in the churchyard, the objective was to set the course of this space for public use in relation to the "movement" in its area, dialogue with the city, its logic design, alternating past and present, sacred and profane. Finally, we see the old churchyard changed into a square, fundamental as "free area" in current urban setting, being maintained as multiple and being still a pole of social attraction.

Keywords: Franciscans churchyards. Colonial cities. Urban relations. Socio-cultural exchanges.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Três momentos do adro franciscano de Santa Maria Madalena, em Marechal Deodoro.....	19
Figura 2 – A inserção atual dos antigos conventos na paisagem do sítio histórico o qual estão inseridos, Santa Maria Madalena em Marechal Deodoro (a), Nossa Senhora dos Anjos em Penedo (b). Vistas a partir das águas.....	22
Figura 3 – Imagens e detalhes mostrando os conventos franciscanos no contexto urbano de Igarassu, de Olinda e de Sirinhaém, elaboradas por Frans Post.....	32
Figura 4 – Mapas do Brasil e da Região Nordeste localizando os Estados com suas cidades que possuem conventos franciscanos.....	36
Figura 5 – Fachadas das igrejas conventuais dos 14 cenóbios minoristas presentes na costa nordestina do Brasil, conforme a ordem de citação.....	37
Figura 6 – Convento de Santo Antônio, Igarassu, PE.....	40
Figura 7 – Convento de São Francisco, Salvador, BA.....	41
Figura 8 – Em ordem, Os claustros dos conventos de Marechal Deodoro (1), Penedo (2), Ipojuca (3) e Recife (4), João Pessoa (5), Salvador (6), Paraguaçu (7), Cairú (8), Conde (9), São Cristovão (10).....	42
Figura 9 – Vistas das cidades de Marechal Deodoro - AL (1), São Francisco do Conde - BA (2) e de São Cristovão - SE (3), a partir da torre sineira do convento franciscano e, portanto, vista do adro.....	42
Figura 10 – Em ordem, As igrejas franciscanas com suas torres sineiras: Igarassu (1), Recife (2), Salvador (3), João Pessoa (4), Marechal Deodoro (5), Penedo (6)	43
Figura 11 – Mapas do Nordeste e do Estado da Bahia localizando as suas cidades que possuem conventos franciscanos.....	45
Figura 12 – Adro de Salvador como local que acolhe fluxos diversos e movimentos múltiplos.....	46
Figura 13 – Vistas do adro de Salvador, Bahia, na atualidade.....	46
Figura 14 – O adro do convento de Salvador em dois momentos temporais: (a) detalhe da carta <i>La ville de Salvador</i> , de Arnoldus Montanus (1671) e (b) foto aérea recente.....	47
Figura 15 – <i>Planta da Restituição da Bahia</i> , João Texeira Albernaz (1631), com o convento de Salvador em detalhe à direita, enfatizando a área do adro.....	47
Figura 16 – <i>Restauración de La ciudad de Salvador y Baía de Todos los Santo em La província del Brasil por Tomás Tamayo de Vargas</i> , produzido em 1628. Carta	

com detalhe à direita destacando o adro e ao fundo a cerca com o resto do vale, reserva vegetal da cidade.....	47
Figura 17 –Momento em que se avista o convento de Paraguaçu de maneira mais definida.....	48
Figura 18 –O adro escalonado das águas de Paraguaçu.....	49
Figura 19 –Cruzeiro e frontispício do convento de Paraguaçu. Detalhe destaca uma das faces esculpidas na base do cruzeiro.....	50
Figura 20 –Registros da ornamentação das charolas de Nossa Senhora de Nossa Senhora da Glória e de São Roque produzida por Dona Angélica Sapucaia e Seu José Garcia, realizada na galilé do convento de Paraguaçu.....	50
Figura 21 –Em Cairu o adro transforma-se num mirante mútuo – onde a cidade e o convento se vêem.....	51
Figura 22 –Vista posterior da cidade de Cairú, do adro do convento, com Matriz (A) no fundo à direita.....	51
Figura 23 –O adro fechado de São Francisco do Conde, Bahia.....	52
Figura 24 –Vistas do convento franciscano e sua implantação urbana. Adaptação da autora.....	53
Figura 25 –Perfil da cidade com o convento franciscano e suas palmeiras no alto. Adaptação da autora.....	53
Figura 26 –Mapas do Nordeste e do Estado de Sergipe localizando as suas cidades que possuem conventos franciscanos.....	54
Figura 27 –Vista aérea do convento franciscano e sua localização na cidade.....	55
Figura 28 –O convento com seu adro e, ao fundo, sua torre em dois momentos: (a) em 1938, com a cobertura neoclássica substituindo a anterior de madeira e zinco; (b) na década de 70, sendo reformada pelo IPHAN.....	56
Figura 29 –O adro em movimento, São Cristovão, Sergipe.....	56
Figura 30 –(a) e (b) 1942, adro em terra batida com seus caminhos demarcados; (c) e (d) início dos anos 2000, com configuração que já não existe; (e) e (f) 2009, o adro retoma os caminhos livres.....	57
Figura 31– Mapas do Nordeste e do Estado de Pernambuco localizando as suas cidades que possuem conventos franciscanos.....	58
Figura 32 –Vista parcial da casa franciscana de Nossa Senhora das Neves e seu adro com cruzeiro.....	58
Figura 33 –Momentos e movimentos do adro franciscano de Olinda.....	59
Figura 34 –Detalhes de cartas seiscentistas representando a cidade de Olinda destacando seu convento franciscano. (a) “ <i>Civitas Olinda</i> ”, (ca 1630-1631); (b) <i>Imagem sem título [Planta de Olinda]</i> , Algemeen Rijksarchief, (ca 1630).....	60

Figura 35 –Vista aérea da atual cidade de Olinda, onde permanecem os templos religiosos e alguns indícios do traçado urbano do período das iconografias holandesas seiscentistas.....	60
Figura 36 –“ <i>Marin D’Olinda de Pernambuco</i> ”, Johannes de Laet, (ca 1630). Perfil da cidade de Olinda em gravura do período colonial. Recorte que destaca o Convento de Nossa Senhora das Neves, já possui o seu cruzeiro e a sua cerca conventual	60
Figura 37 – <i>Insula Antonij Vaazij</i> (ca 1637), atribuído a Golijath. Destaca o convento franciscano no centro de uma área fortificada.....	61
Figura 38 –Duas vistas do convento de Recife voltado diretamente para fluxo de água e com seu cruzeiro no antigo lugar em que fora fixado. (a) Trecho do “ <i>Panorama de Pernambuco</i> ” de autoria de Friedrich Salathé e Johann Steinmann (1826-1832). Fonte: (a) Belluzzo, 1995, v. 3. (b) Detalhe de gravura de autor desconhecido	62
Figura 39 –O convento e seu adro, espaços perdidos para a cidade.....	62
Figura 40 –Dois detalhes de quadros de Frans Post, ambos representando o convento franciscano situado em Igarassu.....	63
Figura 41 –Panorama atual do centro histórico de Igarassu com convento franciscano no fundo.....	63
Figura 42 –Um século dista as vistas, antiga e atual, do convento de Igarassu com seu adro preservado.....	64
Figura 43 –“ <i>Santuário do Sr. Stº Cristo de Ipojuca</i> ”. Antiga pintura da casa franciscana de Ipojuca mostra o adro em sua conformação antiga, totalmente amoldado ao relevo íngreme do morro onde se dispõe o convento.....	65
Figura 44 –Vistas do adro em suas feições antigas com seu relevo curvilíneo e o chão todo em terra batida.....	66
Figura 45 –Vistas do adro em suas feições antigas porém, já mostrando as obras iniciais que modificarão ao longo do tempo sua conformação física.....	66
Figura 46 –Vista geral do adro remodelado, nos dias atuais, abrangendo também toda a igreja conventual, com seu campanário, mais as casas de meia-morada que formam este complexo.....	67
Figura 47 –Aspectos do adro de Ipojuca quanto ao relevo e localização do cruzeiro.....	67
Figura 48 –Vistas do adro de Sirinhaém em dois momentos temporais.....	68
Figura 49 –Vistas do adro de Santo Antônio, Sirinhaém, a partir da sua igreja conventual	69
Figura 50 –Vistas parciais do mosteirinho de Pau d’Alho.....	70
Figura 51 –Mapas do Nordeste e do Estado de Alagoas localizando as suas cidades que possuem conventos franciscanos.....	71

Figura 52 –Seu cruzeiro em cantaria está situado no limite de sua área atual e tem base quadrangular com formato bulbar. Recentemente teve parte de seu coroamento restaurado.....	72
Figura 53 –O adro do convento de Penedo, no início do século XX e em sua conformação atual.....	73
Figura 54 –Mapas do Nordeste e do Estado da Paraíba localizando as suas cidades que possuem conventos franciscanos.....	74
Figura 55 –Recortes da cidade de João Pessoa apresentando o convento franciscano e alguns indícios do traçado urbano do período colonial. (a) “Parayba” detalhe de “Afbeelding der Stadt em ForressenVan Parayba” (ca 1634).....	75
Figura 56 –Adro do Convento franciscano, único exemplar seráfico da Paraíba.....	75
Figura 57 –O adro em dois momentos distintos, nota-se que ele se manteve praticamente inalterado, pois já apresentando calçamento e sua suave ladeira.....	76
Figura 58 –Vistas parciais da Rua Direita, (a) em 1898, atual Duque de Caxias (b) em 2010, trecho entre a Praça Rio Branco e o Convento de Santo Antônio. O cruzeiro franciscano permanece em destaque por localizar-se no ponto de fuga dessa visão perspectivada.....	77
Figura 59 –Esquema de adro ideal franciscano, baseado nos 14 adros da Escola Franciscana do Nordeste.....	80
Figura 60 –Representação geográfica das capitanias com a localização das três missões franciscanas administradas em terras alagoanas, das quais duas se concretizaram em conventos franciscanos.....	89
Figura 61 –Mapa da atual sede urbana de Marechal Deodoro com 4 dos seus núcleos de povoamento, em ordem cronológica: Taperaguá (A), Matriz-Rosário (B) e conjuntos franciscano (C) e carmelita (D). Destaca-se também os 3 perímetros de tombamento que contemplam todos os núcleos citados, cada um com seu adro.....	90
Figura 62 –As ilustrações batavas mostram: em vista, edificação primitiva religiosa (A) na parte alta próxima à Lagoa Maguaba (B); e em planta, a existência de um espaço extenso e amplo, um possível adro, que liga a Matriz (A) à Rosário (C), do Reducutos (D) e do caminho (E) rumo à lagoa citada antes. Adaptação em original.....	91
Figura 63 –Infográfico sobre a gravura de Frans Post mostra possível localização do convento franciscano.....	92
Figura 64 –Vista panorâmica do centro histórico de Marechal Deodoro pontuada por algumas de suas igrejas e seus adros: Carmo, Matriz-Rosário, Conjunto Franciscano. Adaptação em original.....	93

Figura 65 –Mapa destaca os adros com suas igrejas inseridos na malha urbana atual da cidade de Marechal Deodoro, demarcando as antigas áreas correspondentes aos adros e o que delas restou no hoje.....	94
Figura 66 –Vista panorâmica de Marechal Deodoro localizando o convento.....	95
Figura 67 –As vistas aéreas apresentam o complexo conventual franciscano destacado como marco visual da cidade de Marechal Deodoro, fato possibilitado pela amplitude do vazio do adro e do seu campo de visão.....	95
Figura 68 –Momentos do adro de Santa Maria Madalena. Montagem produzida pela autora.....	96
Figura 69 –As feições primitivas do adro de Santa Maria Madalena no início do século XX.....	97
Figura 70 O adro de Santa Maria Madalena no início do século XX, ampla área livre da cidade.....	97
Figura 71 –Dimensões do adro de Marechal quando concebidas conforme a leitura das fotos acima, em face dos limites de sua aera atual, também marcada na foto	97
Figura 72 –O adro de Santa Maria Madalena, no início do século XX, com antigo muro e seu pórtico.....	98
Figura 73 –O adro, no início do século XX, sem o muro e pórtico que o divisava da capela dos terceiros.....	98
Figura 74 –Infográfico baseado na Figura 73, quando já não mais existia o muro com o pórtico que criava um limite entre o adro e a Ordem Terceira e uma área restrita defronte a esta capela.....	98
Figura 75 –As feições primitivas do adro de Santa Maria Madalena registradas no ano de 1953.....	99
Figura 76 –Barquinhos de brinquedo no adro de Santa Maria Madalena, década de 50	99
Figura 77 –Retorno do espaço privado em frente à Ordem Terceira, perda de área do adro marcada na foto.....	99
Figura 78 –Pessoas posando em frente ao convento, também um belo cenário.....	100
Figura 79 –Registro dos primeiros indícios da rede elétrica e das intervenções que irão redesenhar o chão do adro franciscano de Santa Maria Madalena.....	100
Figura 80 –Infográfico baseado na Figura 78, mostrando o contorno do passeio com conjunto de bancos que havia na área da frente, entre as duas igrejas.....	100
Figura 81 –Mulheres em frente à Ordem Terceira.....	101
Figura 82 –Foto com os primeiros bancos que foram instalados entre as igrejas.....	101
Figura 83 –Aspectos físicos do adro na área próxima ao frontispício da Ordem Terceira	101
Figura 84 –Contorno demarcando local do passeio com conjunto de bancos.....	101
Figura 85 –A malha viária redesenha toda a extensão do adro.....	102

Figura 86 –Com a foto em vista aérea, além dos pontos já ressaltados, tem-se uma vista completa dessa ambiência: vê-se uma continuidade visual do casario que mantém o cone perspectivo, onde destaca-se a volumetria do convento e sua densa massa verde, a cerca.....	102
Figura 87 –Infográfico apresenta fragmentações no piso do adro, consequência do novo desenho urbano para abertura de uma malha viária. Parcelas aparecem como praças.....	102
Figura 88 –A Ordem Terceira sem a mureta que a separava do adro. Detalhe do portão que servia de acesso ao antigo cemitério do convento franciscano.....	103
Figura 89 –Esquemas apresentam o movimento sofrido pelo muros que seccionavam o adro das igrejas, hoje substituídos por um gradil em ferro.....	103
Figura 90 –O adro com seu jardim ainda com grama e arbustos.....	104
Figura 91 –Atual área do adro.....	104
Figura 92 –Infográfico mostrando as dimensões atuais do adro de Marechal Deodoro..	104
Figura 93 –Recorte do mapa atual da sede urbana do Penedo, apontando o perímetro de Tombamento Federal. Em destaque núcleo de povoação que originou a cidade, onde encontra-se situado o convento franciscano.....	105
Figura 94 – <i>Castrum Maurity Ad Ripan Flumini S. Francisci</i> . Frans Post, 1647 (vista 2)..	106
Figura 95 – <i>Castrum Mauritij</i> , Marcgrav, 1647 (mapa 2). Destaque do forte e entorno onde atualmente situa-se a área central e histórica da sede urbana do Penedo....	107
Figura 96 –Detalhe da iconografia de Marcgrav a respeito de Penedo: vê-se o Forte Maurício, em suas prováveis dimensões, margeando o Rio São Francisco, com indicação da possível localização do convento junto aos limites do forte holandês. Infográfico sobre reprodução do original.....	108
Figura 97 –Demonstração do estudo da implantação forte-convento por meio da superposição e estudos de massas, possível devido às linhas do desenho que mantém a proporção quando analisada junto à vista aérea atual do Penedo.	109
Figura 98 –Possível sobreposição do convento franciscano limítrofe ao forte holandês. Adaptação da autora, 2012.....	110
Figura 99 –Sobreposição do possível forte holandês sobre o traçado atual do Penedo mostra o alinhamento do convento franciscano e zona de assoreamento do rio.....	110
Figura 100 – Vista aérea da cidade do Penedo, em fins do século XX, destacando o convento na malha urbana. Adaptação da autora.....	111
Figura 101 – Vista aérea atual do Penedo e suas principais igrejas católicas que também conformam um polígono sacro na malha urbana do centro histórico. Atentar para a área de assoreamento do rio, com base nas imagens 98 e 99.....	111

Figura 102 – Momentos do adro de Nossa Senhora dos Anjos. Montagem produzida pela autora.....	112
Figura 103 – Vista lateral do adro de Penedo, fotografia datada de 1888.....	113
Figura 104 – Visada frontal do adro em sua totalidade, com convento no fundo.....	113
Figura 105 – Área total do adro nos fins do século XIX.....	113
Figura 106 – Vista do adro em 1908.....	114
Figura 107 – Vista do adro durante uma festividade religiosa.....	114
Figura 108 – Esquema da feição do adro no início do século XX, permanecem as características e os elementos registrados em fins dos oitocentos.....	114
Figura 109 – Telegrama enviado para Airton Carvalho, diretor regional do Patrimônio Histórico, por Artur da Mota Trigueiros, prefeito da cidade do Penedo na época em que o cruzeiro tombou.....	115
Figura 110 – Vista do primitivo cruzeiro sem prolongamento vertical que coroa a cruz...	115
Figura 111 – Vista do adro na primeira metade do século XX.....	115
Figura 112 – Mudanças urbanísticas transformaram o adro em praça no período entre 1941 e 1942.....	115
Figura 113 – Missa campal realizada no antigo adro em 1942, quando já não mais existia o primitivo cruziero.....	116
Figura 114 – A Praça Rui Barbosa com seu novo caráter urbanístico que em nada remete ao adro do Convento de Nossa Senhora dos Anjos.....	116
Figura 115 – Vistas do projeto de ajardinamento que modificou a feição do antigo adro	116
Figura 116 – Vistas da Igreja da Ordem Primeira e de detalhes das laterais do adro.....	117
Figura 117 – Vista frontal do convento franciscano e seu adro como praça.....	117
Figura 118 – Vista da igreja conventual e de parte da nova feição do adro.....	118
Figura 119 – Para além do convento franciscano, o postal também emoldura o Rio São Francisco.....	118
Figura 120 – Esquema da Praça implantada no adro em 1942.....	118
Figura 121 – Vista do adro em 1984, com o convento franciscano ao fundo.....	119
Figura 122 – Vista do adro em 1985, com perfil escalonado. Ao fundo, Igreja Matriz e parte do seu entorno.....	119
Figura 123 – Mudanças urbanísticas do adro conforme feições da foto acima, de 1985	119
Figura 124 – Vista do adro com as mesmas feições da imagem anterior, difere-se dela pela inserção das árvores na parte mais alta do adro.....	120
Figura 125 – Adro como local de encontro no encerramento do evento que celebrou os 350 anos dos conventos franciscanos em Alagoas.....	120
Figura 126 – Esquema do atual agenciamento do adro, conforme foto acima, de 2009	120

Figura 127 – Esquemas apresentam o adro voltado para a cidade e refazem o percurso dos redesenhos de piso deste espaço.....	121
Figura 128 – Mapas destacam os adros com suas igrejas inseridos nas malhas urbanas atuais das cidades de Marechal Deodoro (1) e Penedo (2).....	122
Figura 129 – Esquemas destacam a porção dos adros destinada a servir de para, Marechal Deodoro (a) e Penedo (b).....	123
Figura 130 – Vistas do adro e entorno próximo aos conjuntos franciscanos de Marechal Deodoro e do Penedo.....	124
Figura 131 – Infográficos referentes aos adros dos conventos franciscanos de Alagoas. Produzido pela autora segundo observações feitas <i>in loco</i> e com auxílio de vistas áreas e plantas do traçado da malha urbana de Marechal Deodoro (a) e Penedo (b).....	125
Figura 132 – Da torre sineira desses conventos avista-se a extensão do adro, parte da cidade e a igreja matriz por meio de um ângulo de visão resguardado ainda hoje pelo desenho do adro.....	125
Figura 133 – O arranjo urbano com os três blocos: igreja matriz + casa de câmara e cadeia + convento posicionados nas vilas de Santa Maria Madalena do Sul e o do Penedo do São Francisco, Alagoas.....	126
Figura 134 – Vistas do adro e entorno próximo aos conjuntos franciscanos de Marechal Deodoro e do Penedo.....	127
Figura 135 – Zonas de ocupação nos adros franciscanos e nas suas proximidades, Marechal Deodoro e Penedo.....	128
Figura 136 – Fluxos atuais de pedestres nos adros franciscanos de Marechal Deodoro e do Penedo.....	129
Figura 137 – Ponto de ônibus em frente ao cruzeiro do adro de Marechal. Área de estacionamento próximo ao obelisco do adro do Penedo.....	130
Figura 138 – O adro, antes do restauro de 2008, utilizado para estacionamento de carros, e depois desse restauro, em 2011, com a implantação dos divisores.....	130
Figura 139 – Os adros franciscanos de São Cristovão e de Salvador com os seus divisores protegendo-os de possíveis ocupações desordenadas.....	131
Figura 140 – Os mapas trazem as vias que passaram a existir depois do seccionamento dos adros e os fluxos de veículos que nelas transitam diariamente.....	131
Figura 141 – Os adros franciscanos de Marechal Deodoro e de João Pessoa com seus carrinhos de venda de lanches.....	132
Figura 142 – Alguns dos usos do adro, como local do lazer, do sentar, do estacionar. Marechal Deodoro.....	132
Figura 143 – Alguns dos usos do adro como local do encontro, do sentar, do estacionar	133

Figura 144 – O jogo de futebol nos adros franciscanos em Marechal Deodoro e em Penedo, durante o dia.....	134
Figura 145 – O jogo de futebol no adro franciscano de Olinda, em Pernambuco.....	134
Figura 146 – Vistas noturnas dos adros franciscanos em Marechal Deodoro e em Penedo, Alagoas.....	135
Figura 147 – Vista do adro com o tapume após dinâmica de educação patrimonial promovida pela SECULT e realizada com estudantes deodorenses. Detalhes à direita.....	136
Figura 148 – Adro franciscano no tempo das festividades da Padroeira da cidade, em 2009.....	136
Figura 149 – Adro franciscano no tempo das festividades da Padroeira da cidade, em 2010.....	137
Figura 150 – Adro franciscano durante a Procissão do Encontro, em 2009	137
Figura 151 – Fluxos da procissão de Nossa Senhora da Conceição no adro franciscano, Marechal Deodoro.....	138
Figura 152 – A festa de Santo Antônio no adro franciscano do Penedo.....	138
Figura 153 – O jogo de futebol no adro franciscano em Penedo à noite, durante celebração da Semana Santa.....	139
Figura 154 – Uma das mais recentes inovações do programa Google Earth tem sido a implantação de volumetrias nas suas vistas aéreas de cidades diversas. Atualmente, partes das cidades de Salvador e João Pessoa têm apresentado edificações que saltam dos planos bidimensionais e ganham novas dimensões e vistas 3D. No caso de ambas as cidades, seus sítios históricos têm tido suas arquiteturas históricas trabalhadas como maquetes eletrônicas, e dentre elas destacam-se as suas casas conventuais seráficas.....	145
Figura 155 – O adro vivo e limpo de São Cristovão permite maior fluidez e multiplicidades de usos, sendo bastante convocado por apropriações culturais tanto religiosas quanto de cunho mais laico.....	146

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – As datas de fundação dos conventos franciscanos e as de suas respectivas vilas e cidades nas quais foram inseridos. No decorrer do documento, estas cores continuam identificando a localização dos conventos.....	38
Tabela 2 – A métrica nos adros da Escola Franciscana do Nordeste.....	81
Tabela 3 – Situação geral convento - sítio dos 14 conventos franciscanos do Nordeste	83
Tabela 4 – Quadro Síntese das características físicas dos adros franciscanos do Nordeste.....	84
Tabela 5 – Quadro Síntese dos cruzeiros inseridos nos adros franciscanos do Nordeste	85

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	19
1	A ORDEM FRANCISCANA NO NORDESTE DO BRASIL COLONIAL	29
1.1	Brasil colonial: os primeiros assentamentos urbanos no litoral e suas edificações religiosas	29
1.2	Os conventos franciscanos na dinâmica urbana colonial: o Adro	33
1.3	Inserindo os dois conventos na cena maior: “A Escola Franciscana do Nordeste”	35
1.4	Da Bahia à Paraíba: Semelhanças e singularidades dos 14 adros dos conventos franciscanos do Nordeste	44
1.4.1	Bahia.....	45
1.4.1.1	Salvador.....	45
1.4.1.2	São Francisco do Paraguaçu.....	48
1.4.1.3	Cairú.....	51
1.4.1.4	São Francisco do Conde.....	52
1.4.2	Sergipe.....	54
1.4.2.1	São Cristovão.....	54
1.4.3	Pernambuco.....	58
1.4.3.1	Olinda.....	58
1.4.3.2	Recife.....	61
1.4.3.3	Igarassu.....	63
1.4.3.4	Ipojuca.....	65
1.4.3.5	Sirinhaém.....	68
1.4.3.6	Pau d’Alho.....	70
1.4.4	Alagoas.....	71
1.4.4.1	Marechal Deodoro.....	71
1.4.4.2	Penedo.....	73
1.4.5	Paraíba.....	74
1.4.5.1	João Pessoa.....	74
1.5	Balanço comparativo dos 14 adros franciscanos do Nordeste	78
2	OS DOIS ADROS FRANCISCANOS DE ALAGOAS	87
2.1	A Ordem Franciscana em Alagoas	87
2.2	O convento da Vila de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul	90

2.2.1	O adro franciscano de Santa Maria Madalena.....	96
2.2.2	A praça franciscana de Santa Maria Madalena.....	102
2.3	O convento da Vila do Penedo do São Francisco.....	105
2.3.1	O adro franciscano de Nossa Senhora dos Anjos.....	112
2.3.2	Do velho adro do convento à nova Praça Rui Barbosa.....	115
2.4	Quando os adros viram praças nas Alagoas.....	122
	 CONSIDERAÇÕES FINAIS: Do adro seiscentista à praça contemporânea..	140
	 REFERÊNCIAS.....	147
	 APÊNDICES.....	153
	APÊNDICE A - Tabela com os conventos franciscanos contemplados por ações de tombamento do IPHAN.....	154
	APÊNDICE B - Descrição dos conventos franciscanos inscritos no Livro do Tombo pelo IPHAN.....	155
	APÊNDICE C - Álbum fotográfico do adro de Santa Maria Madalena.....	160
	APÊNDICE D - Álbum fotográfico de Nossa Senhora dos Anjos.....	161
	 ANEXOS.....	162
	ANEXO A - Esquemas ilustrativos do processo de formação espacial por meio do patrimônio religioso como instrumento fundiário.....	163
	ANEXO B - Propostas de preservação para a sede urbana de Marechal Deodoro: PLANO INTEGRADO/1979.....	164
	ANEXO C - Anteprojeto da restauração da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco.....	167
	ANEXO D - Documentos avulsos contidos na pasta número 06 do bem cultural: Praça Rui Barbosa.....	176

INTRODUÇÃO

Ao contemplar um antigo convento franciscano na atualidade, que por vezes, encontra-se parcialmente fechado ou funcionando como museu, será que atentamos para as pistas deixadas pelos usos de outrora? Até onde conseguimos conceber uma outra vida naqueles espaços, nos “diálogos” do convento, enquanto residência de frades, com a comunidade? Ou ainda entender o significado de uma cruz fixada no meio da cidade? Imaginar que ali, no adro, houveram, além dos atuais gestos citadinos, práticas de um outro cotidiano, é permitir-se buscar pelo ausente, e talvez reencontrar a cena de uma procissão da Páscoa. Mas como ver o que não existe mais? O que está encoberto por camadas mais recentes de chão... As marcas invisíveis dos passos fiéis a Deus...



Figura 1: Três momentos do adro franciscano de Santa Maria Madalena, em Marechal Deodoro. Fonte: Montagem produzida pela autora em 2012, combinando imagem contida em revista do IGHAL e foto da autora de 2010.

A atitude religiosa criada por São Francisco surgiu na Europa medieval no século XIII e logo ganhou força com a adesão das massas. Trazida por seus frades para a América quinhentista, ao tempo do descobrimento do território que viria ser o Brasil pelos portugueses, a maneira cristã franciscana cruzou os mares e também recebeu forte aceitação dos moradores dessas terras, que pediram pela fundação de conventos seráficos e a assistência permanente dos missionários franciscanos.

No decorrer dos séculos, seus feitos continuam dignos de memória e ainda reverberam no presente, na medida que, a história do próprio Brasil se (con)funde à da Igreja Católica.

É a Ordem Seráfica quem mais irá propagar o cristianismo aqui, aliando-o às suas ideias de fraternidade e aos seus estudos, de interpretação e experimentações diretas da natureza, “o saber vivo”. É desse “saber dinâmico, criador, renovador”¹ dos franciscanos que Gilberto Freire credits ser uma das vertentes culturais do povo brasileiro. Ele também se declara sobre a influência franciscana, ainda sentida por nós na atualidade:

tão ampla em seus desígnios cristãos que não caberia em edifícios convencionais, por mais grandiosos; tão compreensiva que de início reuniria em torno da mesma cruz franciscanamente rústica europeus e ameríndios; letrados e analfabetos; homens já importantes e gente ainda sem nome: gente vinda do mato tropical até às praias e europeus desgarrados do mar em busca de novas terras.²

Nesse sentido, o franciscanismo entre nós, deu-se de modo “prático, cotidiano, efetivo”³. Atentos ao desenho de implantação das suas casas, preocuparam-se em construir seus conventos em pontos significativos da vila ou cidade colonial, de modo a perceber o entorno. Hoje, vê-se que estes se amoldam à topografia do lugar e constroem, por meio de visões perspectivadas, enfatizadas quase sempre pelos seus adros, cenografias completas de seus conjuntos com suas áreas edificadas (igrejas e residência dos frades) e não edificadas (adros e cercas conventuais).

Mais do que as outras ordens religiosas, os irmãos de São Francisco, nos séculos XVI e XVII, acessavam as vilas e cidades dotados de grande capacidade de adaptabilidade que se refletia diretamente na escolha do sítio de implantação da futura casa conventual. Frei Jaboatão, em seus relatos detalhados, nos lembra que somente após a visita e escolha do terreno pelos religiosos, é que se traçava o desenho do futuro cenóbio⁴, onde os próprios frades e irmãos leigos erguiam, parede por parede, conventos inteiros, “ao lado de mestiços, negros e índios”.⁵

A adaptação de materiais e técnicas, e até mesmo de elementos recém-descobertos da nova paisagem tropical, torna-se visível na originalidade que cerca o grupo das edificações conventuais do Nordeste, dão-lhes “um caráter de ineditismo, de solução exclusiva”⁶ não somente na produção de adornos e talhas decorativas, mas também nas soluções encontradas quando estas casas seráficas são concebidas espacialmente.

¹ FREYRE, Gilberto. A propósito de frades. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959, p. 59.

² Ibid, p.19.

³ Ibid, p.42.

⁴ JABOATÃO OFM, Frei Antônio de Santa Maria. Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil. Volumes I, II e III. Recife: Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 1980 (fac-simile da Ed. de 1859-1861-1862).

⁵ CAMPELLO, Glauco. O brilho da simplicidade. Rio de Janeiro, 2001, p.85.

⁶ CAMPELLO. Op. Cit. 2001, p.44.

Impregnados da poesia e da filosofia de São Francisco de Assis, os frades erguem seus conventos no Nordeste e compartilham com o povo, saberes e tradições, do mesmo modo que as recebem. Próximos ao povo, espacialmente e fraternalmente, e inseridos ativamente na cidade, pode-se afirmar que os frades edificaram não apenas conventos, com seus templos defronte a adros, mas também edificaram cidades, culturas, a civilização brasileira.

É plausível que desta relação desenvolveram-se algumas de nossas vilas e cidades. Nasceu daí uma genuína paisagem do Nordeste brasileiro, conformada por conventos e seus adros, seguidos por casario convidado por eles.

O característico zelo dos franciscanos encontra-se presente tanto nas suas obras materiais quanto às imateriais, tanto nos espaços físicos dos seus templos e residências eclesiásticas, como também no trato com as gentes da América lusitana.

Ainda no tempo da colonização, a apropriação de danças e ritos indígenas às tradições cristãs, admitindo-se as trocas entre as práticas populares, no sentido não clerical, e os rituais litúrgicos,⁷ fez das missões a que foram incumbidos os “capuchos” uma rica herança cultural e popular que permanece na contemporaneidade.

“É um passado que transborda no presente mais como vida do que como história.”⁸

É deste modo que dá-se a presença franciscana no litoral brasileiro, para além dos seus conventos, invadindo a cidade, existindo na paisagem nordestina, fazendo-se nas pessoas, seja por costumes e práticas que permanecem, por histórias que os velhos contam, pela memória de festas que não mais existem, pela imaginação dos gestos de outrora.

Dentro deste contexto, a parte sul da Capitania de Pernambuco, (atual Estado de Alagoas) começa a se desenvolver e sente a necessidade do amparo religioso aos seus moradores. “As duas vilas de Santa Maria Madalena e do Penedo do Rio São Francisco, eram prósperas e careciam de uma maior assistência religiosa e cultural.”⁹

Nos seiscentos, em cada uma dessas localidades surgiu um novo elemento urbano: o convento franciscano. Ambos os cenóbios, como irmãos gêmeos, são fundados em mesmo ano, 1659, desenvolvendo-se imbricados a fatores socioculturais das antigas vilas.

Ao longo dos anos, cada uma a sua maneira, chegaram ao século XXI com seus núcleos históricos parcialmente preservados, servindo de palco para manifestações sacras e seculares. Atualmente, ambas possuem perímetros urbanos tombados pelo IPHAN em nível federal, Penedo em 1996, Marechal Deodoro em 2006, o que endossa seus valores histórico, cultural e patrimonial.

⁷ FREYRE.. Op. Cit. 1959, p.67.

⁸ Ibid, p.19.

⁹ MÉRO,Emani. A Evangelização em Alagoas. Maceió: SERGASA, 1995, p.34.

É nesse cenário que se destacam as igrejas e capelas católicas, dominantes na paisagem. Porque erigidas em locais proeminentes impõem a sua presença enquanto representação de um poder milenar que ainda reverbera fortemente no tempo e no espaço da cidade. Dentre estes edifícios religiosos, destaco as casas conventuais de Santa Maria Madalena (Marechal Deodoro) e de Nossa Senhora dos Anjos (Penedo).

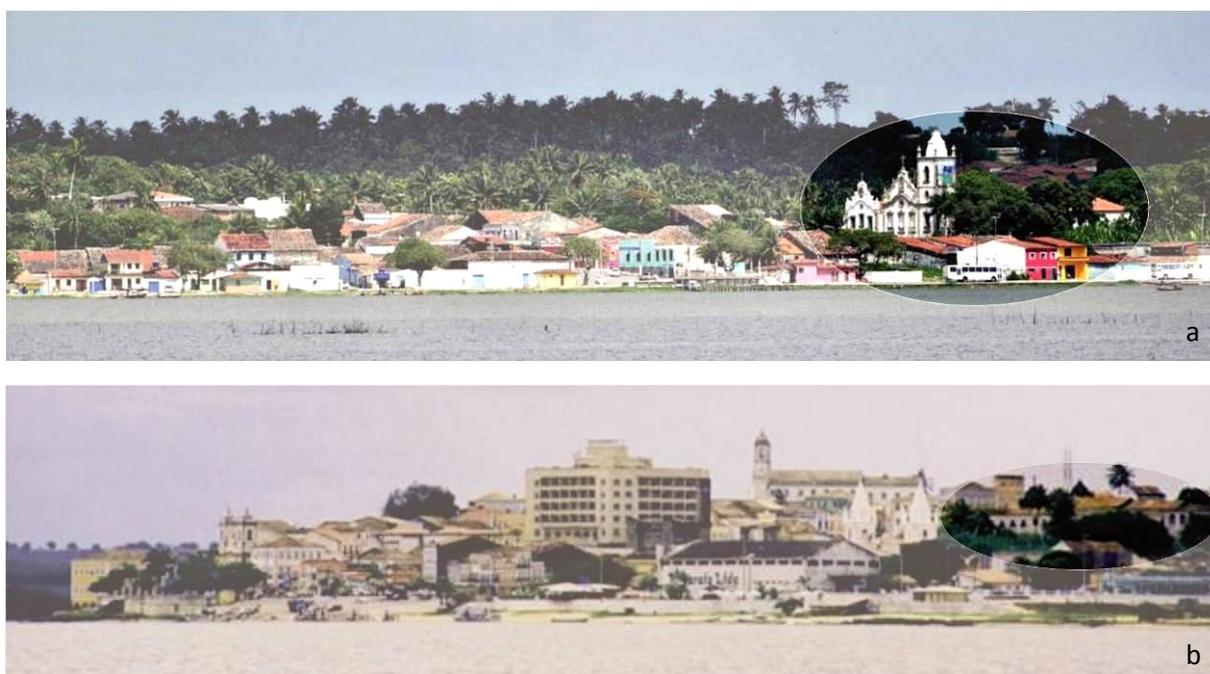


Figura 2: A inserção atual dos antigos conventos na paisagem do sítio histórico o qual estão inseridos, Santa Maria Madalena em Marechal Deodoro (a), Nossa Senhora dos Anjos em Penedo (b). Vistas a partir das águas.
Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

O recorte físico-espacial escolhido como tema desta dissertação é, portanto, o adro franciscano, presente como parte integrante das casas conventuais de Santa Maria Madalena e de Nossa Senhora dos Anjos, que desde o início de suas fundações, nos seiscentos, mantiveram uma interação cotidiana com a população exercendo o papel de aparato comunitário, servindo nas atividades de assistência religiosa, médica, educativa, constituindo-se em um complexo essencial para a vida urbana.

De feições coloniais, os adros destacam-se no ambiente citadino. Através de um movimento de “abraçar e trazer” para o convento a cidade, eles pontuam o sítio histórico destas cidades e desenham uma paisagem com um apelo barroco. Eles também exercem a função de um grande palco a céu aberto para a realização de encenações teatrais, devido à aproximação do teatro pelo Catolicismo para divulgar sua doutrina e difundir seus costumes e tradições cristãos. Entende-se que muitas das celebrações e festividades de uma comunidade marcada em sua história pela religiosidade, foram validadas pelas manifestações externas de fé que aconteciam no adro.¹⁰

¹⁰ KARNAL, Leandro. Teatro da fé. Representação Religiosa no Brasil e no México do século XVI. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

Nesse sentido, o adro, limítrofe entre o ambiente público e o sacro, era o ponto de partida para o desdobramento das atividades, que saindo da igreja, tomavam a vila e mais tarde a cidade. Às funções religiosas eram aí agregadas às sociais, geralmente funcionando como uma extensão dos interiores dos templos. Neles eram desenvolvidas atividades variadas e, apesar delas serem, em sua maioria, de caráter pio, havia uma série de outras que ocorriam associadas às celebrações religiosas.

Com o correr dos séculos, diversas intervenções legaram a estes espaços sacros, em especial aos seus adros, uma “quebra”, tanto no sentido espacial quanto no sentido conceitual, da sua concepção inicial e com isso acarretaram sérias alterações no âmbito da apropriação por parte da comunidade.

Com a adoção de uma vida cada vez mais distante da prática religiosa, e com a decadência da influência da Igreja Católica de um modo geral, tem-se a implantação de novos equipamentos urbanos nos adros e a ruptura com o seu aspecto sacro. Resta questionar sobre a atualidade destes espaços, na sua relação tensa entre servir de enquadramento ao monumental ou abrir-se aos novos usos demandados pela vida urbana contemporânea.

Apesar das perdas, relacionadas tanto à área como também aos seus significados, e de algum comprometimento sofrido na atualidade, especialmente em sua conformação física, ainda se reconhece neles uma intensa atuação como elemento fortalecedor de relações de sociabilidade em um contexto social precário, principalmente nos casos daqueles existentes em bairros e povoados mais distantes do sítio tombado.¹¹

Eles correspondem, ainda, às seculares intenções de convívio, pois, segundo Castelo Branco (2000, p.25), ao longo do tempo, ali era desenvolvida “uma série de festejos ricos em colorido e musicalidade, mesclando a religiosidade e o lazer”, o que, de certo modo, é mantido na atualidade, embora em menor dimensão, haja vista a oferta, hoje, de outros espaços de encontro.

Nesse sentido, cabe destacar que os adros em estudo, inseridos nestas duas cidades históricas, tratam-se de amplos espaços dispostos à frente das casas conventuais, que reforçam a posição dominante dos volumes que compõem o complexo edificado religioso, e também o valorizam, por meio de uma visão perspectivada do mesmo em que todo o entorno se beneficia.

¹¹ Por meio da participação no Projeto Inventário Nacional de Referências Culturais, realizados nas cidades de Marechal Deodoro e do Penedo, foi possível presenciar as manifestações culturais populares nos espaços dos adros em distritos destas duas cidades.

Dois conventos, duas cidades

Murillo Marx¹² (1984) em sua tese, questionando-se sobre o porquê de investigar o tema dos conventos, afirma que por meio da relação Igreja – Estado, nossas vilas e cidades foram fabricadas e estes, os conventos, como abrigos religiosos, foram responsáveis também por terem desempenhado ações administrativa e fundiária: “várias eram as funções de cunho público desempenhadas pelos seus estabelecimentos – as fundações das ordens regulares se destacaram como das mais significativas.”¹³

Com forte presença urbanística, os conventos dos frades menores realizaram muitas “missões junto ao povo”, pois eram mendicantes, ao contrário de ordens como os agostinos e os beneditinos, que viviam em constante clausura.

À vida reclusa do monge, opôs a atividade externa do frade. Ao mosteiro opulento e isolado nos campos, contrapôs o convento modesto e junto às portas dos burgos. À oração e ao trabalho para o sustento da comunidade religiosa em suas próprias terras, ofereceu missão volante aos fiéis e a postura do esmoler para a sobrevivência do claustro.¹⁴

Essa postura defendida pelos franciscanos refletiu-se diretamente nos laços culturais estabelecidos entre convento e comunidade, tanto nos que se fizeram no religioso bem como no âmbito social, além da já sabida relação convento-cidade, que apresenta o templo religioso como elemento incisivo no ambiente. Partindo destes pressupostos, é que se buscou acompanhar o percurso dos adros tratando-os na escala urbana.

Sabe-se que apesar de conter estas ligações, os dois conventos franciscanos localizados em Alagoas lidaram nos seus adros com perdas e ganhos de seus espaços; alterações físicas que mudaram sua denominação, passam a ser chamados de praça; segmentações por vias que os cortaram; enfim, áreas perdidas e adquiridas para a cidade, episódios que também afetaram a área de suas cercas conventuais.

Mas estes movimentos, alguns deles, na verdade, também podem ter acontecido para a própria igreja, como no caso de Santa Maria Madalena, cujo acréscimo da galilé pode ter tomado um pedaço do adro, pois a igreja cresceu no mesmo lugar onde se localizava a antiga igreja do recolhimento erguido pelos frades nos seiscentos.¹⁵

Diante deste arcabouço, além dos aspectos apresentados, optou-se pelo estudo dos conventos franciscanos de Alagoas, muito pela vivência mantida com eles desde 2007, quando, pela primeira vez, tem-se a aproximação dos dois adros através de uma experimentação mais sensível destes lugares, através da deriva¹⁶. Essa abordagem

¹² Faz-se uma referência especial aos trabalhos do professor Murillo Marx que serviram de inspiração e significativo arcabouço para a realização desta dissertação, principalmente a sua tese, intitulada *Seis conventos, seis cidades*. Esta investigação valeu-se dos dois conventos de Alagoas, contemplando-os no contexto das suas duas cidades onde foram implantados.

¹³ MARX, Murillo. *Seis conventos, seis cidades*. : Tese de doutorado (mimeo), São Paulo, USP, 1984, p.06.

¹⁴ Ibid, p.08.

¹⁵ JABOATÃO OFM, Antônio de Santa Maria. Op. Cit., 1862, p. 608.

¹⁶ Surgida a partir das técnicas psicogeográficas dos Situacionistas, é um método utilizado como aporte fundamental e inicial nas visitas do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, no sentido da apreensão sensível dos espaços no qual não há regras

permitiu que se lançassem as primeiras conjecturas sobre esses espaços ambíguos: convento-cidade, privado-público, adro-praça, passado-presente, gestos encenados-espontâneos. Participar das atividades do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem acerca da temática franciscana foi suporte acadêmico essencial ¹⁷, desde a pesquisa de iniciação científica como bolsista PIBIC, passando pelo trabalho de conclusão de graduação em Arquitetura e Urbanismo, e agora, para elaboração desta dissertação. ¹⁸

Nesse contexto, ainda justifica-se também a necessidade de realizar este trabalho numa tentativa de expor os valores que carregam estes dois adros, pelo fato dos seus dois cenóbios se localizarem em duas cidades históricas, fundamentais para o desenvolvimento sociocultural e econômico do Estado alagoano. Pois, apesar deles se configurarem como *locus* significativo de caráter religioso e urbanístico das cidades onde estão inseridos, há a falta de conhecimento da importância histórica dos mesmos. ¹⁹

Sem se considerar o todo da unidade conventual, o complexo edificado corre o risco de desvincular-se em definitivo das suas áreas externas que não são contempladas pelos tombados do IPHAN, apesar de se constituírem, principalmente o adro, em marcantes elementos de integração entre a arquitetura do conjunto e o sítio histórico.

Embora sejam aparentemente espaços “vazios” são passíveis de reconhecimento patrimonial. Eles carregam valores e memórias coletivas e populares, uma ativa história, sem registros escritos, mas uma história viva, ainda vivida na atualidade. De fato, há casos em que os adros encontram-se protegidos, são eles os dos conventos de Olinda e Igarassu, em Pernambuco, e o de João Pessoa, na Paraíba.²⁰ Sendo o exemplo mais recente também o mais importante de todos, adro franciscano de São Cristovão, contemplado em 2010 com o título de patrimônio da humanidade. Resta-nos “patrocinar” os dois de Alagoas para que eles possam, ao menos, ser incluídos junto aos conventos a que pertencem.

estabelecidas e a diretriz mais importante é seguir os apelos sensoriais. Por meio dos percursos livres, convoca-se a experimentar arquitetura, paisagem, lugares.

¹⁷ A motivação para estudar os adros surgiu ao constatar as mudanças que eles vem sofrendo no que se refere às suas dinâmicas sociais e conformações espaciais. Primeiro como patrimônio material, por meio do envolvimento no projeto “Memórias Franciscanas” – Projeto contemplado pelo programa cultural da Petrobrás em 2005 e realizado no período de 2007 a 2011 –, e depois como patrimônio imaterial, com a participação nos projetos dos Inventários de Referências Culturais (INRC) de Marechal Deodoro (2008/2009) e Penedo (2009/2010) – contemplados pelos Editais da 17ª Superintendência Regional do IPHAN –, o que possibilitou a observação na prática das festas que ocorrem nos adros e ver como a mistura do sacro e com o profano é mais complexa do que teorizam os livros.

¹⁸ Além disto, foram consultadas as dissertações de Ana Cláudia Magalhães, Bianca Muniz e Flávia Cerullo, membros do Grupo que estudaram as cidades de Marechal e Penedo.

¹⁹ A partir do reconhecimento dessas intervenções como fissuras na fisionomia original, fica patente que ao longo do tempo, houve uma apreensão, diríamos, equivocada da arquitetura conventual franciscana de Marechal Deodoro, quando desconsidera a importância desses elementos – cerca e lagoa - como partes dela. Ao expor a relação do edifício conventual com a paisagem natural, é possível concluir que, essa ligação, no convento abordado, se dava numa perspectiva de integração e harmonia e que é justamente a incompreensão desta ordenação espacial e arquitetônica que norteou as intervenções no conjunto comprometendo sua essência. Os edifícios (convento, igreja e capela), embora sendo, cada um deles, uma unidade arquitetônica com funções específicas e particularidades estilísticas e históricas próprias, constituem partes indissociáveis de uma dinâmica que materializa um pensamento religioso e filosófico através da arquitetura. MAGALHÃES, Ana Cláudia Vasconcellos. Frades, artistas, filósofos: o convento de Santa Maria Madalena e a atitude franciscana frente à natureza: ontem e hoje. Maceió, 2005, p.80.

²⁰ Estes adros encontram-se contemplados pela ações de tombamento promovidas pelo IPHAN, inseridos num conjunto que agrega ao edifício conventual e suas igrejas, as áreas externas do adro, com seu cruzeiro, e a cerca conventual.

Esta dissertação, portanto, busca contribuir na reflexão sobre a indiferença ao vazio, quando se trata da questão patrimonial e como este vazio é valorizado, quando se trata de absorvê-lo como espaço urbano.

Para tanto, este trabalho pretendeu, ao longo do seu conteúdo, investigar os adros através do uso de fontes primárias e também do estudo *in loco*, recolhendo nas cidades, e nos próprios objetos de estudo, vivências, coletivas ou não, no sentido do imaginário popular e das experiências no ato da apropriação destes espaços, e marcos, tanto os de caráter temporal quanto os de propriedade espacial, das suas dimensões passado-presente, sacro-profano, etc.

No que se refere à investigação do percurso dos adros, valeu-se de duas fontes fundamentais: ou seja, mapas e gravuras seiscentistas²¹, fotografias antigas (datadas do início do século XX), mais recentes, (de meados do século XX), e atuais (do início do século XXI). Além disto, foi parte do método realizar novas imagens, ou seja, a manipulação desse material possibilitou a criação de infográficos.

O desafio principal tratou-se da construção de uma cronologia urbana, pois a maioria das fontes imagéticas encontra-se sem data.

Na falta também de uma documentação cartográfica mais constante, pois estas se esgotam nos seiscentos, deteve-se no material do século XVII, elegeu-se os registros fotográficos antigos para trabalho que realizou-se através da leitura destas imagens, muitas delas, após extensa pesquisa, obtidas na Secretaria de Cultura do Estado de Alagoas, Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, em dissertações e teses, acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional, no Rio de Janeiro, Galeria Golbery Lessa, Arquivo Público do Estado de Alagoas.

Quanto à documentação escrita, algumas crônicas dos frades franciscanos, e de viajantes que estiveram no Brasil e entraram em contato com os conventos em estudo, foram um aporte para se conseguir relatos do cotidiano destas casas, suas relações com a vila ou cidade na época e suas características no âmbito da arquitetura e do urbano no tocante aos seus usos.

O trabalho de campo, de grande importância, abrangeu viagens iniciadas em Alagoas, nas cidades de Marechal Deodoro e do Penedo, que se expandiram para os demais conventos nos Estados da Bahia, Sergipe, Pernambuco, Paraíba, a fim de construir um horizonte mais amplo de conhecimento sobre este programa arquitetônico. Tais viagens foram possíveis por guardarem vínculo com o projeto “Memórias Franciscanas”.

²¹ A metodologia desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa há 13 anos utiliza-se das iconografias históricas, ricas fontes de pesquisa.

Com relação à estrutura da dissertação, o primeiro capítulo trata da chegada das missões franciscanas durante o processo do “descobrimento” do Brasil, motivados pelo fazer religioso e pela evangelização dos gentios e colonos. Ainda em fins dos quinhentos, vê-se o início das construções conventuais, com ênfase para as franciscanas, e de como estes complexos foram implantados nas vilas e cidades coloniais na região do litoral brasileiro. Este mesmo conjunto da arquitetura religiosa, a chamada Escola Franciscana do Nordeste, detalhada no decorrer do capítulo, é composta por 14 conventos que tiveram seus 14 adros apresentados e categorizados, a fim de se criar um adro síntese e de se apreender melhor os adros presentes nas atuais cidades de Marechal e do Penedo.

O segundo capítulo tem como foco esses dois adros das Alagoas. Foram localizados no contexto da edificação conventual, e também relacionados com o desenho das duas cidades onde encontram-se inseridos como espaço de interfaces múltiplas. Pretendeu-se, de maneira comparativa, fazer uma leitura crítica das propostas realizadas para estes adros, registrar as perdas de área e seus movimentos no desenho urbano, com a finalidade de conhecê-los melhor, e produzir um inventário iconográfico dos seus conteúdos expressivos.

Fechando este capítulo, tem-se uma análise comparativa de como são suas feições atuais e de como eles se comportam frente à cidade contemporânea, podendo-se ter os demais adros franciscanos convocados quando for necessário.

Finalmente, estes tiveram seus significados questionados, sendo aferida a utilização de outros conceitos para além do adro e do par sacro–profano, a fim de categorizar os seus usos contemporâneos e buscar indicar possibilidades futuras de requalificação destes espaços, atentas para o seu valor patrimonial, mas abertas para as demandas do presente.

1

Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés, descalça as sandálias; porque o lugar onde te encontras é uma terra sagrada.

Êxodo, III, 5.

1.

A ORDEM FRANCISCANA NO NORDESTE DO BRASIL COLONIAL

Ao tempo da expansão do Império Português por lugares além-mar, aconteceu o descobrimento do Brasil por seus desbravadores. Acompanhando-os a bordo dos navios, também aportaram nas terras de Santa Cruz os primeiros missionários franciscanos. Aqui logo trataram de fixar uma cruz e rezaram a primeira missa, ato de posse e de sacralização do lugar.²²

Deste evento passaram-se mais de oitenta anos para que o primeiro cenóbio tivesse início em 1585, ano em que é fundada a casa de Nossa Senhora das Neves. Localizada num ponto estratégico da parte alta de Olinda, é o marco edificado que dará início a uma rede de 14 conventos²³ devotados a São Francisco que se estenderá pelo litoral do Brasil lusitano nos seiscentos e setecentos, constituindo-se no conjunto de edificações a serem analisadas neste capítulo, tendo como foco, os seus adros.

Portanto, esta parte da dissertação apresentará o quadro mais amplo acerca destes espaços a fim de que sirva de referência para os estudos dos dois casos alagoanos que se prestarão a um estudo mais detido no capítulo seguinte.

1.1 Brasil colonial: os primeiros assentamentos urbanos no litoral e suas edificações religiosas

Sabe-se que essas povoações, situavam-se na sua maioria ao longo da costa litorânea e ou às margens dos rios fronteiros, “que eram utilizados como vias de penetração.”²⁴ Com os seus principais edifícios instalados em pontos estratégicos, esses núcleos urbanos, repetiam em seus sítios padrões de implantação imbricados de preceitos culturais de além-mar:

Instaladas sobre colinas, junto às bordas das respectivas encostas, com um pequeno vale à retaguarda e conventos dispostos como pontos de apoios ao sistema de dominação e defesa, tinham partidos urbanísticos extremamente semelhantes. Essa repetição de modelos não era um caso isolado.²⁵

²² “A partir do advento da cruz, [o território que viria ser o Brasil] passaria à vivência de um novo tempo, recriado, consagrado. “Um novo nascimento”, agora para a era cristã” (CARVALHO, Meynardo Rocha de. A Cruz e a religiosidade popular no Brasil Colônia. In: Boletim do CEIB. Belo Horizonte: EBA - UFMG, julho de 2006. Volume 10. Número 34. p. 02)

²³ “Fixados nas terras brasileiras, com custódia e estabelecimentos, conseguiram, pouco a pouco, congregar maior número de sacerdotes e construir novos conventos.” (FONSECA, 1973, Op. Cit., p.06)

²⁴ REIS FILHO, Nestor Goulart. Notas sobre o urbanismo no Brasil. Primeira parte: período colonial. In: CARITA, Helder; ARAUJO, Renata (Coord.). Colectânea de estudos. Universo urbanístico português, 1415 – 1822. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998, p. 491.

²⁵ Ibid., p.492.

Embora os embriões das futuras vilas e cidades se multiplicassem neste processo de urbanização, a Coroa pouco legitimou normas de ordenamento que orientassem de alguma maneira o seu crescer espacial.

Nesse sentido, as formações urbanas brasileiras tiveram na Igreja Católica um dos instrumentos fundiários mais significativos, a princípio com as Ordenações Eclesiásticas²⁶ – herdadas pelas colônias americanas do continente ultramarino europeu e fundamentadas nas normas severas do Concílio de Trento – e também por meio da implantação do Patrimônio Religioso²⁷.

Enquanto nunca houve uma codificação colonial portuguesa, as normas e procedimentos eclesiásticos eram claramente estabelecidos. As implicações urbanísticas desse fato podem ser decisivas, pois às vagas determinações civis contrapunham-se recomendações expressas do clero que interferiam no desenho urbano.²⁸

Entende-se, portanto, que é deste enlace institucional Igreja – Estado, “do casamento entre os braços espiritual e temporal do poder”²⁹, o berço que norteou a gênese de povoações coloniais no Brasil, como o caso das vilas seiscentistas alagoanas de Santa Maria Madalena do Sul (atual Marechal Deodoro) e do Penedo do Rio São Francisco (atual Penedo), recortes espaciais desta dissertação.

Através das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, “que nos regeram por muito tempo, com implicações que atingiram o século em curso [XVIII], no que tange à vida religiosa e – unidos Estado e Igreja – também à mundana [...]”³⁰, tem-se uma provável condicionante da predominância do templo religioso na paisagem cidadina.³¹

É certo que os critérios para a locação das capelas – aplicados também às igrejas matrizes e aos conventos – e seus adros em local de destaque no sítio, fizeram desses prédios e seus terrenos, elementos de convergência, de aglomeração de pessoas, e pontos focais significativos para a vila ou futura cidade: “a observação de tais normas, na ausência de um plano claro e explicitado, levou tais pólos a desenharem plantas de ocupação do solo e o próprio traçado das vias.”³²

²⁶ Marx (1991, p.46) afirma que “se as normas eclesiásticas eram claras e rigorosas quanto à localização geográfica, à orientação e aos edifícios vizinhos, ficava sempre assegurada a preponderância da capela no topo mais alto, na orientação geral do casario que passaria a balizar, no respeitoso distanciamento do mesmo.”

²⁷ Segundo Marx (1991, p. 39), “Eram porções de terra doadas nominalmente a uma devoção, a um santo padroeiro. Passavam a constituir um patrimônio deste orago, de sua capela, administrado por uma entidade que devia merecer a autorização da Igreja e obedecer também aos preceitos das Ordenações do Reino, controladas pelas autoridades judiciárias.” Estas glebas possibilitaram a construção dos templos e seus pátios frontais.

²⁸ Ibid., p.11.

²⁹ Ibid., p.90.

³⁰ Ibid., p.20.

³¹ No século XVIII, nossas vilas e conventos em estudo já estão postos na paisagem. Contudo, cabe lembrar que quanto aos conventos, tais constituições não tinham aplicação necessariamente. As ordens regulares, como a de São Francisco, vinculavam-se diretamente ao Vaticano, portanto, sem submeterem-se aos bispados.

³² MARX, Murillo. op. Cit., 1991, p.89.

Logo os povoados, alguns antes do momento em que foram elevados à vila, possuíam estes conjuntos sacros que articulavam o adro e sua igreja e se tornavam as áreas mais privilegiadas do lugar, “[...] com clara preponderância sobre outros eventuais conjuntos semelhantes de edifício e largo. Localizava sua casa de câmara e cadeia, com o pelourinho nas proximidades, ou junto ao mesmo conjunto, ou em outro próprio, raras vezes não inferiorizado diante do largo da matriz.”³³ Neles geralmente estavam as edificações mais ricas de ornatos e de pavimentos das famílias mais abonadas (donatários, prestadores de serviços), porém, a igreja matriz continuava a reinar como “referência maior preexistente”³⁴ do surgimento e consolidação destas vilas, que posteriormente se tornariam cidades.

Assim, ao considerar que nas vilas e cidades da América lusitana, os elementos arquitetônicos mais eloqüentes e de produção do espaço eram os religiosos, entende-se, portanto, “a expansão e o adensamento urbanos se deram em torno desses marcos, ainda que novos elementos de cunho leigo sobreviessem e constituíssem outros pólos de interesse.”³⁵

No caso de alguns povoados e vilas, ao foco de ocupação motivado pela igreja matriz vem-se agregar um outro componente significativo: o convento franciscano. Em frente a estes edifícios, os adros, embora de expressão singela, geralmente em terra batida e limitados apenas pelos corredores de casas que se debruçavam sobre ele, tratavam-se de espaços privilegiados no tecido urbano e garantiam *status* às edificações vizinhas.

A respeito dos adros de conventos franciscanos, Murillo Marx afirma que:

[...] constituíam para cada localidade um dos poucos logradouros a enriquecer o espaço comum e a oferecer a oportunidade de reunião que suas funções propiciavam.³⁶

Possuidores de linguagem plástico-formal diferenciada, eles encontravam-se inseridos, geralmente, num ambiente modesto de vias formadas por fileiras contínuas de casas geminadas, ininterruptas. Prontamente, sua colocação nos encontros destas ruas lhe concediam grande valorização visual gerada por se postarem no foco de visões perspectivadas, o que também lhes favorecia como ponto de parada e contemplação.

Não se saberia destas primeiras paisagens demarcadas pela presença da edificação religiosa se não contássemos com os trabalhos imagéticos de Frans Post. Esse artista

³³ Ibid., p.89.

³⁴ Ibid., p.81.

³⁵ Ibid., p.13.

³⁶ MARX, Murillo. Ar livre Barroco? In: Arte Sacra Colonial: barroco memória viva. Org. Percival Tirapelli. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2001, p.32.

holandês participou da missão de Nassau e reportou inúmeras cenas urbanas e rurais do Nordeste brasileiro setecentista.³⁷

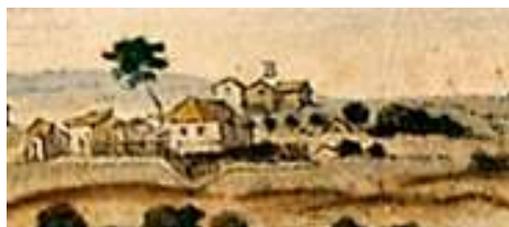
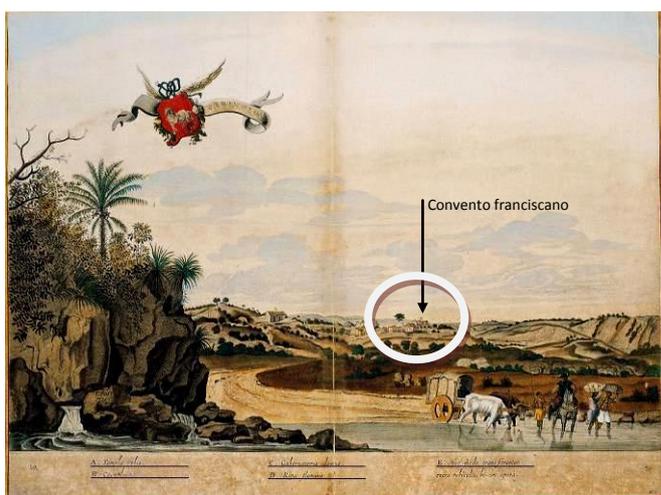


Figura 3: Imagens e detalhes mostrando os conventos franciscanos no contexto urbano de Igarassu, de Olinda e de Sirinhaém, elaboradas por Frans Post. Fonte: Livro de Gaspar Barléus originalmente publicado em 1647. Acervo Iconográfico do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

³⁷ Os estudos apoiados no material holandês fazem destas cartas fontes privilegiadas de investigação do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. Uma contribuição recente muito significativa foi o lançamento do Catalogue Raisonné. Ver Bibliografia.

1.2 Os conventos franciscanos na dinâmica urbana colonial: o Adro

Reis Filho aponta que na produção do desenho urbano, “mais imponentes que as igrejas paroquiais foram os conventos com suas igrejas.”³⁸ De certo modo, isto pode se aplicar principalmente aos prédios da ordem dos franciscanos, que desde São Francisco tiveram a incumbência de serem os frades das cidades.

A respeito da localização urbana das casas franciscanas, Magalhães afirma:

Em relação aos aspectos urbanos, pode-se identificar uma predileção destes por localizarem-se em áreas próximas às cidades como uma característica própria dos religiosos franciscanos, condicionada pela sua proposta de não se isolar do povo e, permanentemente, desenvolver um trabalho missionário junto a ele. Desse modo, era possível unir a vivência contemplativa à vivência ativa. Some-se a isso a mendicância praticada pelos frades, a qual seria prejudicada caso estivessem distanciados. Devido a essa inserção nos núcleos das vilas e cidades, o edifício conventual atuou como um elemento decisivo e definidor das estruturas urbanas em evolução, salientando-se pela monumentalidade dos blocos formadores que se destacavam em meio ao tecido urbano.³⁹

Murillo Marx chega a levantar a questão de que numa vila, a depender da maneira como se demarcava o terreno de um convento, principalmente sua cerca⁴⁰ e seu adro, o desenho do assentamento à sua volta também seria definido.⁴¹ Deste modo, todo o complexo de um convento, ou seja, os prédios mais sua implantação com toda a sua exterioridade (e aí se encontram a cerca e o adro conventuais), seriam definidores da malha urbana, pois, progressivamente, agregavam novos estabelecimentos e conduziam os traçados de vias e quadras próximos de onde se inseriram. (Ver Anexo A)

Quando se trata dos adros franciscanos, estes estavam presentes e ativados no cotidiano, mostrando-se essenciais na dinâmica citadina, mantendo-se como locais de interações sociais. Palcos de manifestações culturais diversas, as quais tangenciavam a religiosidade, eram principalmente ricos quando percebidos em sua dimensão paisagística. Ainda segundo MARX (2001, p.33), os conventos minoristas foram passíveis de “[criar] em frente de seus templos adros que marcaram a paisagem e a vida das suas localidades”⁴².

Em primeiro lugar, pela sua simples existência, alterando a planta de seu assentamento respectivo pelo aumento de número de largos disponíveis. Em segundo, pela área, forma e tratamento que, ao longo do tempo, foram conferindo a estes. Área, forma e tratamento variam e clamam por uma comparação demorada com outros adros brasileiros para se precisar sua tipicidade, nítida entre os demais.

³⁸ REIS FILHO, Nestor Goulart. Op. Cit., 1968, p.178.

³⁹ MAGALHÃES, Ana Cláudia Vasconcellos. Frades, artistas, filósofos: o convento de Santa Maria Madalena e a atitude franciscana frente à natureza : ontem e hoje. 2005. 155 p Dissertação (Mestrado) Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Tecnologia. Maceió, 2005, p.28.

⁴⁰ Cerca é a denominação genérica conferida à área não edificada e murada que compõe a parte posterior dos conventos franciscanos, com implicações variadas que transcendem à ideia de quintal mais convencional. Ela constitui-se em parte integrante significativa do espaço claustral e imprescindível à lógica de funcionamento do mesmo.

⁴¹ MARX, Murillo. Op. Cit.1991, p.13.

⁴² MARX, Murillo. Ar livre Barroco? In: Arte Sacra Colonial: barroco memória viva. TIRAPELLI, Percival (Org). São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2001, p.26-33.

Em terceiro lugar, mas não menos, pelo uso pretendido, revelado por regimentos eclesiásticos suficientemente explícitos, bem como pelo uso efetivo que se lhes deu, o que fez deles novos logradouros e verdadeiros pólos urbanos.⁴³

Nas vilas e cidades coloniais, os adros acabaram por exercer funções comuns às praças, quando neles eram desempenhadas diversas atividades: “realizavam-se nelas reuniões religiosas, cívicas e recreativas e atividades de comércio, como feiras e mercados.”⁴⁴ Para Reis Filho, em povoações menores, as ruas e a própria origem do lugar se desenvolviam em torno das praças e dos largos: “em princípio, em frente às igrejas, onde a população se reunia após os ofícios religiosos, abriam-se largos, capazes de acomodá-la e frequentemente se desenvolvia o comércio, que aproveitava essas reuniões.”⁴⁵ Estes foram demarcados como espaços sacros de devoção e também dotados de caráter social, espaços de reencontros grupais, de laços sociais, além das atividades comerciais associadas à religião.⁴⁶

Mais do que qualquer outra ordem religiosa, os frades menores que chegam às terras do futuro Brasil, dotados de certo despojamento, eram favoráveis à itinerância e a um ideal evangélico que rejeitava as normas preexistentes de vida monástica, como as dos beneditinos, por exemplo.⁴⁷ Sob a corrente dos observantes⁴⁸, e de acordo com a conduta legada por São Francisco de Assis, erguem seus conventos de arquitetura mais simples, sempre dotados do adro com sua cruz e inseridos nas vilas e cidades de modo que, estes combinassem, como se viu, as condições para a vida contemplativa e a possibilidade de servirem de perto às comunidades.

É muito provável que práticas vigoradas pelo franciscanismo, como as encenações de Natividade e da Semana Santa, tenham feito do adro um espaço significativo e necessário para a arquitetura dessa Ordem, sempre arraigado no momento em que as casas conventuais eram estabelecidas, desde a escolha do sítio de implantação até a sua fábrica, conformando-o, portanto, como elemento identificador associado aos conventos minoristas que aqui se estabeleceram.

A Ordem Seráfica, com relação a aspectos referentes aos adros, utilizava-se destes para festividades coletivas (incorporadas aos ritos litúrgicos que aconteciam no interior dos templos), que associavam o sagrado (possíveis rituais religiosos que nele ocorriam) ao profano (encontros grupais, trocas sociais e comerciais). Realizados principalmente nestes

⁴³ MARX, Murillo. op. Cit. 2001, p.33.

⁴⁴ REIS FILHO, Nestor Goulart. op. Cit.2000, p.135.

⁴⁵ REIS FILHO, Nestor Goulart. op. Cit.1968, p.133.

⁴⁶ ROSENDAHL, Zeny. Op. Cit.p.50; 86.

⁴⁷ KARNAL, Leandro. Teatro da Fé: Representação Religiosa no Brasil e no México do Século XVI. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

⁴⁸ Corrente que surgiu após o Concílio de Viena (1311-1312), em oposição à corrente Conventualista, e que prezava pela conduta fiel à Regra e pela realização de atividades missionárias nas cidades. Seus conventos de arquitetura mais simples, foram implantados no Nordeste e formam a Província de Santo Antônio estabelecida no Brasil nos seiscentos.

espaços permeáveis (e estes se ligavam às ruas durante os usos coletivos), é provável que os festejos sacros se configurassem numa das poucas formas de recreação social, presumindo-se a associação dessas festas a atividades laicas já no período colonial: “Eis aí uma das funções desse amplo espaço: a reunião descomprometida dos fiéis. E houve outras mais, além das litúrgicas propriamente ditas.”⁴⁹

Os templos, seculares ou regulares, raramente eram sobrepujados em importância por qualquer outro edifício, nas freguesias ou nas maiores vilas. Congregavam os fiéis, e os seus adros reuniam em torno de si as casas, as vendas e quando não o paço da câmara. Largos, pátios, rocios e terreiros, ostentando o nome do santo que consagrava a igreja, garantiam uma área mais generosa à sua frente e um espaço mais condizente com o seu frontispício. Serviam ao acesso mais fácil dos membros da comunidade, à saída e ao retorno das procissões, à representação dos autos-da-fé. E, pelo seu destaque e proporção, atendiam também a atividades mundanas, como as de recreio, de mercado, de caráter político e militar.⁵⁰

Ao que Marx (2001) trata das “seis capuchas paulistas”, pôde-se moldar uma analogia com os cenóbios que contemplaram a região Nordeste:

Juntamente com os adros de outras casas religiosas, quando presentes, ou sobretudo de outros templos, os adros franciscanos constituíram para cada localidade um dos poucos logradouros a enriquecer o espaço comum e a oferecer a oportunidade de reunião que suas funções propiciavam. Se o simples surgimento desses locais pios importou tanto para o delineamento das seis povoações vicentinas, também o fizeram suas particularidades arquitetônicas. Sua área, sua forma e a maneira de se coligar com as vias próximas constituíram aportes originais.⁵¹

1.3 Inserindo os dois conventos na cena maior: “A Escola Franciscana do Nordeste”

Como foi visto, o primeiro convento franciscano foi erguido em Olinda, sob a devoção de Nossa Senhora das Neves, em 1585. Este logo foi seguido de uma rede composta por mais treze casas seráficas distribuídas num território equivalente aos atuais Estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia; todos originaram seus adros “de transição entre a cidade e a nave da igreja, [marcantes] para a estrutura de cada um dos respectivos núcleos urbanos.”⁵² Para Germain Bazin (1956), esses estabelecimentos dos frades menores estão entre as obras mais poéticas que o espírito religioso inspirou na Colônia de Santa Cruz.

⁴⁹ MARX, Murillo. Op. Cit.2001, p.32.

⁵⁰ MARX, Murillo. Cidade brasileira. São Paulo: Melhoramentos / EDUSP, 1980, p.54.

⁵¹ MARX, Murillo. Op. Cit.2001, p.32.

⁵² Ibid., p.32.

Uma das criações mais originais da arquitetura religiosa no Brasil foi o grupo de conventos construídos pelos franciscanos no Nordeste, entre Salvador e Paraíba (atualmente João Pessoa). Mais do que a obra dos jesuítas, que propagava na Colônia de Santa Cruz os tipos de templos e formas arquitetônicas em uso na Metrópole, os conventos franciscanos desta região apresentam soluções inéditas, cujo desenvolvimento lógico, que tem como ponto de partida tipos formados na segunda metade do século XVII, pressupõe uma verdadeira escola de construtores pertencentes à Ordem.⁵³

Com esta afirmação, Germain Bazin lança a idéia de uma “escola” com caráter de ineditismo que congrega 14 conventos, cujas localizações vão da Paraíba à Bahia.

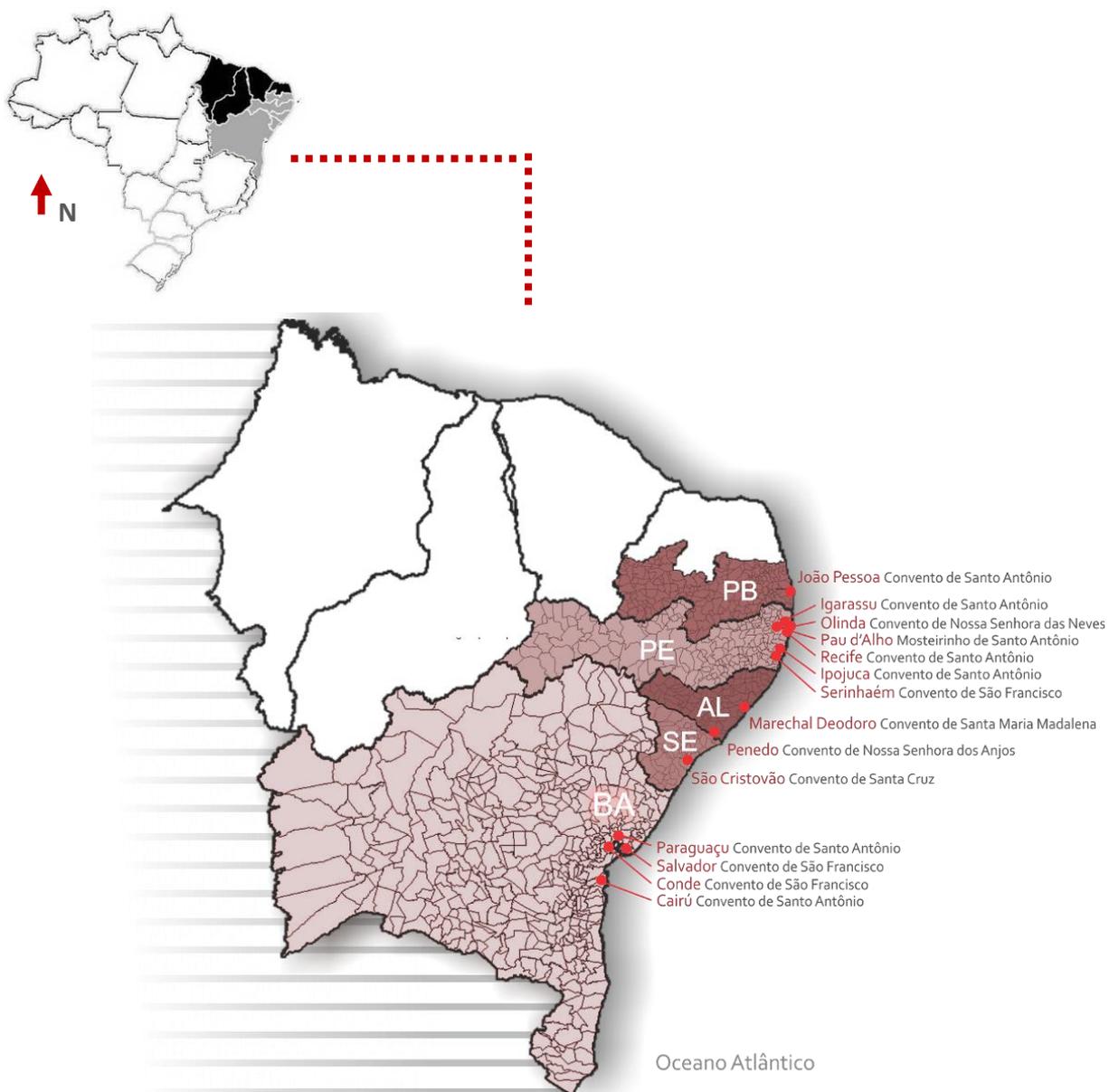


Figura 4: Mapas do Brasil e da Região Nordeste localizando os Estados com suas cidades que possuem conventos franciscanos. Fonte: Adaptação da autora em mapas originais disponibilizados em WWW.santiagosiqueira.pro.br.

⁵³ BAZIN, Germain. A arquitetura religiosa barroca no Brasil. Volume I. Rio de Janeiro: Editora Record, 1956, p.137.

Envolvidos nas atividades de ultramar de catequese dos nativos e de construção do território recém-descoberto, os religiosos estabelecem as casas conventuais franciscanas no Brasil. A primeira delas, como se viu, instala-se em Olinda (1); seguida pelas casas seráficas de Salvador (2), Igarassu (3) e João Pessoa (4). No limiar do século XVII são edificadas as de Ipojuca (5), Recife (6) e de São Francisco do Conde (7); em meados desta mesma centúria tem-se as de Sirinhaém (8) e Pau d'Alho (9); posteriormente surgem as de Paraguaçu (10), Cairú (11) e São Cristovão (12); por último são erguidos os acolhimentos de Alagoas, nas vilas que antecipam-se às cidades de Marechal Deodoro (13) e do Penedo (14).

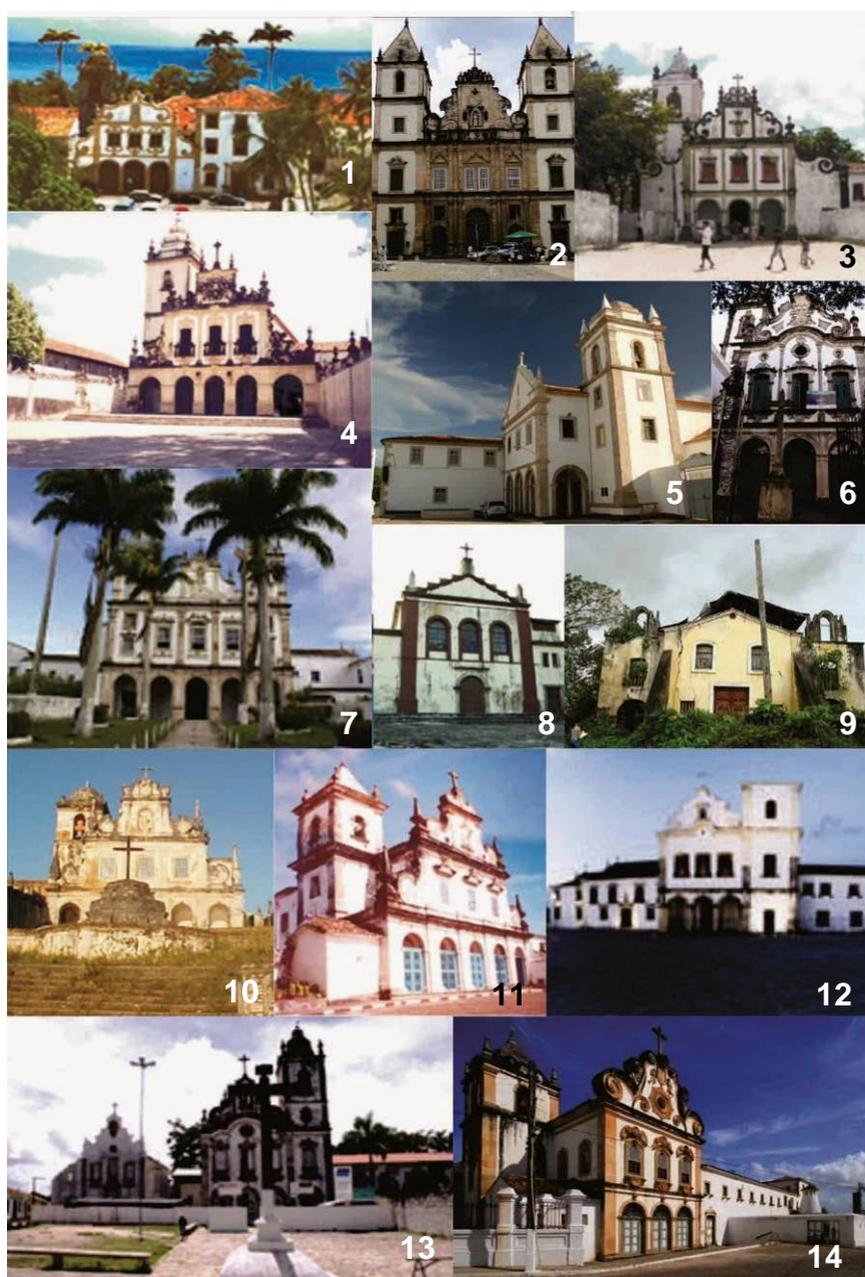


Figura 5: Fachadas das igrejas conventuais dos 14 cenóbios minoristas presentes na costa nordestina do Brasil, conforme a ordem de citação. Fonte: Adaptação da autora em arquivo do acervo digital do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

Estas casas datam dos séculos XVI e XVII, quando são fundados os abrigos religiosos primitivos, época que ficou “conhecida pelo elevado número de construções conventuais.”⁵⁴ Com o passar do tempo, em princípios do século XVIII, “ampliadas e enriquecidas no auge do Barroco”⁵⁵, suas edificações adquirem certa monumentalidade e se desenvolvem em paralelo aos processos de colonização e de crescimento urbana das vilas e cidades fixadas no Brasil colonial.⁵⁶ Na atualidade, há partes de cada uma delas que representam o que existe de mais antigo no país.

Tabela 1 | As datas de fundação dos conventos franciscanos e as de suas respectivas vilas e cidades nas quais foram inseridos.⁵⁷ No decorrer do documento, estas cores continuam identificando a localização dos conventos por Estado.

LUGAR	DATA DE FUNDAÇÃO CIDADES E VILAS	DENOMINAÇÃO DO CONVENTO	DATA DE FUNDAÇÃO CONVENTOS
Olinda	1537 (vila)	Nossa Senhora das Neves	1585
Salvador	1549 (cidade)	São Francisco	1587
Igarassu	1536 (vila)	Santo Antônio	1588
João Pessoa	1585 (cidade)	Santo Antônio	1589
Recife	1709 (vila)	Santo Antônio	1606
Ipojuca	Por volta de 1590 (freguesia)	Santo Antônio	1606
São Francisco do Conde	1693 (vila)	Santo Antônio	1618
Sirinhaém	1627 (vila)	São Francisco	1630
Pau D’Alho	-	São Francisco	1635
Paraguaçu	-	Santo Antônio	1649
Cairú	1608 (vila)	Santo Antônio	1651
São Cristóvão	1590 (cidade)	Bom Jesus	1657
Marechal Deodoro	1636 (vila)	Santa Maria Madalena	1659
Penedo	1636 (vila)	Nossa Senhora dos Anjos	1659

Legenda dos Estados nordestinos:

	Alagoas
	Pernambuco
	Paraíba
	Bahia
	Sergipe

Fonte: Quadro produzido pela autora.

⁵⁴ REIS FILHO, Nestor Goulart. Op. Cit., 1968, p.180.

⁵⁵ MENEZES, José Luís Mota. Olinda: evolução urbana. In: CARITA, Helder; ARAUJO, Renata (Coord.). Colectânea de estudos. Universo urbanístico português, 1415 – 1822. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998, p. 349.

⁵⁶ REIS FILHO, Nestor Goulart. Op. Cit., 1998, p. 496.

⁵⁷ As informações contidas na referida tabela foram coletadas das seguintes fontes: GUIA DOS BENS TOMBADOS. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1980; Reis Filho, Op. Cit., 2000, p.85-88; WILLEKE, Op. Cit., 1956, p13; FRAGOSO, Op. Cit., 2004, p.25; FONSECA, Op. Cit., 1973, p.7-8.

O valor desta escola que se inicia com a menção feita por Germain Bazin, ao longo dos anos foi referendado pela ação do IPHAN com o tombamento, de maneira total ou parcial, de todos os conventos franciscanos que a compõem.

Nos idos dos anos cinqüenta, Bazin peregrina pelo Brasil. São tempos de descoberta, da memória nacional revisitada. Ao modo franciscano, embora possivelmente sem as sandálias e o burel, [Germain Bazin] percorre distintas regiões do país e observa em especial a sua paisagem edificada. Entre vários destaques que sublinha nos caminhos que percorre, para além da ênfase no barroco das Minas Gerais, observará com cuidado uma arquitetura que ocorre na Região Nordeste, muitas vezes em pequenos municípios ou perdidos em locais isolados mas de extrema beleza natural: os conventos franciscanos.⁵⁸

Sabe-se que a Ordem Franciscana foi fundada ainda na Europa medieval (século XIII) e se espalhou pelos domínios além-mar dos países europeus colonizadores, em terras americanas, já na Idade Moderna. Considerando isso, é razoável que os complexos franciscanos erguidos na colônia brasileira trouxessem consigo condutas ligadas ao ‘saber’ religioso e ao ‘fazer’ estético dos conventos das metrópoles ocidentais e que possivelmente tivessem de se adequar ao novo ambiente onde eram inseridos.

Com relação aos edifícios monásticos europeus, Braunfels⁵⁹, no primeiro capítulo de seu livro, *Planing and the rules*, aborda a utopia normativa que determinava a logística do prédio conventual na sua restrita adesão às atividades diárias regradas pela oração, leitura, trabalho, alimentação, reflexão e repouso. Estas demandavam uma divisão em cômodos e espaços livres que também guardava uma hierarquia que se rebatia quanto à riqueza na decoração e primor construtivo: a igreja se destacava no complexo, a casa do capítulo em segundo lugar e a seguir, o refeitório, claustro, sacristia, celas, cozinha etc.

Os resultados preliminares concebidos sobre a Escola Franciscana do Nordeste – que levaram em consideração as fontes bibliográficas, a pesquisa imagética em iconografias antigas e recentes, além das observações atentas realizadas em todos os conventos franciscanos históricos do nordeste brasileiro –, possibilitaram apurar a relação convento - cidade de seus exemplares.⁶⁰ Estes também permitiram identificar algumas manifestações de permanência na forma como se deu a implantação dos edifícios conventuais no lote, sua relação com a paisagem natural e as características dos seus espaços não edificados, principalmente as relacionadas ao adro.

Quando se começa a observar a relação do convento com o sítio de implantação, uma das primeiras evidências é que eles tiveram nas fontes de abastecimento e fluxo de águas um elemento fundamental.

⁵⁸ SILVA, Maria Angélica da; MAGALHÃES, Ana Cláudia V. 2008, p. 01-02.

⁵⁹ BRAUNFELS, Wolfgang. *Monasteries of Western Europe - the architecture of the orders*. London: Thames and Hudson, 1993, p.09-12.

⁶⁰ Através do projeto Memórias Franciscanas, já mencionado, foram visitados todos os 14 conventos em estudo, em alguns deles – nos dos Estados da Paraíba e de Pernambuco – por duas vezes. Além destes situados no Nordeste, os cenóbios das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro também puderam ser visitados.

De fato, a escolha do sítio considerou além das dimensões espaciais necessárias para as atividades diárias dos frades e do seu contato com a natureza, fatores como a acessibilidade à água potável, canais de navegação, clima e proximidade relativa ao centro urbano.

Normalmente, as casas franciscanas se utilizavam da questão topográfica como uma aliada quando exploravam os efeitos da gravidade a seu favor. A maioria delas encontra-se situada em áreas elevadas, porém, caracterizadas por sua proximidade de recursos fluviáteis e declividade de relevo para o fundo do convento. Esta implantação facilitou o sistema hidráulico empregado dessas casas, captando e mantendo água para consumo dos frades em reservatórios e poço, e com o despejo das águas servidas facilitado. Portanto, tirando proveito do perfil geográfico.

Para abordar este aspecto, pode-se utilizar da visualização aérea disponível de nove conventos, com auxílio do Google Earth. Neles, vê-se a presença do recurso hídrico na proximidade dos mesmos.



Figura 6: Convento de Santo Antônio, Igarassu, PE. Fonte: Adaptação da autora do Google Earth.

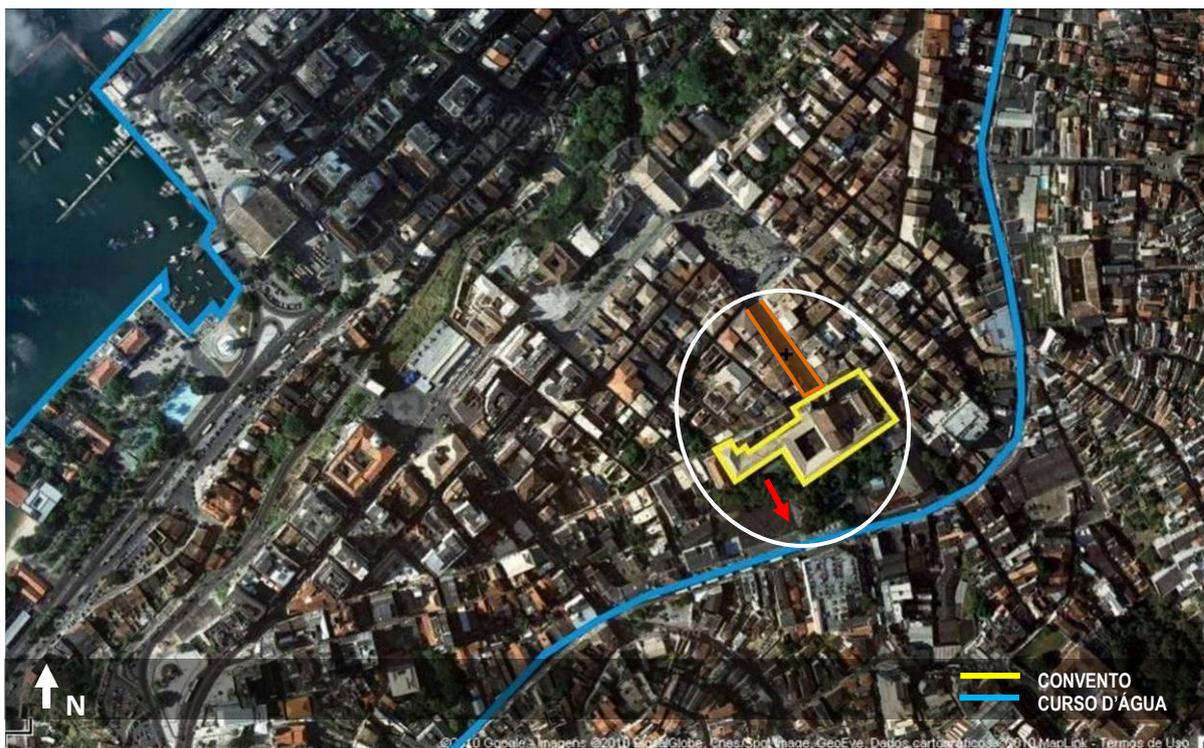


Figura 7: Convento de São Francisco, Salvador, BA. Fonte: Adaptação da autora do Google Earth.

No que se refere à orientação solar, a análise do conjunto das 14 casas revela que, não houve uma regra fixa que conduzisse a implantação dos edifícios sob este aspecto. Na Tabela 3 (ver página 67) é possível notar que nos conventos de Igarassu, João Pessoa e Ipojuca, por exemplo, a nave da igreja e, portanto, todo o bloco conventual, encontra-se orientado NE x SO, já em Olinda a configuração é oposta, NO x SE.

Quanto às questões referentes ao agenciamento dos espaços internos, ou seja, da disposição destes edifícios, e a outros aspectos como a escolha dos materiais construtivos, programa arquitetônico adotado, os recursos decorativos e de detalhamento, foram observadas semelhanças e singularidades. Como exemplo de um ponto de convergência, tem-se um dos mais importantes espaços conventuais, “o coração do mosteiro”⁶¹, a partir do qual a estrutura arquitetônica se organiza: o claustro. Entende-se que este espaço repete no interior do prédio, o mesmo jogo entre cheios e vazios que é conferido ao conjunto geral: adro / convento / cerca.

Todo o prédio do convento está reunido em volta do claustro, de um lado da igreja, geralmente à esquerda (Olinda, João Pessoa, Serinhaém, Igaracu, Penedo, Marechal Deodoro, Salvador), mas às vezes à direita (Ipojuca, Paraguaçu). (...) No andar térreo, em volta do claustro, estão localizadas diversas salas, sala de estudo, sala capitular, que possui bancos de pedra e um altar, e refeitório perpendicular ou paralelo. (...) Cada cela tem uma janela que, na parte externa, possui dois cachorros, destinados a apoiar uma tabuinha de madeira ou mesinha de pedra sobre a qual os monges, guiados pelo espírito poético de sua Ordem, gostavam de colocar flores.⁶²

⁶¹ BRAUNFELS, Wolfgang. Op. Cit., p.10.

⁶² BAZIN, Germain. Op. Cit., p. 141.



Figura 8: Em ordem, Os claustros dos conventos de Marechal Deodoro (1), Penedo (2), Ipojuca (3) e Recife (4), João Pessoa (5), Salvador (6), Paraguaçu (7), Cairú (8), Conde (9), São Cristovão (10). Fotos: Autora, 2008 - 2010.

Observa-se como ponto comum o emprego dos arcos no nível térreo coroando robustas colunas ou pilares em cantaria, enquanto que o telhado do pavimento superior, apoiado em colunetas mais delgadas, inclina suas águas para caírem na parte aberta do claustro. Essa constante favorece uma simplicidade formal e erudita além de que reafirma a simetria desse simbólico espaço conventual.

Quanto ao aspecto volumétrico, tem-se as fachadas com suas torres sineiras⁶³. A constatada preferência por áreas acidentadas, geralmente com os prédios se situando no topo de cumes ou em terreno com declive, de onde se têm visão privilegiada do entorno, admite às torres sineiras colocarem-se como lugares plenamente passíveis de serem utilizadas como torres de observação.



Figura 9: Vistas das cidades de Marechal Deodoro - AL (1), São Francisco do Conde - BA (2) e de São Cristovão - SE (3), a partir da torre sineira do convento franciscano e, portanto, vista do adro. Fotos: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2004; Autora, 2009.

⁶³ BAZIN (1956, p.140) vem chamar a torre sineira de campanário, e afirma que este é por costume disposto recuado no lado da Epístola.



Figura 10: Em ordem, As igrejas franciscanas com suas torres sineiras: Igarassu (1), Recife (2), Salvador (3), João Pessoa (4), Marechal Deodoro (5), Penedo (6). Fotos: Autora, 2008 - 2009.

“Na parte externa, todo o efeito arquitetônico se concentrava no frontispício. Este se caracterizava essencialmente pelo seu pórtico, derivado do alpendre anterior à invasão holandesa, e pelo seu campanário recuado.”⁶⁴ Por conta do crescimento exigido pelo interior do templo, a fachada frontal das igrejas também se movimentava e toma espaço do que antes era o alpendre, elemento arquitetônico que se antecipava à entrada dos fiéis. Por vezes, este é substituído pela galilé ⁶⁵, também uma espécie de pórtico. Com as reformas ⁶⁶, elas ganham características plásticas do século XVIII que se tornam identitárias destes edifícios. Assim constrói-se a frente do adro.⁶⁷

⁶⁴ BAZIN, Germain. op. Cit., p.147.

⁶⁵ Espaço disciplinador e distribuidor de fluxos, caracterizado por arcadas, que se adianta à igreja. Coberto e delimitado, a galilé funciona como local de transição entre o exterior (adro) e o interior do templo, sendo utilizada, anteriormente, como local para os fiéis que não podiam ou cabiam na igreja assistirem aos rituais eclesiais. “É uma das características dos templos franciscanos” (BAZIN, 1956, p.140), e portanto, considerada um elemento identitário do programa arquitetônico da Escola Franciscana do Nordeste, com ligação direta para a portaria do convento.

⁶⁶ Também devido ao cuidado para com ruas e praças, “(...) em quase toda a Colônia as construções religiosas oficiais passariam por uma fase de reformas e reconstrução, capazes de dotá-las de recursos para o atendimento de novas funções mas também capazes de lhes conferir um maior apuro formal e, muitas vezes, monumentalidade.” REIS. op. Cit., 2000, p.149.

⁶⁷ Agradeço esta observação fundamental apresentada pelo professor Geraldo Majela Faria no contexto da qualificação deste documento de dissertação.

1.4 Da Bahia à Paraíba: Semelhanças e singularidades dos 14 adros dos conventos franciscanos do Nordeste

“O adro é o espaço de transição entre o meio urbano e o tempo... entre o profano e o sagrado.”⁶⁸

O arranjo urbano colonial português conformou extensos espaços livres e abertos disponibilizados à frente das casas religiosas. O adro surge como um vazio com a característica rusticidade do chão em terra batida e amplitude excepcional, atributos que permanecem até meados do século XX. Espacialmente, abre-se para a cidade e conduz o olhar para uma visualização perspectivada e completa dos frontispícios dos seus templos religiosos. De maneira geral, comporta-se como uma espécie de porta de entrada e área da transição entre o espaço da cidade, o exterior, e o espaço da Igreja, o interior.

Os frades da ordem seráfica fincarão à frente dos seus conventos os cruzeiros, mais uma proteção aos tementes a Deus, e o elemento símbolo de seus valores religiosos: “O culto franciscano pela Paixão [de Cristo] levou-os a colocar, diante do frontispício, uma grande cruz que servia às procissões da via-sacra, especialmente durante a Semana Santa.”⁶⁹

A presença da cruz é elemento indispensável à missão do povo português que, auto-afirmando-se como “alferes da fé”, tomava-a como “o principal objeto de devoção e de ligação com o sagrado. A cruz, (...), assumira, ao longo da História, uma gama de mobilidades e significados específicos, deixando sobressair, em todos eles, a relação com o sentido de orientação, no aspecto tanto espacial quanto temporal ou, ainda, no amplo sentido místico que fazia dela uma grande via de comunicação, “o cordão umbilical jamais cortado, do cosmo ligado ao centro original.”⁷⁰

Flanqueando os seus conventos, também participante dessa composição, encontram-se as capelas da Ordem Terceira, “articulações da sociedade civil e leiga com o sistema religioso e oficial”⁷¹, um incentivo a mais que favorecia o adro como local de trocas, onde a cultura e costumes sacro-lusitanos foram difundidos do mesmo modo que receberam influências.⁷²

Entre particularidades e similitudes, os adros franciscanos da região Nordeste seguem individualmente caracterizados, e por vezes serão correlacionados, com a finalidade de entendermos melhor o conjunto para, posteriormente, auxiliar na compreensão dos adros que surgiram em Alagoas.

⁶⁸ TOLEDO, Benedito de Lima. História geral da arte no Brasil. Volume I. São Paulo: Instituto Walther Moreira, 1983, p. 140. Apud CAMPELLO, Op. Cit., p.46.

⁶⁹ BAZIN, Germain, Op. Cit., p.151.

⁷⁰ CARVALHO, Meynardo Rocha de. Op.Cit., 2006. p. 02.

⁷¹ REIS FILHO, Nestor Goulart. Op. Cit., 1998, p. 496.

⁷² MATTOSO, José (Org). América do Sul: patrimônio de origem português no mundo. Arquitetura e urbanismo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p.07.

1.4.1 Bahia

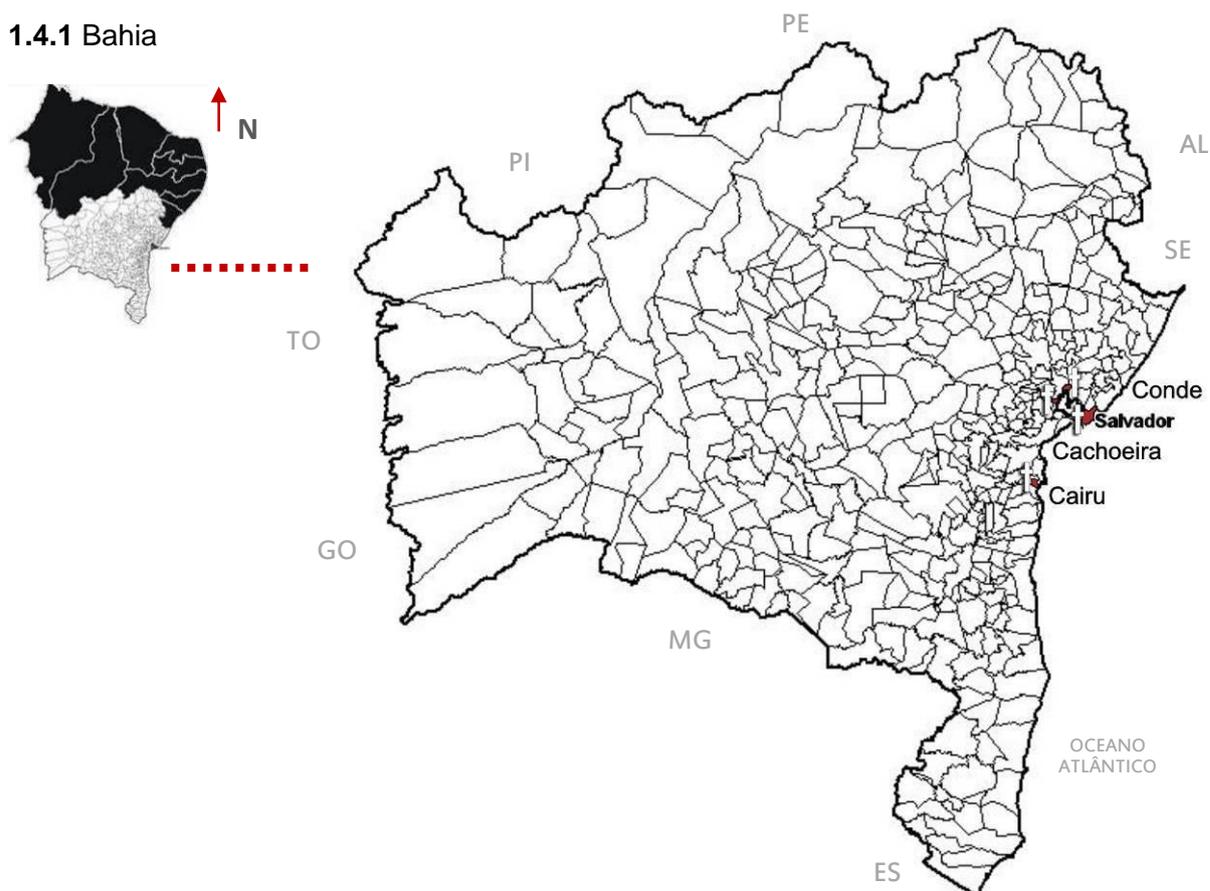


Figura 11: Mapas do Nordeste e do Estado da Bahia localizando as suas cidades que possuem conventos franciscanos. Fonte: WWW.santiagosiqueira.pro.br. Adaptação da autora.

1.4.1.1 Salvador

Na Bahia, o convento mais antigo e de maior porte é o de São Francisco, em Salvador. Fundado em 1587, ele foi totalmente destruído pelos holandeses e reconstruído por Frei Vicente das Chagas em 1686. Encontra-se edificado no centro de uma área histórica – o Pelourinho, coração da cidade – e atualmente, além da vida religiosa, também funciona como museu em algumas de suas dependências, claustros e igrejas, cujo interior é enriquecido por detalhes iconográficos em azulejaria, pedra e madeira dourada e policromada. A respeito do adro deste cenóbio, Frei Jaboatão (1862, p.262) expõe:

A oito de setembro se faz a festa à Senhora [da Saúde] posta na capella mor da Igreja em huã charola a sua imagem, que se leva em procissão ao redor do cruzeyro do convento, depois da missa solene, e pregação com o Senhor exposto, o que tudo se faz a dispêndio do muitos, e particulares devotos, que tem a Senhora.

Nas iconografias a seguir relativas à cidade de Salvador, da qual toma-se como exemplo o Terreiro de Jesus, evidencia-se claramente e com grande importância a presença desse expressivo vazio. Embora esquemáticas e em escala desproporcional, nelas o adro é nitidamente representado pelos detalhes da imagem onde destacam-se figuras humanas. Deste modo, pode-se estender para o adro a função de pólo de socialização.



Figura 12: Adro de Salvador como local que acolhe fluxos diversos e movimentos múltiplos. Fonte: (a) detalhe “Pranta da Cidade do Salvador...”, 1605, Diogo de Campos Moreno; e (b) detalhe “S. Salvador / Baya de Todos los Santos”, 1624, estampa do Reys-boeck; ambas iconografias do Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem; (c) <http://www.travel-images.com/photo-brazil202.html>, autor e data não identificados.

Através da sequência de imagens é possível acompanhar como o adro do convento de São Francisco se desenvolve em formato longilíneo, tendo desde o início como principal “fachada” a igreja da Ordem Primeira; nas laterais os sobrados com mais de dois pavimentos dispõem-se em fileiras raras de modo a formarem as “paredes” deste adro – a contemplá-lo como paisagem singular; ao fundo, tem-se a ligação com o Terreiro de Jesus⁷³, área também livre e aberta, palco de diversas festividades e apresentações populares.

A presença do cruzeiro em cantaria, com bastante detalhes em relevo e base reta escalonada, concede-lhe força perante o casario envolvente de proporções monumentais.



Figura 13: Vistas do adro de Salvador, Bahia, na atualidade. Fotos: Autora, 2009.

No caso específico deste convento, foi possível o acesso a informações sobre sua implantação e consequentemente, do seu adro, em cartas seiscentistas devido à importância do lugar onde está implantado. É provável, e observa-se na iconografia portuguesa da família Albernas (figura 14), representação do século XVII, que o adro apresentasse certa regularidade no seu traçado.

⁷³ Em meados dos seiscentos, por meio da doação de terras, a Companhia de Jesus funda igreja e colégio com amplo espaço aberto diante de seus prédios, na parte alta da cidade de Salvador. Sua implantação favoreceu o desenvolvimento urbano no local reunindo diversos prédios, residências e templos religiosos, dentre eles, o convento franciscano. Deste modo, herdou para a atualidade um conjunto edificado de significativo valor patrimonial da arquitetura e do urbanismo colonial brasileiro.

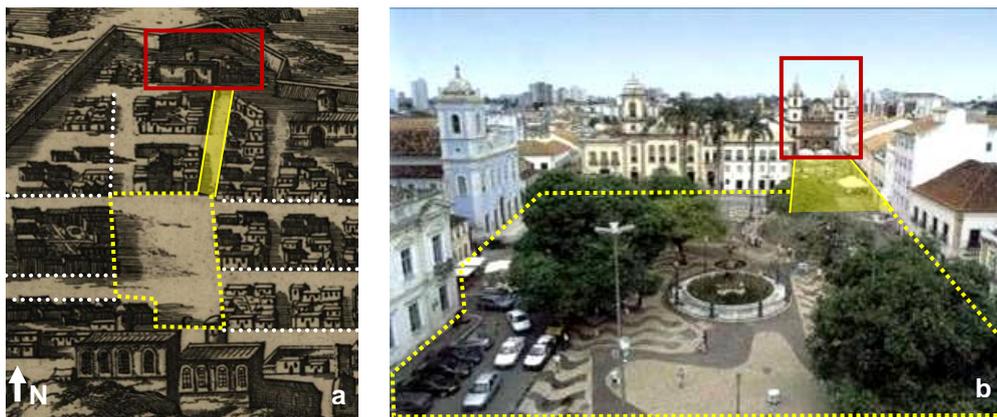


Figura 14: O adro do convento de Salvador em dois momentos temporais: (a) detalhe da carta *La ville de Salvador*, de Arnoldus Montanus (1671) e (b) foto aérea recente. Fonte: (a) Reprodução da Biblioteca Digital Mundial (<http://www.wdl.org/pt/>); (b) <http://www.acasadopeu.com.br.net/album.htm>, autor e data não identificados.



Figura 15: *Planta da Restituição da Bahia*, João Texeira Albernaz (1631), com o convento de Salvador em detalhe à direita, enfatizando a área do adro. Fonte: Reprodução do Museu do Itamarati, Rio de Janeiro. Acervo iconográfico Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

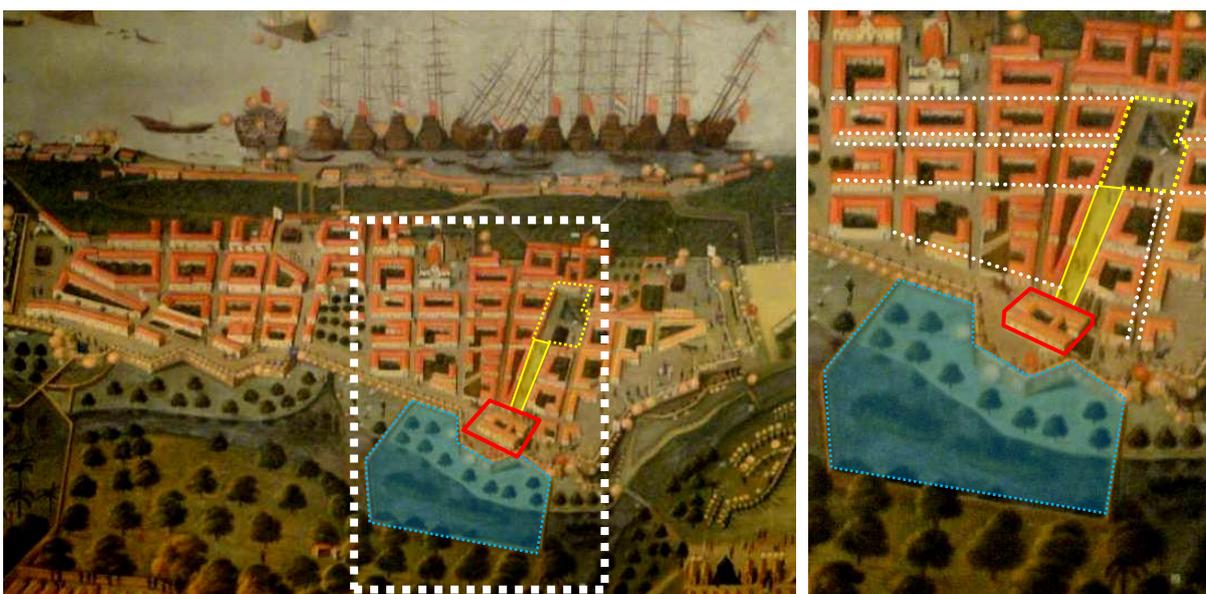


Figura 16: *Restauración de La ciudad de Salvador y Baía de Todos los Santo em La provincia del Brasil por Tomás Tamayo de Vargas*, produzido em 1628. Carta com detalhe à direita destacando o adro e ao fundo a cerca com o resto do vale, reserva vegetal da cidade. Fonte: Reprodução do Museu da Marinha, Rio de Janeiro. Acervo iconográfico do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

Apesar de não acompanhar rigidamente a ortogonalidade da malha urbana, este estudo imagético, de alguma forma, contradiz o trecho abaixo referido por Reis Filho:

A mesma ausência de rigidez dos traçados das ruas que era encontrada no alinhamento de suas praças e terreiros, junto aos conventos de São Francisco, São Bento e Carmo, ou mesmo na praça principal, onde ficava a Igreja de São Sebastião.⁷⁴

1.4.1.2 São Francisco do Paraguaçu

Movendo-nos para o interior do Recôncavo baiano, em viagem que normalmente se inicia com estradas tortuosas e se completa com o traslado de barco, nos deparamos com um dos adros de maior impacto dentro da Escola Franciscana, o do convento de Santo Antônio do Paraguaçu. Fundado em 1649, foi o primeiro cenóbio instituído pela Custódia do Brasil, na época recém-independente da Província de Santo Antônio de Portugal, e funcionou como casa de noviciado no período de 1654 a 1855, quando da proibição desta função dentro das ordens religiosas pelas leis pombalinas, o que levou ao esvaziamento e paralisação das atividades desta casa seráfica.⁷⁵

Localizado no povoado de Paraguaçu, pertencente ao município de Cachoeira de São Félix – BA, o convento se volta inteiramente para o curso d'água, o Rio Paraguaçu. No tempo de sua fundação e até décadas atrás, quando não havia caminhos de acesso por terra, o deslocamento de pessoas e de mercadorias se dava por esta via aquática e, possivelmente, justificando o seu posicionamento e ligação direta frente ao rio.

Na viagem realizada no ano de 2009, em meio ao verde das matas que recorta o azul do céu, ele surge repentinamente como um pequeno ponto cinza. Somente quando há aproximação da margem é possível percebê-lo nitidamente.

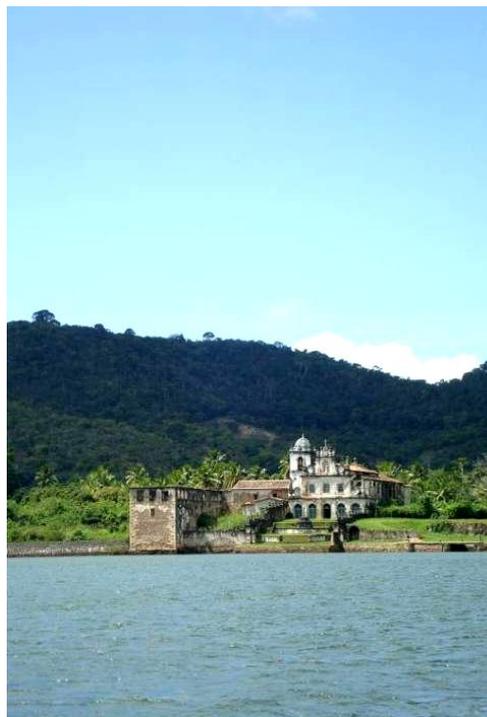


Figura 17: Momento em que se avista o convento de Paraguaçu de maneira mais definida. Foto: Autora, 2009.

Depois do desembarque, atravessa-se um pórtico de entrada do adro. Dotado de exterioridade plástica-formal muito rebuscada, este configura-se escalonado e é acessado por meio de uma escadaria majestosa. Voltado para as águas fluviais, tem a fachada da

⁷⁴ REIS FILHO, Nestor Goulart. Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil: 1500-1720. São Paulo: Pioneira / Editora da Universidade de São Paulo, 1968, p.145-146.

⁷⁵ JABOATÃO OFM, Antônio de Santa Maria. Op. Cit., 1862, p.536-538.

igreja conventual compondo seu pano de fundo; ele possui ainda suas vistas laterais desenhadas por pináculos e contracurvas que coroam seus muros de delimitação; também compondo o seu lado esquerdo há o próprio edifício conventual.



Figura 18: O adro escalonado das águas de Paraguaçu. Fotos: (a) Autor e data desconhecidos / <http://jomarlimafot.blogspot.com/2010/08/cachoeira-memorias.html>; (b), (c) e (d) autora, 2009.

Na data da visita a este convento, em agosto do mencionado ano, todo o adro e grande parte dos antigos cômodos, como o claustro e a ala de moradia dos frades encontravam-se tomados pelas ervas daninhas. O convento está em processo de arruinamento, sem frades o habitando há mais de um século. É lastimável ver o mau estado de conservação deste conjunto. O lodo toma conta das superfícies e seus elementos

compositivos estão com partes faltando, a exemplo do cruzeiro: ausente o segmento horizontal que forma sua cruz de madeira.

No entanto, mesmo incompleto, seu cruzeiro ainda nos instiga a admirá-lo por apresentar-se com curiosos rostos de traços indígenas. Estes detalhes decorativos encontram-se gravados em relevo na sua base circular com diversos motivos, de tipologias fitomórficas e antropomórficas, bastante enigmáticos.



Figura 19: Cruzeiro e frontispício do convento de Paraguaçu. Detalhe destaca uma das faces esculpidas na base do cruzeiro. Fotos: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2009.

Mesmo com o antigo convento em ruínas e abandonado pelos frades, o adro atrai a população para si, como local de encontro às margens do rio e também permanece como ponto de partida para procissões. Encontrou-se, por exemplo, a galilé sendo utilizada como espaço para a confecção de charolas⁷⁶. Portanto, indicando ainda o uso do adro como acesso ao convento.



Figura 20: Registros da ornamentação das charolas de Nossa Senhora da Glória e de São Roque produzida por Dona Angélica Sapucaia e Seu José Garcia, realizada na galilé do convento de Paraguaçu. Fotos: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2009.

⁷⁶ Suporte para carregar a imagem de santos, tem sua estrutura básica feita com madeira e arame; depois de pronta é decorada com flores e as cores do santo. Geralmente, sua ornamentação é produzida nas proximidades da igreja sob o olhar dos transeuntes. Em muitas localidades do Estado de Alagoas, o uso da charola é um ato obrigatório nas festividades religiosas, especialmente para as procissões, quando o santo festejado é carregado por moradores ou membros da paróquia durante o cortejo.

1.4.1.3 Cairú

Vencidos os caminhos por terra e pelas águas, chegamos também por viagem de barco a Cairú. Seguindo pelas suas ruas principais inevitavelmente nos deparamos com o convento de Santo Antônio, que fecha um dos principais pontos de foco da paisagem urbana e desde sua fundação, em 1651, atende às atividades religiosas da ordem seráfica.

Amplamente recebendo os que adentram a cidade, o adro conforma-se em mirante natural ao voltar-se para ela e para o rio que é porta de entrada para quem chega de barco. Atualmente, sua grande área livre é calçada em pedra e porção gramada, quase como uma ilha central no espaço total do adro, além da existência de bancos que lhe confere feições de praça. Nota-se que seu vasto ângulo de visão, favorece o vislumbre de boa parte da cidade e de seu entorno, incluindo o templo da matriz local, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Esse mesmo cone perspéctico possibilita também que se tenha o oposto: uma visão panorâmica do complexo edificado franciscano por parte dos passantes e dos que cruzam as águas do rio próximo à cidade (Figura 21). É observar e ser observado.

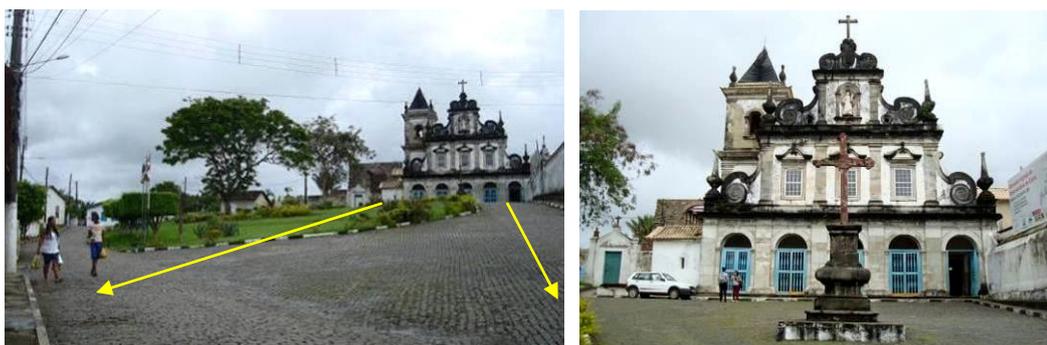


Figura 21: Em Cairú o adro transforma-se num mirante mútuo – onde a cidade e o convento se vêem. Fotos: Autora, 2009.



Figura 22: Vista posterior da cidade de Cairú, do adro do convento, com Matriz (A) no fundo à direita. Fonte: <http://viagemafora.blogspot.com/2010/08/cairu-bahia.html>, agosto de 2010.

Completando o adro franciscano de Cairú temos o cruzeiro, localizado próximo ao portão de acesso da cerca conventual, cuja base retangular trabalhada em linhas curvas e retas sustenta uma cruz em madeira de contornos delicadamente desenhados, atualmente bastante degradada.

1.4.1.4 São Francisco do Conde

O último convento visitado no Estado é também dedicado a Santo Antônio. Fundado em 1618 em São Francisco do Conde, já serviu de Casa Capitular e hoje, permanece exercendo o uso religioso. Partindo do cais ancoradouro segue-se para a parte alta da cidade onde, não muito distante do rio, encontra-se o convento estrategicamente implantado. Num canto à direita, logo vê-se seu adro que dentre os quatorze é o mais descaracterizado das feições religiosas franciscanas. Encarcerado por muro e portões, ele se apresenta como um jardim e não se conforma mais como espaço livre, nem guarda muita reminiscência de um vazio urbano, como é de costume destes espaços.

Este adro, dentre os demais, é o único ausente de cruzeiro, do seu chão brotam apenas palmeiras e arbustos. Hoje, possui barreiras que lhe dão ares de privado, limitam o acesso das pessoas ao convento e restringem o movimento de passantes neste local. Com área bem definida, o percurso dos que se dirigem à igreja é condicionado por um caminho linear calçado. Embora não tenha sido possível encontrar dados e documentos textuais, pelo traçado do arruamento, pode-se supor que ele antes avançava em direção à cidade.

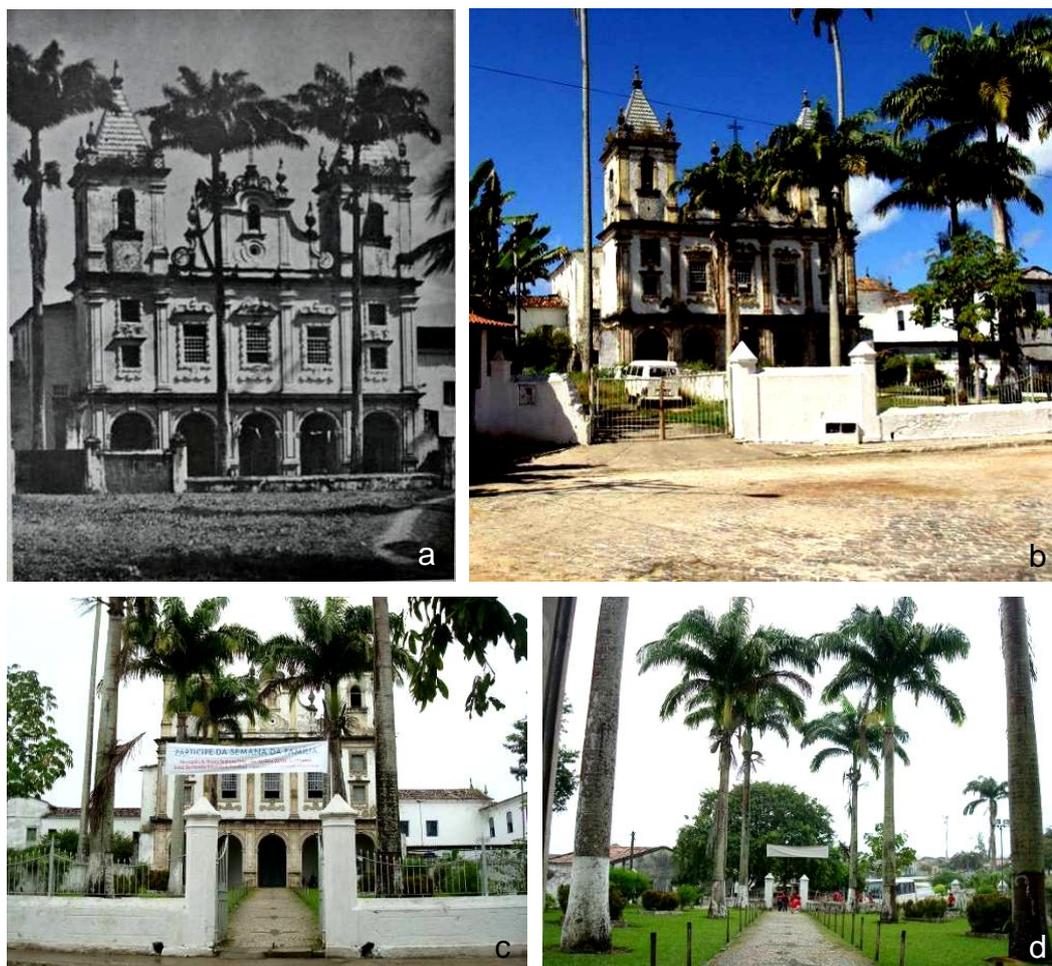
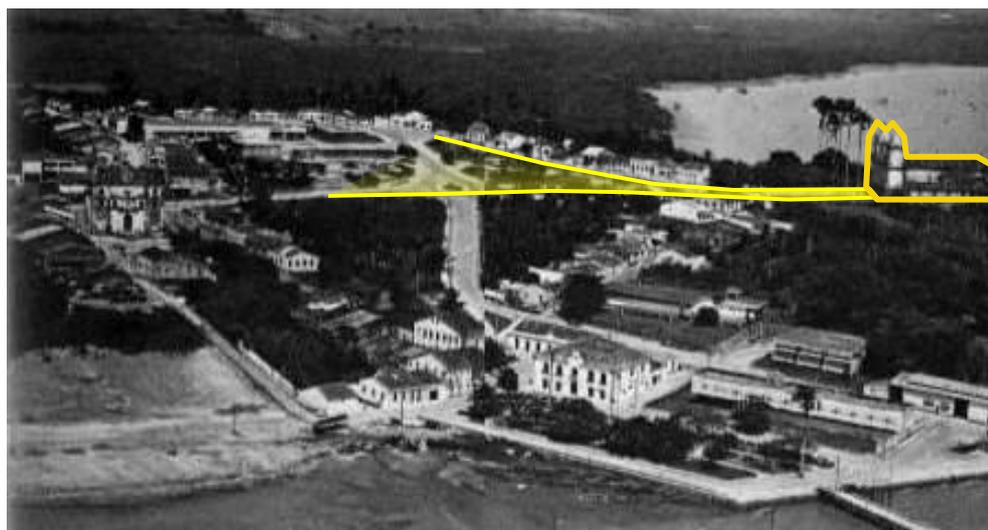
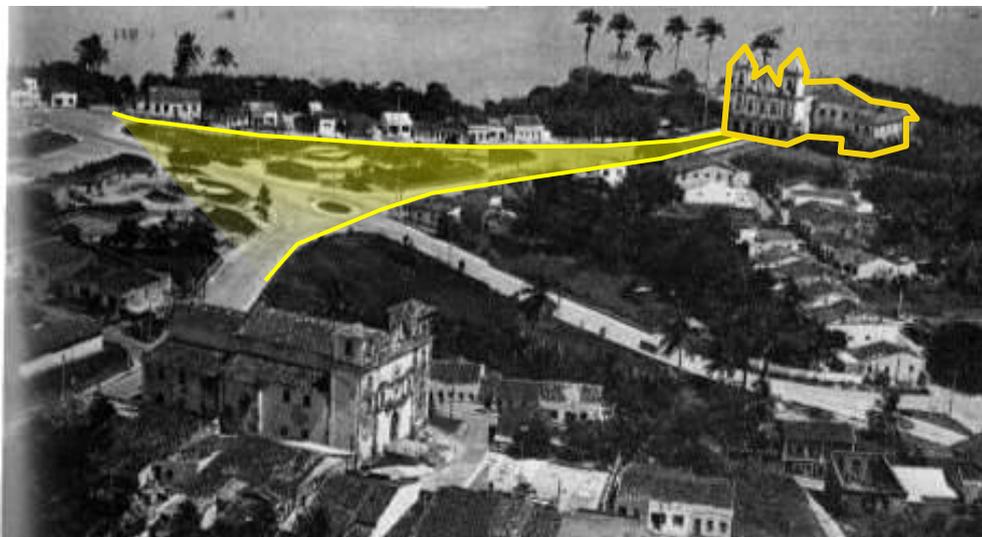


Figura 23: O adro fechado de São Francisco do Conde, Bahia. Fotos: (a) BAZIN, 1956 (prancha 42, volume II); (b) Acervo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem; (c) e (d) Autora, 2009.

Também devido à implantação no sítio, num canto alto da cidade, juntamente com o caráter fechado do adro, dão ares de um convento isolado do urbano, embora se possa aventar uma ligação reunindo-o ao centro urbano (ver figuras abaixo).



Figuras 24: Vistas do convento franciscano e sua implantação urbana. Adaptação da autora. Fonte: Governo do Estado da Bahia / Secretaria da Indústria e Comércio. Inventário de Proteção do Acervo Cultural. Volume II. Monumentos e Sítios do Recôncavo, I Parte. Bahia, 1978, p. 163.



Figura 25: Perfil da cidade com o convento franciscano e suas palmeiras no alto. Adaptação da autora. Fonte: www.saofranciscoconde.ba.gov.br, autor e data desconhecidos.

1.4.2 Sergipe

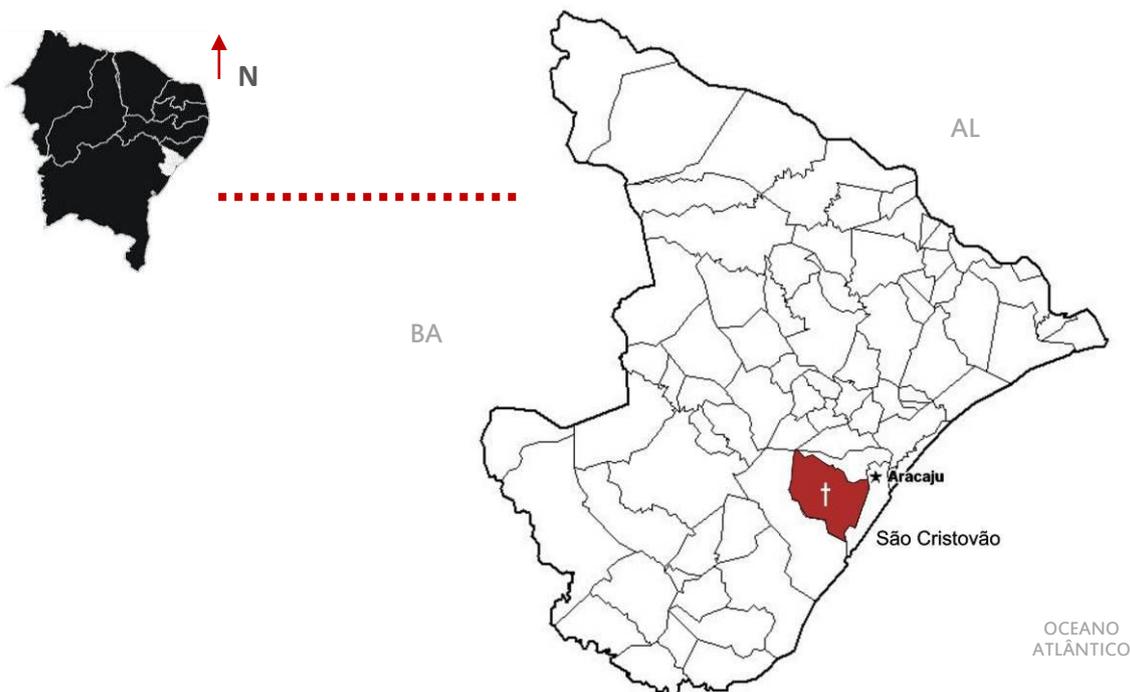


Figura 26: Mapas do Nordeste e do Estado de Sergipe localizando as suas cidades que possuem conventos franciscanos. Fonte: WWW.santiagosiqueira.pro.br. Adaptação da autora.

1.4.2.1 São Cristóvão

Da Bahia na direção norte, rumo a Sergipe, situa-se a quarta mais antiga cidade do Brasil, São Cristóvão, fundada em 1590 durante a Dinastia Filipina em Portugal. É nela, a primeira capital sergipana, que nos deparamos com a única casa franciscana deste Estado. Fundado em 1657, o antigo Convento de São Francisco (anteriormente chamado Convento de Santa Cruz) ficou um período fechado e foi reaberto com a vinda dos frades alemães no início do século XX. Hoje, a outrora residência dos frades funciona como hospedaria; a sua igreja conventual, devotada a Bom Jesus da Glória permanece com a celebração de missas, enquanto que a Capela dos Terceiros abriga o Museu de Arte Sacra.

Este convento apresenta-nos o adro com mais definição geométrica no seu desenho, reforçado pela sua superfície bastante plana. No sentido de que é ininterrupto, conecta-se diretamente com as edificações que ficam nas bordas de que se constitui, ele toca livremente em todos os prédios que limitam sua quadra e compõem suas “faces”.

Atualmente, por meio do seu reconhecimento como bem de valor cultural universal, a chamada Praça São Francisco é o 18º sítio brasileiro a ser tombado pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Sua escolha como Patrimônio Cultural da Humanidade estava sendo aguardada desde 2007, quando foi encaminhado o pedido.

Estabelecido provavelmente com a fundação do convento franciscano, em meados do século XVII, o “berço de Sergipe” tem no seu desenho urbano um dos fatores que o elevou à categoria de patrimônio da humanidade. Esta notória regularidade no traçado, é provável atributo do período da união Portugal-Espanha que permanece conservado nos dias atuais.

Possui uma composição dinâmica própria em função da monumentalidade do adro e do cruzeiro e da ruptura com a idéia de equilíbrio e simetria comuns a outros conventos franciscanos, sendo que a praça remete claramente às disposições da Lei IX das Ordenações Filipinas; o que a torna única no processo de ocupação do território brasileiro.⁷⁷



Legenda

- A** Conjunto franciscano
- B** Conjunto da Misericórdia
- C** Palácio Provincial
- D** Igreja do Amparo
- E** Conjunto do Carmo
- F** Igreja Matriz

Figura 27: Vista aérea do convento franciscano e sua localização na cidade. Fonte: ROMÃO, Andrea In: PESSÔA e PICCINATO (Orgs.) 2007, p. 172. Adaptação da autora.

Inserido na área central do sítio histórico, o adro é circundado por um conjunto de casas e sobrados com ares coloniais. Dentre os que se destacam, no seu entorno próximo, estão a Casa de Misericórdia (**B**) (atual Lar Imaculada Conceição), o antigo Palácio Provincial (**C**) (atual Museu Histórico de Sergipe) e a Ouvidoria. Mais afastados estão os demais templos religiosos da cidade: Igreja de Nossa Senhora do Amparo (**D**), o Conjunto do Carmo (**E**) e a Igreja Matriz (**F**).

De beleza reconhecida, a ambiência do adro de São Cristovão também foi fundamental para seu reconhecimento como patrimônio mundial. Mas seu principal pano de fundo, a fachada frontal do convento franciscano, passou por infelizes intervenções no coroamento da sua torre sineira após necessária demolição, em 1849, até ser restaurada uma última vez, em 1962, pelo IPHAN que definiu seu aspecto atual.⁷⁸

⁷⁷ GARCIA, Antônio Carlos. Praça se torna patrimônio da humanidade. *Jornal da Cidade*, Aracaju, 03 de agosto de 2010, nº 11.413, Cidades, p. B-3.

⁷⁸ Projeto Programa das Cidades Históricas. Plano urbanístico de São Cristovão. Tombo II Estudo da evolução urbana. Faculdade de Arquitetura da UFBA. Grupo GRAU / Governo do Estado de Sergipe. Salvador, 1980.

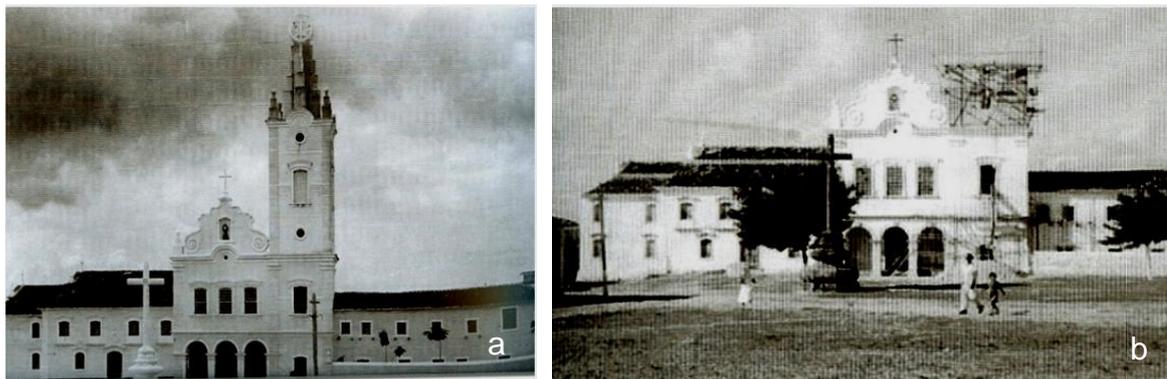


Figura 28: O convento com seu adro e, ao fundo, sua torre em dois momentos: (a) em 1938, com a cobertura neoclássica substituindo a anterior de madeira e zinco; (b) na década de 70, sendo reformada pelo IPHAN. Fonte: Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristovão / SE na lista do Patrimônio Mundial (CD-ROM).



Figura 29: O adro em movimento, São Cristovão, Sergipe. Foto: Autora, 2009.

Neste vazio citadino, os passantes fazem brotar fluxos espontâneos em diversas direções, e ainda hoje, as ruas “conversam” com seus limites, agora demarcados por meios-fios, e dão a sensação de que ampliam a sua extensão. O adro parece tocar nos prédios vizinhos como um tapete que se desenrola a partir da galilé da igreja conventual. Implantado sobre uma base hexagonal, o seu cruzeiro, todo em cantaria, apresenta-se com contornos delicados e permanece se impondo com gentileza na vasta área do adro.

Até recentemente, possuía bancos e lixeiras, conforme registros fotográficos anteriores ao ano de 2009, quando da visita da autora ao convento pelo projeto “Memórias Franciscanas”. Na atualidade, permanece apenas uma única árvore que se configura como um micro-território no canto próximo ao Conjunto da Misericórdia. Os demais elementos urbanos foram removidos no ato do seu tombamento.



Figura 30: (a) e (b) 1942, adro em terra batida com seus caminhos demarcados; (c) e (d) início dos anos 2000, com configuração que já não existe; (e) e (f) 2009, o adro retoma os caminhos livres. Fotos: (a) e (b) Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão / SE na lista do Patrimônio Mundial (CD-ROM); (c) <http://www.twuturismo.com.br>; (d) Anderson Schneider/IPHAN, 2005; (e) e (f) Autora, 2009.

O seu caráter acessível impera e permite o acaso e a liberdade da locomoção. Ele também favorece a acolhida das mais diversas experimentações do espaço, dentre elas a utilização para apresentações folclóricas e culturais através de programações eruditas e populares que preenchem todo o ano, sendo o Festival de Arte de São Cristóvão (FASC) o mais famoso, cuja primeira edição data de 1972. Como principal palco de eventos de cunho profano e da religiosidade popular, contempla tanto procissões e encenações sacras, caso da Paixão de Cristo durante a Semana Santa, quanto a comemoração do carnaval. Essa vida cultural configurou-se num dos fatores decisivos para que este adro franciscano fosse declarado patrimônio cultural da humanidade. “É ao mesmo tempo o reflexo da vida contemporânea e um testemunho da história da sociedade. Sendo embora uma obra humana, é também um produto do tempo.”⁷⁹

⁷⁹ Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão / SE na lista do Patrimônio Mundial (CD-ROM). Anexo I, p.102.

1.4.3 Pernambuco

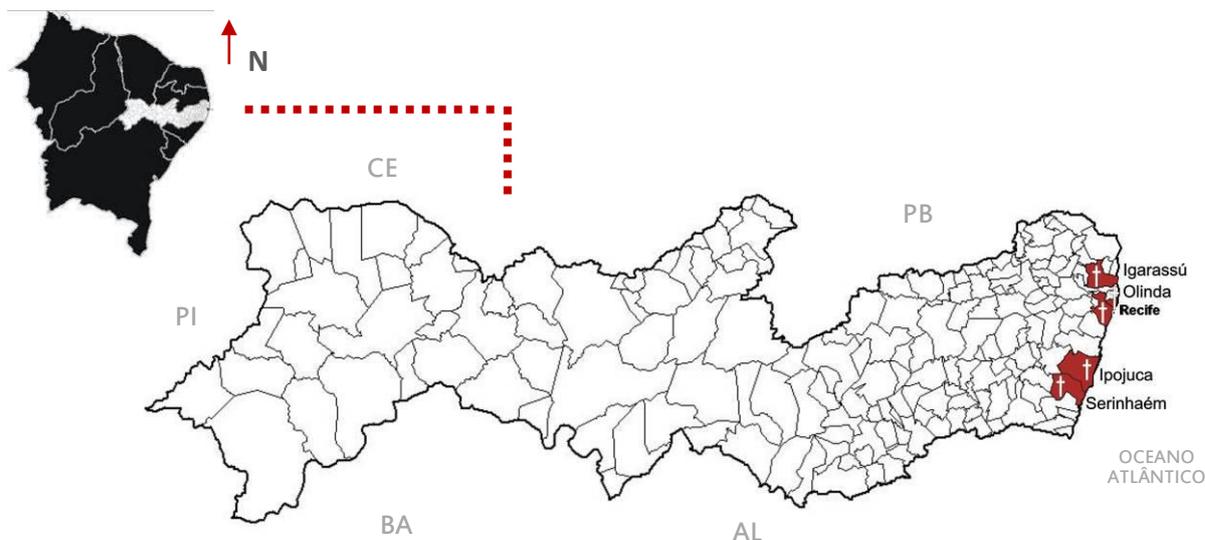


Figura 31: Mapas do Nordeste e do Estado de Pernambuco localizando as suas cidades que possuem conventos franciscanos. Fonte: WWW.santiagosiqueira.pro.br. Adaptação autora.

1.4.3.1 Olinda

Ao tempo da Capitania de Pernambuco, esta abrigou sete conventos. Depois, com a criação do Estado de Alagoas, tem-se hoje cinco conventos da Ordem Franciscana instalados em Olinda, Recife, Igarassu, Ipojuca, Sirinhaém e Pau d'Alho. Deste conjunto, a primeira localidade mencionada, Olinda recebeu o convento franciscano mais antigo do Brasil, cuja data de sua fundação é estabelecida em 1585.⁸⁰ Abandonado pelos frades na ocasião do domínio holandês, com a expulsão desses, em 1645, o convento acolhe novamente os religiosos que, após reformas na sua estrutura física, retomam a vida religiosa no lugar.

Hoje, quando percorridas algumas das diversas ladeiras de Olinda, descortina-se repentinamente o convento de Nossa Senhora das Neves. A massa monumental do complexo edificado pega-nos muito de surpresa após uma curva fechada e é marca de sua recepção. Ainda na rua estreita defronte ao convento, a procura pelo adro se extingue quando se vê que este desenvolve-se numa cota bem abaixo do edifício. Configura-se razoavelmente plano e segmentado, pois a via de acesso corta a ligação que antes existia entre adro e convento.



Figura 32: Vista parcial da casa franciscana de Nossa Senhora das Neves e seu adro com cruzeiro. Fonte: Autora, 2011.

⁸⁰ O convento franciscano teve um importante papel no tombamento desta cidade e a ajudou receber o título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade em 1982 pela UNESCO.

Foi possível o acesso a uma foto antiga do convento e seu adro, onde pode-se constatar que a sua ladeira característica bastante inclinada que o conduzia às portas do convento não existe mais. O adro adquiriu uma perfil mais plano numa cota mais baixa. O seu cruzeiro, todo em cantaria, é um dos maiores em termos de dimensões de base e de altura, análogo aos de Paraguaçu e João Pessoa, o que lhe confere força para manter-se visível na nova paisagem configurada, que permanece digna de cartão postal.



Figura 33: Momentos e movimentos do adro franciscano de Olinda. Fotos: (a) fotografia antiga encontrada nas dependências do convento, s/ data; (b) <http://bsviagenseturismo.wordpress.com>; (c) e (d) Autora, 2010; 2011.

Por meio de estudo imagético, viu-se como o adro se vincula ao arruado no passado, provavelmente moldado ao relevo da cidade. Ao comparar a cartografia antiga com a vista aérea atual de Olinda, constatou-se que a atual implantação do convento e seu adro guardam muito das antigas características quinhentistas.

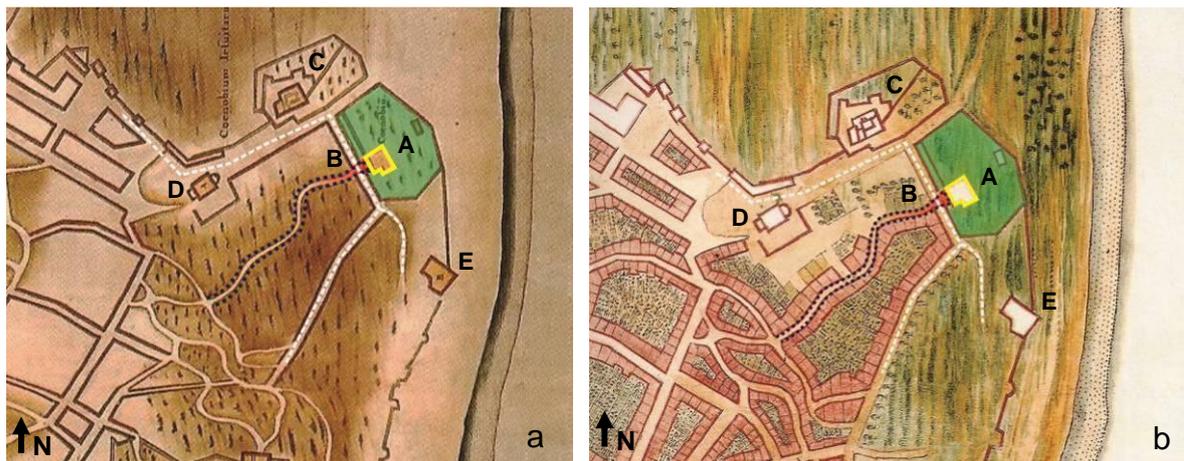


Figura 34: Detalhes de cartas seiscentistas representando a cidade de Olinda destacando seu convento franciscano. (a) “*Civitas Olinda*”, (ca 1630-1631); (b) *Imagem sem título [Planta de Olinda]*, Algemeen Rijksarchief, (ca 1630). Fonte: BARLÉU (1647). Acervo Iconográfico do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.



Legenda

- A** Conjunto franciscano
- B** Adro franciscano
- C** Conjunto jesuíta
- D** Igreja da Sé
- E** Fortim São Francisco

Figura 35: Vista aérea da atual cidade de Olinda, onde permanecem os templos religiosos e alguns indícios do traçado urbano do período das iconografias holandesas seiscentistas. Fonte: Adaptação da autora do Google Earth.



Figura 36: “*Marin D’Olinda de Pernambuco*”, Johannes de Laet, (ca 1630). Perfil da cidade de Olinda em gravura do período colonial. Recorte destaca o Convento de Nossa Senhora das Neves, que já possui o seu cruzeiro e a sua cerca conventual. Fonte: BARLÉU (1647). Acervo Iconográfico do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

1.4.3.2 Recife

Deslocando-se para a capital pernambucana, Recife, em meio ao trânsito agitado do seu centro histórico, deparamo-nos com o Convento de Santo Antônio, fundado em 1606 às margens do Rio Capibaribe. Com implantação privilegiada, ele foi ocupado pelos holandeses e fortificado recebendo o nome de Forte Ernesto no ano de 1613. A sua localização em frente ao rio chega até o século XIX. Mesmo próximo a zonas que foram ampliadas através de contínuos aterros, hoje, encontra-se colado à via de circulação que lhe dá acesso e, portanto, quase não possui adro.

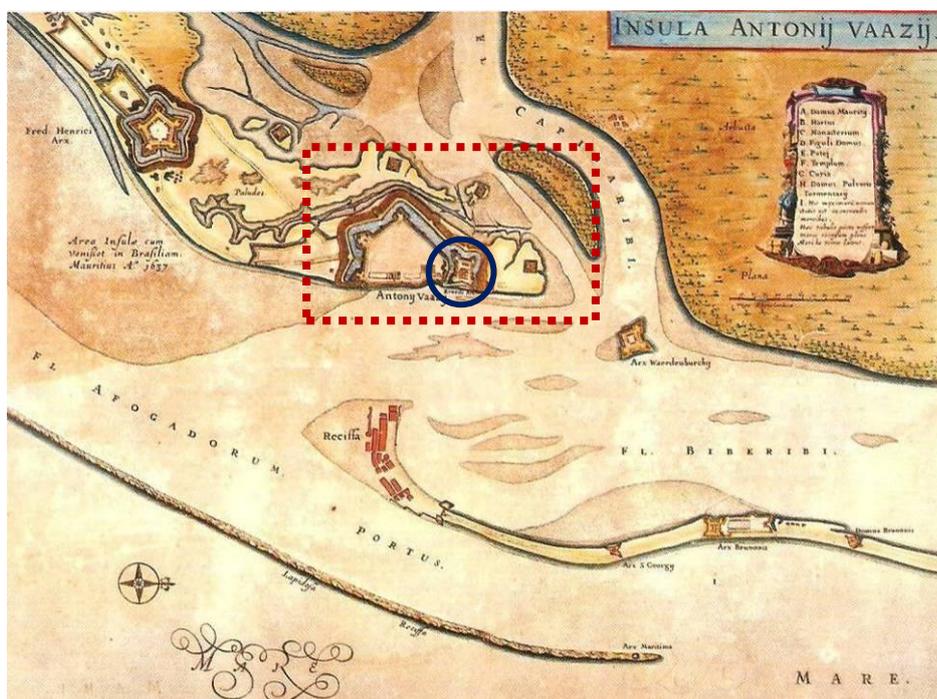


Figura 37: *Insula Antonij Vaazij* (ca 1637), atribuído a Golijath. Destaca o convento franciscano no centro de uma área fortificada. Fonte: de Barléu (1647). Acervo iconográfico do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

A casa seráfica sofreu perdas significativas de uma maneira geral, devido à intensa expansão urbana do centro daquela metrópole. No tocante às edificações, o convento teve parte do seu complexo subtraído, e com relação as suas áreas “vazias”, estas praticamente foram extintas. Cerca e adro, ambos mutilados, praticamente não mais existem.

O que sobrou do adro hoje trata-se da área imediata à frente da igreja conventual, bem definida e cercada por muro com grade de ferro. Ainda é dotado de cruzeiro em pedra, mas seu deslocamento, para mantê-lo integrante à unidade do convento, ficou registrado por Pereira da Costa, no século XIX: “O alteroso cruzeiro de pedra que se vê em frente à Igreja, ficava originalmente, situado mais distante, ao correr dos prédios fronteiros, e foi removido para o local em que se acha em 1840, para dar lugar à construção dos ditos prédios.”⁸¹ No entanto, em imagem encontrada durante visita ao convento, pode-se

⁸¹ Anais Pernambucanos, Volume II, p. 241 apud. MUELLER, 1984, p.10.

percebê-lo à beira do canal com seu adro debruçado sobre o curso d'água, o qual se permitia ver completamente graças à ausência de construções laterais.

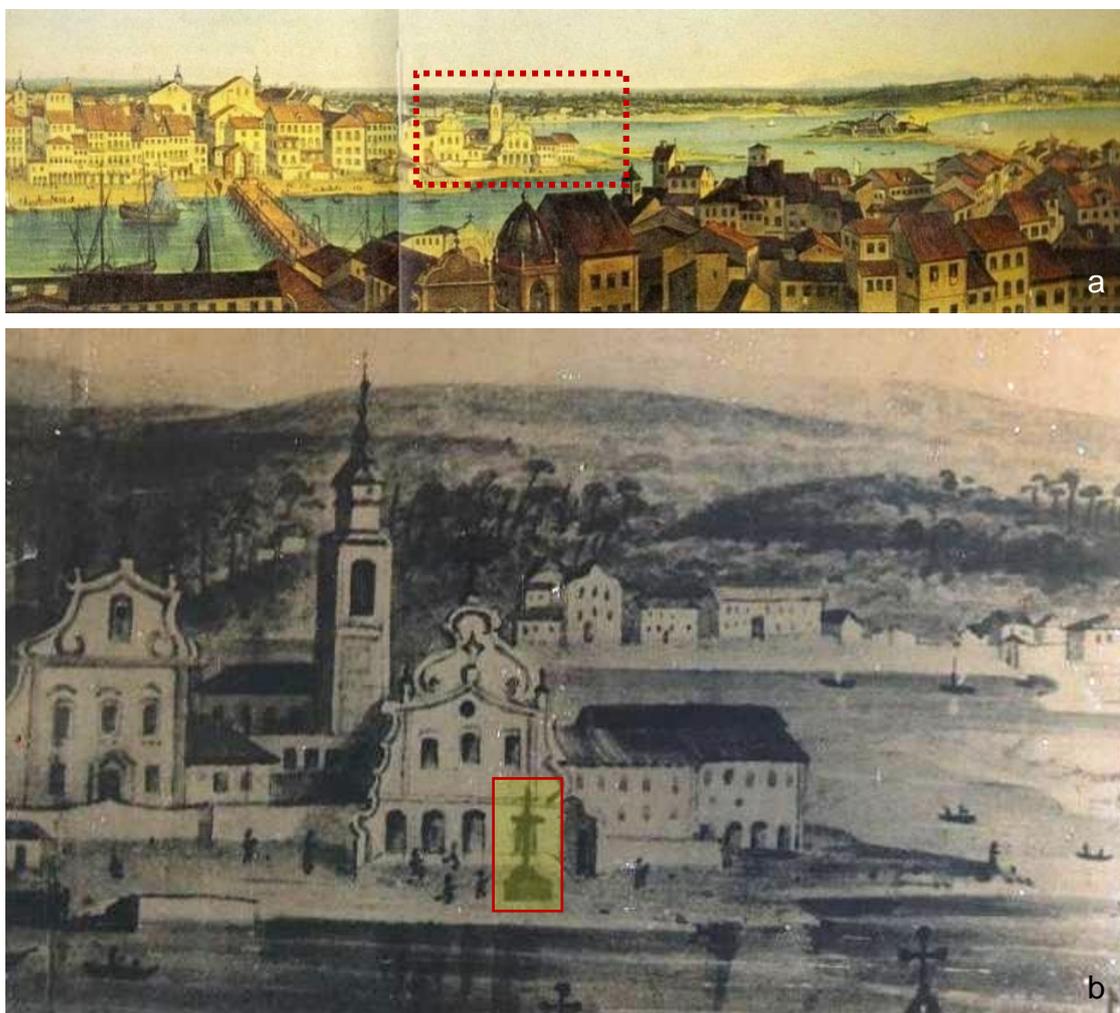


Figura 38: Duas vistas panorâmicas de Recife mostram o convento voltado diretamente para fluxo de água e com seu cruzeiro no antigo lugar em que fora fixado. (a) Trecho do “*Panorama de Pernambuco*” de autoria de Friedrich Salathé e Johann Steinmann (1826-1832). Fonte: (a) Belluzzo, 1995, v. 3. (b) Detalhe de gravura de autor desconhecido, fotografia de pintura localizada na casa seráfica de Recife.



Figura 39: O convento e seu adro, espaços perdidos para a cidade. Fonte: (a) <http://www.fotolog.com.br/tc2/46977033>, autor desconhecido, ano de 1920; (b) Foto da autora, 2010.

1.4.3.3 Igarassu

Em oposição ao caso do adro de Recife, tem-se o exemplo do Convento de Santo Antônio (B), em Igarassu. Instituído em 1588, o prédio encontra-se implantado em uma das primeiras vilas de Pernambuco, que pouco sofreu intervenções urbanas no seu centro histórico e que mantém praticamente suas antigas características coloniais. Foram suas imagens que serviram de exemplo para tratarmos da fisionomia da edificação nos tempos iniciais a partir de uma fonte imagética de Frans Post. (Ver Figura 3, Capítulo 1)

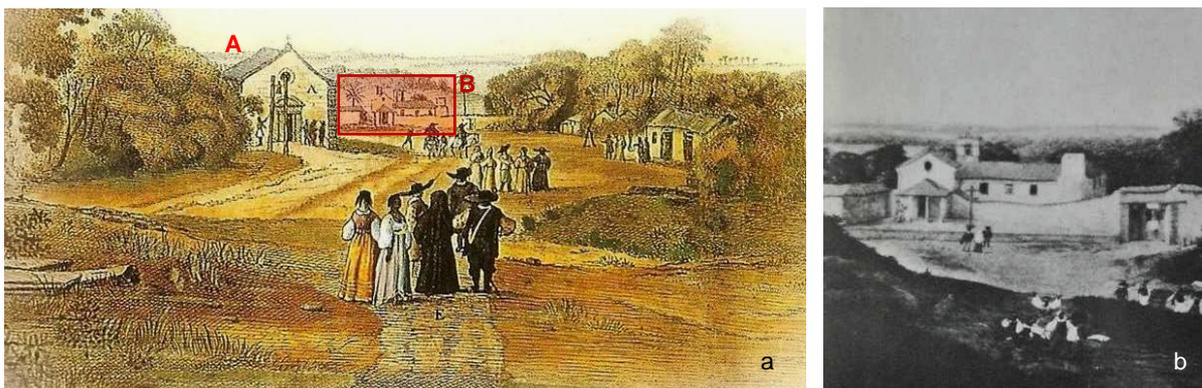


Figura 40: Dois detalhes de quadros de Frans Post, ambos representando o convento franciscano situado em Igarassu. Fonte: (a) Reprodução pertencente ao acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem; (b) Reprodução encontrada em BAZIN (1956, prancha 25) do Museu de Breslau, século XVII.



Figura 41: Panorama atual do centro histórico de Igarassu com convento franciscano no fundo. Foto: Autora, 2010.

A casa conventual abriga um dos adros mais bem conservados em suas feições primitivas; como espaço que foi concebido basicamente para atender às demandas religiosas, as suas dimensões muito provavelmente ainda são as mesmas da fase de construção desta casa, segundo pode-se observar nas gravuras seiscentistas holandesas. As imagens acima também contemplam a Igreja dos Santos Cosme e Damião (A), erguida em 1535, e considerada a mais antiga do Brasil.

Após a saída dos holandeses, que neste convento permaneceram de 1632 a 1693, os franciscanos regressam e restabelecem o uso religioso. Atualmente, sem abrigar frades, é cuidado por uma congregação religiosa de freiras e parte de suas dependências funciona como museu de arte sacra e pinacoteca, instalada pelo IPHAN em 1957.



Figura 42: Um século dista as vistas, antiga e atual, do convento de Igarassu com seu adro preservado. Fonte: (a) http://www.ibamendes.com/2011/05/blog-post_912.html, início do século XX; (b) Foto da autora, 2010.

Comparando-se o adro atual com o antigo, vê-se que ele permanece praticamente inalterado, exceto pela vegetação referente à cerca conventual que hoje se destaca pelo grande volume de sua massa e impede a visada plena que se tinha do edifício conventual.

O adro tem a fachada da igreja da Ordem Primeira como um de seus limites e se estende à sua frente abraçado lateralmente pelos muros que definem o espaço da separação adro / cerca. Próximo à rua, seguindo um eixo invisível que parte da igreja, tem-se o cruzeiro todo em cantaria e com base quadrangular com dimensões generosas, que o destaca mesmo quando nos colocamos a grandes distâncias.

1.4.3.4 Ipojuca

Penetrando em áreas mais interioranas de Pernambuco, chega-se a Ipojuca. O acesso à casa franciscana é marcado por um constante sobe-e-desce, também presente em toda a malha central cidadina. Fundada em 1606, ela encontra-se implantada na margem periférica da cidade, no alto de um morro, e é possível de ser visualizada da rodovia antes mesmo de se entrar em Ipojuca. Elevada em relação ao centro histórico, assemelha-se à situação topográfica do convento de Cairú.

Com a implantação de medidas anticlericais no século XIX pelo governo imperial do Brasil, o convento de Ipojuca, sem ingresso de noviços e com a morte dos frades antigos, teve de fechar suas portas. A chegada dos frades alemães a Ipojuca em 1895⁸² promove a reabertura do cenóbio e a retomada da função religiosa que este mantém na atualidade.

Possui um dos adros menos usuais em termos de topografia visto que o mesmo, diferente dos demais, é o único “esculpido na pedra” e, portanto, apresentava uma solução de implantação que incorporava as várias rupturas de relevo, e parte dessa sua característica formal chega aos dias de hoje.

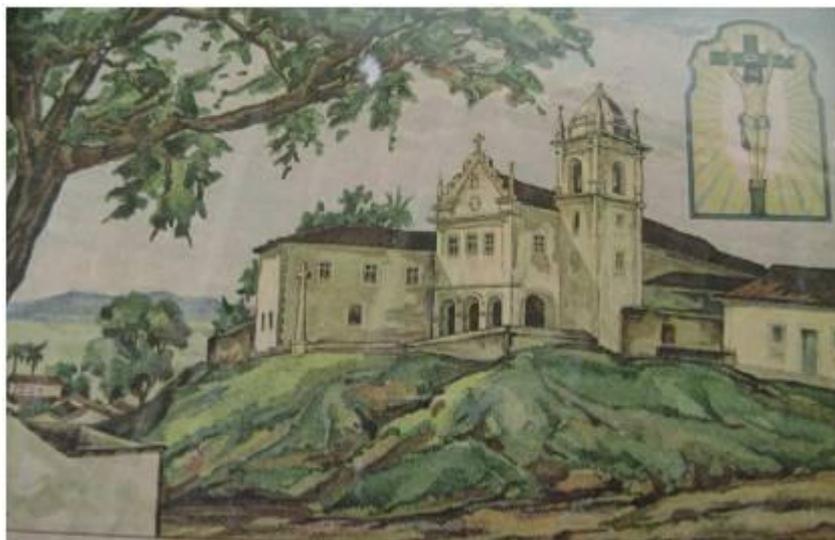


Figura 43: “Santuário do Sr. Stº Cristo de Ipojuca”. Antiga pintura da casa franciscana de Ipojuca mostra o adro em sua conformação antiga, totalmente amoldado ao relevo íngreme do morro onde se dispõe o convento. Fonte: Encontrada em viagem do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem no Engenho Jundiá, em Vicência, Pernambuco, autoria de Lito Lafayette, sem data.

Segundo informações que constam no trabalho final de graduação em Arquitetura e Urbanismo de Taciana Santiago (2012, p. 74-76)⁸³, os religiosos germânicos que ocuparam o convento de Ipojuca, além das intervenções no edifício conventual, também acabaram por interferir na topografia do adro. Com o intuito de promover um acesso mais fácil ao convento

⁸² WILLEKE OFM, Frei Venâncio. Op. Cit., 1956, p. 63.

⁸³ Também integra o Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, e com seus estudos sobre a presença alemã nos conventos do Nordeste, ao tempo da restauração da província franciscana do Brasil, foi possível discutirmos sobre algumas ações desses frades vindos da Saxônia nos espaços dos adros seráficos de Ipojuca (PE) e Penedo (AL).

pelos frades e pela população, no início do século XX, o adro é modificado de modo que, desaparecem as suas linhas espontâneas originais e, no lugar delas, ele recebe perfis mais geometrizados dotados de duas escadarias e uma camada do piso inteiramente plana.



Figura 44: Vistas do adro em suas feições antigas com seu relevo curvilíneo e o chão todo em terra batida. Fonte: (a) fotografia antiga encontrada no Engenho Poço Comprido, em Vicência, PE, s/ data; (b) BAZIN, 1956 (prancha 33, volume II).

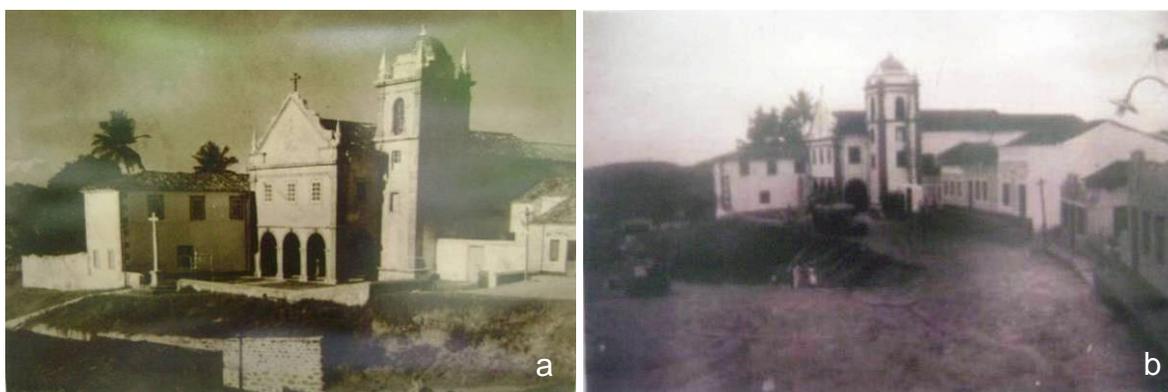


Figura 45: Vistas do adro em suas feições antigas porém, já mostrando as obras iniciais que modificarão ao longo do tempo sua conformação física. Fonte: (a) autor desconhecido, sem data; (b) cedida por Ivo D'Almeida, 1958. Acervo do Convento de Santo Antônio, Ipojuca, Pernambuco.

Com pouco espaço íngreme e exíguo, o adro cresceu de modo a acompanhar a linha horizontal do prédio conventual e de seus anexos, ganhando uma grande extensão transversal. Esta difícil implantação, contudo, garantiu ao adro e ao seu convento uma característica antiga e importante: o impôs no alto com a vista para a cidade ao seu redor.

Observando as imagens anteriores, fica evidente que este adro sofreu muitas intervenções que progressivamente o redesenharam e que resultou no emprego de elementos como os muros de contenção e o jardim, forma com a qual se configura hoje.



Figura 46: Vista geral do adro remodelado, nos dias atuais, abrangendo também toda a igreja conventual, com seu campanário, mais as casas de meia-morada que formam este complexo. Fotos: (a) Marly Fotografias, sem data, pertencente ao acervo do convento de Ipojuca; (b) Autora, 2010.

Seu cruzeiro, um dos de menores dimensões quando comparado aos demais da Escola do Nordeste, encontra-se espremido entre esse muro que delimita o espaço do adro e a escadaria de acesso à parte mais baixa do terreno que vai dar em uma via frontal.



Figura 47: Aspectos do adro de Ipojuca quanto ao relevo e localização do cruzeiro. Fotos: Autora, 2010.

1.4.3.5 Sirinhaém

No ano de 1630, foi aceita a solicitação dos moradores da antiga Villa Formosa de Serenhanhem para se fundar nela um convento seráfico. Desde então serviu de moradia aos religiosos, e passou também por semelhante processo de abandono e reabertura com a vinda dos frades alemães, que afetaram outras casas franciscanas. Apesar de somente abrigar o uso religioso, enfrentou sérias intervenções que modificaram seu traçado original.

Os caminhos guardam semelhanças com os que levam a Ipojuca, e também possibilitam visualizar à distância o convento situado no cume de um dos morros mais altos de Sirinhaém. Para se chegar neste exemplar da arquitetura religiosa franciscana, basta caminhar por qualquer uma das principais vias da cidade, pois se encontra acomodado em lugar de grande destaque. Seu relevo acidentado confidencia ao adro um ponto de observação bastante abrangente, que ultrapassa a zona urbana e visualiza a linha do horizonte rumo aos campos de cana-de-açúcar.

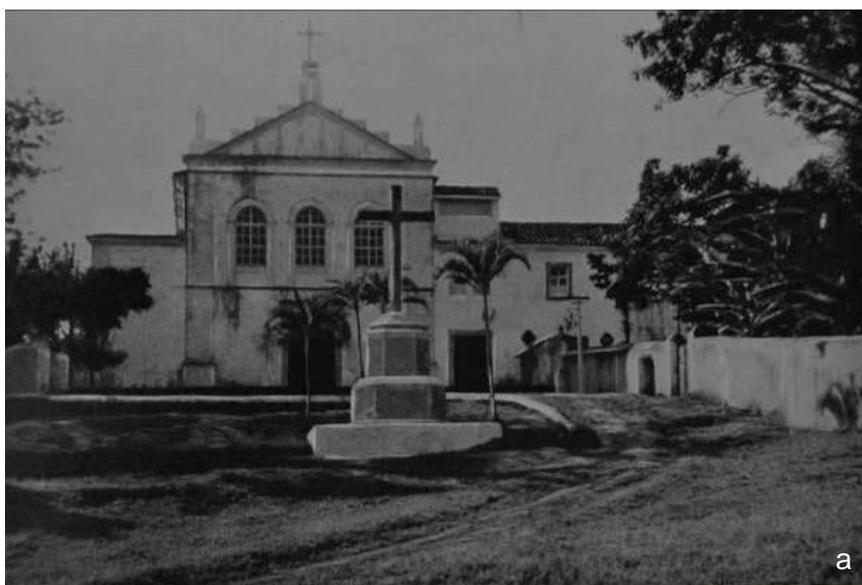


Figura 48: Vistas do adro de Sirinhaém em dois momentos temporais. Fonte: (a) Igrejas do Brasil, p.189, fotografia do autor; (b) Foto da autora, 2010.

Nesse adro, o chão é assinalado por vários agenciamentos. No registro de Oscar Campiglia (a), seu solo é de terra batida, mas os caminhos já se mostram marcados. Hoje, há a pluralidade de linhas que fragmentam seu espaço, que a princípio deveria ser contínuo, por meio de vias de circulação e porções de jardim (b).

É delimitado basicamente pela igreja da Ordem Primeira e pela imensa cerca conventual. Esta última se apresenta de maneira marcante no adro por estar “colada” ao seu espaço, separados por um muro que os define.

Na parte mais próxima à fachada da igreja se localiza o cruzeiro em pedra, de feições semelhantes ao de Ipojuca, mas que é notado somente quando nos aproximamos do prédio conventual.



Figura 49: Vistas do adro de Santo Antônio, Sirinhaém, a partir da sua igreja conventual. Fotos: Autora, 2010.

1.4.3.6 Pau d'Alho

Movendo-se ainda mais para a região central de Pernambuco, após estradas de barro e informações desencontradas, chega-se de fato ao último convento franciscano do Estado a ser visitado. Localizado em Pau d'Alho, mas fixado em terras fora do perímetro urbano, o mosteirinho, como também o é conhecido, segundo a literatura, foi erguido no Engenho Mussurepe pelos franciscanos fugidos do domínio holandês, em 1635.

Posicionado no cume de uma elevação topográfica, trata-se de um estabelecimento seráfico mais sucinto do que os outros 13 conventos, com programa arquitetônico simples resumindo-se ao templo religioso, com nave ladeada por dois corredores acessados pelas torres sineiras, e adro mais cruzeiro.

Não foi possível aferir as dimensões do seu adro, pois esse estava coberto de densa vegetação rasteira, no entanto, apesar da dificuldade de acesso, foi possível identificar seu cruzeiro em madeira. Assim como o de Paraguaçu (BA), a este também falta o segmento horizontal da cruz. Portanto, em situação pior do que o exemplar baiano, o mosteirinho apresenta-se com telhado provisório e muitas rachaduras, além dos seus elementos compositivos e estruturais estarem seriamente comprometidos. Embora tombado, sua realidade atual dista das condições descritas no Guia dos Bens Tombados de 1980.



Figura 50: Vistas parciais do mosteirinho de Pau d'Alho. Fotos: Autora, 2008.

1.4.4 Alagoas



Figura 51: Mapas do Nordeste e do Estado de Alagoas localizando as suas cidades que possuem conventos franciscanos. Fonte: WWW.santiagosiqueira.pro.br. Adaptação da autora.

1.4.4.1 Marechal Deodoro

Em Alagoas, instalados nas cidades de Marechal Deodoro e Penedo, encontram-se os dois conventos e seus adros que servem de referência para esta dissertação, e que serão melhor estudados no próximo capítulo.

Às margens da Lagoa Manguaba e localizado dentro do perímetro de tombamento do sítio histórico de Marechal Deodoro, deparamo-nos com o convento de Santa Maria Madalena, estabelecido pelos franciscanos em 1659. Abrigou o uso religioso até início dos novecentos, quando ocorre seu esvaziamento devido às leis anticlericais impostas no Brasil, e passa a exercer outras funções que não competem com a origem e a estrutura de um complexo conventual.

Neste caso, o adro toma como linha de partida ambas as fachadas dos dois templos religiosos, a igreja conventual e a capela dos terceiros⁸⁴, e deste modo segue voltado para o casario circundante, delimitado pelo muro da cerca conventual em um de seus lados. Anteriormente avançava em direção à cidade, porém, hoje, encontra-se interrompido por duas vias que rompem com a sua continuidade espacial e a antiga ligação que este mantinha com a cidade.

⁸⁴ Bazin (1956, p. 144) comenta que esta ocorrência, da capela dos terceiros como um templo isolado da igreja conventual, somente vai acontecer no convento de Salvador, onde também se tem as duas igrejas dispostas em paralelo e cada uma com seu próprio frontispício voltado diretamente para a rua.

Permanece como um espaço plano, mas com o passar das décadas, adquiriu feições e mobiliário de praça e vem sendo usado como tal pelas pessoas que se apropriam de seus bancos extensos.



Figura 52: Seu cruzeiro em cantaria está situado no limite de sua área atual e tem base quadrangular com formato bulbar. Recentemente teve parte de seu coroamento restaurado. Fotos: (a) Luis Saia (1953); (b) Autora, 2011.

1.4.4.2 Penedo

O segundo convento de Alagoas, com o nome de Nossa Senhora dos Anjos, está implantado próximo ao Rio São Francisco, e assim como o de Marechal Deodoro, também foi fundado em 1659 e se situa dentro do perímetro urbano de tombamento determinado pelo IPHAN, justificando-o. Foi um dos conventos do Nordeste onde os frades alemães residiram, e atualmente, permanece como tal, embora com poucos frades.

Apesar de ser um patrimônio reconhecido, seu adro sofreu diversas modificações desde meados do século XX, quando dele foi retirado o cruzeiro original e substituído por jardim com estátuas de caráter classicista (a). Depois houve o retorno do cruzeiro, trata-se de uma réplica do primitivo, também produzida em pedra com base quadrangular bastante escalonada, que hoje se encontra implantada de maneira solitária. Recentemente, o adro foi remontado como jardim e redesenhado com feições de praça (b).



Figura 53: O adro do convento de Penedo, no início do século XX e em sua conformação atual. Fonte: (a) BAZIN, 1956 (prancha 33, volume II); (b) Foto da autora, 2009.

1.4.5 Paraíba

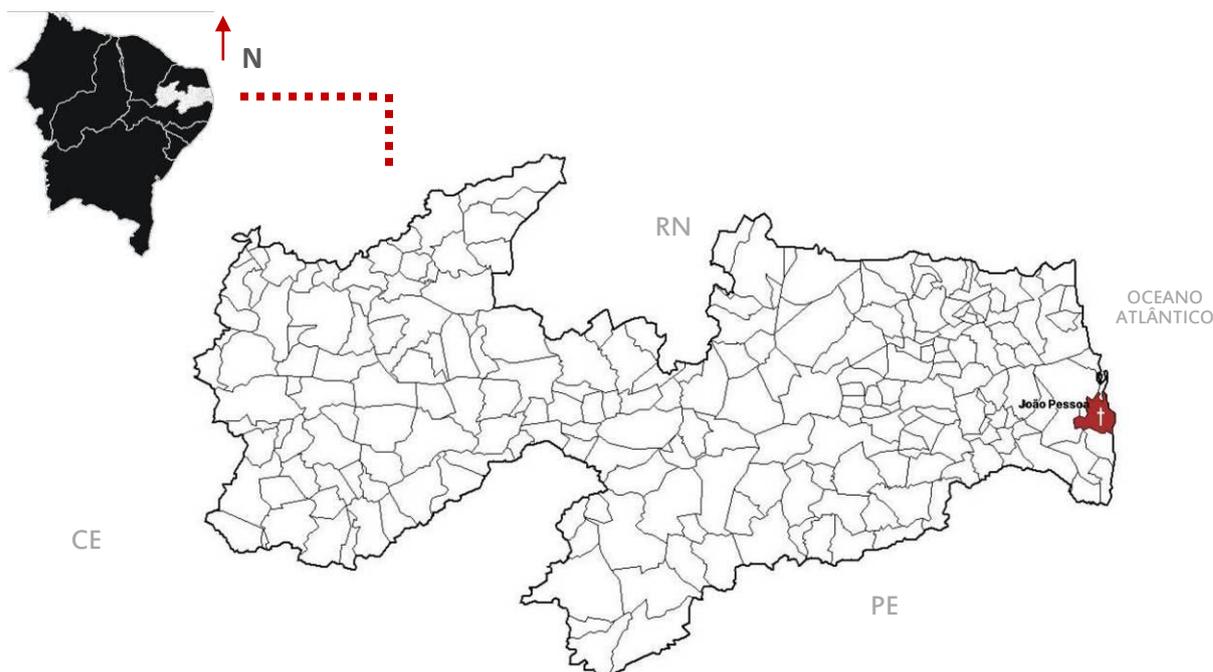


Figura 54: Mapas do Nordeste e do Estado da Paraíba localizando as suas cidades que possuem conventos franciscanos. Fonte: WWW.santiagosiqueira.pro.br. Adaptação da autora.

1.4.5.1 João Pessoa

Situada na parte antiga da capital paraibana, encontra-se a mais antiga casa da ordem seráfica deste Estado. Para conhecê-la, basta dirigir-se a uma das áreas mais movimentadas do centro histórico. Contudo, é possível uma outra alternativa: acessá-la pelo Rio Sanhauá que banha a cidade e que se configurava em importante via de penetração nos tempos em que a cidade era chamada de Filipéia.

Fundado em 1589, o convento foi invadido pelos holandeses e, no ano de 1636, foi fortificado por eles servindo como quartel general e alojamento para o diretor da Capitania e os soldados em combate.⁸⁵ Por conta disso sofreu diversas perdas e teve de ser reconstruído a fim de retomar o uso religioso e a nova função como casa do noviciado.⁸⁶ Entre seus diversos usos, já foi hospital militar, Seminário Arquidiocesano⁸⁷, Museu Escola e Sacro do Estado da Paraíba (1968). Na atualidade, sem atuar como moradia dos frades, sedia o Centro Cultural São Francisco desde 1990.

⁸⁵ HERCKMAN, Elias. Op. Cit., 1639, p.43.

⁸⁶ Frei Jaboatão (1862, p.373) menciona que o convento franciscano de João Pessoa foi casa do noviciado no período de 1682 até o ano de 1708.

⁸⁷ Burity (2008, p. 167-171) relata que o Convento de Santo Antônio despovoado de frades, encontrava-se abandonado e necessitava de várias reformas. Numa conduta provisória, em 1885, ele foi utilizado como enfermaria militar, mas como os frades franciscanos nunca retomaram sua posse, o bispo da Paraíba no de 1894, tomou a iniciativa de instalar ali o Seminário Arquidiocesano e o Colégio Diocesano Pio X que funcionou por quase um século, até o ano de 1965, quando foi transferido.

Sua existência ficou registrada nas imagens holandesas como se vê a seguir. Nela consta a extensa cerca e o adro que se dirige à Rua Direita (em azul), também se destaca a atual Basílica de Nossa Senhora das Neves (B).



Figura 55: Recortes da cidade de João Pessoa apresentando o convento franciscano e alguns indícios do traçado urbano do período colonial. (a) “Parayba” detalhe de “Afbeelding der Stadt em ForressenVan Parayba” (ca 1634). Fonte: (a) Reprodução da Mapoteca do Itamarati, Rio de Janeiro. Acervo iconográfico do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. (b) Adaptação da autora do Google Earth.

Assim que chegamos ao convento de Santo Antônio nos deparamos com um dos adros mais adornados de toda a Escola Franciscana do Nordeste. Frei Jaboatão (1852, p. 372-373) descreveu seu cruzeiro como uma obra vistosa e perfeita, de proporção monumental, inserido na entrada da igreja que cham a atenção por ser repleta de detalhes artísticos em adornos diversificados e ligados à temática do adro.



Figura 56: Adro do Convento franciscano, único exemplar seráfico da Paraíba. Fonte: http://www.cvc.com.br/site/_destinos/conteudo.

Iniciado na galilé, o adro é conduzido por muros laterais que saem dos limites do frontispício da igreja conventual e se abrem para a rua que o limita com a cidade, de modo a abraçar o cruzeiro. Tais paredes laterais se configuram em extensos painéis pictóricos devido à aplicação de azulejos em sua superfície, ocorrência única dentro do conjunto dos 14 conventos. Compondo os dois muros também há seis nichos emoldurados⁸⁸ que representam os passos da Paixão de Cristo⁸⁹ desenhados em azulejaria, sendo três em cada lado. Em cada uma das suas quatro extremidades, encontram-se as esculturas de dois leões e duas figuras antropomórficas que ladeiam o adro.



Figura 57: O adro em dois momentos distintos. Nota-se que ele se manteve praticamente inalterado, já apresentando calçamento em sua suave ladeira. Fotos: (a) Autor desconhecido, localizada na biblioteca do convento franciscano de João Pessoa; (b) Autora, 2010.

⁸⁸ Frei Jaboatão (1852, p. 373) assim os descreve: “Pela face deste [muro] estão aberta de cada hum de seos lados huãs, como capellas, ou altares com seos arcos, e nellas colocadas as Imagens de Chisto naquellas formas, que representam os devotos passos da sua Sagrada Payxão.”

⁸⁹ Isso remete a um dos usos do adro, “que servia de espaço para as procissões incluídas na liturgia da Páscoa.” MATTOSO, José (Org). Op. Cit., 2010, p.56.

Seu cruzeiro, que se impõe nesta paisagem, é um dos maiores encontrados na Escola Franciscana do Nordeste e destaca-se mesmo quando nos colocamos à distância, conforme mostram as imagens abaixo. Este se impõe por sua beleza, riqueza em adornos e por sua base octogonal, também excepcional, coroada com pelicanos e águias bicéfalas.



Figura 58: Vistas parciais da Rua Direita, atual Duque de Caxias, em 1898 (a) e em 2010 (b), no trecho entre a Praça Rio Branco e o Convento de Santo Antônio. O cruzeiro franciscano permanece em destaque por localizar-se no ponto de fuga dessa visão perspectivada. Fonte: <http://www.paraibanos.com/joaopessoa/fotos-antigas.htm>.

Germain Bazin (1956, p.152) o definiu como um dos mais belos cenários da arte barroca. O fator determinante para essa afirmação do pesquisador foi sem dúvida a composição harmoniosa de todos os elementos que conformam esse adro.

Mário de Andrade, em visita à Paraíba, também escreveu sobre o adro que pareceu lhe sorrir: “Na frente de tudo o cruzeiro é um monólito formidável. Estou assombrado. Paraíba possui um dos monumentos arquitetônicos mais perfeitos do Brasil. Eu não sabia... Poucos sabem...”⁹⁰

⁹⁰ Trecho da Carta, extraído do seu livro *O turista aprendiz* (1983, p.313), escrita na Paraíba, 30 de janeiro de 1929.

1.5 Balanço comparativo dos 14 adros franciscanos do Nordeste

Por meio da produção das tabelas dessa seção foi possível se chegar a algumas conclusões sobre os 14 adros franciscanos do Nordeste no que tange: às principais e mais frequentes características espaciais, aos seus elementos comuns, às partes significativas e àquelas em que eles se divergem. Este estudo demandou diversas medições *in loco*, levantamento fotográfico e ao final a redução dos dados a pequenos registros de síntese gráfica.

Na ausência de documentos textuais, recorreu-se às fontes iconográficas e à observação da paisagem nordestina *in situ*. Com a análise, principalmente, das cartas seiscentistas e de fotografias do início do século XX, e da comparação destas com a situação atual, pode-se concluir que os adros franciscanos, em sua maioria, caracterizavam-se como uma área “vazia” marcada pela ausência de decorações, salvo pelos adornos provisórios das festividades religiosas, e pelos casos de Paraguaçu e João Pessoa, que incorporam em seus adros elementos artísticos permanentes e integrantes desses ambientes. No entanto, com a chegada dos novecentos, os adros serão modificados (93%). A fim de modernizá-los, eles passarão a incorporar algumas ou várias peças do mobiliário urbano, como bancos, lixeiras, luminárias, ou mesmo jardins.

O **cruzeiro** frontal, todo em pedra talhada (71 %) ou com a cruz recortada na madeira (21%), com seus mais de 2 metros de altura, é o marco religioso e identitário das casas conventuais franciscanas no litoral brasileiro. Apesar de registros textuais tratarem da existência dos cruzeiros no século XVI quando estes eram fixados pelos frades durante suas incursões religiosas pela *Terra brazilis*, o que se vê atualmente é um descuido com esses elementos que marcam o território sagrado, a exemplo das cruzes incompletas dos conventos de Pau d’Alho (PE), Cairú e Paraguaçu (BA), e de que somente 36% deles encontram-se contemplados ou inseridos por alguma lei de preservação.

Figura presente em quase todos os adros (93%), exceto pelo do convento do Conde (BA), o cruzeiro mostra-se com variedade de detalhes e adornos, geralmente em base retangular (64%), apresenta outras soluções únicas como os de João pessoa (PB) (octogonal), Paraguaçu (BA) (circular) e São Cristovão (SE) (hexagonal), embora guarde algumas semelhanças mútuas, como os de Ipojuca e Sirinhaém (PE).

Atenta ao conceito de que o adro não se restringe somente à área de piso, mas que este espaço envolve também seu entorno imediato e incorpora-o na sua conformação, é que se observou o seu movimento de “abarcas e trazer para o convento” a cidade. Nesse sentido, estabeleceu-se algumas das partes que compõem suas “paredes”, suas laterais.

Sempre constante e de maior importância, é a **igreja conventual**. Trata-se de uma união benéfica e mútua, onde o adro carece deste vínculo com o templo religioso para poder existir em si mesmo; e a igreja necessita desde espaço diante de si para ser vista, num “magnífico enquadramento visual”⁹¹. No que tange aos aspectos sinestésicos, é ela também a responsável pelo direcionamento do cruzeiro, num eixo invisível mas perceptível.

A **Torre sineira**, que quase sempre aparece recuada (57%), também é participante dessa composição franciscana, e às vezes aparece como um par (21%), a exemplo dos conventos de Salvador e de São Francisco do Conde, ambos localizados na Bahia.

A **galilé**, anteriormente o alpendre modernizado, um elemento também de transição, apresenta-se na maioria dos casos como a ponte de ligação adro – igreja (57%). Sua presença como divisa das interfaces externo – interno é tão tênue que houveram casos nos documentos textuais em que os narradores ao descreverem este espaço do convento o deram o nome de adro.⁹²

Outra “variável” trata-se da **cerca conventual**, área verde circundante do convento, apresenta-se próxima ao adro e muitas vezes limita-o, desenha-o. Ocasionalmente, também se faz o seu acesso pelo adro, por meio de um muro que promove uma interface direta cerca – adro. Há também ocasiões onde a cerca abraça o convento e o adro é “fechado” pelo movimento do próprio convento, a exemplo disto tem-se o de Igarassu (PE).

Outros limites além da igreja e da cerca conventual também configuram o adro, em muitos casos, casario circundante tem papel fundamental no contexto do adro, mais do que exercer a função de entorno, comporá as laterais do adro (50 %).

Quanto ao **formato**, o mais freqüente é o de desenho **trapezoidal** (57%), pois o mesmo reforça a lógica visual desses espaços, através de um “cone perspéctico”. O piso, embora se apresente hoje com calçamento, originalmente já foi todo em terra batida. No entanto, na maior parte permanece o **active** característico dos adros franciscanos (57%), por vezes, suave (21%), em outras, bastante inclinado (36%). Na verdade, planos (29%) ou inclinados, todos os adros vão ter uma área plana próxima à igreja conventual.

Uns adros permitem o “descortinar” do convento por completo, nestes casos, a sua abertura é tão ampla, de modo que o ele se abre todo e é possível ter uma visão total (panorâmica) do complexo edificado conventual (21%). Estes adros “sem laterais” permitem que se veja completamente a arquitetura em longas alas da típica casa conventual. Neste caso, podemos trazer os adros de Cairú (BA) e Ipojuca (PE) como exemplos monumentais dos adros abertos e inclinados. O de Recife também se configurou deste modo até

⁹¹ MATTOSO, José (Org). Op. Cit., 2010, p.56.

⁹² WILLEKE OFM. Op. Cit., 1956, p. 65 e Livro das Crônicas do Penedo I: 1903 – 1930, p.X.

princípios do século XX, mas hoje, nem é possível fotografar a fachada da sua igreja, pois ele perdeu o cone perspéctico.

Uma característica recente do adro, pode-se assim chamar, é a **distância entre a extremidade do passeio e a base do cruzeiro**, pois antes ele se expandia rumo à cidade de modo mais livre. O que muda em meados do século XX, quando o adro perde parte de sua área total e passa por “cortes” e fragmentações devido às remodelações na malha viária da cidade, redesenhada para os automóveis. Sem relações com o conjunto edificado, essa medida por vezes se aproxima, coincidindo com da largura da fachada da igreja (36%).

Por último, e tendo apresentado os pontos característicos, ou partes de conformação do que se considera o adro franciscano, segue como último produto deste capítulo um esquema do que viria a ser o **adro síntese**: o que cria o melhor cone, seja pela forma trapezoidal ou com ângulo de abertura bastante amplo, seja pelo aclave íngreme na direção do convento, ou mesmo pela “ausência de laterais”, podendo até possuir em um dos seus lados a divisa com a cerca conventual.

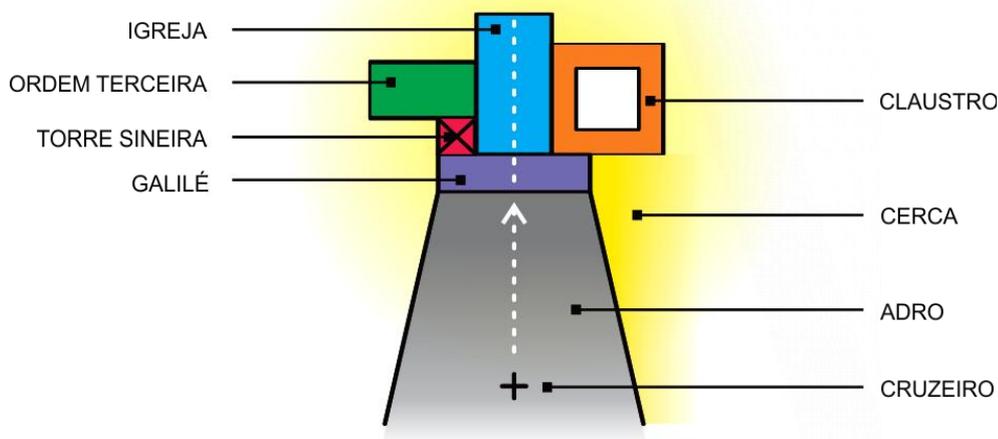
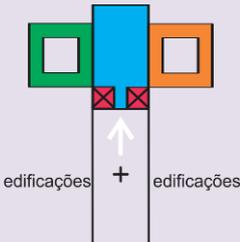
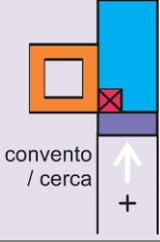
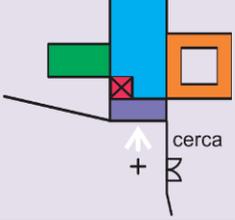
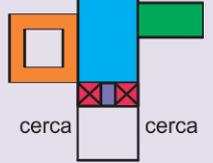
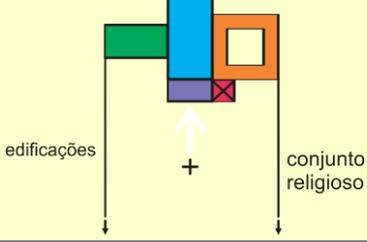
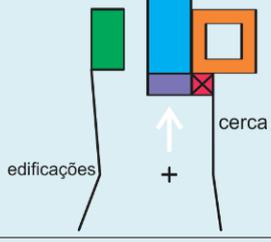
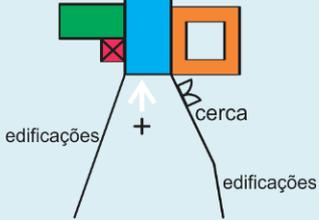


Figura 59: Esquema de adro ideal franciscano, baseado nos 14 adros da Escola Franciscana do Nordeste. Fonte: Produzido pela mestranda através das visitas técnicas realizadas durante o Projeto de Pesquisa “Memórias Franciscanas”, 2008 a 2012.

Tabela 2 | A métrica nos adros da Escola Franciscana do Nordeste. ⁹³

Convento	Distância entre a extremidade do passeio e a base do cruzeiro [m]	Largura da base do cruzeiro [m]	Largura da fachada da igreja [m]	Esquema do adro
Convento de Santo Antônio - João Pessoa	27,43	3,05 (8)	20,70	
Convento de Santo Antônio - Ipojuca	10,10	1,40	10,77	
Convento de Santo Antônio - Igarassu	3,70	5,31	10,40	
Convento Nossa Senhora das Neves - Olinda	32,65	6,10 x 6,50	10,55	
Convento de Santo Antônio - Recife	4,74	1,53	15,37	
Convento de Santo Antônio - Sirinhaém	16,92	2,14	14,66	
Mosteirinho - Pau d'Alho	-	-	-	

⁹³ Os croquis são meramente ilustrativos embora guardem certa proporção com a volumetria das edificações. Só foram representados os blocos que guardam relação com o adro, e não todo o complexo conventual.

Convento de São Francisco - Salvador	42,28	5,50	28,05	
Convento de Santo Antônio - Paraguaçu	18	3,50 (d)	17,85	
Convento de Santo Antônio - Cairú	17,45	1,44	16,85	
Convento de Santo Antônio - São Francisco do Conde	36,30	(não tem cruzeiro)	20,40	
Convento de Bom Jesus - São Cristóvão	28,60	3,40 (6)	-	
Convento de Santa Maria Madalena - Marechal Deodoro	0,55	2,58 x 2,78	15,35	
Convento de Nossa Senhora dos Anjos - Penedo	5,05	2,70	19,34	

Fonte: Produzido pela autora através das visitas técnicas realizadas durante o Projeto de Pesquisa “Memórias Franciscanas”, 2008 a 2012.

Tabela 3 | Situação geral convento - sítio dos 14 conventos franciscanos do Nordeste.

	Alagoas		Pernambuco						Paraíba	Bahia				Sergipe	
UF	Marechal Deodoro	Penedo	Sirinhaém	Ipojuca	Igarassu	Olinda	Recife	Pau d'Alho	João Pessoa	Cairu	Paraguaçu	Salvador	São Francisco do Conde	São Cristóvão	
Denominação	Santa Maria Madalena	Nossa Senhora dos Anjos	São Francisco	Santo Antônio	Santo Antônio	Nossa Senhora das Neves	Santo Antônio	São Francisco	Santo Antônio	Santo Antônio	Santo Antônio	São Francisco	Santo Antônio	Bom Jesus	
SITUAÇÃO GERAL															
Orientação F. frontal igreja	Sul	Noroeste	Sudeste	Noroeste	Sudoeste	Leste	Sudeste		Sudoeste	Leste	Oeste	Noroeste	Noroeste	Oeste	
Implantação topográfica															
Terreno	Em declive	Com declive	Em declive	Em declive	Em declive	Em declive	Em leve declive	Em declive	Em declive	Em declive	Em declive	Em declive	Em declive	Em declive	
Massas de água próximas	Lagoa Manguaba	Rio São Francisco	Rio Sirinhaém	Rio Ipojuca	Rio Igarassu	Oceano Atlântico	Oceano Atlântico e Rio Capibaribe	Riacho não identificado	Rio Paraíba do Norte	Canais e braços do mar	Baía do Iguape, no Rio Paraguaçu	Oceano Atlântico	Baía de todos os Santos	Rio Paramopama	
Vegetação	Cerca	Cerca	Cerca	Cerca	Cerca	Cerca	Hoje desaparecida	Entorno	Cerca	Cerca	Entorno	Cerca	Cerca	Cerca	

Fonte: Produzido pela autora através das visitas técnicas realizadas durante o Projeto de Pesquisa "Memórias Franciscanas", 2008 a 2012.

Tabela 4 | Quadro Síntese das características físicas dos adros franciscanos do Nordeste.

Estado	Alagoas		Pernambuco						Paraíba	Bahia				Sergipe
Município	Marechal Deodoro	Penedo	Sirinhaém	Ipojuca	Igarassu	Olinda	Recife	Pau d'Alho	João Pessoa	Cairú	Paraguaçu	Salvador	S. Francisco do conde	São Cristovão
PREFIL DOS ADROS FRANCISCANOS DO NORDESTE														
Convento	Sta Maira Madalena	N Sra dos Anjos	Sto Antônio	Sto Antônio	Sto Antônio	N Sra das Neves	Sto Antônio	–	Sto Antônio	Sto Antônio	Sto Antônio	São Francisco	Sto Antônio	São Francisco
Alteração de área	Perda de área / cortado por vias	Perda de área / cortado por vias	Perda de área; via de acesso ao convento	Perda de área para via de acesso ao convento	Dimensões originais de sua área	Perda de área / cortado por vias	Perda total de área / cortado por vias	Dimensões originais de sua área	Possível perda de área para via frontal	Cortado por vias	Dimensões originais de sua área	Perda de área / cortado por vias	Descaracterizado como adro	Dimensões originais de sua área
Piso atual	Calçado em pedra / parte em terra batida	piso intertravado	Calçado em pedra / parte em terra batida	Calçado em pedra	Todo em terra batida	todo em pedra	todo em pedra	Terra batida e mato	todo em pedra (2 tipos)	todo em pedra / área p jardim	Terra batida e mato	todo em pedra	Gramado com caminho em pedras	todo em pedra
Entorno (laterais)	Casario estilo colonial, cerca conventual	Casario colonial e em estilos diversos, Matriz, cerca conventual	Escola, associação comunitária, cerca conventual	Casario em estilos diversos, cerca conventual	Casario histórico estilo colonial, cerca conventual	Casario histórico colonial em estilos diversos	Prédios históricos, canais rio – mar, praça, centro urbano	Inserido numa fazenda, sem prédios próximos	Casario histórico em estilos diversos, cerca conventual	Casario histórico e em estilos diversos, Matriz, cerca conventual	Sem prédios no entorno próximo	Casario histórico estilo colonial, Terreiro de Jesus	Casario histórico colonial, algumas residências comuns	Casario colonial, antigos Palácio e Casa de Misericórdia
Vegetação	Demarcação de antigo jardim / s. vegetação	Jardim / duas palmeiras	Demarcação de jardim / árvores frondosas	Jardim gramado / arbustos	Ausente	Mato existente na base do cruzeiro	Árvores frondosas após muro do adro	Bastante mato tomou conta do prédio	Uma árvore frondosa	Jardim / uma árvore	Mato que tomou conta	Ausente	Jardim / seis palmeiras	Uma árvore frondosa
Formato	Trapezoidal	Trapezoidal	Trapezoidal	Aberto / Transversal	Trapezoidal	Trapezoidal	Hoje trapezoidal	Aberto, sem laterais	Trapezoidal	Aberto / Trapezoidal	Retangular	Retangular	Retangular	Retangular
Topografia	Suave aclave p. cidade	Escalonado p. cidade	Inclinado p. convento	Inclinado p. convento / c. escadarias	Suave aclave p. cidade	Inclinado p. convento / c. escadaria	Plano	Inclinado p. convento	Suave aclave p. convento	Inclinado p. convento	Escalonado p. convento	Plano	Plano	Plano
Mobiliário	Bancos / Luminárias Bancos /	Luminárias	Bancos / Luminárias	Escada	–	Escada	–	–	Bancos	Banco / Lixeira / Mastro p. bandeiras	–	Mesas e cadeiras de comércio próximos	Luminárias	Bancos e Lixeiras num canto do adro
Feição de Praça														
Sítio histórico														
Tombado														

Fonte: Produzido pela autora através das visitas técnicas realizadas durante o Projeto de Pesquisa “Memórias Franciscanas”, 2008 a 2012.

Tabela 5 | Quadro Síntese dos cruzeiros inseridos nos adros franciscanos do Nordeste.

Estado		Alagoas		Pernambuco					Paraíba	Bahia				Sergipe	
Município		Marechal Deodoro	Penedo	Sirinhaém	Ipojuca	Igarassu	Olinda	Recife	Pau d'Alho	João Pessoa	Cairú	Paraguaçu	Salvador	S.Francisco do conde	São Cristóvão
PERFIL DOS CRUZEIROS FRANCISCANOS DO NORDESTE															
Foto atual	Contexto														
	Perfil													----	
Conservação	Bom														
	Médio														
	Incompleto														
Localização		Eixo da igreja	Deslocado	Eixo da igreja	Eixo da igreja	Eixo da igreja	Eixo da igreja	Eixo da igreja	Eixo da igreja	Eixo da igreja	Eixo da igreja	Eixo da igreja	Eixo da igreja	----	Eixo da igreja
Material	Base	Pedra	Pedra	Pedra	Pedra	Pedra	Pedra	Pedra	----	Pedra	Pedra	Pedra	Pedra	----	Pedra
	Cruz	Pedra	Pedra	Pedra	Pedra	Pedra	Pedra	Pedra	Madeira	Pedra	Madeira	Madeira	Pedra	----	Pedra
Adornos		Ausente	Baixo relevo	Ausente	Ausente	Esculpido	Esculpido	Baixo relevo	Ausente	Esculpido	Esculpido	Esculpido	Esculpido	----	Esculpido
Base	Contorno	Retangular	Retangular	Retangular	Retangular	Retangular	Retangular	Retangular	----	Octogonal	Retangular	Circular	Retangular	----	Hexagonal
	Bulbosa														
	Escalonada														
Ligação base - Cruz		Elemento piramidal	Elemento piramidal	Elemento escalonado	Elemento piramidal	Elemento bulboso	Elemento bulboso	Simples, s. adornos	----	Aves esculpidas	Simples, s. adornos	Simples, s. adornos	Elemento bulboso	----	Elemento bulboso
Coroamento - Cruz		Sólido retangular	Reto / simples	Reto / simples	Reto / simples	Bulboso	Esculpido	Reto / simples	Reto / simples	Sólido retangular	Esculpido	Coroamento ausente	Esculpido	----	Esculpido
Tombado			Réplica											----	

Fonte: Produzido pela autora através das visitas técnicas realizadas durante o Projeto de Pesquisa "Memórias Franciscanas", 2008 a 2012.

2

... Algumas vezes cidades diferentes sucedem-se no mesmo solo e com o mesmo nome, nascem e morrem sem se conhecer, incomunicáveis entre si.

Cidades invisíveis. Ítalo Calvino

2.

OS DOIS ADROS FRANCISCANOS DE ALAGOAS

Alagoas, enquanto parte austral da Capitania de Pernambuco, foi contemplada com a presença de dois conventos construídos quase que em paralelo com os povoados em formação, as atuais cidades de Marechal Deodoro e Penedo. Fundados em mesma data, 1659,⁹⁴ posteriormente à construção das igrejas matrizes⁹⁵, ou seja, das primitivas capelas que supostamente originariam as igrejas matrizes no século XVII, ambos contribuíram para o desenho do tecido urbano que se encontrava em desenvolvimento. Cada um a seu modo, venceu o território primitivo, moldando-se à topografia local, delimitando a trama urbana e convidando o casario para formar novos arruados.

2.1 A Ordem Franciscana em Alagoas

Em território alagoano, ao tempo pernambucano, o processo de evangelização realizado pelos frades foi iniciado no período da Custódia de Santo Antônio do Brasil (1585 - 1621). Frei Venâncio Willeke aponta que “foram os franciscanos os primeiros que se estabeleceram nas Alagoas depois de nelas terem penetrado, desde a missão do Una [ou Iguna].”⁹⁶

Posteriormente, outra missão seria organizada sob o primeiro mandato como custódio do Frei Leonardo de Jesus, eleito no ano de 1593, assim que ele sucedeu Frei Melchior de Santa Catarina, padre e fundador dessa Custódia em Olinda.⁹⁷

Isso possibilitou que os frades franciscanos liderados por Frei Antônio do Campo Maior rumassem para Porto de Pedras⁹⁸, no sul da Capitania de Pernambuco e região norte do futuro Estado de Alagoas, onde possivelmente entre os anos de 1594 a 1597, fundaram um hospício dedicado à padroeira Nossa Senhora das Vitórias, e se propuseram a catequizar os índios aldeados deste lugar.⁹⁹ Ainda sobre a missão do Porto de Pedras, Frei

⁹⁴ De acordo com MÉRO (1994), FONSECA, (1874) e JABOATÃO OFM (1862).

⁹⁵ Cabe lembrar que a atual igreja matriz, tanto a de Penedo quanto a de Marechal Deodoro, foi (re)edificada no suposto lugar onde provavelmente já existia a freguesia com uma capela primitiva, contudo, não foi possível precisar a data de criação da mesma, em ambas as cidades. Em Santa Maria Madalena, atual Marechal, no ano de 1654 havia um vigário confirmado pela Coroa para atender a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, que teve de reconstruir a sua primitiva matriz destruída pelos holandeses ao tempo da invasão batava à Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul, em 1633. (SANT'ANA, 1970, p. 11) Em Penedo, a atual matriz teve o início de sua construção no ano de 1690, em uma freguesia que já existia ali sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário. (VALENTE, 1957, p.56)

⁹⁶ A doutrina de São Miguel do Una se deu em aldeia próxima ao Rio Iguna, localizada ao sul e distante vinte léguas do município pernambucano. Sem uma data precisa de fundação, Frei Venâncio estima, através de documentos e acontecimentos contemporâneos à missão, que a mesma já existia em fins de 1593. (WILLEKE OFM, Frei Venâncio. Missões franciscanas no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 1978, p.37-40)

⁹⁷ ILHA OFM, Frei Manuel da. Op. Cit., 1621, p.21 e p.93.

⁹⁸ Segundo os relatos seiscentistas de Frei Manoel da Ilha: “A aldeia chama-se Porto das Pedras; fica na Capitania de Pernambuco, a dez léguas da povoação de Iguna, na parte meridional.” (1621, p.93)

⁹⁹ WILLEKE OFM. Op. Cit., 1978, p.40 e p.84.

Venâncio Willeke expõe: “à medida que os silvícolas se iam convertendo e civilizando, chegavam também colonos para povoar aquela região.” (1978, p.41)

Com relação às razões da escolha do sítio para a fundação dos estabelecimentos missionários nas aldeias, consideravam-se as distâncias percorridas entre os mesmos, e devido ao fato do número insuficiente de frades para atender aos constantes pedidos de novas obrigações, Frei Willeke comenta:

Fundavam-se hospícios e igrejas em posições centrais entre várias aldeias, de modo que os religiosos pudessem visitar as suas missões regularmente e os aldeados, em caso de urgência, pudessem recorrer ao centro da missão, onde nunca faltavam padres.¹⁰⁰

Ao tempo da elevação da custódia de Santo Antônio à categoria de província autônoma, em 1657, as ações missionárias dos frades nos aldeamentos encontravam-se paralisadas. Uma das principais razões foi o domínio holandês que tomou posse de todos os conventos existentes entre Paraíba e Pernambuco. No entanto, as admissões para a fábrica de novos edifícios conventuais não se paralisaram, e a observância da vida religiosa em comunidade pode, de algum modo, com eles persistir.

Paralelamente, os feitos franciscanos continuaram a contemplar as terras que hoje conformam o Estado de Alagoas, e mesmo na presença de conflitos que ainda ocorriam na então Capitania de Pernambuco, os frades permaneceram encarregados de incumbências religiosas e prosseguiram tanto pelo seu litoral como também adentraram o sertão, às margens do Rio São Francisco. É por meio dessas novas incursões seráficas, que tempos depois, quando expulsos os invasores batavos, o movimento religioso se revigora de Pernambuco à Bahia com a reconstrução de casas conventuais franciscanas pelo Nordeste.

Isso possibilitou que duas das três vilas genitoras do Estado de Alagoas, que anteriormente já haviam recebido os franciscanos em missões, fossem novamente contempladas com o retorno deles e deste modo fosse consentida a instalação de duas casas seráficas.

Em 1657, foram aceitas as petições para a construção dos dois conventos franciscanos; em ambas as vilas, os pedidos foram de iniciativa das populações locais e os terrenos para as suas fundações foram doados pela Câmara. Incumbidas da catequese, mas também de incentivar a vida urbana, instalaram-se as casas seráficas nos núcleos urbanos de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul e do Penedo do São Francisco.

¹⁰⁰ WILLEKE OFM, Frei Venâncio. Op. Cit., 1978, p.62.

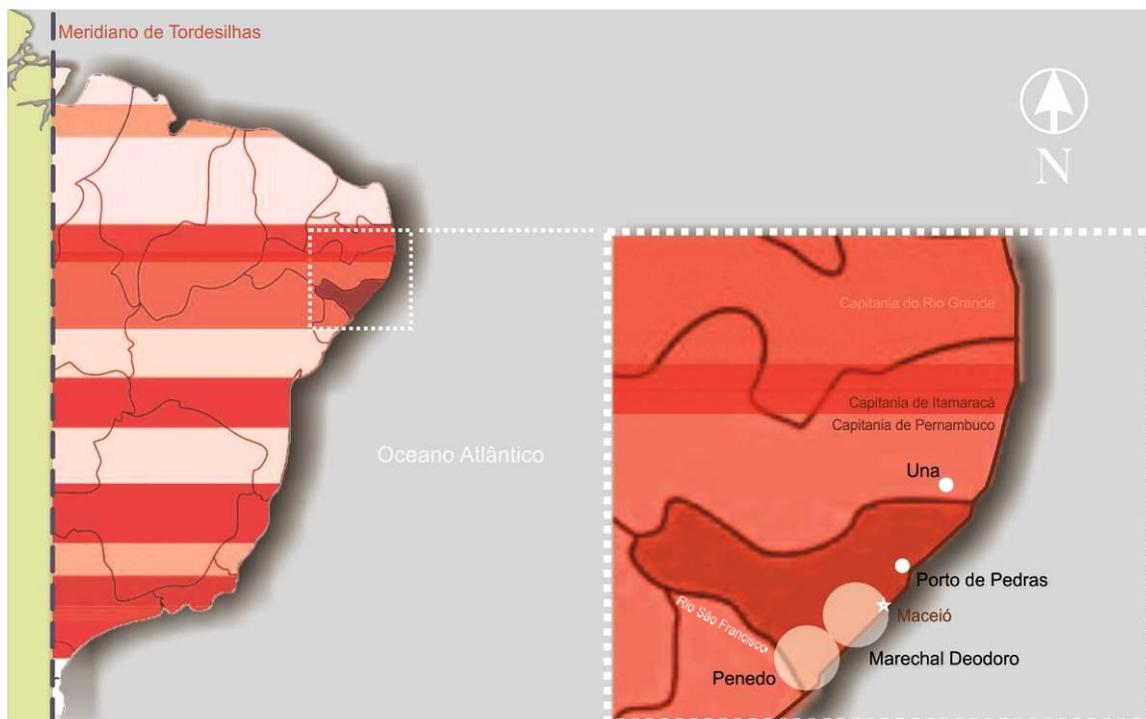


Figura 60: Representação geográfica das capitânicas com a localização das três missões franciscanas administradas em terras alagoanas, das quais duas se concretizaram em conventos franciscanos. Fonte: WILLEKE, 1978, p.42. Adaptação da autora, 2012.

Com a implantação dos dois edifícios conventuais franciscanos, estes mantiveram uma interação cotidiana com a população das duas vilas, já mencionadas, por meio das atividades de cunho religioso e do aporte assistencial sociorreligioso, pois as casas reuniam um programa complexo, com igrejas, oficinas, biblioteca, áreas de cultivo e de socialização nos seus adros, constituindo-se em um conjunto essencial para a vida urbana.

Tal aproximação fez com que os conventos alcançassem grande significação religiosa, administrativa, sociocultural, atuando “também na formação mental dos jovens das regiões centro e norte das Alagoas”.¹⁰¹ Ainda referindo-se às funções assistencialistas destas duas casas seráficas, Méro menciona: “Com muita razão afirmara o Mestre Dr. Alberto Duarte: ‘Alagoas teve uma formação cultural monacal’.” Ambos, Santa Maria Madalena (Marechal Deodoro) e Nossa Senhora dos Anjos (Penedo), foram centros para além dos préstimos religiosos, onde, por intermédio dos franciscanos, ministravam-se aulas gratuitas de gramática, francês e filosofia:

Há taõbem neste convento classe de Grammatica para os Filhos dos Moradores, em beneficio seo, e sem estipeudio algum, e teve principio no anno de 1719, nomeando-se no Capitulo de trinta de Dezembro daquelle anno o seu primeyro Mestre, e se continua athe o presente [1862].¹⁰²

¹⁰¹ MÉRO, Ernani Otacílio. Op. Cit., 1994, p.37.

¹⁰² JABOATÃO OFM, Antônio de Santa Maria. Op. Cit., 1862, p. 611-612.

2.2 O convento da Vila de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul

Às margens da Lagoa Manguaba, não muito distante do Porto dos Franceses¹⁰³, a Vila de Santa Maria Madalena configurou-se em estratégico povoado, destacando-se como principal ponto de escoamento da produção açucareira dos engenhos da região.¹⁰⁴

Segundo Ferrare (2006, p.206), a princípio, o foco de povoamento é organizado na aglomeração urbana de Taperaguá (A), área de planície às margens da lagoa composta por várzeas e canais. “Porém, o adensamento populacional veio a transferir-se, tendo firmado-se urbanisticamente, de modo mais estruturado, em local bem elevado acima da cota nível da Lagoa Manguaba”. Ele moveu-se para onde hoje está situada a Matriz de Nossa Senhora da Conceição (B), provavelmente, motivado por fatores ligados às “melhores condições de salubridade e de defesa contra os recorrentes invasores franceses e holandeses”¹⁰⁵.

A topografia de Taperaguá – que é uma planície em volta do Rio Sumaúma e da Lagoa Manguaba, as enchentes e o frio no inverno fizeram com que parte dos moradores da Vila do Sumaúma procurassem um lugar mais alto e lá se fixassem, prevalecendo também a necessidade de se instalarem em lugares mais altos para observarem os possíveis inimigos.¹⁰⁶

Também de acordo com Ferrare (2006, p.102), durante seu processo de urbanização, seus dois focos de ocupação tiveram seus respectivos sítios de implantação referendados pelo “partido triádico”, composto por: templo, “casas em correnteza” e adro. Essa composição urbanística que se desenvolve em torno de um adro com ascendência imagética da localização do templo ou do complexo religioso, depois, também será característica nos sítios urbanos dos conjuntos franciscano (C) e carmelita (D).

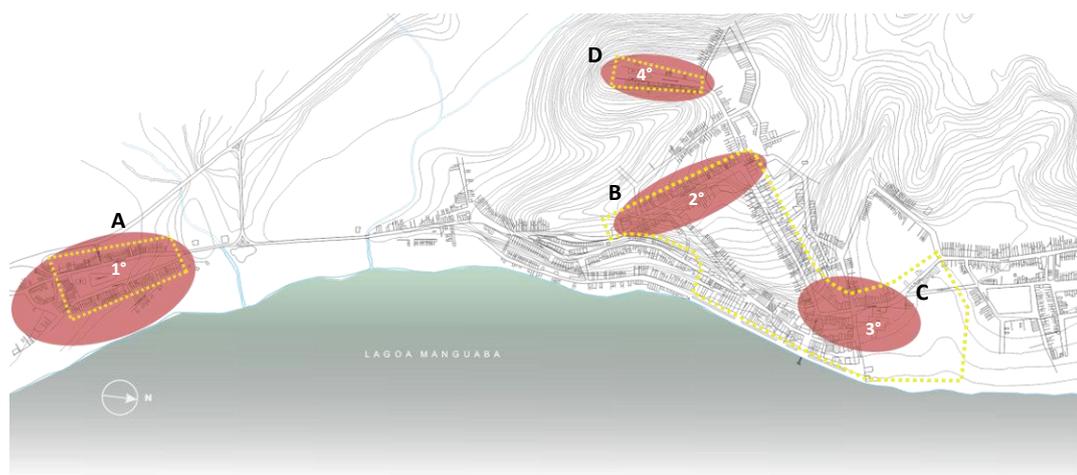


Figura 61: Mapa da atual sede urbana de Marechal Deodoro com 4 dos seus núcleos de povoamento, em ordem cronológica: Taperaguá (A), Matriz-Rosário (B) e conjuntos franciscano (C) e carmelita (D). Destaca-se também os 3 perímetros de tombamento que contemplam todos os núcleos citados, cada um com seu adro. Fonte: Planta cadastral da Prefeitura de Marechal Deodoro, 2008. Adaptação da autora, 2012.

¹⁰³ Local invadido por franceses com a finalidade de contrabandear o pau-brasil, o que ilustra o seu nome. Atualmente é conhecida como Praia do Francês, umas das atrações turísticas mais significativas do Estado.

¹⁰⁴ FERRARE, J. Marechal Deodoro: um itinerário de referências culturais. Maceió: Edições Catavento, 2002, p.25

¹⁰⁵ FERRARE, Ibid, 2002, p.53.

¹⁰⁶ HELENO, Sebastião. Marechal Deodoro, a primeira capital de Alagoas. Maceió: s. ed., 2002, p.56.

As iconografias a seguir, *Alagoae ad Austrum* (a) e *Pagus Alagoae Austrails* (b) ¹⁰⁷, são registros desta época em que a Capitania de Pernambuco foi de domínio holandês, e Madalena do Sumaúma enquanto povoação desta capitania foi saqueada e incendiada por eles em 1633. Elas foram produzidas por Frans Post e mostram os indícios da conformação urbana da Vila de Santa Maria Madalena no platô onde encontra-se a atual matriz. ¹⁰⁸

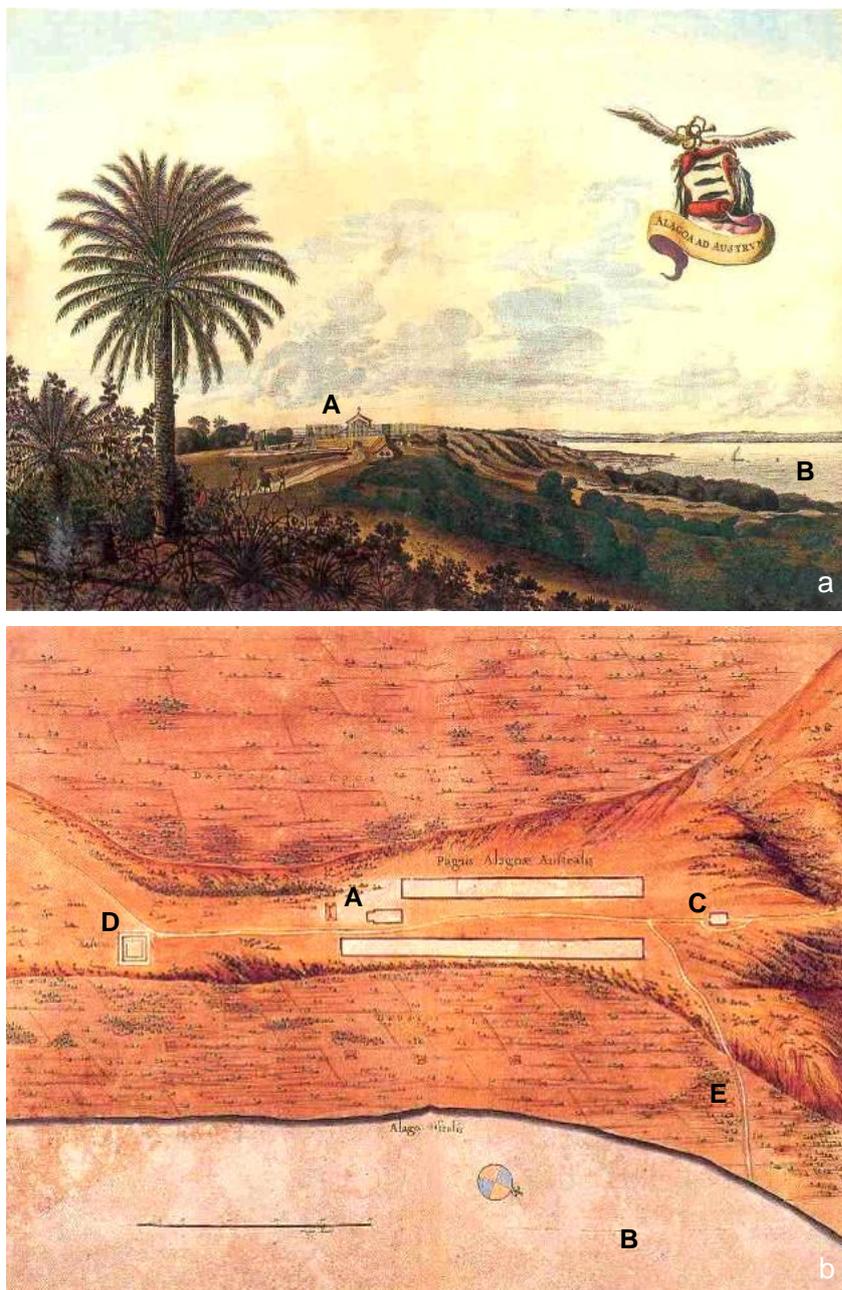


Figura 62: As ilustrações batavas mostram: em vista, edificação primitiva religiosa (A) na parte alta próxima à Lagoa Maguaba (B); e em planta, a existência de um espaço extenso e amplo, um possível adro, que liga a Matriz (A) à Rosário (C), do Reducutos (D) e do caminho (E) rumo à lagoa citada antes. Adaptação em original.
Fonte: Barléu (1647), Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

¹⁰⁷ As duas iconografias (BARLAEUS, 1647, estampas 14 e 15) foram levantadas em Gaspar Barléu (1647), Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, CD-ROM.

¹⁰⁸ Em 2006, Reis Filho refere-se a esta localidade como um dos dois mais importantes documentos paisagísticos de Marechal Deodoro para a história do urbanismo no Brasil: "a praça de origem da vila, com a forma original do período 1611-1636". Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/pesquisa.do>, com a matéria intitulada: IPHAN tomba Marechal Deodoro com Patrimônio Histórico Nacional.

A mais antiga representação gráfica conhecida de Santa Maria Madalena são duas gravuras holandesas datadas de 1636, ano em que, após a invasão holandesa, este núcleo foi elevado à condição de vila. Estas permitem avaliar a fase seiscentista da atual cidade de Marechal Deodoro. É possível identificar alguns dos elementos embrionários da fundação deste assentamento urbano, os templos religiosos com seus adros e equipamentos ainda hoje existentes: Igreja de Nossa Senhora da Conceição (A) e Igreja de Nossa Senhora do Rosário (B), caminho para a lagoa (C), ancoradouro (D). Estes pontos registrados nos possibilitam conjecturar sobre a trama urbana da vila e seu processo de crescimento urbano, além da possibilidade de localizar o seu convento franciscano, objeto de estudo, que foi hipoteticamente inserido à iconografia histórica abaixo.



Figura 63: Infográfico sobre a gravura de Frans Post mostra possível localização do convento franciscano. Fonte: BARLÉU (1647). Adaptação da autora, 2012.

A feição geométrica de implantação, em especial o espaço que define o arruamento entre as edificações religiosas, impressiona por suas dimensões e regularidade. Localizou-se ali também o prédio da Casa de Câmara e Cadeia, construído no ano de 1850.

A partir deste adro o núcleo histórico da cidade de Marechal Deodoro desenvolveu-se e hoje, encontra-se ainda fisicamente de forma bastante similar. As ruas antigas permanecem como as principais da cidade, apenas com novos nomes, bem como seus adros e igrejas – Matriz Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Amparo, Convento, Igreja e Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, Igreja de Santa Maria Madalena, Convento e Ordem Terceira de São Francisco –, passíveis de comparação, espacial e temporal¹⁰⁹.

Continuando com os movimentos de ocupação, esse eixo de direcionamento desceu no sentido da Lagoa Manguaba, e conduziu o crescimento espacial da vila em direção ao convento franciscano.



Figura 64: Vista panorâmica do centro histórico de Marechal Deodoro pontuada por algumas de suas igrejas e seus adros: Carmo, Matriz-Rosário, Conjunto Franciscano. Adaptação em original. Fonte: FERRARE, Josemary In: PESSÔA e PICCINATO (orgs.) 2007, p. 126. Adaptação da autora, 2012. Foto do conjunto religioso franciscano, autora, 2007.

¹⁰⁹ Ferrare (2002, p.54) considerando os estudos comparativos referentes ao desenvolvimento da história urbanística de Marechal Deodoro, cria o termo “polígono sacro” para descrever uma figura poligonal conformada pela disposição das 4 edificações religiosas que se utiliza como referência, são elas: Matriz Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Amparo, Convento de São Francisco e suas duas igrejas.

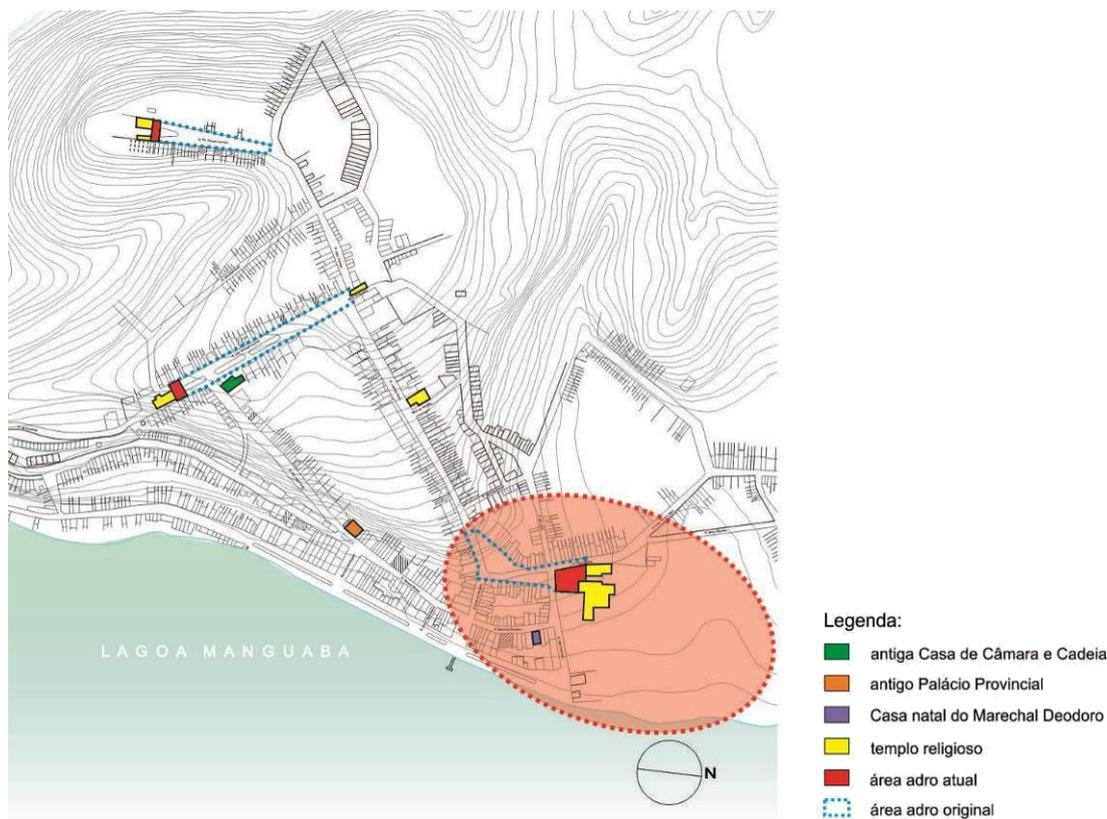


Figura 65: Mapa destaca os adros com suas igrejas inseridos na malha urbana atual da cidade de Marechal Deodoro, demarcando as antigas áreas correspondentes aos adros e o que delas restou no hoje. Fonte: Planta cadastral da Prefeitura de Marechal Deodoro, 2008. Adaptação da autora, 2012.

Ernani Méro¹¹⁰ descreve que os primeiros religiosos da ordem franciscana vieram para Alagoas do Sul em 1635, fugidos das invasões batavas no território da Capitania de Pernambuco, e fundaram um recolhimento com oratório provisórios. Mesmo parte desse grupo tendo permanecido no local, em menos de um ano, todos os religiosos haviam partido de vez para Bahia.

Frei Jaboação revela que, passados mais de vinte anos, os frades retornam para Alagoas a fim de nela residirem e edificarem convento. A princípio, sem comodidade e sem terras, estes nada podem fazer, restando-lhes construir um novo recolhimento com igreja, ato consentido pela Irmandade da Conceição da Matriz, dona do terreno. Somente em 1684, após resolução da escritura do sítio que já ocupavam, é que se tem iniciada a obra do referido convento quando é lançada “a primeyra pedra no alicerce dos [seus] corredores”.¹¹¹

Está situado no mesmo lugar do Recolhimento no fim das ruas da Villa, à parte do Norte, na bayxa sobre as margens da Alagoa, com muro de pedra e cal, ficando-lhe a porta que chamão do carro, junto á praya, e combro¹¹² da arêa, que por ella corre.¹¹³

¹¹⁰ MÉRO, Ernani Otacílio. Op. Cit., 1994, p.31.

¹¹¹ JABOATÃO OFM, Antônio de Santa Maria. Op. Cit., 1862, p. 608.

¹¹² Segundo consta no léxico de autoria de Raphael Bluteau, combro viria a ser “hum altosinho de terra.” Hoje, o verbete apresenta-se com nova escrita: cômor, “pequena elevação isolada de terreno.” (<http://www.priberam.pt/dlpo/>)

¹¹³ Ibid. 1862, p. 608.

Conforme lembra Frei Jaboatão, o ponto de culminância onde se originou a vila não foi acessível aos franciscanos que se instalaram às margens da lagoa, em área de várzea com cotas baixas e possivelmente sujeita a alagamentos. Apesar dessas características, o local tinha como favorecimento a presença de cursos de água potável e porto com facilidade na entrada e saída da vila por via lagunar. Estima-se, devido a este benefício, além do cultivo de pomar e árvores frutíferas, o desenvolvimento de atividades criatórias em geral próximas à casa conventual. Contudo, cabe lembrar a submissão do processo de implantação do convento à topografia e aos cursos d'água, como já foi visto, possibilitando as tarefas de captação, adução, distribuição e evacuação das águas, o que era facilitado com a lagoa ao fundo da edificação.



Figura 66: Vista panorâmica de Marechal Deodoro localizando o convento. Fonte: SECULT, s/ data. Adaptação da autora em original, 2010.

Entretanto, em pouco tempo, mesmo tendo se localizado em sua origem no fim dos principais logradouros da vila, o convento foi envolvido pela malha urbana uma vez que ele estimulou o crescimento da mesma tanto em sua direção quanto como ponto de irradiação.

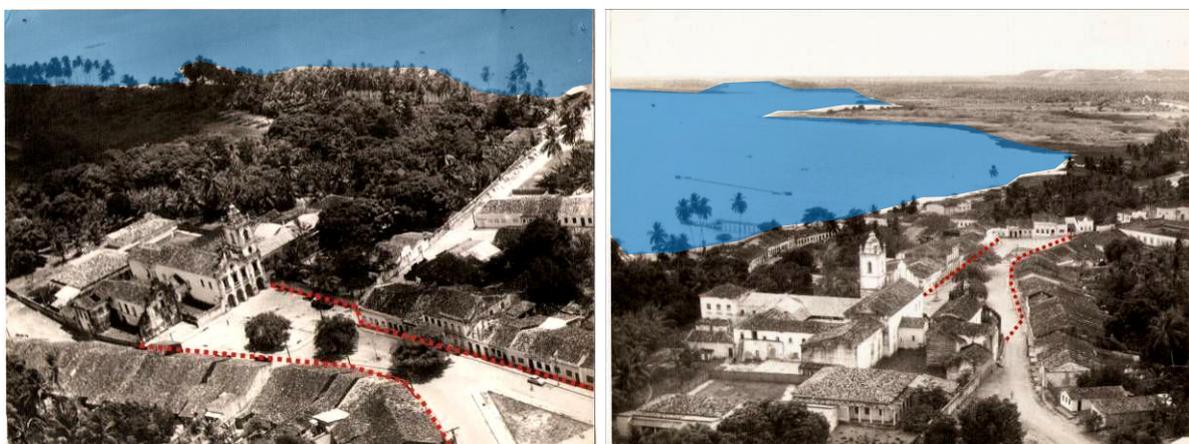


Figura 67: As vistas aéreas apresentam o complexo conventual franciscano destacado como marco visual da cidade de Marechal Deodoro, fato possibilitado pela amplitude do vazio do adro e do seu campo de visão. Fonte: SECULT, s/ data. Adaptação da autora em original, 2010.

2.2.1 O adro franciscano de Santa Maria Madalena

Na intenção de acompanhar e traçar um percurso, físico e temporal, do adro franciscano de Santa Maria Madalena, as fontes escritas revelaram pouco, justificando o uso das imagens, pois entende-se que elas também possam contar essa história.

A fim de organizar uma cronologia descrita que tem como foco o adro, muitos registros fotográficos recentes foram localizados, mas somente cerca de 30 foram selecionados, dos quais 15 constam neste tópico a fim de melhor expor visualmente esta significativa área. Por meio da leitura dessa documentação fotográfica, paralela à criação de infográficos, tornou-se possível que além das linhas do chão, e dos elementos compositivos deste espaço externo, as fachadas, as esquadrias e marcas do tempo nas edificações também servissem de parâmetro para montá-la.

Na falta também de uma documentação cartográfica mais constante, pois a mesma praticamente se reduz às fontes holandesas do século XVII, elegeram-se os registros fotográficos antigos para este trabalho realizado através da leitura destas imagens. Muitas delas foram localizadas após grande esforço de pesquisa, obtidas na Secretaria de Cultura do Estado de Alagoas, Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, em dissertações e teses, acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional, superintendências dos Estados de Alagoas e do Rio de Janeiro, Galeria Golbery Lessa (álbuns do Picasa), Arquivo Público do Estado de Alagoas e acervo pessoal de Wilson Lucena.



Figura 68: Momentos do adro de Santa Maria Madalena. Montagem produzida pela autora. Fonte: Galeria Golbery Lessa, s/data, disponível em <https://picasaweb.google.com/115963702313024985866/MarechalDeodoro>. SECULT, s/data. <http://www.panoramio.com/photo/5697022>, Romão, 2007. Autora, 2011.

1. A primeira imagem selecionada foi datada do início do século XX. Nela destacam-se com magnitude as igrejas pertencentes ao convento franciscano que compõem a “principal face” do adro de Santa Maria Madalena. Inicialmente, esse espaço configura-se sem elementos decorativos e “adornamentos urbanos”, sua beleza está na integridade como vazio defronte ao convento, tendo como único atributo físico o cruzeiro todo em cantaria.

Os demais elementos figuram de modo secundário neste quadro, as pessoas que nele aparecem são bem pontuais diante da monumentalidade da massa edificada conventual na paisagem citadina. Um primeiro registro de um extinto pórtico que surge dividindo a capela dos terceiros do restante do adro.

2. Na fotografia 2, também do começo dos noventa, o adro é apresentado com grande destaque. Conformando-se à *práxis* do urbanismo colonial lusitano, vê-se mantido de maneira aberta e livre, limitado somente pelo casario que o circunda, e estendendo-se muito adiante da igreja, como um imenso espaço vazio e de grande amplitude visual.

O enquadramento deu-se por meio de duas zonas de cores, “meio a meio”, com o foco visual no convento. Embora se veja menos as partes que compõem o complexo seráfico, laterais às igrejas, permite-se voltar o olhar também para as casas do entorno que arrematam a composição plasticamente colonial. Encontra-se exposto, além do cruzeiro que completa o conjunto franciscano, um mastro comemorativo típico das festividades de liturgia católica. Pode ser visto ainda um cavalo que descansa bem no meio deste espaço e revela um pouco do seu cotidiano abrigoando outros usos que não o religioso.

A vegetação presente na segunda imagem reduz-se a uma árvore frondosa que interfere na visualização total da massa edificada conventual – parte do frontispício e toda a torre sineira não podem ser contempladas –, e aparentemente vai de encontro ao propósito do adro que seria o possibilitar a vista completamente livre da fachada religiosa. Outro ponto observado é a “curva” que o adro franciscano faz subindo na direção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que segue sem interferências físicas. Com aparência gramada, o chão apresenta-se mais extenso do que o atual, no entanto, vê-se o mesmo muro com um pórtico à frente da Capela da Ordem Terceira, também mostrado na primeira foto.

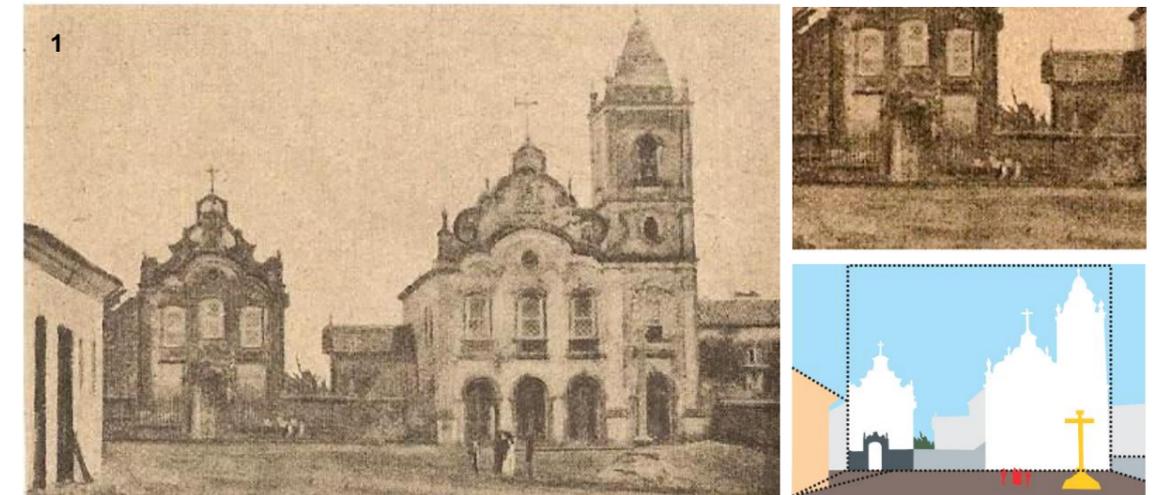


Figura 69: As feições primitivas do adro de Santa Maria Madalena no início do século XX. Fonte: COSTA, Craveiro. História das Alagoas - resumo didactico. Maceió: Sergasa, 1929; Rio de Janeiro: Companhia Melhoramentos, 1983, p. 128.

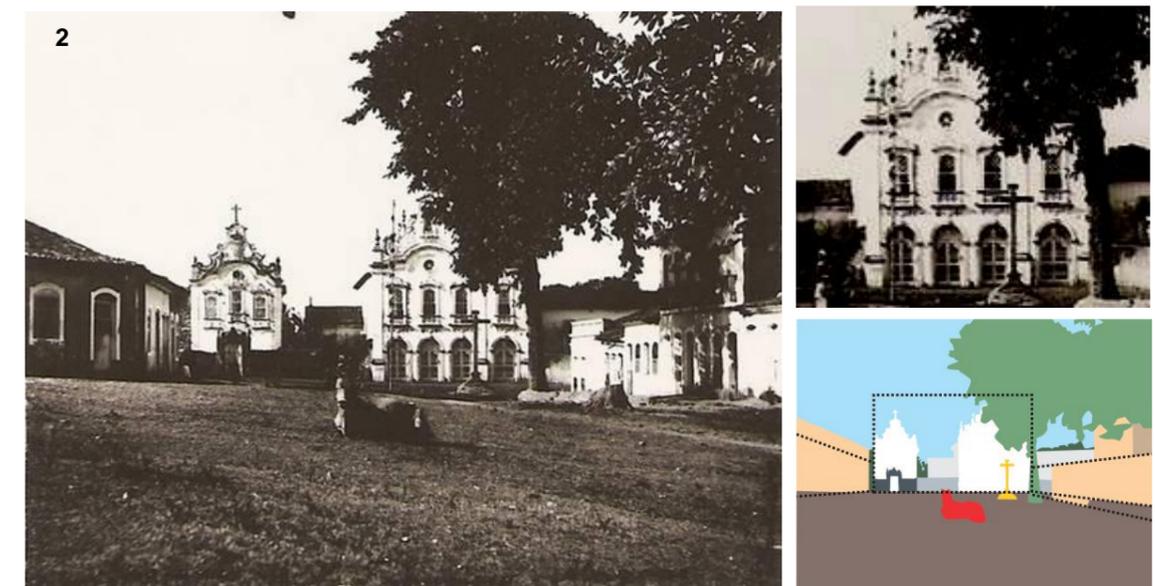


Figura 70: O adro de Santa Maria Madalena no início do século XX, ampla área livre da cidade. Fonte: Galeria Golbery Lessa, s/data. Disponível em <https://picasaweb.google.com/115963702313024985866/MarechalDeodoro>.



Figura 71: Dimensões do adro de Marechal quando concebidas conforme a leitura das fotos acima, em face dos limites de sua aera atual, também marcada na foto. Fonte: Infográfico elaborado pela autora, 2012.

3. Quanto à imagem 3, presume-se que seja de mesma época da anterior porque funciona quase como se realizasse um *close* dela, emoldurando as fachadas das igrejas em evidência e permitindo que se veja melhor os detalhes dos elementos que as compõem: as esquadrias de ambas as igrejas são passíveis de serem identificadas como do tipo guilhotina, sem linhas verticais, formadas de delicado rendilhado; o mastro, levantado em honra ao santo em comemoração, provavelmente a São Benedito, cuja a irmandade foi instituída no convento no ano de 1781 (SANT'ANA, 1970, p.31); e o pórtico que apresentava-se coroado por curvas e pináculos nas duas extremidades, ao modo do frontispício da Igreja da Ordem Terceira.

Praticamente único registro legível deste pórtico e sem informações sobre o mesmo nas fontes escritas, nada se pode conjecturar acerca desta intervenção a não ser que ele seja de fase muito posterior à conclusão das obras da capela dos terceiros, e possivelmente tenha sido erguido com o intuito de proteger o interior da mesma. Fato é que o muro avançava no adro, alinhado ao da igreja conventual, bloqueando o acesso ao interior do templo religioso. Conforme se verá a seguir, o muro e o pórtico foram retirados.

4. Na quarta fotografia, enquadrou-se novamente o adro com as suas laterais através de visada mais distante. Vê-se que a massa edificada – ao fundo, convento, e nas laterais, parte do casario circundante – cria uma linha horizontal invisível que a separa, o “cheio”, do céu, o “vazio”. É plausível que seja de fase posterior aos três primeiros registros por diferenciar-se deles em detalhes que serão tratados a seguir, mas possivelmente ainda datada da primeira metade dos novecentos.

Nela, presencia-se o conjunto franciscano como elemento central, avistando-se além dos templos religiosos, parte do bloco de celas do edifício conventual. O cruzeiro também se mostra presente, possivelmente posicionado no eixo da igreja, revelando-se na paisagem com delicadeza. Além disso, é possível visualizar uma porção da cerca conventual ao fundo, no canto esquerdo da capela dos terceiros.

Apesar de o adro continuar sendo todo em chão de terra batida e permanecer sem alterações quanto a sua extensão, há mudanças significativas no que se refere à sua “principal face”. A igreja conventual revela-se inteiramente pintada e com as 4 janelas da sua fachada, do coro e da torre sineira, trocadas por novo modelo, enquanto que a capela dos terceiros apresenta-se ausente do muro que divisava com o adro, como pode se observar nas imagens anteriores.

Algumas das casas aparecem sem alteração com relação à segunda imagem. Do mesmo modo tem-se a vegetação, reaparece a mesma árvore, contudo, ela agora não subtrai nenhum detalhe do edifício, do qual vê-se inclusive sua torre sineira.

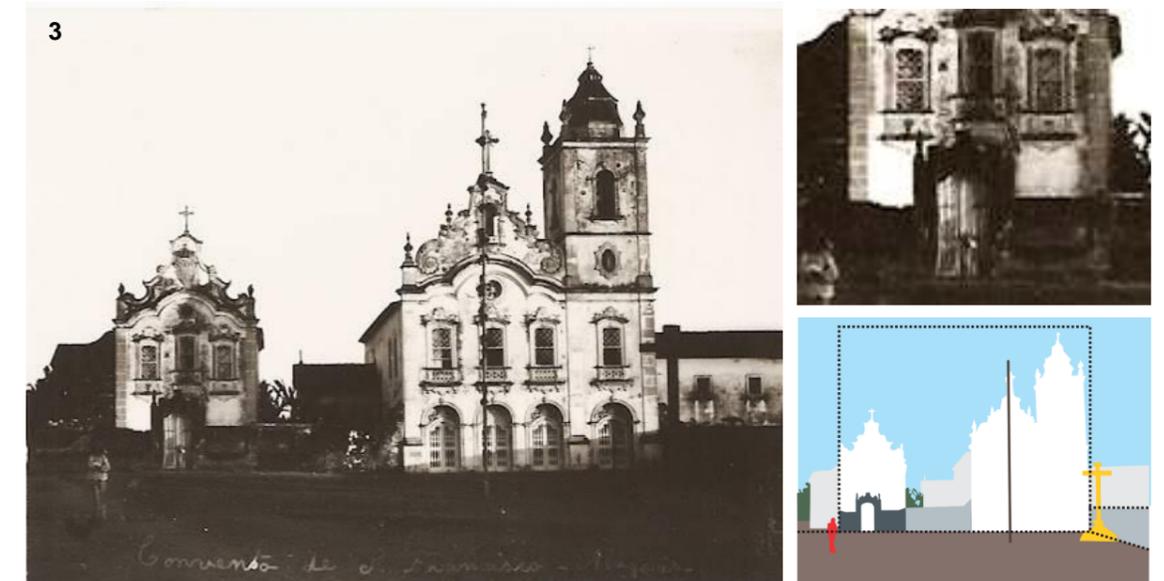


Figura 72: O adro de Santa Maria Madalena, no início do século XX, com antigo muro e seu pórtico. Fonte: Galeria Golbery Lessa, s/data. Disponível em <https://picasaweb.google.com/115963702313024985866/MarechalDeodoro>.

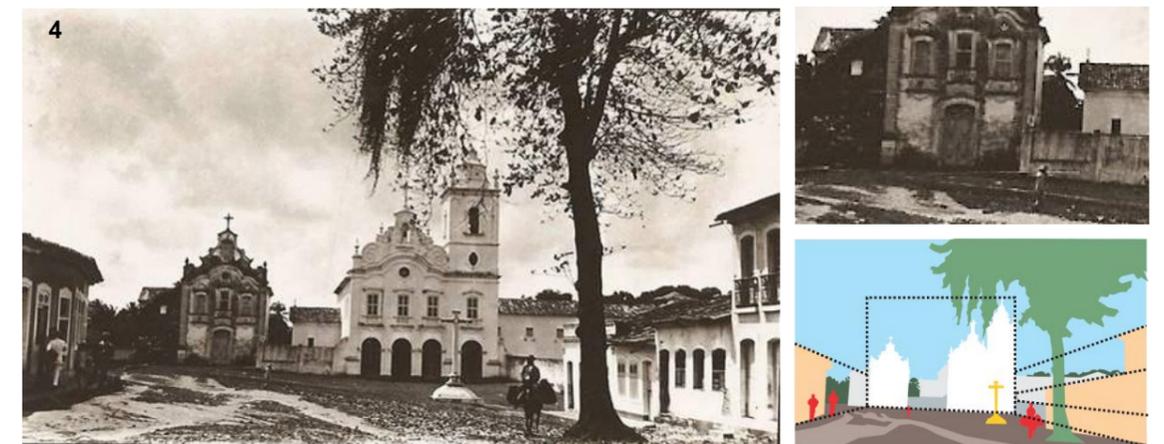


Figura 73: O adro, no início do século XX, sem o muro e pórtico que o divisava da capela dos terceiros. Fonte: Galeria Golbery Lessa, s/data. Disponível em <https://picasaweb.google.com/115963702313024985866/MarechalDeodoro>.



Figura 74: Infográfico baseado na Figura 73, quando já não mais existia o muro com o pórtico que criava um limite entre o adro e a Ordem Terceira e uma área restrita defronte a esta capela. Fonte: Autora, 2012.

Nota-se os caminhos espontâneos dos percursos traçados pelas pessoas. Apesar da ausência de pavimentação e da definição de calçadas, é possível ver a marcação dos locais mais trafegados. O transporte feito a cavalo também é registrado.

5. A próxima imagem é a primeira a apresentar data: 1953. Diferente das anteriores enquadra as igrejas e o adro, de modo que a massa edificada conventual domina a maior parte da cena, sem mostrar o entorno. Observa-se que nas fachadas das igrejas nada foi alterado, elas estão apenas mais enegrecidas, quando comparadas à foto anterior. No entanto, nota-se que a capela dos terceiros apresenta uma nova mureta, mais baixa e no mesmo alinhamento da que lhe precedeu, o do muro da igreja conventual, formando um pequeno adro particular. Com este retorno, o espaço em frente à capela que o adro havia conquistado é novamente perdido, conforme mostra o esquema iconográfico ao lado.

Apresenta-se gramado e sem calçamento, no entanto, a marca de acesso no chão se intensifica e parece mais larga, possivelmente deixada pelos poucos automóveis que começaram a andar pela cidade. Na paisagem que parece “desabitada”, novamente as pessoas são pontuais: os passantes parecem conduzidos pelos limites desse eixo viário que começa a se evidenciar próximo ao complexo conventual. No canto direito, o cruzeiro encerra a composição fotográfica de modo que ele se destaca sem “brigar” com as fachadas das igrejas. Cabe ressaltar o fato de ser esta a primeira fotografia localizada da qual foi possível identificar o autor: Luís Saia. Esta autoria também justifica as razões da foto: o registro para o antigo SPHAN. Deste fato pode-se também justificar o enquadramento da imagem.

6. Na fotografia ao lado, também da década de 1950¹¹⁴, tem-se mais uma vez o enquadramento do adro com forte apelo para as igrejas do complexo franciscano. A igreja de Santa Maria Madalena permanece inalterada em seus elementos compositivos, enquanto que a capela dos terceiros mostra-se com novo fechamento das 3 janelas do coro, folhas duplas de madeira almofadadas, semelhantes a da porta principal deste templo. A mureta que já se apresentava na fotografia anterior, agora pode ser melhor observada. Vê-se que é vazada e similar a uma balaustrada, possuindo elementos decorativos tanto no vão de acesso à capela quanto nas suas terminações. Apesar da pouca altura, mostra-se pesada e não dialoga plasticamente com a fachada da Ordem Terceira de frontispício rococó composto por curvas e contracurvas. Vê-se também a delimitação das calçadas, acima do nível do chão, avançando no espaço do adro que permanece gramado e com trechos em terra batida, onde há tráfego de pessoas e quiçá de automóveis.

¹¹⁴ Neste caso, também temos o benefício das fontes. A imagem foi publicada por Germain Bazin, escritor francês e historiador de arte, percorre o Brasil investigando o barroco religioso nacional. Andando pelas diversas regiões do país, o pesquisador analisará de maneira metódica a arquitetura religiosa franciscana que modela a paisagem edificada de algumas cidades do Nordeste. Dentre as casas seráficas situadas entre os Estados da Paraíba e da Bahia, Bazin visitará as duas que foram implantadas em Alagoas e deste modo fará além de anotações e croquis, registros fotográficos.

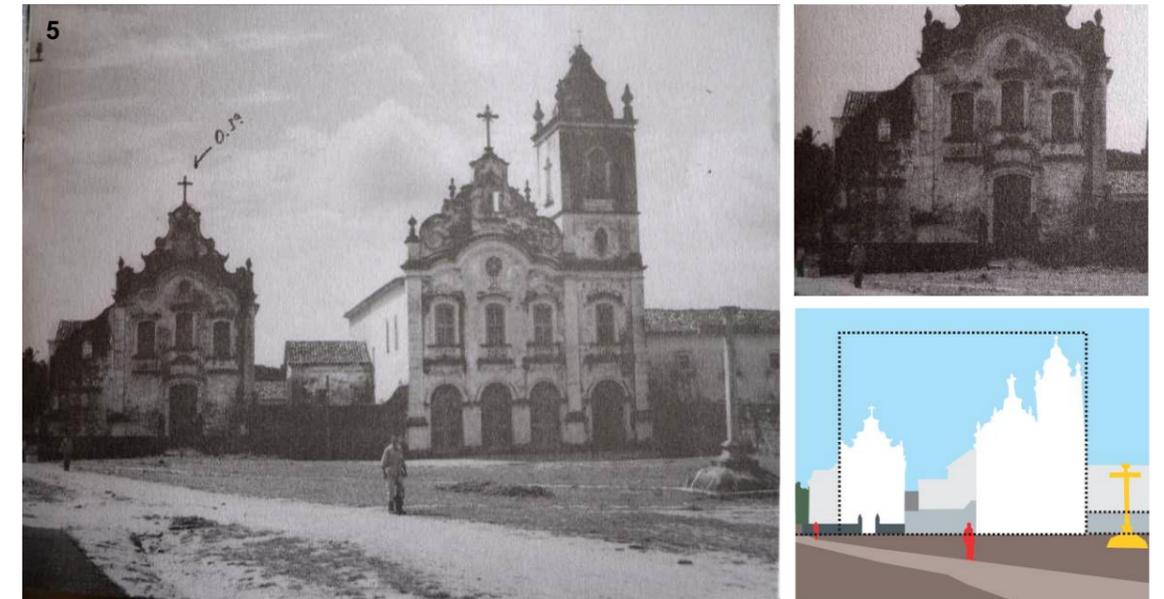


Figura 75: As feições primitivas do adro de Santa Maria Madalena registradas no ano de 1953. Fonte: PÉSSOA, José, 1999. P.123. Foto de Luis Saia, 1953.



Figura 76: Barquinhos de brinquedo no adro de Santa Maria Madalena na década de 50. Fonte: BAZIN, Germain, 1956, Prancha 54.



Figura 77: Retorno do espaço privado em frente à Ordem Terceira, perda de área do adro marcada na foto. Fonte: Infográfico elaborado pela autora, 2012.

Um último componente analisado trata-se de um automóvel. Encontra-se no canto direito, muito próximo da galilé da igreja, no acesso à portaria do antigo convento. É provável, que por se comportar como um amplo espaço, plano e sem delimitações, fosse comum que os carros circulassem e até estacionassem com certa fluidez no adro e de modo tão imediato às igrejas.

9. Com relação à próxima imagem, tem-se novamente as fachadas das igrejas como os elementos proeminentes, num enquadramento que muito se assemelha ao da foto anterior, com diferença para o chão do adro que nesta surge mais evidente. Estima-se que seja posterior à década de 1950. Nesta, são visíveis as mesmas características de enquadramento da anterior, onde cruzeiro e edifício do antigo convento aparecem parcialmente. Uma das permanências é a mureta com balaustrada que divide a capela dos terceiros do restante do adro, e que talvez seja um dos últimos registros deste elemento.

No entanto, novas mudanças na ambiência do adro podem ser notadas. Algumas delas são sinais de ações restaurativas – a cruz que encima a capela dos terceiros reaparece íntegra, bem como as esquadrias da igreja da Ordem Primeira, completas com seus caixilhos com vidro – outras tratam-se de intervenções que transformarão o caráter deste adro irreversivelmente – bancos colocados onde antes só havia passeio calçado, a fiação elétrica que aparece modernizada, mas que continua interferindo visualmente.

10. Bastante díspar das demais, a fotografia ao lado emoldura somente a Ordem Terceira e restringe o adro à área imediata da sua fachada, de modo que, além desses elementos somente captura parcialmente o templo conventual e um banco do conjunto existente entre as duas igrejas. Complementando-a, tem-se a figura abaixo, datada de 1965, que mostra de modo mais detalhado o acesso à capela dos terceiros com a balaustrada. Vê-se também um grupo de mulheres, provavelmente as alunas que habitavam o convento na época em que ele abrigava o Orfanato e Educandário São José, fundado em 1915.



Figura 81: Mulheres em frente à Ordem Terceira. Fonte: SILVA, Edissalma Teixeira da, 1965. Acervo do IHGAL.



Figura 82: Foto com os primeiros bancos que foram instalados entre as igrejas. Fonte: IHGAL, s/ data.



Figura 83: Aspectos físicos do adro na área próxima ao frontispício da Ordem Terceira. Fonte: SILVA, Edissalma Teixeira da, 1965. Acervo do IHGAL.



Figura 84: Contorno demarcando local do passeio com conjunto de bancos. Fonte: Infográfico elaborado pela autora, 2012.

2.2.2 A praça franciscana de Santa Maria Madalena

11. Esta fotografia marca a transição do adro que passa a adquirir feições de praça. A partir dela, o adro surge bastante modificado, o distanciamento permite avaliar a sua extensão e os aspectos que o compõem: igrejas, casario, chão, fiação elétrica. Supõe-se que tenham se passado cerca de 10 anos deste registro com relação ao anterior, e que esta foto seja de meados ou fins dos anos 70, da mesma época em que foram concebidos o *Plano Integrado de Uso e Preservação do Patrimônio Histórico de Marechal Deodoro* e o *Anteprojeto de Restauração da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco*, ambos de 1979.

Dois indícios principais subsidiam esta hipótese: o primeiro trata-se do muro construído entre as duas igrejas e que o anteprojeto de restauro previa a sua remoção, mas que ainda está presente; o segundo refere-se à mureta com balaustrada que ficava diante da igreja dos terceiros, que já não existe e esse fato é assinalado no conteúdo do projeto.

Outro aspecto analisado é o chão que revela-se totalmente remodelado. Também no anteprojeto de restauro, o adro é descrito com diferentes níveis de piso, sendo o mais acentuado em relação à via aberta à esquerda da Ordem Terceira, o que dificultava o acesso dos pedestres, mas não o de automóveis, como nota-se com o caminhão estacionado. Suas dimensões reduzidas também são observadas, a mesma malha viária que o seccionou também lhe conferiu um formato: trapezoidal e retangular.

Há muita fiação elétrica que interfere negativamente na visão de toda a ambiência do adro. No documento de restauro recomenda-se inclusive que toda ela seja retirada e substituída, pois os postes encontravam-se mal posicionados e interferindo visualmente.

Com tantas transformações, sua denominação também foi alterada. Sem ter como precisar uma data, sabe-se que o adro passou a ser chamado de Praça Pedro Paulino (Anteprojeto, 1979), ou ainda por dois nomes Praça General Hermes da Fonseca e Praça Melo Moraes (Plano, 1979), como é nomeada até hoje a área defronte às igrejas. É evidente que estas intervenções não consideraram nem o entorno paisagístico, nem o conjunto franciscano e, portanto, seus vínculos religiosos, e também não ponderaram acerca de alguns apontamentos feitos no Plano, que indicavam as ruas deste adro como de uso exclusivo para pedestres. Tratado como praça, o adro recebe bancos e “árvores de copa larga” com a proposta idealizada pelo Plano para as praças da cidade. Essa vegetação obstrui a percepção visual do conjunto arquitetônico e é possível ver somente a igreja conventual. Nela, notou-se algumas modificações: seu óculo aparece pela primeira vez sem um adorno que remetia a um sol (ver imagens 79 e 82) e suas janelas do coro possuem novas esquadrias com folhas duplas em madeira almofadadas, elas substituíram as antigas que eram no modelo guilhotina.

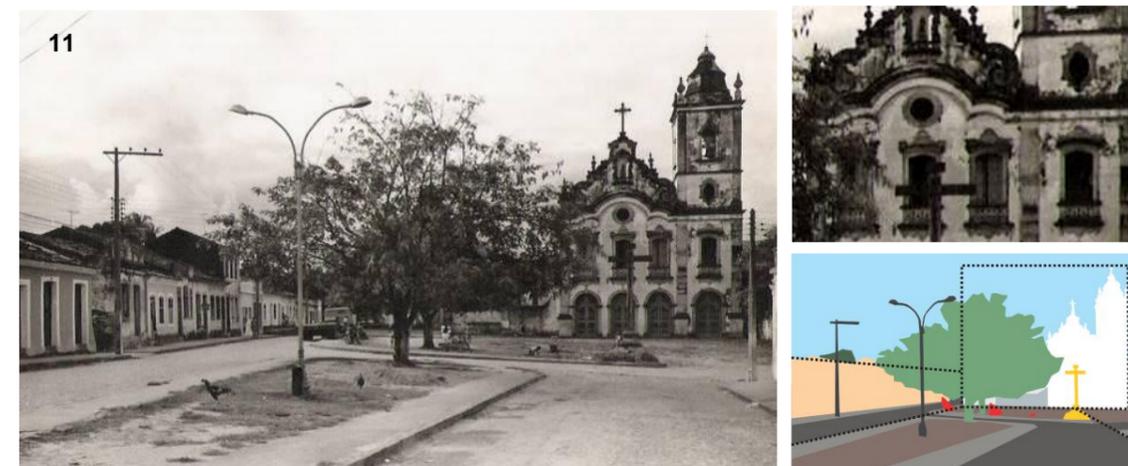


Figura 85: A malha viária redesenha toda a extensão do adro. Fonte: SECULT, s/data [197?].

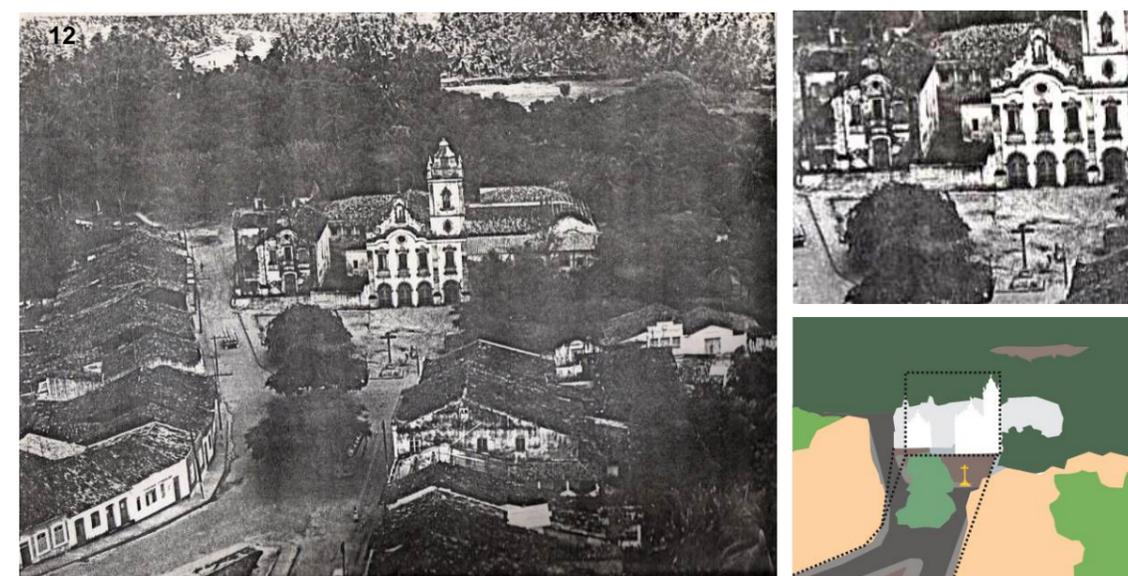


Figura 86: A vista aérea permite uma visão completa dessa ambiência: o convento destacado pelo adro e emoldurado por um casario singular e pelo verde da sua cerca. Fonte: SECULT, s/data [197?].



Figura 87: Infográfico apresenta fragmentações no piso do adro, consequência do novo desenho urbano para abertura de uma malha viária. Parcelas aparecem como praças. Fonte: Autora, 2012.

12. Com a foto em vista aérea, além dos pontos já ressaltados, tem-se um panorama completo dessa ambiência: vê-se uma continuidade visual do casario que desenha o adro e mantém o seu cone perspectivo, cuja finalidade é destacar a volumetria desse convento franciscano. O arremate superior é constituído pela sua densa massa verde, a cerca conventual.

13. Da mesma época das duas anteriores, esta fotografia diferencia-se por ter focado a área defronte à capela dos terceiros. A partir dela, pode-se visualizar melhor as marcas deixadas pelas intervenções realizadas tanto no piso quanto na sua fachada e área imediata à mesma.

A mureta com balaustrada já não é mais vista, mas não está por todo desaparecida, há resquícios dela no limite esquerdo do adro com a via. Recém inaugurada, essa mesma via se apresenta num nível bem mais abaixo do piso do adro, e sem o cuidado de torná-la acessível ao adro e à igreja da Ordem Terceira pelos passantes que vem por trás do convento.

Infelizmente, o sistema viário próximo ao conjunto conventual, no momento do seu traçado não adotou algumas das observações feitas no Plano Integrado de Uso e Preservação do Patrimônio Histórico de Marechal Deodoro. Isso fez com que as vias (re)delimitassem o adro e reduzissem a sua área, conseqüentemente, reduziu também sua zona de proteção ao monumento, não só relativo ao complexo edificado conventual, mas a todo o casario do entorno, sendo a maioria do período colonial, que ficou mais suscetível aos efeitos maléficos do tráfego de veículos e portanto, menos afeito à contemplação.

O enquadramento mais fechado no prédio evidenciou o recuo fronteiro que existe na Ordem Terceira quando comparamos seu alinhamento com a igreja conventual. Também nessa área adjacente à igreja dos terceiros, que revela-se com chão em terra batida, há uma espécie de portão lateral no muro que existe entre as duas igrejas. Ele se caracteriza por ser encimado por um frontão e sobre este, uma cruz. O Projeto de Restauração da Igreja da Ordem Terceira o identifica como sendo um acesso ao cemitério que existia em outra época, no espaço entre as duas igrejas.

Alguns dos bancos implantados nesta intervenção encontram-se alinhados às calçadas e ao novo agenciamento do adro, próximos às árvores. Estes também lhe conferiram uma feição de praça e agregaram ao adro um novo ciclo de atividades, um novo cotidiano com ações mais triviais e ligadas ao lazer. Agora se se permanece no adro, pode-se sentar e contemplar todo o entorno de ares ainda coloniais, pois incorporados aos bancos, estão as sombras das árvores e a brisa vinda da lagoa.

A fiação elétrica mais uma vez mostra-se presente, praticamente de todo o ângulo em que se registra o adro tem-se um poste, uma luminária pública, os fios, ou até mesmo ambos cruzando os frontispícios, interpondo-se às fachadas dos templos religiosos. No canto esquerdo, as pessoas também foram emolduradas. Mais uma vez, encontram-se diminutas diante da monumentalidade desses edifícios seculares. Ao fundo, parte da densa vegetação da cerca conventual surge parcialmente.



Figura 88: A Ordem Terceira sem a mureta que a separava do adro. Detalhe do portão que servia de acesso ao antigo cemitério do convento franciscano. Fonte: SECULT, s/data.

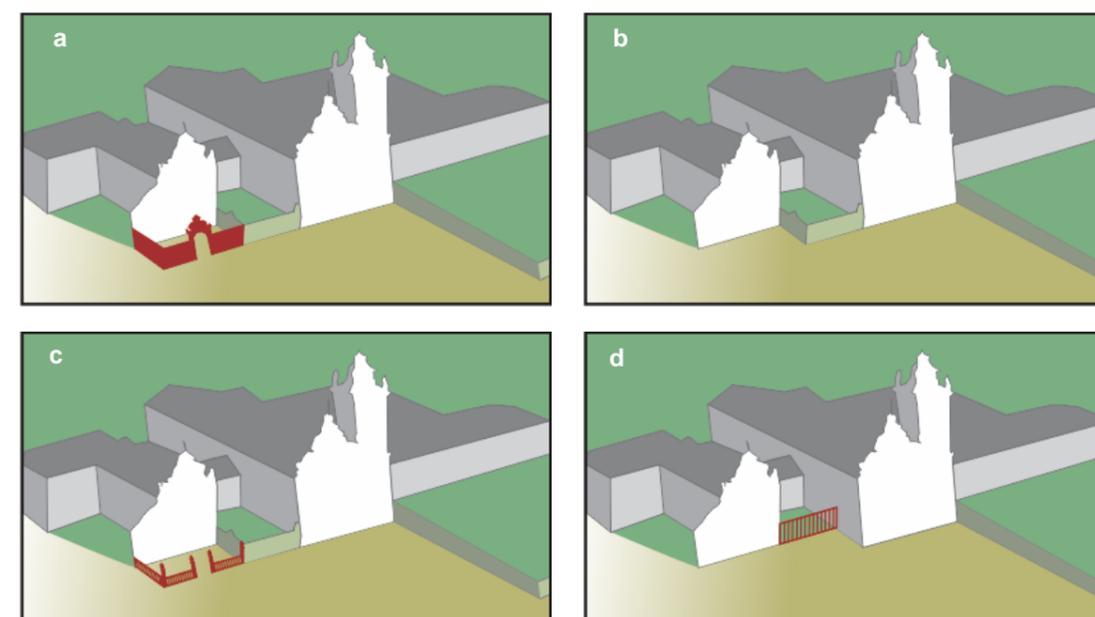


Figura 89: Esquemas apresentam o movimento sofrido pelo muros que seccionavam o adro das igrejas, hoje substituídos por um gradil em ferro. Fonte: Infográfico elaborado pela autora, 2012.

As duas últimas fotos revelam o adro em sua feição e em suas dimensões mais atuais. Ele entra no século XXI com muitas das características resultantes da proposta implementada pelo Projeto de Restauração da Igreja da Ordem Terceira, onde o agenciamento do piso com demarcação para jardim e a introdução de bancos mais compridos permanecem ao longo desses trinta anos.

14. Na primeira delas, datada de 2003, com o habitual emolduramento das suas fachadas, as igrejas mostram-se praticamente inalteradas. Com relação ao convento e à cerca, pouco pode ser visto, mas aparentam semelhança às fotos anteriores, salvo pela árvore próxima às igrejas que outrora não existia. Do cruzeiro nada pode se ver.

Com o projeto de 1979, todo o prédio da Ordem Terceira foi contemplado com ações de salvaguarda, no entanto, a foto mostra que mais uma vez a cruz que coroa seu frontispício encontra-se parcialmente destruída, sem o seu segmento vertical de arremate.

Outro resultado deste Projeto trata-se do muro que antes existia entre as duas igrejas e foi removido com a finalidade de resgatar a leitura visual e o desenho original do complexo conventual. Este foi substituído por um gradil que se encontra alinhado ao cumhal da capela dos terceiros e não mais ao cumhal da igreja conventual, como fora o antigo muro. Por intermédio deste mesmo Projeto, o piso recebeu tratamento, foi calçado e nivelado, e não mais comporta-se como um capinzal. Podem-se ver alguns “divisores”, próximos à capela dos terceiros, que impedem a entrada de veículos nesta área próxima às igrejas.

Além da fiação elétrica, outros “ruídos visuais” interceptam as fotografias. São eles a placa de identificação da rua e o poste de iluminação, posicionado bem no centro do adro. Mais uma vez as pessoas são expostas como coadjuvantes diante da massa edificada.

15. O jardim que anteriormente apareceu gramado e com diversos arbustos, neste último registro apresenta-se como um campo de areia. Na área imediata às igrejas, outros elementos que compõem o adro também podem ser vistos em ambas as fotografias e permanecem praticamente inalterados, a exemplo dos bancos atuais que funcionam mais como uma espécie de barreira, interferindo diretamente na relação do convento com a cidade e em sua população e criando novas dinâmicas para este espaço.

Em 2008, os edifícios do conjunto franciscano passavam por obras de restauro, o que explica a estrutura montada na fachada da Ordem Terceira e o tapume que provisoriamente delimitou o adro e bloqueou seu acesso direto às igrejas. Por conta do enquadramento diferenciado, pode-se avistar além das igrejas, o convento com sua chaminé, o portão de acesso ao Museu de Arte Sacra e parte da vegetação da cerca. É devido ao adro, como um vazio, que preserva-se o ângulo de visão da frontaria do complexo edificado do qual o ele é elemento indissociável.



Figura 90: O adro com seu jardim ainda com grama e arbustos. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2003.



Figura 91: Atual área do adro. Foto: Autora, 2008.



Figura 92: Infográfico mostrando as dimensões atuais do adro de Marechal Deodoro. Fonte: Autora, 2012.

2.3 O convento da Vila do Penedo do São Francisco

O Rio São Francisco, no papel de caminho navegável, favoreceu o surgimento de inúmeros embriões urbanos coloniais, dentre eles, um bastante significativo, que originou a atual cidade do Penedo. À margem esquerda da referida via aquática, no sítio privilegiado pela topografia elevada, originou-se um “arraial fortificado” estabelecido pelos portugueses em meados do século XVI¹¹⁶. Economicamente, destacou-se como grande criatório de gado, além do plantio de fumo e de mandioca. Em 1636, um ano antes de ser invadido pelos batavos, é elevado à vila do Penedo do São Francisco.

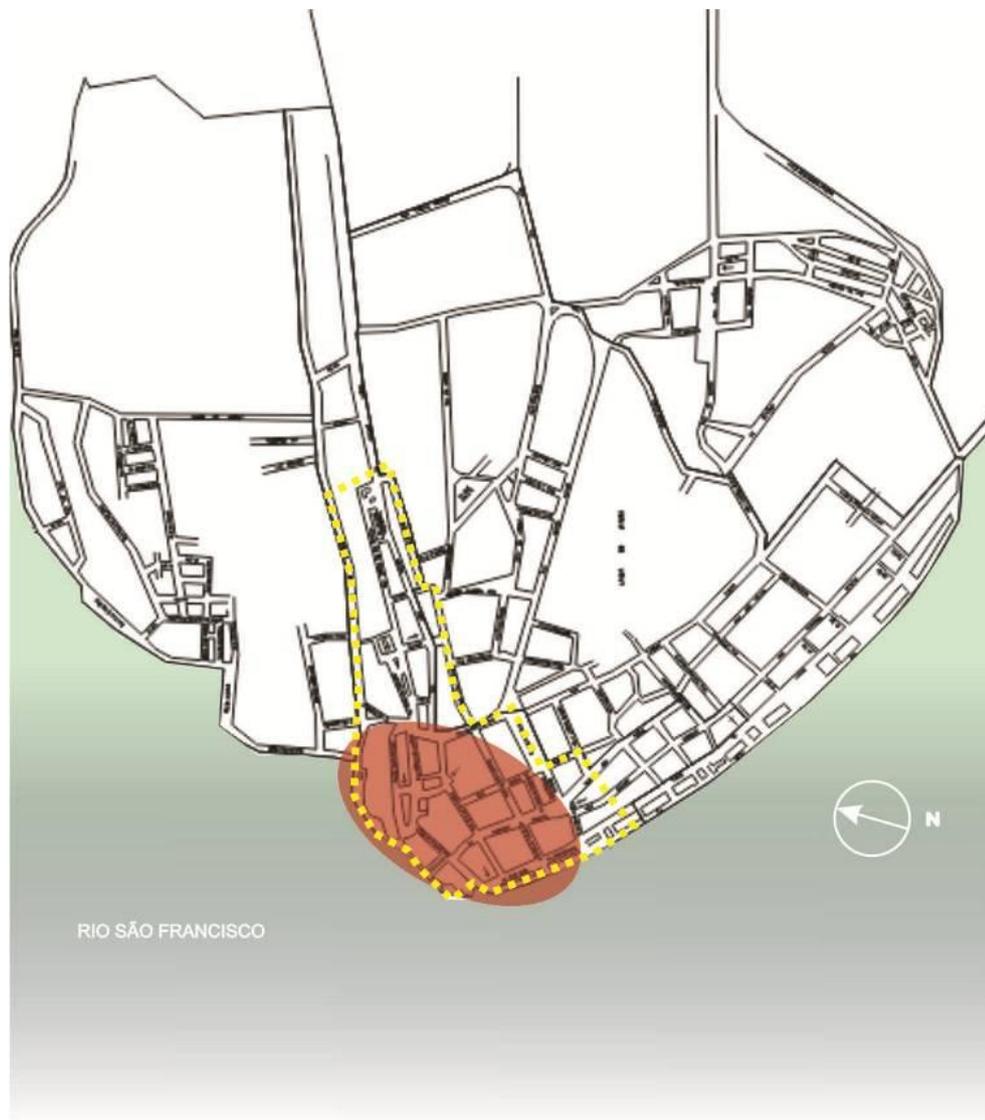


Figura 93: Recorte do mapa atual da sede urbana do Penedo, apontando o perímetro de Tombamento Federal. Em destaque núcleo de povoação que originou a cidade, onde encontra-se situado o convento franciscano. Fonte: Planta cadastral da Prefeitura de Penedo, 2011. Adaptação da autora, 2012.

¹¹⁶ MÉRO, Ernani Otacílio. OP. Cit., 1974, p.27; 30.

Localizada entre as capitanias de Pernambuco e da Bahia, a vila é reconhecida pelos holandeses por seu valor estratégico já no século XVII. Vindos de Porto Calvo e de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul, estes, comandados por Maurício de Nassau invadem-na e erguem um forte com o intuito de garantir o seu domínio, que perdurou de 1637 a 1645.

Em chegando Maurício a Penedo, vilazinha às margens do São Francisco, a seis léguas do mar, julgou o lugar idôneo para fazer progressos no território inimigo. Mandou construir o forte que lhe tem o nome, e outro junto à barra do rio.¹¹⁷

Devido à invasão pelos batavos, acompanhados do seu esforço para documentar o mais fielmente possível as terras recém-conquistadas,¹¹⁸ e à importância territorial do Penedo, nos limites da capitania, tem-se um amplo registro iconográfico seiscentista sobre o Rio São Francisco, vila e fortificação. “sendo a iconografia holandesa a melhor referência a nos permitir acessar o forte.”¹¹⁹



Figura 94: *Castrum Maurity Ad Ripan Flumini S. Francisci*. Frans Post, 1647 (vista 2). Fonte: BARLÉU (1647) - Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, CD-ROM.

O forte já não mais existe na paisagem do Penedo, no entanto, os vários registros concebidos pelos batavos, cartas e vistas, que mapeiam sua materialidade e sua inserção no contexto urbano da antiga vila, permitiram conjecturas de sua implantação na atual cidade e de uma possível interface com o Convento de Nossa Senhora dos Anjos e seu adro.

¹¹⁷ BARLÉU, Gaspar. (1647) História dos feitos recetemente praticados durante oito anos no Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1974, p. 43.

¹¹⁸ CONSOLINI, Barbara. Impressões alagoanas, expressões holandesas. In: SILVA, Maria Angélica da (Org.). O olhar holandês e o novo mundo. Maceió: EDUFAL, 2011, p.25.

¹¹⁹ MUNIZ, Bianca. Escavando a história: um estudo do Forte Maurício no contexto da arquitetura militar do século XVII. Dissertação de mestrado. Maceió, 2010, p.09.

Fundada em 1659, esta casa seráfica e seu adro iriam amoldar-se ao formato da fortificação para consolidar o seu desenho. No entanto, mesmo havendo ocorrido o aceite para a construção da nova casa seráfica, mandando que ali fosse construído recolhimento e oratório, os religiosos da Ordem de São Francisco, nada puderam resolver por dois anos, conforme relato de Frei Jaboatão:

Alli residiraõ estes religiosos, sem dar principio ao tal Recolhimento athe que entrou por Provincial Fr. Antonio dos Martyres em 5 de Novembro do mesmo anno de 1659, o qual subindo a vizita no seguinte anno de 1660, de Pernambuco chegou a Penedo, e com a sua prezença se fez a escolha do Sitio,(...) e deixando alli os mesmo religiozos, que até então assistiaõ em huas cazas communs, se deo principio ao Recolhimento.¹²⁰

As obras para a fábrica do convento tal como o conhecemos hoje tardou por mais 22 anos, apesar de já se ter definido o terreno e dos religiosos estarem de posse da escritura do mesmo, “lançando-se no seo alicerce a primeyra pedra a quatro de Outubro de 1682.”¹²¹

Em 1716, o Capitão mór Ant^o Teixeira Barbosa e sua mulher D. Catharina Camello, moradores no Recife, doaram por escritura pública ao convento um terreno com 25 braças¹²², fronteiroço ao alpendre de que tomou posse em 1717, o síndico Leonardo Pereira de Lima na presença do guardião Frei Serafim de Porciúncula.¹²³

Especula-se que esse terreno doado ao convento de Penedo seja respectivo à atual área do seu adro. Por meio de superposições ver-se-á que ele tem uma relação bastante intrínseca com as linhas do Forte Maurício, chegando a ser plausível que este último tenha até mesmo servido de referência para o seu traçado.

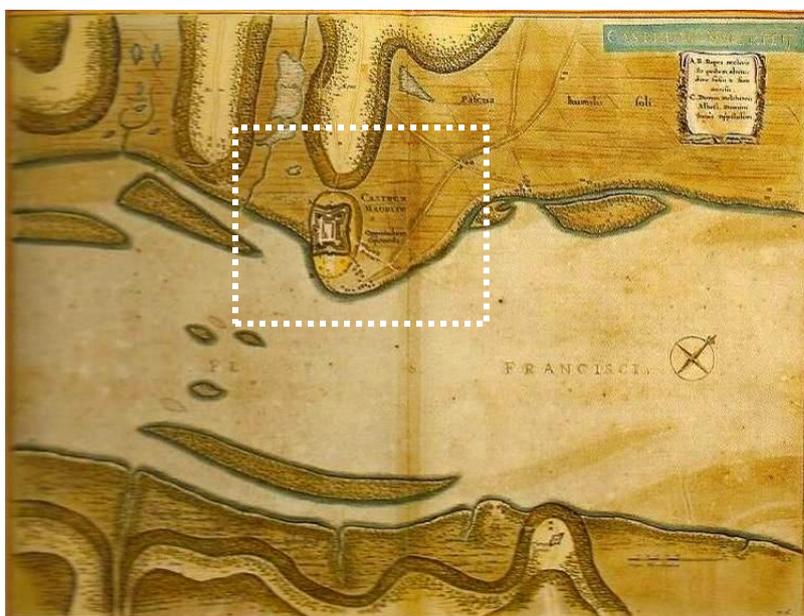


Figura 95: *Castrum Mauritijs*, Marcgrav, 1647 (mapa 2). Destaque do forte e entorno onde atualmente situa-se a área central e histórica da sede urbana do Penedo. Fonte: BARLÉU (1647) - Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, CD-ROM.

¹²⁰ JABOATÃO OFM, Antônio de Santa Maria. Op. Cit., 1862, p. 603.

¹²¹ Ibid, 1862, p. 603.

¹²² Segundo BUENO, Beatriz Piccalatto Siqueira. *Desenho e Desígnio: O Brasil dos engenheiros militares (1500 - 1822)*. Tese de Doutorado. São Paulo, 2003, p.52. A braça equivale à medida de 2,20 m.

¹²³ Livro das Crônicas do Penedo I, 1903-1930, p.05.

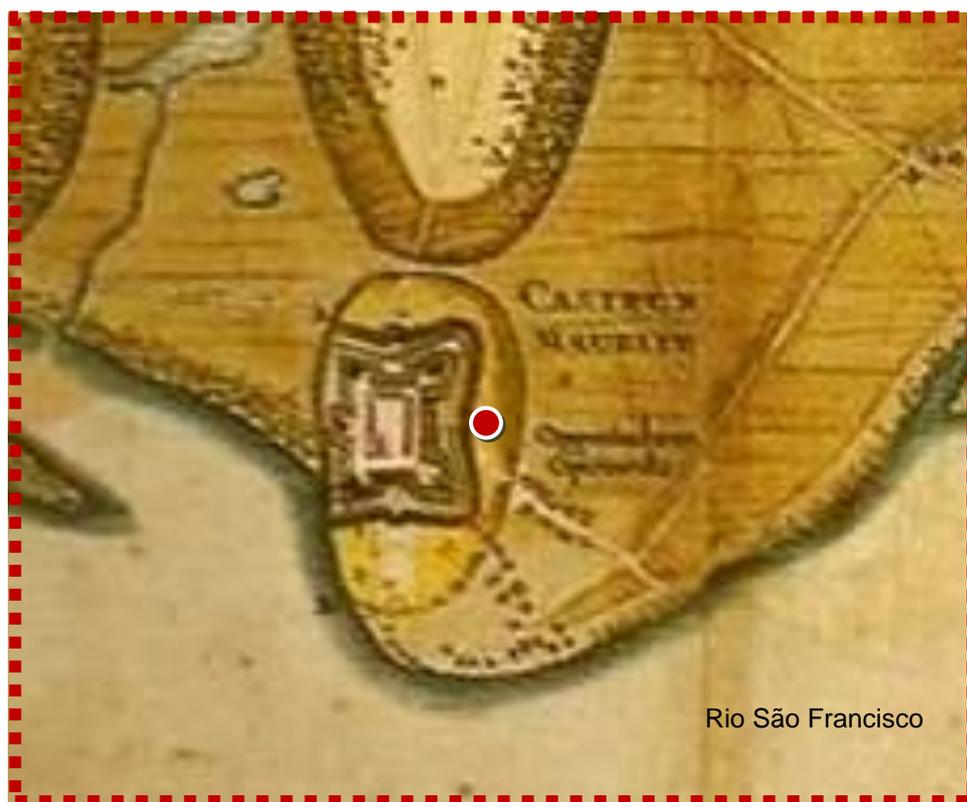


Figura 96: Detalhe da iconografia de Marcgrav a respeito de Penedo: vê-se o Forte Maurício, em suas prováveis dimensões, margeando o Rio São Francisco, com indicação da possível localização do convento junto aos limites do forte holandês. Infográfico sobre reprodução do original. Fonte: BARLÉU (1647) - Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, CD-ROM.

Observando a iconografia verifica-se que havia um casario esparsa estabelecido ao longo do rio, na parte mais baixa da povoação. Enquanto que na região mais elevada, no coroamento da *rocheira*¹²⁴, elemento que sugestionou a toponímia do lugar, foi erguido o Forte Maurício. Com a expulsão dos holandeses, que permaneceram ali por oito anos, o forte foi destruído pelos portugueses que retomaram a ocupação destas terras.

É ao meio dessa região de grande altura que surge o convento, implantado margeando pelo lado leste o que teria sido a muralha do antigo forte.¹²⁵ Desse modo, aproximou-se do elemento arquitetônico mais importante do lugar: a capela, que outrora foi murada e fortificada durante a do domínio holandês e da existência do Forte Maurício, e que posteriormente, viria a ser a catedral diocesana da cidade.

Por meio da iconografia seiscentista, presumiu-se que o convento e seu adro tiveram seu traçado definido pelos limites da fortificação que ali existira e deixara resquícios estruturais que influenciaram no urbano.

¹²⁴ Denominação local utilizada nos dias atuais, refere-se à elevação rochosa existente às margens do Rio São Francisco, onde o núcleo de povoamento foi instalado ainda nos quinhentos.

¹²⁵ Sobre essa questão, Bianca Muniz (2010, p. 145) comenta que a cruz defronte ao convento franciscano, embora não sendo mais a original dos seiscentos, teria sido fixada no lugar outrora conhecido como Praça do Forte com a finalidade de ser um símbolo da expulsão dos holandeses pelos lusos.

A documentação escrita também trata dos possíveis indícios do Forte que mesmo dissolvidos na atual paisagem ainda continuam a desenhá-la.

O Beco do Forte, que deixou de existir para que fosse construída a Praça do Forte, em frente à igreja Conventual Nossa Senhora dos Anjos; a rua 7 de Setembro, que se originou de um caminho que abraçava o forte, adquirindo sua forma; [...].¹²⁶

O processo de montagem dos infográficos foi estimulado pelos esquemas anteriormente produzidos por MUNIZ, 2010¹²⁷. A partir da superposição deles, pude adaptá-los e recriá-los ao modo da inserção do complexo conventual com sua massa edificada e suas áreas externas, pública, o adro, e privada, a cerca conventual com sua área atual.



Figura 97: Demonstração do estudo da implantação forte-convento por meio da superposição e estudos de massas, possível devido às linhas do desenho que mantém a proporção quando analisada junto à vista aérea atual do Penedo. Fonte: Iconografia: Reis (2000, p. 71), Sem título (Forte Maurício), autor desconhecido, 1637 (mapa 1); Foto aérea: CODEVASF, 200. Adaptação da autora, 2012.

A partir da análise da proporção do forte inserido na malha atual, outros aspectos também puderam ser avaliados, como exemplo: os antigos caminhos que permaneceram e desenharam algumas das principais vias do centro histórico e ligam prédios ainda hoje de grande importância histórica e paisagística, também definidos pelo forte que outrora ali existiu.

¹²⁶ MUNIZ, Bianca. Op. Cit., 2010, p.147-148.

¹²⁷ Ibid, 2010.

Do mesmo modo, o antigo contorno da vila do Penedo que margeia o rio pode ser traçado, e quando superposto numa foto aérea atual da cidade, permitiu expor uma zona do assoreamento que aflige o Rio São Francisco e diversas das suas localidades ribeirinhas.

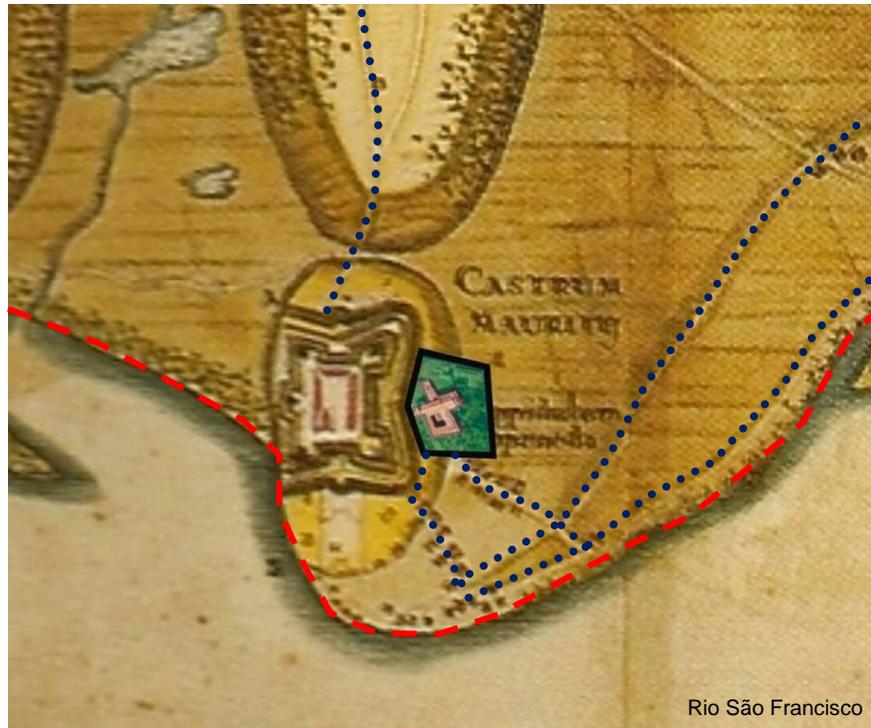


Figura 98: Possível sobreposição do convento franciscano limítrofe ao forte holandês. Adaptação da autora, 2012.
 Fonte: Fonte: BARLÉU (1647) - Instituto da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, CD-ROM.



Figura 99: Sobreposição do possível forte holandês sobre o traçado atual do Penedo mostra o alinhamento do convento franciscano e zona de assoreamento do rio. Fonte: Adaptação da autora, 2012, em infográfico produzido por Bianca Muniz, s/ data.

Implantado, portanto, muito próximo do primeiro núcleo de povoamento, encontra-se inserido na área central da atual cidade, mais do que o de Marechal Deodoro. Estabelece-se beira-rio formando um conjunto de grande impacto paisagístico.

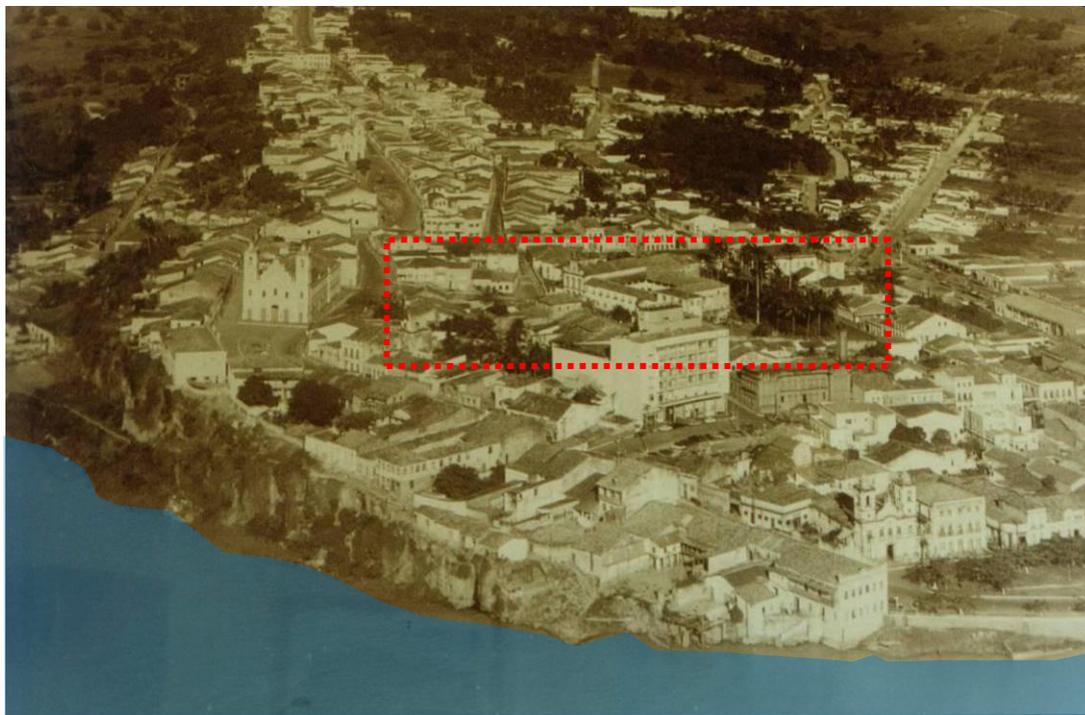


Figura 100: Vista aérea da cidade do Penedo, em fins do século XX, destacando o convento na malha urbana. Adaptação da autora, 2012. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, s/ data.

Em Penedo, tal como ocorre em Marechal Deodoro, os edifícios religiosos à maneira como encontram-se alocados na malha urbana também conformam um perímetro de caráter sacro onde, no geral, as igrejas apresentam-se de frente para um adro.



Figura 101: Vista aérea atual do Penedo e suas principais igrejas católicas que também conformam um polígono sacro na malha urbana do centro histórico. Atentar para a área de assoreamento do rio, com base nas imagens 98 e 99. Fonte: Disponível em www.canalpenedo.com.br. Adaptação da autora, 2011.

2.3.1 O adro franciscano de Nossa Senhora dos Anjos

Tanto o envoltório paisagístico do convento franciscano de Penedo quanto o de Marechal Deodoro, no que se refere aos seus espaços externos, adro e cerca, passaram por transformações urbanísticas, seja para a expansão urbana com a abertura de novas vias, ou para a locação de novo mobiliário e a construção de equipamentos urbanos, tais como escola (Marechal Deodoro) e mercado público (Penedo).

Mais uma vez as fontes escritas revelaram pouco, e deste modo, elegeu-se as fotografias como “texto”, pois entende-se que elas também possam contar de forma cronológica essa história do urbano. Foi buscando produzir e narrar este percurso, físico e temporal, do adro de Nossa Senhora dos Anjos, que levantou-se minuciosamente documentação fotográfica que de algum modo se referisse a ele¹²⁸. Dos registros encontrados, selecionou-se 30, dentre eles optou-se por trabalhar com 18, pois desta maneira, pode-se obter melhores parâmetros comparativos no tocante aos seus elementos compositivos.

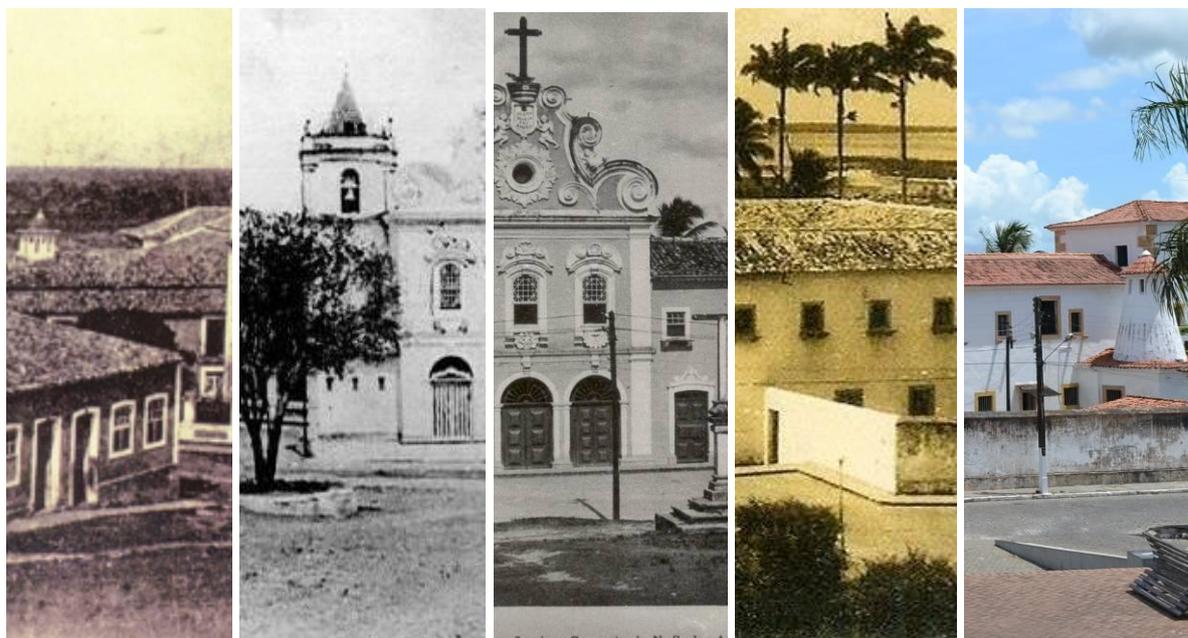


Figura 102: Momentos do adro de Nossa Senhora dos Anjos. Montagem produzida pela autora. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, s/ data. IHGAL, 1908. IPHAN, 1920. . IPHAN, 1920. TENÓRIO; DANTAS (Orgs.) 2007, p. 109, postal s/ data. Autora, 2011.

¹²⁸ Na falta também de uma documentação cartográfica mais constante, pois a mesma se detém no século XVII, elegeu-se os registros fotográficos antigos, muitos deles, após intenso esforço de pesquisa, junto à Secretaria de Cultura do Estado de Alagoas, Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, em dissertações e teses, acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional, superintendências dos Estados de Alagoas e do Rio de Janeiro, Galeria Golbery Lessa (álbuns do Picasa), Arquivo Público do Estado de Alagoas, acervo pessoal de Wilson Lucena, Museu Casa do Penedo.

1. A primeira imagem relativa ao adro data dos fins do século XIX. Visto lateralmente, as fachadas da igreja e do convento não se destacam, mas ainda assim o conjunto franciscano impõe-se no registro fotográfico. Cabe comentar a raridade da foto: vê-se que é a rua lateral ao convento que constitui a visada ao centro da imagem.

Observa-se que a escadaria de acesso à igreja avançava no adro de chão de terra batida e coberto por uma camada de grama, onde um caminho, que passa em frente ao convento e desce no sentido do rio, aparece bem definido.

O ângulo escolhido pelo fotógrafo ainda permite ver as janelas das celas, cada uma com seu par de cachorros, geralmente utilizados pelos frades para dispor jarros de plantas. Como pano de fundo, discretamente, o rio São Francisco se faz presente.

Com relação ao convento, destaca-se o muro lateral. Finalizando-se junto aos degraus que encaminham à igreja, ele aparece sem acesso direto para o adro que somente será aberto posteriormente (ver figura 117). Da cerca conventual, vê-se parte da vegetação lateral.

2. Esta fotografia já contempla efetivamente o conjunto arquitetônico e o adro, com um posicionamento que permitiu estender os limites do enquadramento à linha do horizonte, cortada pelo Rio São Francisco. Todo o complexo pode ser contemplado: capela dos terceiros (à esquerda) com o muro que a divisava do adro e limita-a com a rua, precedido por um poste que aparece discretamente; igreja da Ordem Primeira com sua torre e capelinha lateral (ao centro); a residência dos frades com sua portaria e parte da cerca (à direita).

O casario circundante é térreo e com linhas coloniais, mostra-se alinhado ao adro de modo a defini-lo; apesar das calçadas já estabelecidas, o piso apresenta-se de terra batida com passeios demarcados sinuosamente. No centro da imagem, dois elementos figuram: o cruzeiro original, mais próximo à igreja, e uma árvore, que subtrai visualmente parte da fachada da igreja conventual, mesma situação verificada na análise fotográfica do material relativo ao adro do convento de Marechal Deodoro.



Figura 103: Vista lateral do adro de Penedo, fotografia datada de 1888. Fonte: LAGO (Org.), 2008. Fotografia de Adolpho Liudemann, c.1888.

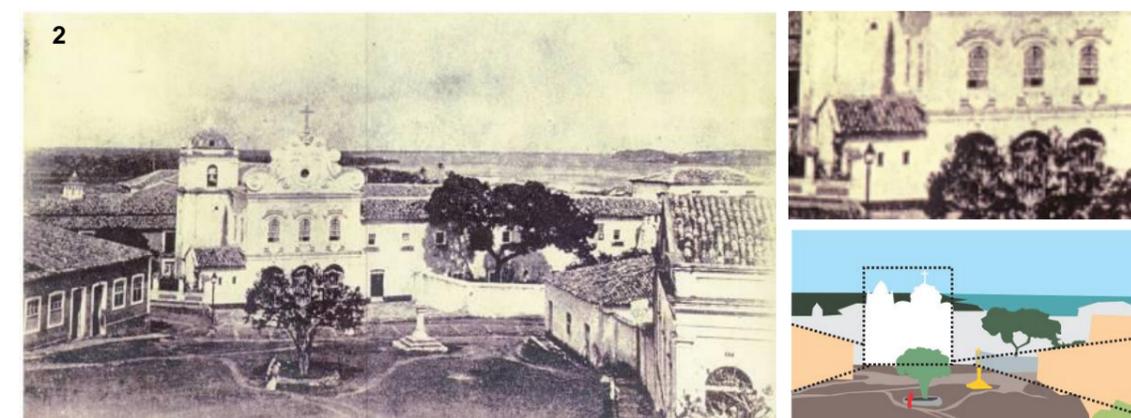


Figura 104: Visada frontal do adro em sua totalidade, com convento no fundo. Fonte: Acervo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, s/ data.



Figura 105: Área total do adro nos fins do século XIX. Fonte: Infográfico elaborado pela autora, 2012.

3. No que se refere à foto ao lado, do ano de 1908, estima-se que ela seja da mesma época da anterior por assemelharem-se os vários elementos que compõem o adro. Também as fachadas – as esquadrias e as marcas do tempo nas edificações, o cruzeiro, a árvore, além das fronteiras que conformam o piso deste adro – permanecem inalterados. Este enquadramento se diferencia um pouco por ter-se maior aproximação do convento, como se o fotógrafo descesse o adro em sua direção, e isso promoveu uma melhor leitura de toda a composição. Observou-se, por exemplo, que as casas conservam as mesmas tonalidades e características físicas da imagem anterior; bem como se considerou algumas pistas relacionadas ao conjunto seráfico: uma espécie de andaime e a precariedade do fechamento dos três arcos da galié, indicando que o convento, no final da primeira década do século XX, estaria passando por obras.

Sabe-se que as intervenções desse período são de autoria dos frades alemães, que chegaram a Penedo em 1893. Há registros de que eles promoveram além de pinturas externas, dentre outras coisas, uma grande reforma de ampliação da igreja, que consistiu em mudanças internas e resultou no fechamento permanente da galié. “(...) a nave da igreja mede agora 25 ½ metros em vez de 19 metros depois de removidas as arcadas do coro, ficando as portas no muro exterior da igreja, desaparecendo assim o adro.” (Livro das Crônicas do Penedo I: 1903 – 1930, p.29).

Derivada do antigo alpendre, entende-se que a galié, como elemento de interface interior – exterior, é parcela do adro incorporada ao templo religioso, e portanto, é compreensível que receba de alguns autores, como o da citação acima, o nome de adro. Diante disso, fica a hipótese de que a agora extinta galié do Penedo assemelhar-se-ia à existente no convento de Cairú, na Bahia, que a possui com “capelinha aberta”. O cruzeiro primitivo encontra-se alinhado à fachada da igreja conventual, mas os contornos da sua cruz ainda não se revelam. A árvore permanece com seu pequeno canteiro, provavelmente utilizada como abrigo contra o sol. Já o chão, ausente de calçamento, exibe as marcas espontâneas dos percursos traçados pelas pessoas.

4. A quarta imagem apresenta o adro de forma especial. Foi o único registro encontrado que demonstra o caráter social do mesmo, trazendo a cena de uma festividade religiosa. Focou-se o acontecimento a partir de um ângulo mais baixo, e embora se tenha cortado parte do frontispício e da torre sineira, isso acabou por favorecer o olhar pela multidão que ali se encontrava, e logo percebe-se que é, por exemplo, formada mais por homens do que por mulheres. Pode-se notar que, apesar dos vários grupos aglomerados de modo espontâneo e das ações diversas, todos estão voltados para o convento, como que aguardando a saída, ou mesmo a chegada, de alguma procissão. Com predominância do branco, as pessoas parecem vestir-se de maneira formal.



Figura 106: Vista do adro em 1908. Fonte: Acervo da Superintendência do IPHAN/ AL, 1908.

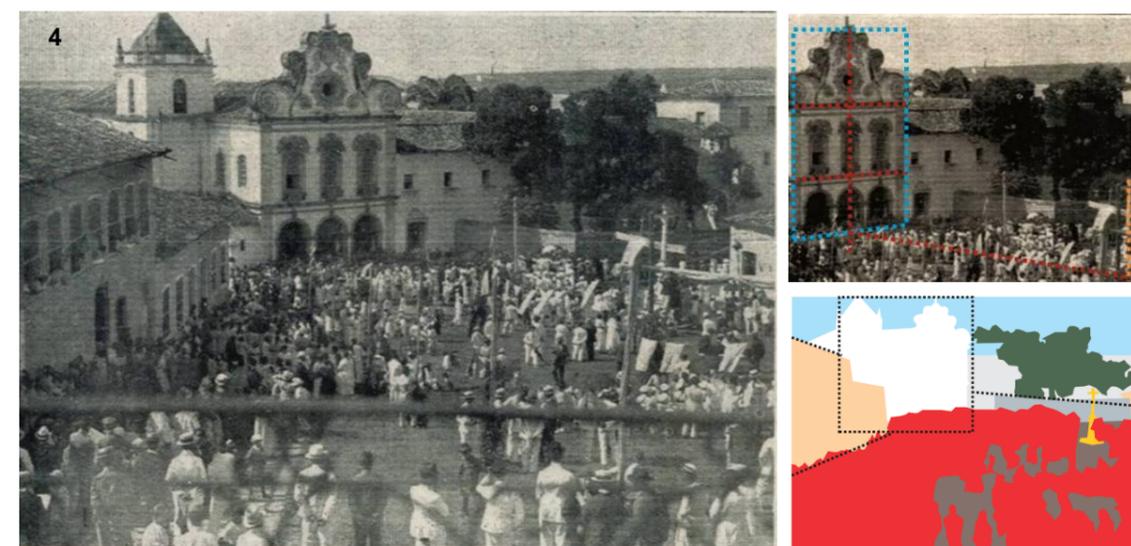


Figura 106: Vista do adro durante uma festividade religiosa. Fonte: Acervo do IHGAL, s/data.



Figura 108: Esquema da feição do adro no início do século XX, permanecem as características e os elementos registrados em fins dos oitocentos. Fonte: Infográfico elaborado pela autora, 2012.

2.3.2 Do velho adro do convento à nova Praça Rui Barbosa

5. Na fotografia de 1912, tem-se uma visada mais focada no convento, revelando um momento de transição. Como uma espécie de “zoom” dos registros que a antecederam, pode-se percorrer melhor os detalhes que conformam o adro que se torna praça.

Nela, a igreja e o edifício conventual apresentam-se com novos tons nas esquadrias e nas fachadas com seus volumes decorativos. Em contrapartida, o cruzeiro aparece incompleto e o adro começa a adquirir novas características espaciais com “ares modernos”. Surgem as demarcações da malha viária, que o redesenham, dando-lhe um formato trapezoidal retangular, e realinham todos os demais elementos como a fiação elétrica, as duas árvores e a escadaria de acesso à igreja e à portaria conventual.

6. Supõe-se que esta imagem seja de período posterior a 1922, ano em que foi implantado um obelisco no adro, e anterior a 24 de dezembro de 1941, data em que o cruzeiro desabou. Diferente das anteriores, agora o adro é o foco. A razão é histórica: a foto registra uma importante etapa do processo de secularização que o adro vinha sofrendo quando colocou-se ali um obelisco. Desde então, ele seria aos poucos incorporado ao espaço citadino, sem as referências que o ligavam ao convento para o qual fora concebido.

Dr. Airton Carvalho
Rua 7 de Setembro
Olinda
24-12-1941
Cientifico vossa senhoria cruzeiro desabou definitiva-
mente ocasionando desfacelção totalpt Acabo tirar fotogra-
fia enviarei toda brevidade seu governo.
Trigueiros. Prefeito

Figura 109: Telegrama enviado para Airton Carvalho, diretor regional do Patrimônio Histórico, por Artur da Mota Trigueiros, prefeito da cidade do Penedo na época em que o cruzeiro tombou. Fonte: Acervo da Superintendência do IPHAN no Rio de Janeiro.

A área central recém-demarcada comporta-se como um capinzal, sem tratamento algum. Nela vê-se alguns cavalos pastando – é provável que eles ainda fossem o principal meio de transporte – e muito entulho no canto direito da cena, que pode ser indício do calçamento do adro ou das vias recém-abertas. Também neste espaço, o cruzeiro encontra-se muito diferente das fotos anteriores, está bastante enegrecido e continua sem a haste vertical de arremate da cruz.

Esse enquadramento diferenciado permitiu a visualização da parte alta do adro, anteriormente usada como ponto de tomada das fotografias, com isso, vê-se melhor a casa de esquina que o circunda próxima à Catedral do Penedo, esta implantada na parte mais elevada da cidade e limítrofe ao adro, surge pela primeira vez com grandiosidade. Esta foto, encontrada nos arquivos da sede do IPHAN no Rio de Janeiro, comprova o registro do grave acontecimento de intervenção que provavelmente serviu como mais um motivo para o tombamento da área.

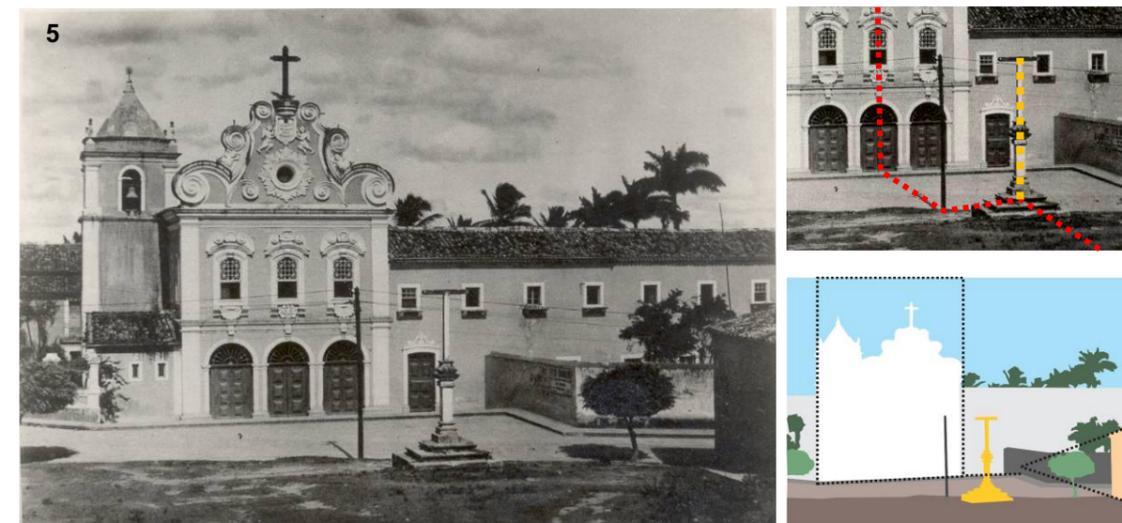


Figura 110: Vista do primitivo cruzeiro sem prolongamento vertical que coroa a cruz. Fonte: Acervo da Superintendência do IPHAN/AL, 1912.



Figura 111: Vista do adro na primeira metade do século XX. Fonte: Acervo da Superintendência do IPHAN/RJ, s/ data.



Figura 112: Mudanças urbanísticas transformaram o adro em praça no período entre 1941 e 1942. Fonte: Infográfico elaborado pela autora, 2012.

7. A imagem seguinte registra um detalhe de um ato religioso e enquadra parte do adro de modo que somente a casa da esquina próxima à Catedral pode ser vista, no fundo. Prevalece a cena de uma missa campal, objeto de fotografia que segundo as *Crônicas do Penedo*, foi realizada em comemoração ao centenário da elevação do Penedo à categoria de cidade. O acontecimento reuniu a população e teve a presença do arcebispo de Maceió da época, além de diversas autoridades políticas e militares. A solenidade envolveu uma estrutura montada no adro, similar a do interior de um templo religioso, que contava com peças do mobiliário da igreja franciscana e incluía bandeirinhas decorando o entorno.

Considerando que a data da celebração seja de 18 de abril de 1942, estima-se que a fotografia tenha sido feita neste dia e que, portanto, nesta mesma data, aliás, o adro já não possuísse mais o cruzeiro, e as novas intervenções na sua área central já tivessem começado. A queda do cruzeiro original, mais sua retirada total do adro, foi um acontecimento de grande repercussão na cidade do Penedo ¹²⁹, e mobilizou tanto o clero quanto a população.

8. Por meio de telegramas e ofícios trocados entre o então prefeito Artur Trigueiros e o diretor do SPHAN de Recife, Airton Carvalho, pode-se constatar a intenção da administração pública da época, que tinha planos de “melhoramentos urbanísticos” para a Praça Rui Barbosa, por esta se localizar em área privilegiada da cidade.

Quando iniciados os serviços de aterro no antigo adro, o cruzeiro começa a desestruturar-se. Apesar dele apresentar rachaduras e uma inclinação anormal, o prefeito não paralisou as obras de “ajardinamento da praça fronteira ao convento”, e negocia com os frades a desarticulação da cruz secular. Sua ideia era a de transferi-lo da Praça Rui Barbosa para o jardim da Ordem Terceira, e justifica sua intenção no seguinte trecho:

Outrossim, nenhuma documentação histórica ou crônica regional recomenda o cruzeiro aos olhos do observador, e ainda que assim fosse não parece razoável ser ele conservado em situação de ruínas no lugar onde se ergue, sendo mais acertada a sua instalação na propriedade do Convento onde, antes de tudo, terá um tratamento digno do respeito afeto à sua qualidade de convenção religiosa merecedora de acatamento e reverência.¹³⁰

O episódio também envolveu a sociedade, que através de artigos publicados nos jornais locais como “O Democrata” pôde manifestar-se a favor da presença do cruzeiro no adro do convento de Nossa Senhora dos Anjos. Essa mobilização, que contava com o apoio dos frades, pode ter sido a causa para que houvesse anos depois, no início de 1964, o retorno de um novo cruzeiro, uma réplica do exemplar original.



Figura 113: Missa campal realizada no antigo adro em 1942, quando já não mais existia o primitivo cruzeiro. Fonte: Livro de Crônicas do Convento de Penedo. Volume III, p.25.



Figura 114: A Praça Rui Barbosa com seu novo caráter urbanístico que em nada remete ao adro do Convento de Nossa Senhora dos Anjos. Fonte: Souvenir vendido no Museu Casa do Penedo, s/data.



Figura 115: Vistas do projeto de ajardinamento que modificou a feição do antigo adro. Fonte: Acervo da Superintendência do IPHAN/RJ, s/ data.

¹²⁹ Os documentos encontrados no acervo do IPHAN, Rio de Janeiro, foram fundamentais para a compreensão deste fato que envolveu o cruzeiro franciscano. A partir de trechos de jornais e de telegramas, na época, trocados entre o IPHAN-RJ e o prefeito da cidade do Penedo, pode-se constatar a luta pelo seu regresso ao adro do convento. (Ver Anexo D)

¹³⁰ Trecho de ofício do prefeito Artur da Mota Trigueiros encaminhado a Airton Carvalho, diretor regional do Patrimônio Histórico, Enviado do Penedo em 06 de novembro de 1941.

11. Cabe destacar que a fotografia agora analisada é de autoria de Pierre Verger. O antropólogo francês esteve duas vezes em Penedo, a primeira em 1947, e a última em 1951, e em umas dessas viagens registrou o convento franciscano com suas novas feições. O enquadramento centrado na fachada da igreja da Ordem Primeira direciona o olhar para o frontispício franciscano e seu primoroso trabalho em cantaria, o mesmo frontispício que recorta um céu que pela primeira vez apresenta-se mais detidamente reportado e assim permitindo observá-lo mesclado por nuvens.

Pode-se também perceber que a igreja adotou novas cores em seus elementos compositivos – adornos em cantaria, cercaduras e esquadrias dos vãos – e que, aparentemente, foram seguidas por todo o conjunto franciscano. Esta foi a única época em que a cantaria mostrou-se mais clara do que a cor utilizada nas paredes, invertendo seu jogo tonal. Percebe-se que o piso foi completamente desenhado por um agenciamento com canteiros contendo arbustos podados. As mudanças realizadas vão além do novo traçado do piso e chegaram à escadaria de acesso à igreja conventual, que foi recuada à zona imediata do templo. A rede de iluminação também foi renovada, com postes menores e sem fiação elétrica externa, o que favoreceu a visibilidade do edifício.

12. A imagem seguinte, provavelmente datada do início de 1950, é um registro encontrado no livro de Germain Bazin, possivelmente executado quando da passagem deste historiador francês pela cidade do Penedo. Seu emolduramento optou por incorporar a ala das celas do prédio do convento franciscano em detrimento da torre sineira e da capela dos terceiros. A fotografia de Bazin confirma os escritos de Aminadab Valente (1957) sobre o adro no momento em que ele registra este espaço sem o cruzeiro e sem os demais aspectos característicos da sua feição mais antiga, pois, estes foram substituídos por estátuas que remontam a temas clássicos e por arbustos em topiaria que aludem ao jardim típico do mesmo contexto das esculturas. O próprio Germain Bazin dedica-se a escrever sobre isso:

Às vezes, o tema da cruz dá margem a todo um desenvolvimento arquitetônico; a área livre, em frente da igreja, rodeada de muros, forma um adro, onde se desenvolvem as procissões. (...) Em Penedo, esse dispositivo foi recentemente destruído por um prefeito anticlerical, que o substituiu por uma área livre enfeitada com nus mitológicos. (BAZIN, 1956, p.151)

Do mesmo modo, são recentes as calçadas que aparecem pela primeira vez no adro e contornam sua área central que também não estava delineada anteriormente. Outro detalhe observado, trata-se de um portão para entrada de pedestres no muro da cerca conventual, localizado próximo à portaria na área rebaixada e recuada da escadaria de acesso à igreja. Pouco se vê além do complexo conventual, são apenas “pedaços” do entorno, parte da fachada de uma casa, um tanto da parede de outra. A imagem concentra-se firmemente no edifício, embora haja uma sutil aparição do Rio São Francisco.

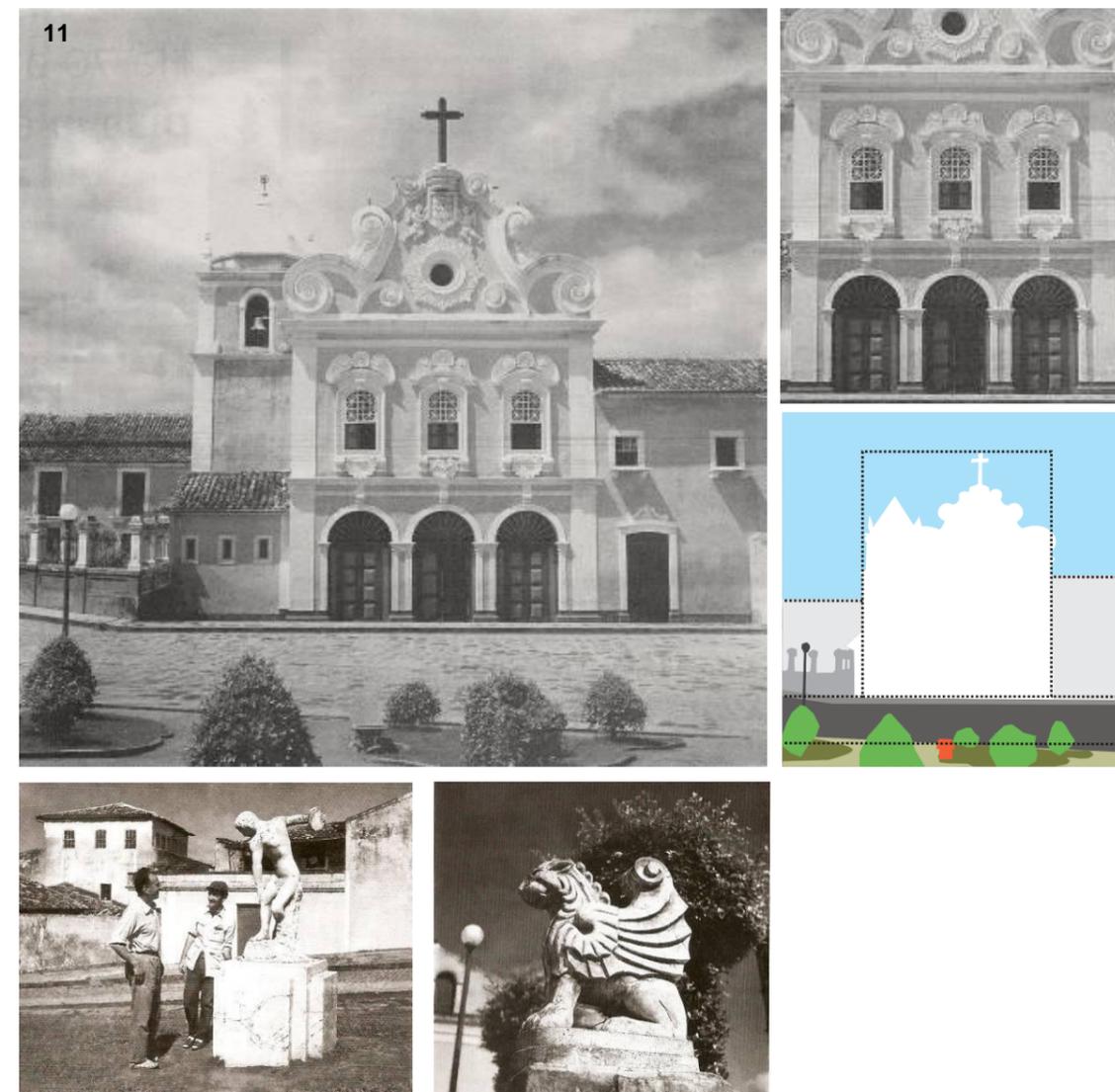


Figura 116: Vistas da Igreja da Ordem Primeira e de detalhes das laterais do adro. Fonte: Pierre Verger, 1947/1951

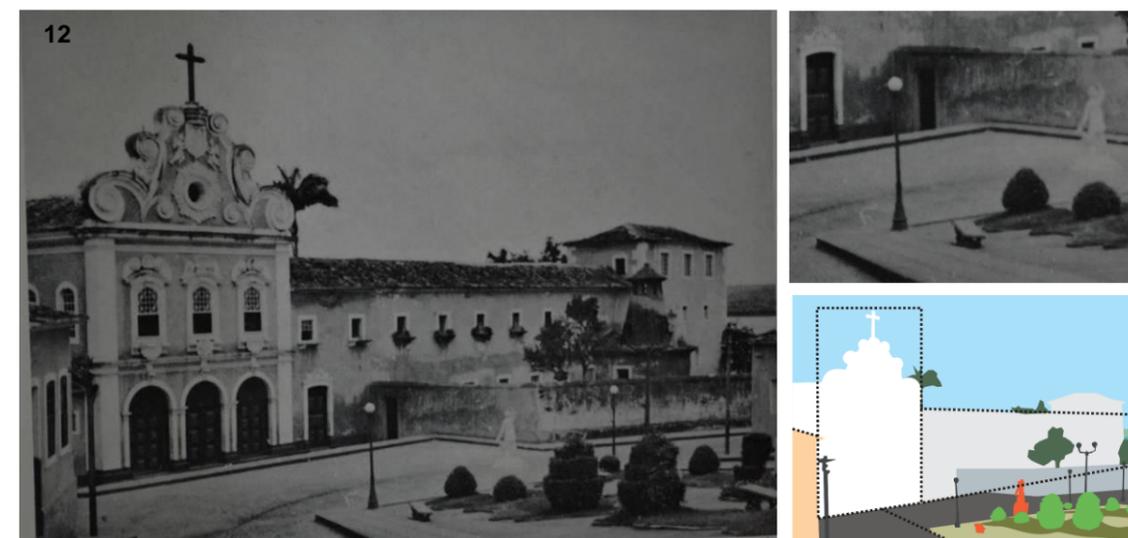


Figura 117: Vista frontal do convento franciscano e seu adro como praça. Fonte: BAZIN, 1956.

13. Com a imagem em questão, há o retorno da pintura mais habitual da fachada da igreja conventual com o tom mais claro à parede e do mais escuro à cantaria. Supõe-se que seja uma pintura próxima à cor natural da pedra. A capela dos terceiros, à esquerda, dá sinais de que permanece com as mesmas tonalidades registradas por Pierre Verger.

Observa-se que parte da vegetação cresceu. O automóvel aqui registrado lembra a problemática da circulação desses veículos nas imediações dos monumentos, resolvido com o recuo da escadaria de acesso ao convento.

O adro remodelado ganhou feições e nome de praça, passando a ser chamado de Praça Camillo de Lellis¹³¹, paradoxalmente, homenageando o guardião franciscano que tanto fez por este convento e pela província franciscana do Nordeste em fins do século XIX.

14. A foto seguinte revela o convento franciscano num cartão postal da cidade do Penedo de meados do século XX. O adro surge numa composição especial que tem, além do papel do registro documental, uma preocupação estética, e até mesmo uma delicadeza com que a paisagem foi cuidadosamente emoldurada.

Tem-se uma visão ampla de quase todo o conjunto edificado seráfico, incluindo toda a ala das celas dos frades e uma das partes mais elevadas do convento, o “mirante”, no seu extremo direito. À esquerda, vê-se sua torre sineira precedida por uma capelinha adjacente à igreja da Ordem Primeira.

Quase tudo no convento parece inalterado quando comparado à fotografia anterior, salvo pela cantaria da fachada de sua igreja que encontra-se mais escura.

Quanto ao adro, este modifica-se com a vegetação mais densa. Observa-se em primeiro plano o obelisco, fixado na sua parte mais alta, seguido pela vegetação que assume um outro caráter sem o trabalho de poda. No seu lado direito, a casa branca da esquina próxima ao convento aparece modificada: antes possuía duas portas e uma janela central, agora apresenta-se com três janelas.

Acima, bem no canto, é possível avistar parcialmente a Igreja de São Gonçalo Garcia, com seu frontispício e duas torres.

Como pano de fundo da foto, o Rio São Francisco contorna a linha do céu, geralmente desenhada pelo frontispício da igreja conventual franciscana, e permite-nos observar além de um banco de areia, a cidade de Neópolis, que se situa nas margens sergipanas desse rio.

¹³¹ Frei Antônio de São Camilo de Lellis, enquanto guardião do convento do Penedo, em meados do século XIX, teve a atitude pioneira de buscar pela restauração da Província de Santo Antônio do Nordeste, iniciada em 1885, é, portanto, considerado um dos grandes idealizadores do renascimento da vida franciscana no Brasil. Nos seus últimos anos de vida morou no convento do Penedo. Faleceu em 1904 na sua cela.



Figura 118: Vista da igreja conventual e de parte da nova feição do adro. Fonte: site da Galeria Golbery Lessa, s/data.



Figura 119: Para além do convento franciscano, o postal também emoldura o Rio São Francisco. Fonte: site da Galeria Golbery Lessa, s/data.



Figura 120: Esquema da praça implantada no adro em 1942. Fonte: Infográfico elaborado pela autora, 2012.

15. A imagem registra uma cena do ano de 1984, quando ocorre a comemoração dos 200 anos da história do convento na cidade do Penedo, contados a partir de 1784 – ano da conclusão das suas obras, conforme consta numa placa presente na portaria do mesmo. Das janelas do coro da igreja conventual, vê-se os números “2” “0” “0”, que referem-se à festividade de consolidação definitiva da presença franciscana na cidade.

A foto marca também o retorno do cruzeiro, passadas décadas após a sua polêmica retirada. Na realidade, em 1964, implantou-se uma réplica do cruzeiro primitivo, não no mesmo lugar do anterior, mas muito próximo à posição original. Segundo Túlio Vasconcelos Cordeiro de Almeida¹³², para a construção do cruzeiro atual, foi utilizado como material parte das pedras do antigo cruzeiro e pedaços das rochas da própria rocheira do Penedo. Ernani Méro (1982, p.34) escreveu sobre esse fato:

Resolvemos iniciar uma campanha para a restauração do Cruzeiro pelo jornal O Apóstolo. Em 2 de Fevereiro de 1964, o Prefeito Dr. Raimundo Marinho recolocou o Cruzeiro diante do convento, aproveitando pedaços restantes e a complementação foi feita pelo Mestre Waldemar Silva com pedras da Rocheira. Apenas houve um detalhe, é que o local não é o primitivo por força da traça da praça.

O adro, mais uma vez é remodelado e apresenta-se com novo calçamento adquirido com a configuração escalonada do seu piso. As mesmas mudanças foram acompanhadas pelos demais componentes do seu espaço, como o redesenho dos jardins e a disposição do novo mobiliário com bancos de madeira e altos postes de iluminação mais atuais. As alterações podem ser observadas também no muro que delimita a cerca conventual, onde anteriormente havia um acesso de pedestres próxima à portaria do prédio, agora vê-se um portão para entrada de veículos, imediato à zona de estacionamento que fica defronte à igreja conventual. As casas que compõem o lado esquerdo do adro, conforme aparecem na foto, também foram reformadas e ganharam ares modernistas com o uso de linhas ortogonais na fachada, por adoção de platibanda e esquadrias em ferro.

16. Na foto datada de 1985, a mudança de enquadramento permite-nos entender melhor o novo perfil escalonado que configura o adro. O espaço central encontra-se outra vez alterado em comparação às características físicas da foto anterior. Algumas peças desta unidade foram novamente modificadas, entre elas, os bancos, os canteiros e as calçadas, que receberam outro tratamento por meio do emprego de novos materiais. Sendo que nesta imagem, a calçada que delimita o adro apresenta a seguinte inscrição “ADMINISTRAÇÃO TANCREDO PEREIRA”, o que nos lembra a respeito da postura comum à gestão pública que, ao implementar obras nos logradouros públicos, busca imprimir neles uma marca pessoal.

¹³² Túlio Vasconcelos Cordeiro de Almeida é arquiteto e especialista em cantaria e no seu restauro. Em visita ao convento de Penedo no ano de 2011, ele concedeu uma entrevista ao Grupo de Estudos da Paisagem onde tratou de alguns elementos produzidos em pedra existentes no covento do Penedo, dentre eles: as colunas do claustro, detalhes da fachada da igreja conventual e o cruzeiro do adro.

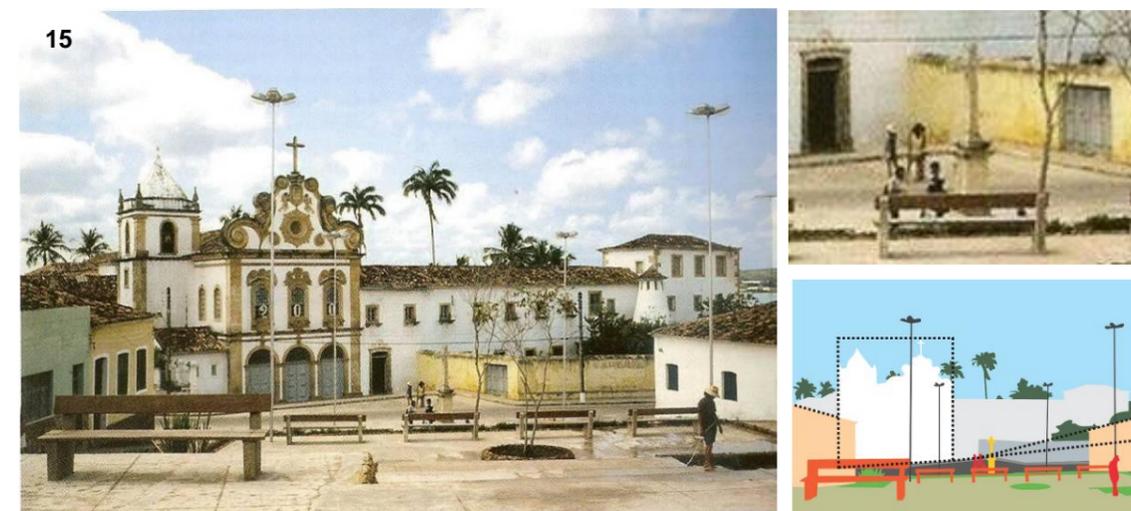


Figura 121: Vista do adro em 1984, com o convento franciscano ao fundo. Fonte: MATTOSO, 2010. Foto de José Pessoa, 1984.



Figura 122: Vista do adro em 1985, com perfil escalonado. Ao fundo, Igreja Matriz e parte do seu entorno. Fonte: IPAHN-RJ, 1985.



Figura 123: Mudanças urbanísticas do adro conforme feições da foto acima, de 1985. Fonte: Infográfico elaborado pela autora, 2012.

Com relação às edificações que compõem as laterais do adro, observa-se que as residências receberam uma linguagem plástica mais moderna, de traços mais ortogonais, porém sem interferir na sua volumetria que permanece a mesma até os dias atuais. A catedral e os sobrados que a ela se alinham e circundam a parte alta do adro continuam com o mesmo feitiço estético dos séculos anteriores. Nos sobrados há um caráter colonial.

17. A foto seguinte, já de 2005, adota o mesmo ângulo de visão da imagem 122. De imediato convoca-nos o olhar a densa vegetação, incluindo duas árvores, que tomaram posse da área central do adro ao tempo de vinte anos. Enquanto isso, nas suas laterais, as edificações prosseguem inalteradas, exceto pela casa de esquina, próxima à Catedral, que sofreu algumas modificações.

18. A última imagem é também a mais recente, Datada de 2009, ela apresenta o adro em suas feições mais atualizadas. No que se refere a sua área central, este continua escalonado, porém com o emprego de materiais mais modernos e com novos desenhos no seu agenciamento e na demarcação dos jardins que isolaram o cruzeiro, especificidades resultantes da última intervenção urbanística, de 2008, que permanece dentro da mesma moldura estabelecida em 1922. O casario que conforma os seus lados conserva a maioria das suas características e apesar das fachadas “modernizadas”, as casas resguardam suas antigas volumetrias.

Atualmente chamado de Praça Frei Camilo de Lellis, o adro surge com a implantação de postes mais baixos e modernos, e com sua cobertura vegetal modificada, sumindo as árvores e arbustos que deram lugar a palmeiras.

Este último registro fotográfico foi realizado quando da comemoração dos 350 anos dos conventos franciscanos em Alagoas¹³³ e demonstra que o adro mesmo com seu perfil modificado continua a favorecer uma socialização popular e encontros coletivos.

No decorrer dos anos, as alterações se sucederam seguidamente e transformaram o caráter do adro, de modo que interferiram na relação deste com a população e do convento com a cidade. Muito se perdeu, mas se preserva o ângulo de visão da frontaria do complexo edificado do qual o ele é elemento indissociável.

¹³³ Evento produzido pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem promovido em 2009, quando da comemoração dos 350 anos da fundação das duas casas conventuais em Alagoas, e do qual a autora participou da organização.



Figura 124: Vista do adro com as mesmas feições da imagem anterior, difere-se dela pela inserção das árvores na parte mais alta do adro. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2005.

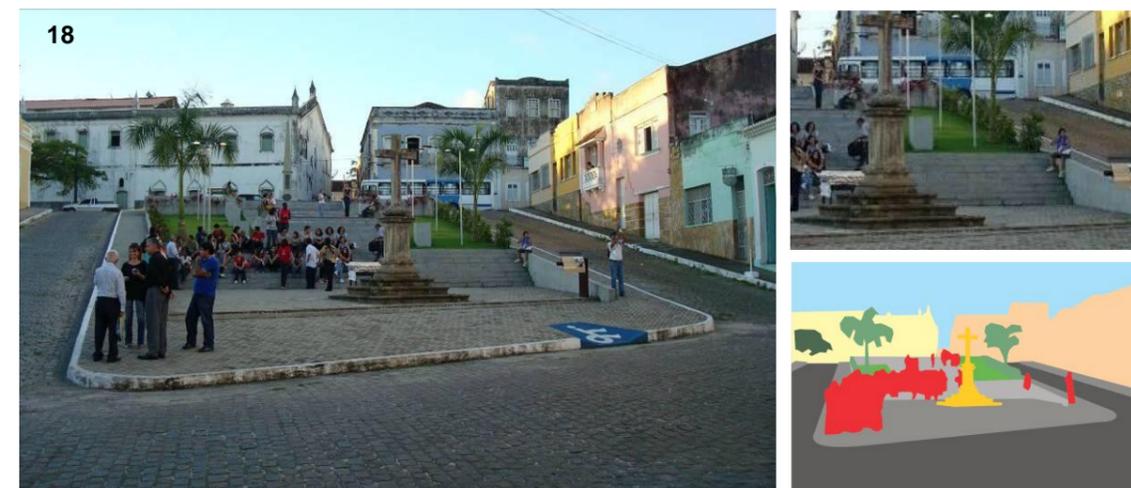


Figura 125: Adro como local de encontro no encerramento do evento que celebrou os 350 anos dos conventos franciscanos em Alagoas. Fonte: Autora, 2009.



Figura 126: Esquema do atual agenciamento do adro, conforme foto acima, de 2009. Fonte: Infográfico elaborado pela autora, 2012.

Os infográficos em 3D foram trabalhados de modo a representar este mesmo percurso temporal do adro de Penedo de maneira diferente. Eles objetivam evidenciar as camadas que se acumularam com o decorrer do tempo. Deste modo, destacaram-se, por meio de manchas de cores, os vários agenciamentos de piso e acabamentos que este espaço possuiu. De início, um campo aberto de chão em terra batida, limitado pelo casario circundante. Mas com o passar das décadas, várias campanhas de remodelação redesenharam e seccionaram sua área apartando-o não só do convento, mas também do tecido urbano de Penedo.

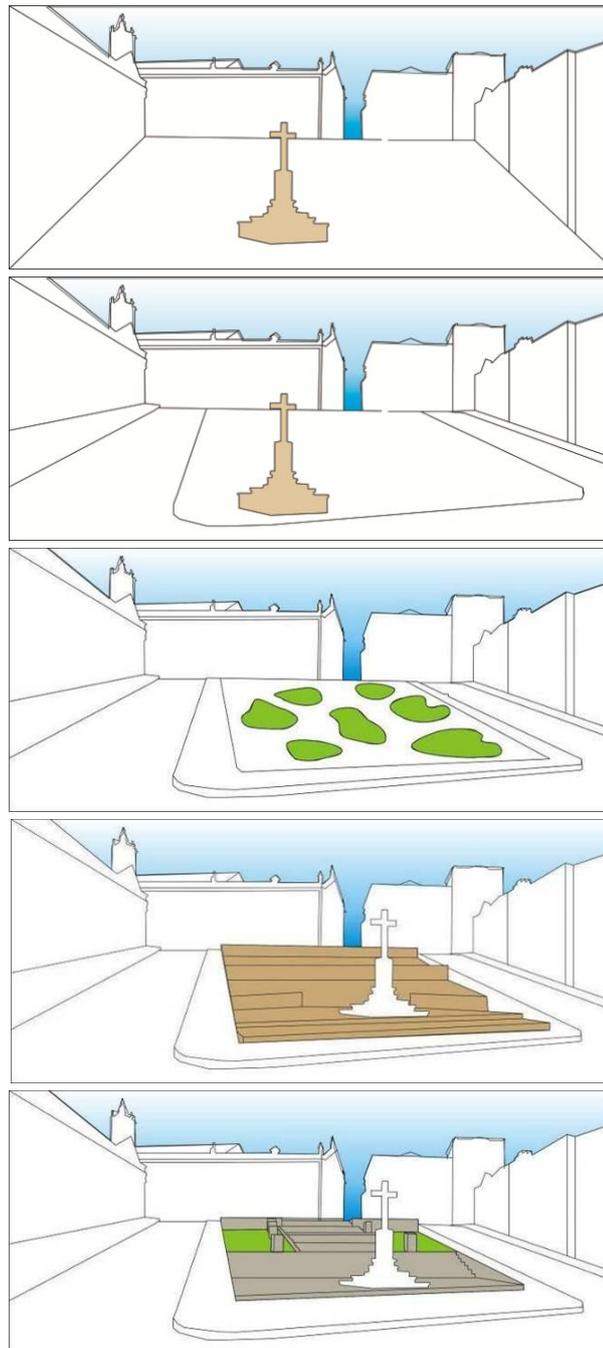
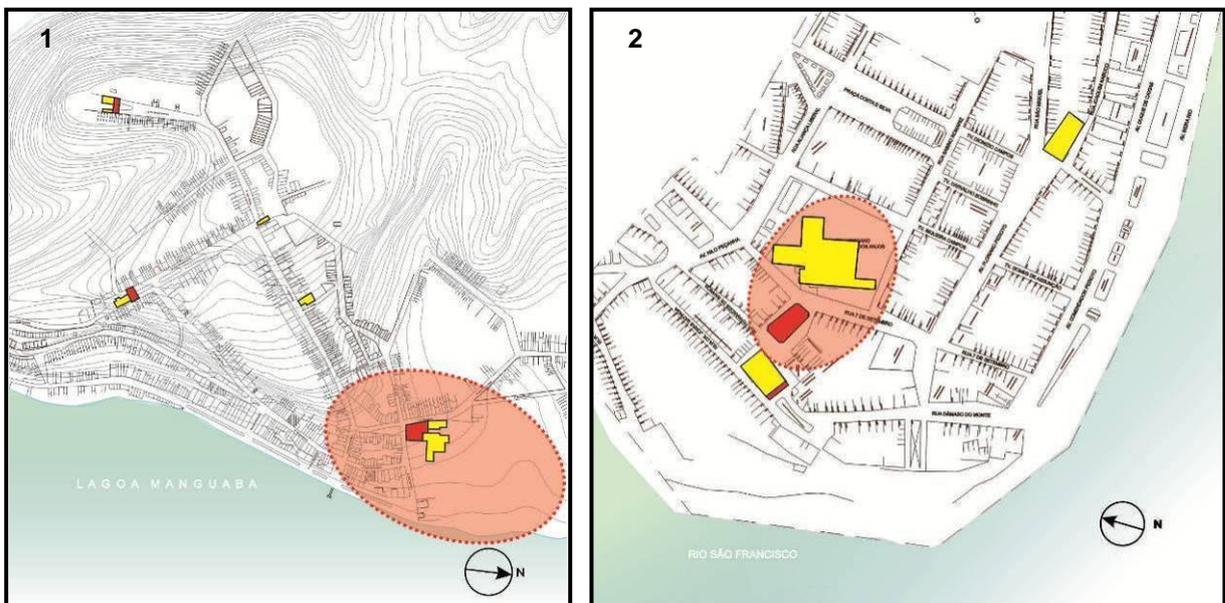


Figura 127: Esquemas apresentam o adro franciscano voltado para a cidade do Penedo e refazem o percurso dos redesenhos de piso deste espaço. Fonte: Infográfico elaborado pela autora, 2012.

2.4 Quando os adros viram praças nas Alagoas

Em Marechal Deodoro, reduzido à área imediata aos frontispícios das igrejas das Ordens Primeira e Terceira, o adro do Convento de Santa Maria Madalena, atualmente, apresenta-se com 21,5%¹³⁴ da sua antiga área total. De modo semelhante, em Penedo, o adro do Convento Nossa Senhora dos Anjos diminuiu consideravelmente e ficou restringido à área central da sua antiga extensão e hoje, mostra-se com 20,8%¹³⁵ dela.

Em ambos, os movimentos de área se deram devido a processos urbanísticos que afetaram também os demais adros das duas cidades nos fins do século XX. Isso fez com que estes amplos espaços abertos, remanescentes dos setecentos, fossem “mobilizados” e perdessem parte de suas áreas totais para abertura do sistema viário e para a implantação de árvores e estátuas, específico ao de Penedo, que lhes conferiram feições de praças.



Legenda:

- templo religioso
- área adro atual

Figura 128: Mapas destacam os adros com suas igrejas inseridos nas malhas urbanas atuais das cidades de Marechal Deodoro (1) e Penedo (2). Fonte: Plantas cadastrais das Prefeituras de Marechal Deodoro, 2008, e do Penedo, 2001. Adaptação da autora, 2012.

¹³⁴ Foi possível, por meio do programa AutoCAD, calcular a área atual do adro franciscano de Marechal Deodoro, estimada em 1400 m², e a sua provável área antiga, de aproximadamente 6502 m², e com isso totalizar o quanto foi subtraído deste espaço.

¹³⁵ Foi possível, por meio do programa AutoCAD, calcular a área atual do adro franciscano do Penedo, estimada em 721,75 m², e a sua provável área antiga, de aproximadamente 3470 m², e com isso totalizar o quanto foi subtraído deste espaço.

Portanto, nos dois casos, culminando as contínuas trocas ocorridas a favor de um uso mais laico dos adros, estes assumiram efetivamente a função de praças, no caso de Penedo em 1942 e em Marechal por volta de 1970.

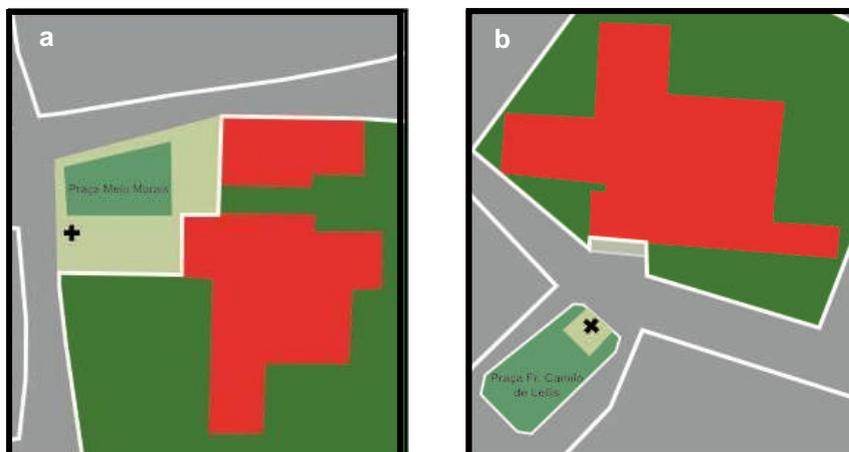


Figura 129: Esquemas destacam a porção dos adros destinada a servir de praça, Marechal Deodoro (a) e Penedo (b). Fonte: Plantas cadastrais das Prefeituras de Marechal Deodoro, 2008, e do Penedo, 2001. Adaptação da autora, 2012.

No que se refere à permanência do Convento Nossa Senhora dos Anjos como moradia de frades, pode-se concluir que mesmo o fato dele ainda manter as portas abertas e prestar serviços religiosos e sociais à população¹³⁶ não foi suficiente para que ele aglutinasse o adro para si.

Nesse sentido, o adro franciscano, com o passar do tempo, tanto em Marechal Deodoro quanto em Penedo, deixou de ser um local extenso que se expandia livremente à frente da igreja conventual. Aos poucos sua rusticidade, com seu chão em terra batida, foi sendo alterada por vias, passeios e mobiliário urbano diversas vezes modernizado, com bancos e luminárias implantados para redesenhar e “atualizar” este espaço.

Apesar dessas intervenções, cada adro, a seu modo, conserva suas laterais alinhadas pelo casario circundante, e com isso preserva-se o ângulo de visão do prédio conventual (igrejas) do qual o adro é indissociável.

¹³⁶ Segundo Frei Vieira, em depoimento concedido à autora no ano de 2008, o convento de Penedo atende significativa parte do vale do rio São Francisco, de Penedo até Piranhas.

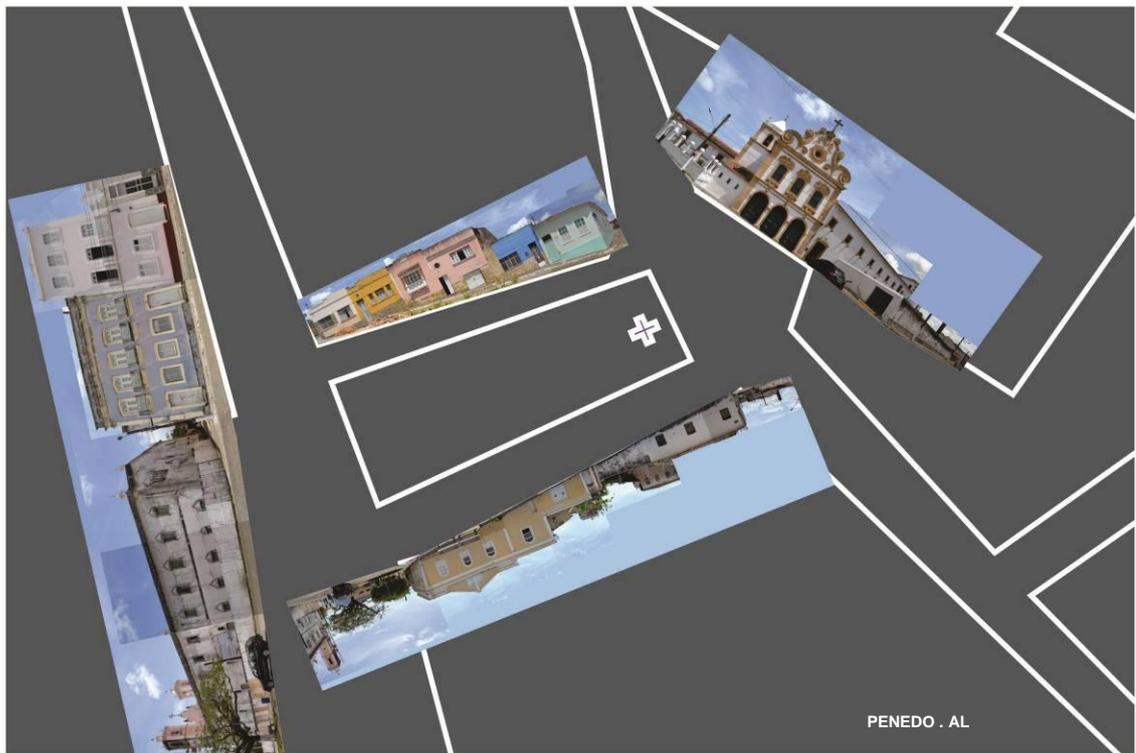


Figura 130: Vistas do adro com entorno próximo aos conjuntos franciscanos de Marechal Deodoro e do Penedo. Fonte: Fotos da autora, 2008, 2009.

Essa força de perspectiva é recorrente aos 14 adros franciscanos do Nordeste, mesmo quando a função de praça tenta tirá-la do antigo adro.

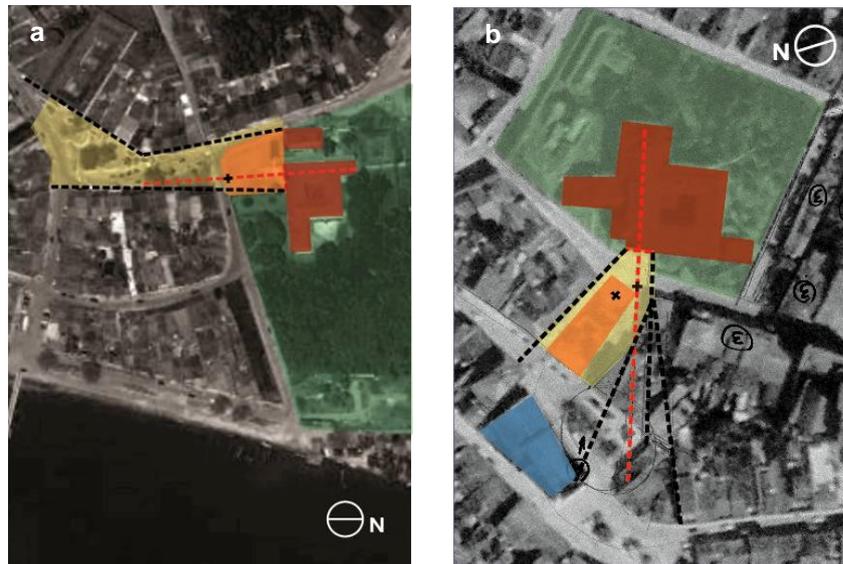


Figura 131: Infográficos referentes aos adros dos conventos franciscanos de Alagoas. Produzido pela autora segundo observações feitas *in loco* e com auxílio de vistas áreas e plantas do traçado da malha urbana de Marechal Deodoro (a) e Penedo (b). Fonte: (a) Google Earth, 2012; (b) Foto aérea pertencente à CODEVASF, s/ data.

Permanece também o efeito surpresa de quem chega pelas ruas estreitas, vindo das partes mais elevadas da cidade ou das cotas mais baixas, e se depara com a amplitude do seu vazio. De alguma maneira, ainda dialogam com outros edifícios religiosos. Por exemplo, o “foco perspectivado” que existe com relação à matriz, mesmo prejudicado por “novas barreiras” da cidade (traçados de ruas, passeios), há uma saída do adro que “aponta” o convento diretamente para a igreja matriz.

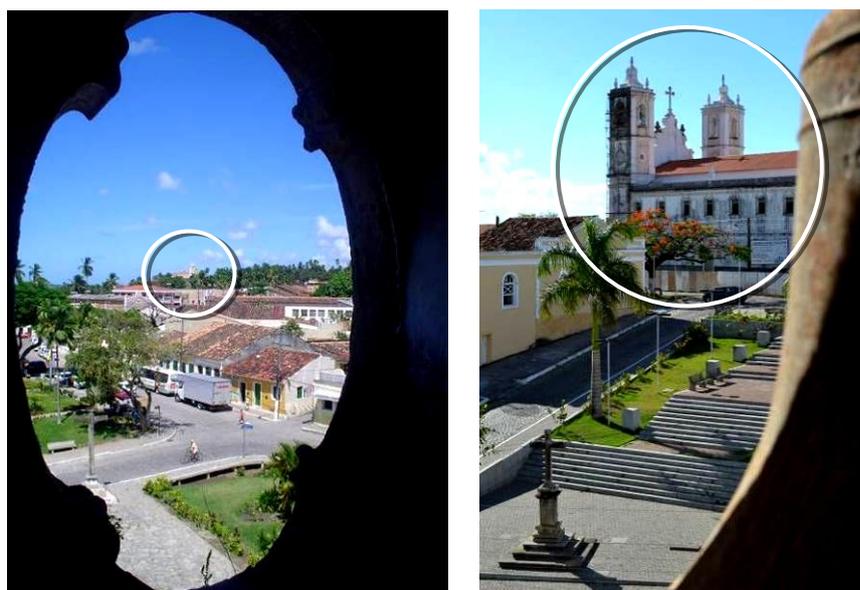
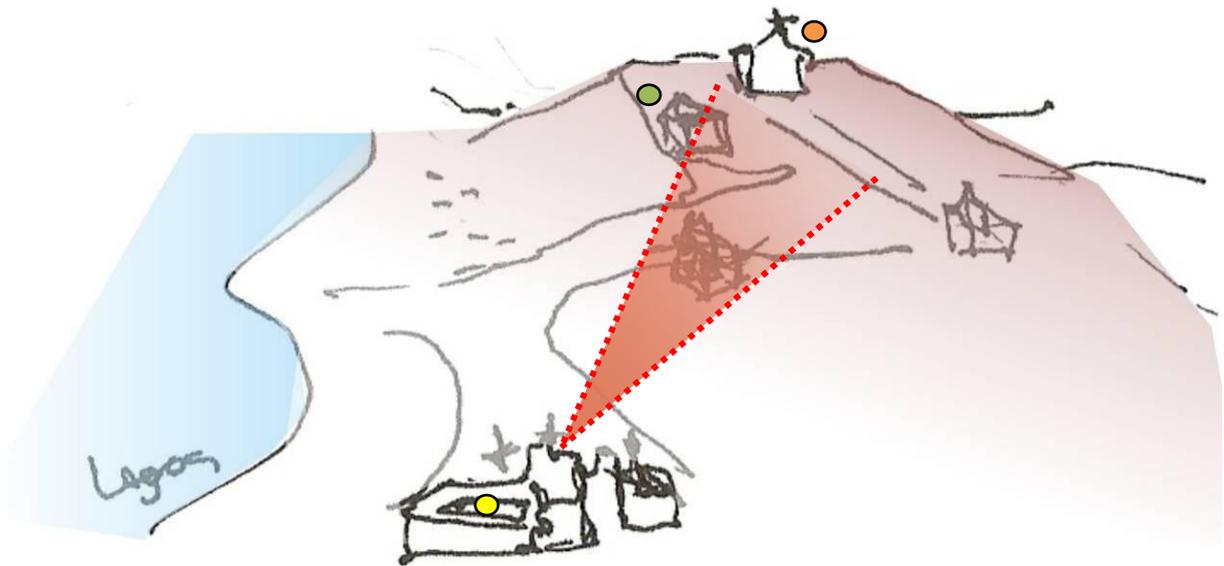
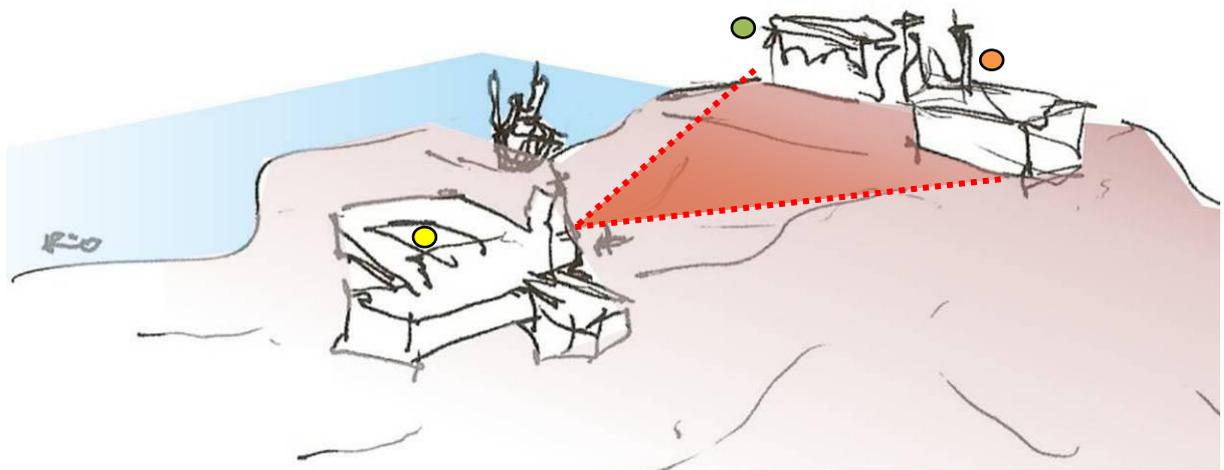


Figura 132: Da torre sineira desses conventos avista-se a extensão do adro, parte da cidade e a igreja matriz por meio de um ângulo de visão resguardado ainda hoje pelo desenho do adro. Fonte: Marechal (a), acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2004; Penedo (b), foto da autora, 2012.



Vila de Santa Maria Madalena do Sul



Vila do Penedo do São Francisco

Legenda:

- Convento franciscano
- Matriz
- Casa de câmara

Figura 133: O arranjo urbano com os três blocos: igreja matriz + casa de câmara e cadeia + convento posicionados nas vilas de Santa Maria Madalena do Sul e o do Penedo do São Francisco, Alagoas. Fonte imagética: Infográfico de É. Aprígio, 2010.

Diferencia-se num ponto o adro de Penedo, o convento é circundado por um casario plasticamente diversificado, com exemplares que vão desde os de traços coloniais aos de caráter moderno, sendo a ambiência colonial a mais predominante. Ao contrário do de Marechal Deodoro que é mais distante, este adro encontra-se diretamente ligado à Catedral, e desta maneira, muito próximo ao Palácio Provincial e à Casa de Câmara e Cadeia, na porção, onde outrora, foi erguido uma fortificação holandesa, o Forte Maurício.

Marechal Deodoro



Penedo

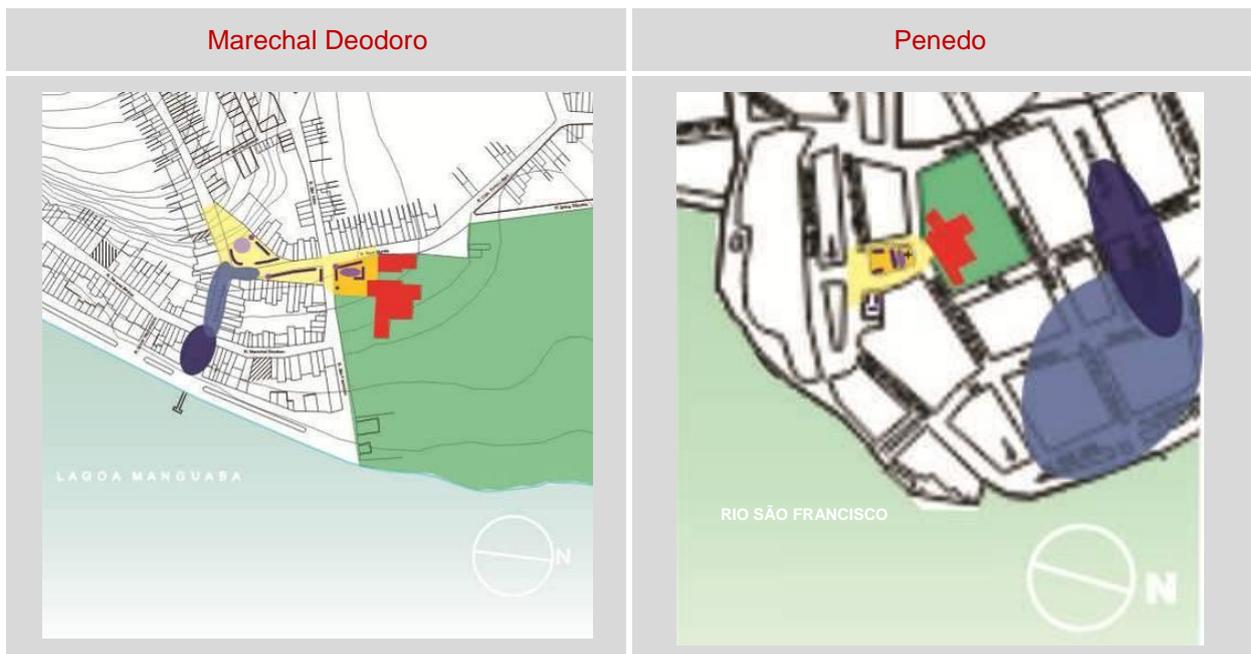


Figura 134: Vistas do adro e entorno próximo aos conjuntos franciscanos de Marechal Deodoro e do Penedo.
 Fonte: Fotos da autora, 2008, 2009.

Além da inserção num conjunto paisagístico cujos valores arquitetônicos e urbanísticos são reconhecidos pelo IPHAN, onde guardam proximidade com outros templos religiosos e monumentos históricos também tombados. Os dois adros também estão localizados na área central de ambas as cidades. Encontram-se muito próximos às principais vias, e portanto, as com maior fluxo de veículos, e aos equipamentos urbanos, como escolas, bancos, pronto socorro, estabelecimentos comerciais, dentre outros.

Ambos os adros têm na sua vizinhança a principal zona comercial das duas cidades. No entanto, diante desse contexto de efervescência mercantil, somente o adro de Marechal Deodoro encontra-se inserido, apresentando uma dinâmica urbana mais intensa com muitos fluxos durante o horário comercial, tanto de automóveis quanto de pedestres, e abrigando usos que não se vinculam aos edifícios religiosos mais que cabem ao contexto atual do entorno onde o mesmo se insere.

O adro franciscano de Penedo, mesmo adjacente a repartições públicas e à principal avenida com pontos comerciais, comporta-se com apatia, o inverso do que acontece ao de Marechal.



Legenda:

- ÁREA REFERENTE AO CAMPO DE FUTEBOL
- ÁREA DE PERMANÊNCIA PELO ATO DO SENTAR
- CORETO
- PONTOS DE VENDAS - AMBULANTES
- FEIRA DA CIDADE
- ZONA DE COMÉRCIO

Figura 135: Zonas de ocupação nos adros franciscanos e nas suas proximidades, Marechal Deodoro e Penedo. Fonte: Plantas cadastrais das Prefeituras de Marechal Deodoro, 2008, e do Penedo, 2001. Adaptação da autora, 2012.

Em se tratando dos fluxos de pedestres existentes nestes adros, a localização central, já mencionada, deveria ter implicação direta na circulação constante de transeuntes que atravessam seu espaço diariamente. Mas não foi o que se registrou em Penedo. O adro segue isolado enquanto os caminhos dos passantes não se realizam pelo seu meio, estes são feitos pelas bordas de sua área central, contornando-o.

Ao contrário, em Marechal, viu-se que os fluxos de transeuntes são constantes. Seja em direção ao mercado público, que encontra-se nas proximidades do adro, numa ida ao banco, ao trabalho, à escola ou casa de um conhecido, os moradores da cidade, que têm o costume de andar a pé para resolver suas tarefas rotineiras.



Figura 136: Fluxos atuais de pedestres nos adros franciscanos de Marechal Deodoro e do Penedo. Fotos ilustram o movimento dos passantes nesses adros. Fonte: Planta cadastral da Prefeitura de Marechal Deodoro, 2008. Adaptação da autora, 2012. Fotos: Autora, 2006; 2012.

Hoje, os automóveis dominam o cenário envolvente dos adros de Marechal Deodoro e do Penedo, sejam pelas motos e carros particulares que passam continuamente pelos cruzamentos que o segmentam, sejam pelo transporte coletivo, os ônibus e vans, que possui pontos de embarque e desembarque de passageiros próximos ao cruzamento, como no caso do adro de Marechal Deodoro.

Desfavorecido por uma malha viária imediata ao monumento, o adro recebe diretamente os danos dessa movimentação diária por conta dos automóveis que interferem na percepção visual do espaço e promovem um ambiente confuso para quem vivencia o local.

Em Penedo, também é comum, o tráfego de carros no entorno do adro, principalmente nos dias de feira. Muitas vezes, estes encontram-se estacionados defronte à igreja conventual ou na parte elevada do adro, próximos ao obelisco, que atende à função de Parada de ônibus.

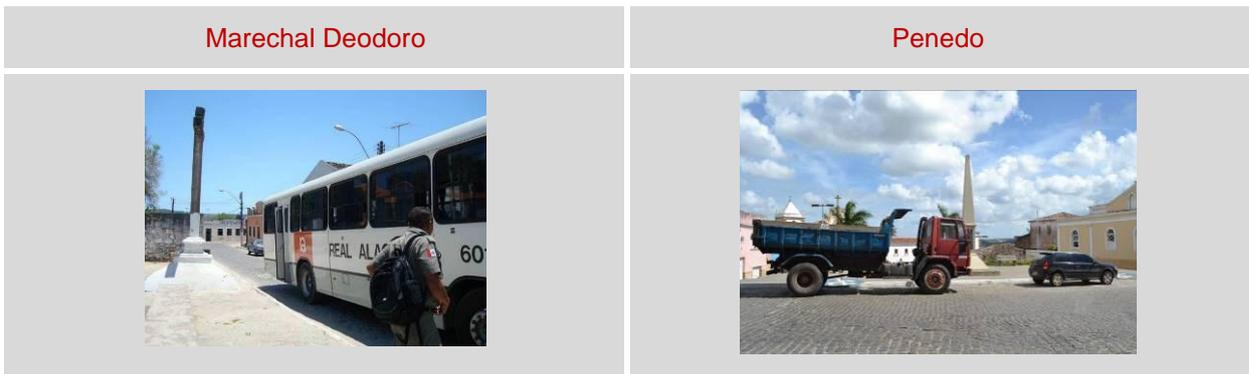


Figura 137: Ponto de ônibus em frente ao cruzeiro do adro de Marechal. Área de estacionamento próximo ao obelisco do adro do Penedo. Fotos: Autora, 2008, 2011.

Em Marechal Deodoro, além da crescente circulação de automóveis, até pouco tempo, outro problema também o afetava, quando grande parte do seu espaço era usada irregularmente como estacionamento. Isso vinha ocorrendo pelo menos desde antes do período de restauro e continuou depois das obras finalizarem. O que demandou uma intervenção, ainda que provisória, por parte dos administradores do monumento a fim de impedir que estas invasões desordenadas continuassem. Caso semelhante ocorreu no convento franciscano de Salvador, Bahia, e no de São Cristovão Sergipe.



Figura 138: O adro, antes do restauro de 2008, utilizado para estacionamento de carros, e depois desse período de restauro, em 2011, com a implantação dos divisores. Fotos: Autora, 2007, 2011.



Figura 139: Os adros franciscanos de São Cristóvão e de Salvador com os seus divisores protegendo-os de possíveis ocupações desordenadas. Fonte: São Cristóvão - http://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g1889397-i43740885-Sao_Cristovao_State_of_Sergipe.html#39350007; Salvador - <http://www.panoramio.com/photo/6771152>



Figura 140: Os mapas trazem as vias que passaram a existir depois do seccionamento dos adros e os fluxos de veículos que nelas transitam diariamente. Fonte: Planta cadastral da Prefeitura de Marechal Deodoro, 2008. Adaptação da autora, 2012.

Na dinâmica dessas duas cidades, diante da escassez de espaços públicos centrais, o adro conforma-se como área livre e pode ser facilmente acessado, principalmente pelos mais jovens, comportando uma demanda diversificada de hábitos urbanos sempre que solicitado. A ocupação no cotidiano dá-se de diferentes maneiras e em diferentes horários, tendo seu espaço absorvido pelo mais variados usos, uma prática comum aos demais adros franciscanos, além dos de Marechal Deodoro e do Penedo, conforme mostra imagem abaixo, do adro de João Pessoa, Paraíba.



Figura 141: Os adros franciscanos de Marechal Deodoro e de João Pessoa com seus carrinhos de venda de lanches. Fonte: Autora, 2011; Foto de Ivo JP, s/ data disponível em: http://i211.photobucket.com/albums/bb205/jpa_07/IMG_0045.jpg.

Observou-se que o adro de Marechal Deodoro adquiriu uma dinâmica própria agregando várias apropriações em coexistência, independente de serem elas de cunho sacro ou profano.



Figura 142: Alguns dos usos do adro, como local do lazer, do sentar, do estacionar. Marechal Deodoro. Foto: Autora, 2009.

Em Penedo, apesar do uso religioso contínuo do convento franciscano, há pouca ligação entre as práticas realizadas no adro e as ligadas aos rituais que acontecem no interior das igrejas. Logo, este espaço tantas vezes modificado parece não dialogar mais nem com complexo edificado religioso, nem com a área da cidade onde encontra-se inserido, no seu centro histórico. Essas ações intervencionistas, realizadas na maioria sem a sabedoria do vínculo com o templo religioso e o entorno, legaram ao cruzeiro uma existência quase muda.



Figura 143: Alguns dos usos do adro, como local do encontro, do sentar, do estacionar. Penedo. Foto: Autora, 2010.

Os dois adros sofreram diversas mudanças, tiveram seus percursos *colonial* e *uso laico* idênticos. Contudo, hoje, as vidas desses adros se mostram completamente diferentes. Funcionando quase de forma inversa ao de Marechal, o adro franciscano do Penedo, talvez devido a sua solução de desenho urbano ou a sua topografia, atrai muito pouco. Sem o vigor urbano que outrora já possuiu, atualmente apresenta-se emudecido. (ver Figura 134)

Em ambos os adros, seu vazio ganha novas atribuições, adaptadas pelas demandas que surgem atreladas a novos costumes, uma delas, a mais comum talvez, é o hábito de se jogar bola. As trocas seguem improvisadas nesses adros, sem a preocupação de vincularem-se com o conjunto religioso ou com o ambiente histórico do qual eles são peças indissociáveis.



Figura 144: O jogo de futebol nos adros franciscano em Marechal Deodoro e em Penedo, durante o dia. Fonte: Fotos da autora, 2009, 2011.

Mas este hábito não se configura exclusivamente dos adros franciscanos de Alagoas. Documentos fotográficos levantados, mostram que jogar no bola no adro também é comum, por exemplo, nos conventos de Igarassu e Olinda, conforme imagens abaixo.



Figura 145: O jogo de futebol no adro franciscano de Olinda, em Pernambuco. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, s/ data.

À noite, o ciclo na dinâmica urbana desses adros continua. Mesmo com as igrejas fechadas, pode-se observar a movimentação de transeuntes e a permanência de moradores de áreas próximas. No entanto, as situações dos dois adros são díspares, enquanto que no do Penedo, o adro oferece uma melhor estrutura como praça, o de Marechal não mais possui iluminação e sofre com o descaso por parte da gestão pública, porém ainda assim, este convoca mais as pessoas.

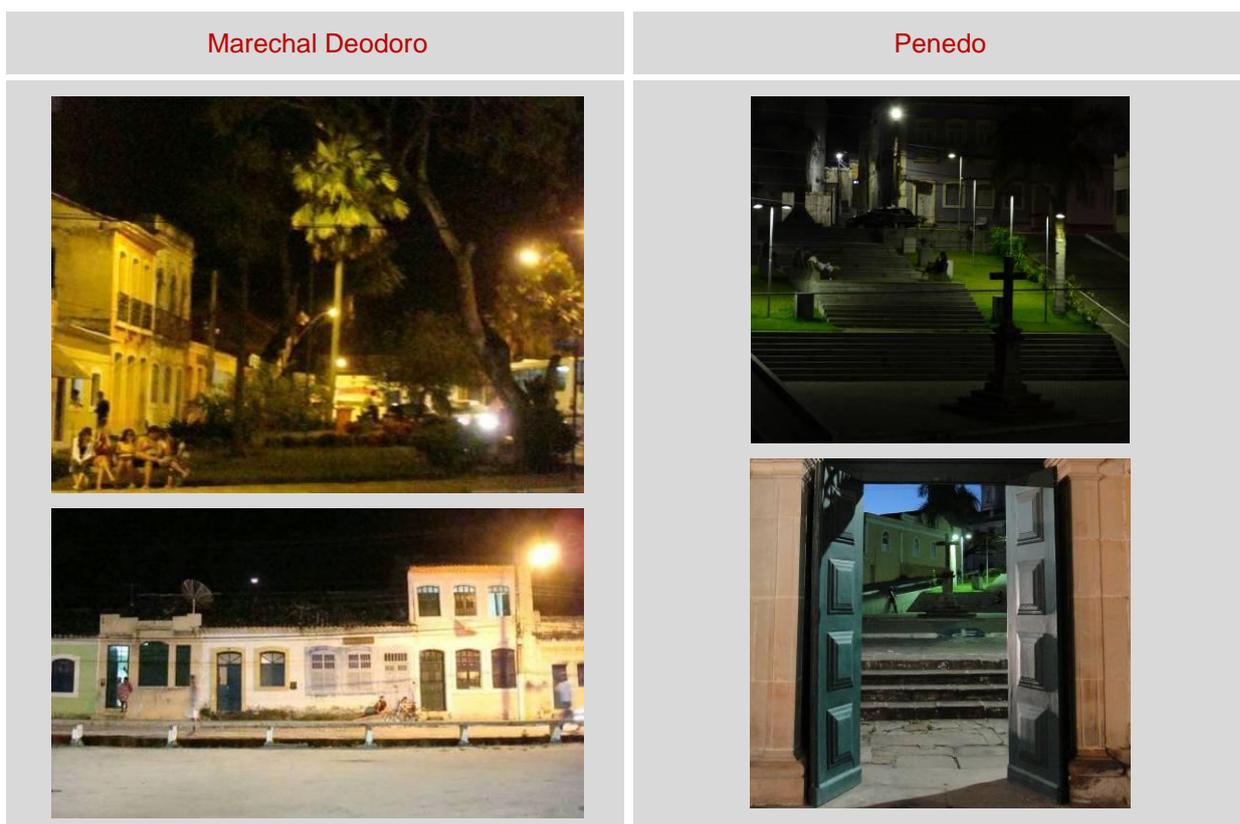


Figura 146: Vistas noturnas dos adros franciscanos em Marechal e em Penedo, Alagoas. Fotos: Autora, 2008.

A não inclusão do adro na última ação de salvaguarda, já mencionada anteriormente, suscitou um elemento de distanciamento a mais entre convento e cidade, supostamente mais forte em Marechal Deodoro. Isso refletiu diretamente no espaço do adro e na maneira de como se deram as apropriações e as não apropriações deste espaço. Numa tentativa de trazê-lo para o monumento e amenizar esta situação, o tapume das obras de restauro do convento, em 2009, durante o dia do Paço em Marechal Deodoro¹³⁷, foi contemplado por uma ação voltada para a educação patrimonial desenvolvida pela Secretaria de Cultura do Estado (SECULT).

¹³⁷ O Dia do Paço trata-se de um grande evento com diversas ações comemorativas e institucionais que ocorrem em Marechal Deodoro, quando grande parte da gestão pública, incluindo o cargo de governador e algumas das suas secretarias do Estado, volta a despachar na antiga capital de Alagoas por um dia.



Figura 147: Vista do adro com o tapume após dinâmica de educação patrimonial promovida pela SECULT e realizada com estudantes deodorenses. Detalhes à direita. Fotos: Autora, 2009.

Em visita realizada em 2009, observou-se o movimento das fronteiras do adro como centro de convergência de pessoas e a multiplicidade de corporeidades no seu espaço: campo de futebol, pessoas sentadas, circulação, orquestra, estacionamento. Nas ruas que o delimitam e também atuam na produção deste lugar, tinha-se o tráfego de automóveis, inclusive de ônibus, com velocidades por vezes altas, tornando-o confuso e barulhento.



Figura 148: Adro franciscano no tempo das festividades da Padroeira da cidade, em 2009. Foto: Autora, 2009.

Em 2010, o adro já se encontrava sem o tapume, e devido a isso foi possível observar que o mesmo percurso da procissão de Nossa Senhora da Conceição não se restringiu às margens do adro, como ocorrido no ano anterior quando as pessoas passaram somente pelas vias. É bem verdade, que o adro continua sem entrar totalmente nesta procissão, talvez pelo comprido banco que o limita, assumindo função também de obstáculo aos cortejos seguidos por tanta gente.

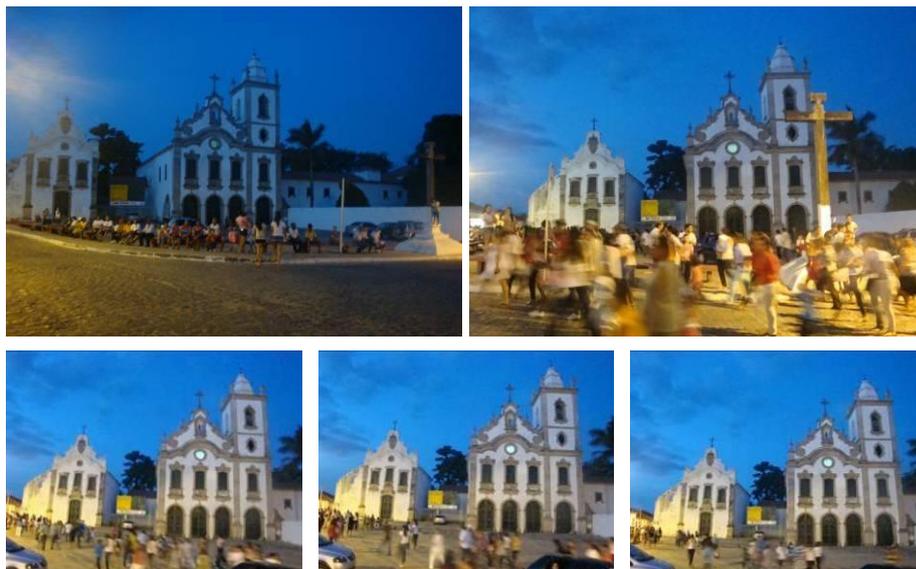


Figura 149: Adro franciscano no tempo das festividades da Padroeira da cidade, em 2010. Foto: Autora, 2010.

Outro momento pontual da ação do adro como espaço religioso ocorre na Procissão do Encontro¹³⁸; quando na manhã da sexta-feira da Semana Santa, as imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, após se encontrarem na frente da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, são conduzidas nos andores, carregados por mulheres e homens respectivamente, e percorrem várias ruas da cidade e dentre os pontos visitados, o adro do conjunto franciscano.



Figura 150: Adro franciscano durante a Procissão do Encontro, em 2009. Foto: Acervo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Marechal Deodoro, 2009.

¹³⁸ Prática religiosa registrada durante a realização do projeto INRC realizado em Marechal Deodoro no ano de 2009.



Figura 151: Fluxos da procissão de Nossa Senhora da Conceição no adro franciscano, Marechal Deodoro. Fonte: Planta cadastral da Prefeitura de Marechal Deodoro, 2008. Adaptação da autora, 2012.

Uma ocasião especial para o adro franciscano de Penedo foi o retorno das celebrações litúrgicas na igreja da Ordem Primeira, que tinha passado por restauro e fora aberta havia pouco tempo. Com as festividades de Santo Antônio, realizadas no fim de agosto de 2011, a programação estendeu-se para o exterior, para as ruas, para o adro, que além de ter sido todo decorado e recebido barracões para a comercialização de produtos típicos de uma quermesse que compõe os festejos religiosos.



Figura 152: A festa de Santo Antônio no adro franciscano do Penedo. Fotos: Geraldo José Santos, 2011.

Também no adro de Nossa Senhora dos Anjos, ficou comprovada a coexistência dos usos à medida que se acompanhou algumas celebrações realizadas no convento franciscano durante a Semana Santa, em 2010, onde ao mesmo tempo em que se realizava a Missa do Lava Pés, havia um grupo de crianças jogando bola no adro.

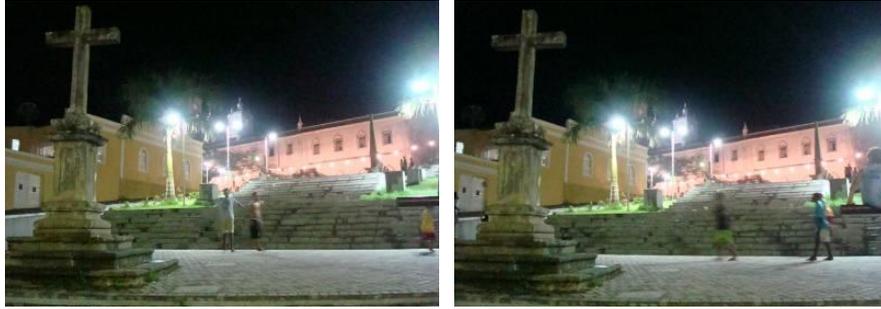


Figura 153: O jogo de futebol no adro franciscano em Penedo à noite, durante celebração da Semana Santa.
Fonte: Fotos da autora, 2010.

Porém, apesar do uso religioso do adro sobreviver no convento de Nossa Senhora dos Anjos, surpreendentemente, foi em Marechal Deodoro, não em Penedo, que observou-se maior convocação do adro nas festividades de caráter litúrgico. Constatou-se, portanto, que a relação entre o funcionamento do convento e o adro “ativo” nem sempre é determinante.

*Logradouro por excelência, a praça deve sua existência, sobretudo, aos adros das
nossas igrejas.*

MARX, 1980, p.49-50

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Do adro seiscentista à praça contemporânea

Na altura de concluir este trabalho permanece a indagação: Afinal, o que seria o adro ao término deste caminho?

Com a finalidade de encontrar pistas nas fontes primárias consultadas, sobre a definição do que viria ser o adro, buscou-se por um léxico mais antigo, da época em que esses espaços surgiram no Brasil. Raphael Bluteau¹³⁹ (1712), em suas considerações acerca do conceito de adro, o define como sendo o local diante da igreja onde se faziam os enterramentos por estes não serem permitidos no interior do templo religioso:

(...) porque antigamente não se enterravam os Cristãos nas Igrejas, nem ao pé dos Altares, por respeito ao Corpo, e Sangue de Jesus Cristo, que nos ditos lugares se consagra; mas nos Adros das Igrejas, a saber na entrada, e a diante da porta principal delas se abriam as sepulturas, (...).¹⁴⁰

Em mosteiros e conventos da Europa medieval, a exemplo do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra, Portugal, o enterramento de leigos no adro era uma prática comum devido à preocupação de salvação da alma e da possível existência do purgatório, ideia bastante difundida pelos franciscanos, pois, sendo sepultados desta forma, em solo sagrado, os fiéis estariam mais próximos da vida eterna no paraíso, junto a Deus.

Dado que o tempo de Purgatório podia ser reduzido através da intercessão dos vivos, esta seria tanto mais eficaz se assegurada pelo sacerdote de uma igreja ou religiosos de um mosteiro, pois, neste caso, o defunto beneficiaria das orações diárias da comunidade religiosa, com uma vivência consagrada a Deus.¹⁴¹

Certamente um pouco dessa herança do uso chegou ao Brasil. Pois, no convento de Santa Maria Madalena, em Marechal Deodoro, a escavação arqueológica comprovou a existência de um cemitério próximo ao adro, no espaço descoberto entre as duas igrejas do complexo conventual, além das usuais campas sepulcrais nos corredores do claustro, igreja e portaria. No que se refere aos outros adros, não se conseguiu informações sobre este uso.

O que se confirma na documentação é o entendimento do adro como um *locus* sagrado para os vivos, usado para receber a comunidade nos grandes encontros coletivos, cumprindo seu papel social que admite tanto as manifestações populares para adorar a Deus, perante ao cruzeiro em cantaria, e as para compartilhar momentos da vida cotidiana.

¹³⁹ O Vocabulário português e latino, de Raphael Bluteau, estuda a língua portuguesa fazendo um paralelo dos verbetes com suas raízes no latim. É o primeiro a se valer desse teor diferenciado, é possivelmente o mais antigo dicionário da língua portuguesa.

¹⁴⁰ BLUTEAU, Raphael. Vocabulário português e latino (1712, p.136). Disponível em: www.brasiliana.usp.br/dicionario/1/adro.

¹⁴¹ CÔRTE-REAL, Artur (Coord.). Mosteiro de Santa Clara de Coimbra. Do covento à ruína, da ruína à contemporaneidade. Coimbra: Ediliber, 2009, p.58.

Apesar de inicialmente estarem estreitamente associados à sua função religiosa, os adros e terreiros de igrejas e de conventos cedo foram apropriados para funções urbanas profanas. Muitos destes espaços obedeciam a prescrições precisas quanto à sua localização, orientação e forma, pelo que muitas praças urbanas estão marcadas formalmente por esta função religiosa que lhes deu origem. Exemplos deste tipo de espaços são o terreiro de Jesús ou o terreiro de São Francisco em Salvador da Bahia.¹⁴²

É desse outro entrelaçamento do adro, dessa sua articulação como lugar comum que acolhia a socialização e aglomeração de diversas atividades, dentre as de cunho religioso, que ele já anuncia a função de praça. O declínio do termo “adro” e a reciclagem de seus usos irão, ao longo dos séculos, incumbir-se de conformá-lo na praça contemporânea.

Mas que praça é essa que se originara do adro? “Lugar público, plano, e espaçoso, nas Cidades, Vilas, e c. Para feiras, e jogos públicos, em que se corre a argolinha, se joga as cantoadas, se toureia, [...] Onde se compra, e vende.”¹⁴³, desenha-a Bluteau ao discorrer sobre o vocábulo.

No âmbito deste trabalho não se identificou o uso de feira no adro nos casos de Marechal Deodoro e Penedo. A área destinada para a feira livre está bem definida na paisagem urbana e não concorre com os espaços dos adros apesar de estar próxima deles e dos seus conventos.

Em importante estudo sobre a gênese das praças na urbanística luso brasileira, Manuel Teixeira (2001) afirma que:

É habitual encontrarem-se nas cidades portuguesas diferentes praças para diferentes funções: funções de mercado, [...]; funções militares, [...]; funções políticas e administrativas, [...]; funções religiosas, associadas à origem de destes espaços como adros de igrejas, terreiros de igrejas matrizes ou de conventos. Essa multiplicidade de praças associadas a diferentes períodos, é rigorosamente formalizada nos traçados urbanos setecentistas, em que habitualmente encontramos pelo menos duas praças: uma associada ao poder político, outra ao poder religioso.¹⁴⁴

Então o adro seria uma praça voltada para atender as práticas religiosas? Poderia uma praça receber esse caráter sacro que tanto está imbricado na essência conceitual e espacial do adro? Possivelmente, pode ser que a praça guarde algum elo antigo com o adro, ou mesmo se origine dele, como um desmembramento deste espaço, na medida em que ambos possuem a função social de polo de concentração de pessoas no cotidiano de vilas e cidades.

Segundo José Thiago da S. Filho, o autor de *Tradição, louvor e festa*, texto presente na *Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão / SE na lista do Patrimônio Mundial*, o adro do convento franciscano de São Cristóvão recebeu esta

¹⁴² TEXEIRA, Manuel C. A praça na cidade portuguesa. Lisboa: Livros Horizonte, 2001, p. 13.

¹⁴³ BLUTEAU, op. Cit., 1712, p. 665-667.

¹⁴⁴ Ibid., p.11.

denominação por ser compreendido no conceito de Praça enquanto “espaço amplo e aberto cercado de edifícios”; e São Francisco, por ter se valido do nome do convento franciscano que em conjunto com outros prédios o desenhou. No entanto, o mesmo afirma, posteriormente, que este espaço é complexo em sua história e usos, abrangendo memórias e vivências incontáveis: “Povo, poder e clero deixaram suas pegadas na Praça São Francisco”.

Diante disso, entende-se que denominar este adro de praça somente por vê-lo configurar-se como espaço plano e aberto, é muito pouco quando estão em questão diversos outros fatores mais importantes na conformação do mesmo. Seria mais interessante, por exemplo, explorar nesta definição do adro de São Cristovão, a própria dinâmica constituída da vida urbana e pela participação frequente da sociedade.

Nominá-lo ainda “São Francisco” não compete a tal justificativa, quando este espaço também sofreu influências e foi referendado por outros prédios significativos dispostos na sua “borda”, como o antigo Palácio Provincial, hoje Museu Histórico de Sergipe, e o conjunto religioso da Misericórdia.

Portanto, fica evidente o quanto a questão entre adro e praça, além de permanecer atual, é também complexa e polêmica. Quando mesmo num documento dessa importância, tratando de um tombamento em nível universal, os conceitos de adro e praça não ficam bem definidos e parecem frágeis na defesa da sua construção.

Ao percorrer os adros franciscanos, de modo cronológico e físico, viu-se um pouco dos diversos momentos. Quando eles, ligados não somente às suas casas conventuais, mas igualmente como sítios de posição privilegiada nas cidades onde estão inseridos, encontraram-se, portanto, partícipes de um contexto urbano local, e mais suscetíveis também aos planos e às intervenções de melhoramentos urbanos e suas “modernizações”.

Nessa dissertação as paisagens urbanas¹⁴⁵ desses adros foram recontadas. Reconhece-se as lacunas históricas e espaciais. No entanto, foi possível levantar conjecturas, e por meio delas produziu-se um caminho para cada um dos dois adros com algumas de suas inúmeras apropriações e modificações. Sendo elas públicas ou individuais, vão desde as trocas cotidianas dos populares, às ações de “reparo” – quando há o regresso do cruzeiro no adro do Penedo –, ou as de restauro – quando se retira o muro que havia entre as duas igrejas franciscanas de Marechal –, ou até mesmo às mais mirabolantes, como as locações de nus do gênero greco-romano no início de 1940 no adro do Penedo.

¹⁴⁵ Os adros estudados neste trabalho, que compõem a “Escola Franciscana do Nordeste”, são entendidos como paisagens não somente pelo sua reconhecida estética barroca, que é fisicamente evidente, mas por considerá-los peças fundamentais da história urbana do Brasil, por reconhecer que neles está contida parte da biografia e da cultura de cada localidade onde acham-se implantados.

Nesse sentido, os registros fotográficos feitos sob múltiplos olhares num longo intervalo temporal, foram bastante significativos, a partir do momento em que viajantes, intelectuais, desconhecidos, estrangeiros ou não, puderam prestar seus “depoimentos imagéticos” de modo que auxiliaram na identificação e nas declarações realizadas acerca deste espaço tão particular e diversificado, que é o adro.

Embora se achem encobertos alguns traços dos antigos adros, ou mesmo perdido algum elemento da sua época seiscentista, eles nutrem hipóteses de como moldaram o arruado e a vida cotidiana. É possível que algumas das mudanças de apropriações, o tenham configurado como espaço vivo e movente, e perpetuem a ideia genuína do adro como espaço convidativo para os usos coletivos e os encontros sociais, anteriormente promovidos essencialmente pelas atividades religiosas.

“(…) Est une invention toujours nouvelle de la réalité.” Referiu-se Augustin Berque à *paysage*.¹⁴⁶

É esse caráter mutável incorporado à paisagem dos adros que o mantiveram ao longo dos séculos, vivo, permanecendo como uma centralidade urbana.

Chegam ao século atual, sobrecarregados pelas intervenções urbanísticas e, inclusive, com muitos tendo perdido algumas de suas antigas características. Contudo, trazem consigo carga sociocultural e estética suficientes para ainda serem passíveis de contemplação e do reconhecimento como paisagens culturais¹⁴⁷; e como tal, necessitam de ações de reconhecimento, preservação e valorização, como espaços que são de entrelaçamento de fenômenos imprescindíveis à conformação do lugar.

Inseridos em ambientes históricos de arcabouço colonial, antes de tudo se vinculam a monumentos conventuais que levam a recordar a origem desses lugares e conduzem a um passado culturalmente rico.

Portanto, vê-se neste trabalho, uma oportunidade de divulgar mais sobre os adros franciscanos presentes em Alagoas, e deste modo poder contribuir no seu reconhecimento patrimonial como *locus* diferenciado. Fica registrada a necessidade de sua vinculação ao tombamento do edifício.

Infelizmente, no documento que trata do tombamento das duas casas conventuais franciscanas de Alagoas há a desarticulação dos adros das ações de salvaguarda feitas pelo IPHAN. Apesar dessa desconsideração das áreas não edificadas, a casa conventual de

¹⁴⁶ “É uma invenção sempre nova da realidade” BERQUE, Augustin. *Paysage, milieu, histoire*. In: BERQUE, Augustin; CONAN, Michel, DONADIEU, Pierre; LASSUS, Bernard; ROGER, Alain. *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Paris: Champ Vallon, 1994. P. 11-29.

¹⁴⁷ “Art. 1º. Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores.” Portaria Nº 127, de 30 de abril de 2009, que estabelece a chancela da Paisagem Cultural Brasileira.

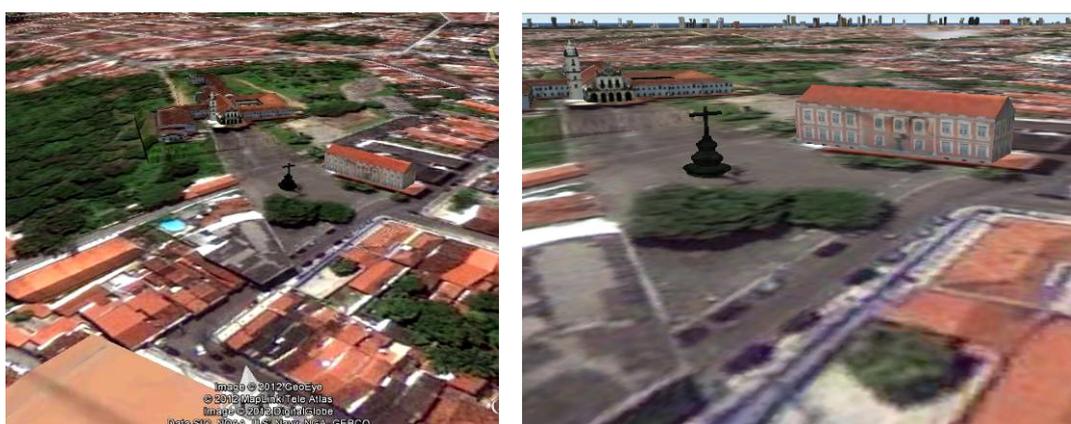
Nossa Senhora dos Anjos já teve incluído no seu tombamento o cruzeiro de pedra¹⁴⁸, provavelmente pela polêmica sobre sua subtração na paisagem.

Como se viu, no passado não era possível reduzir o adro somente às práticas ligadas ao sagrado. Contudo, hoje, assumir a sua feição “pública” é possibilitar a sua sustentabilidade como espaço vivo e contemporâneo, é constatar que as demais apropriações, principalmente, às ligadas ao cotidiano, podem ser uma motivação ao envolvimento das pessoas com este espaço de maneira que os usos, por mais que sejam variados e distintos dos sacros, fortaleçam a identidade e autenticidade destes adros como bens culturais e espaços livres e abertos às praticas sociais.

Por conseguinte, cabe lembrar que toda uma cena paisagística ficaria também resguardada: seria proteger o patrimônio cultural brasileiro. A cada adro salvaguardado, parcelas de uma história popular não contida nos livros, teria sua importância firmada no contexto social, cultural, turístico e de desenvolvimento de todos os Estados e Municípios que possuem tais bens.



Convento de São Francisco e o terreiro de Jesus, em Salvador



Convento de Santo Antônio, em João Pessoa

Figura 154: Um das mais recentes inovações do programa Google Earth tem sido a implantação de volumetrias nas suas vistas aéreas de cidades diversas. Atualmente, partes das cidades de Salvador e João Pessoa têm apresentado edificações que saltam dos planos bidimensionais e ganham novas dimensões e vistas 3D. No caso de ambas as cidades, seus sítios históricos têm tido suas arquiteturas históricas trabalhadas como maquetes eletrônicas, e dentre elas destacam-se as suas casas conventuais seráficas. Fonte: Google Earth, 2012.

¹⁴⁸ Outros conventos franciscanos possuem seus adros e cruzeiros descritos no do documento de tombamento. São eles: João Pessoa, na Paraíba, Igarassú e Olinda, em Pernambuco, e São Cristovão, Sergipe. Somente Penedo possui o cruzeiro e não adro incluso na ação de salvaguarda.

Até onde seria possível conciliar esses dois caminhos de conservação do adro? Seria mantê-lo como *locus vivo* e deste modo aceitar as múltiplas apropriações e novos usos, ou se faria a opção pela preservação do valor histórico do adro, reclamando a perda dos elementos que caracterizavam sua integridade física e visual?

Há uma terceira e feliz opção. É quando as mudanças do adro são poucas e subtraídas, este volta a ser “limpo”, porém sem se manter congelado, nem parado.

De alguma forma parece ser o caso do adro do convento de São Cristovão com o seu recente tombamento pela UNESCO. A atual Praça São Francisco é um símbolo identitário que em pleno século XXI, conseguiu ser portadora dessa arquitetura e desse urbanismo “criados” pelo franciscanismo e seus frades. Permeando suas várias facetas e possibilidades, tangenciando sacro e profano, história e estética, as rotinas de seus moradores e usuários, as rotas de passeio dos visitantes, as aulas de campo para estudantes. Aproximando-se das pessoas que a “fabricam” diariamente.



Figura 155: O adro vivo e limpo de São Cristovão permite maior fluidez e multiplicidades de usos, sendo bastante convocado por apropriações culturais tanto religiosas quanto de cunho mais laico. Fonte: <http://arielarqobe.blogspot.com.br/2010/08/praca-em-sao-cristovao-no-sergipe-agora.html>. Acessado em 22 de janeiro de 2012.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2002.

Anteprojeto da restauração da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco. Marechal Deodoro, 1979.

AQUINO, Aécio Villar de. **Filipéia, frederica, paraíba : os cem primeiros anos de vida social de uma cidade**. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1988.

BARLÉU, Gaspar. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Biblioteca Nacional, s. d. (Cd-rom)

BAZIN, Germain. **A arquitetura religiosa barroca no Brasil**. Volumes I e II. Rio de Janeiro: Editora Record, 1956.

Bem cultural: Praça Rui Barbosa. Pasta nº 06. Assunto: Obras. Localidade geográfica: AL - Penedo. SPHAN / Administração Central. Acervo do IPHAN, Rio de Janeiro.

BERGUE, Augustin. **Paysage, milieu, histoire**. In: BERGUE, Augustin; CONAN, Michel, DONADIEU, Pierre; LASSUS, Bernard; ROGER, Alain. Cinq propositions pour une théorie du paysage. Paris: Champ Vallon, 1994. p. 11-29.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico ...** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/1>. Acessado em junho de 2011 - fevereiro de 2012.

BRANDÃO, Moreno. **História de Alagoas**. Maceió: SERGASA, 1990.

BRAUNFELS, Wolfgang. **Monasteries of Western Europe - the architecture of the orders**. Londres: Thames and Hudson, 1993.

BURITY, Glauce Maria Navarro. **A presença dos franciscanos na Paraíba, através do Convento de Santo Antônio**. João Pessoa, 2. Ed. , 2008.

CAMPELLO, Glauco de Oliveira. **O brilho da simplicidade: dois estudos sobre a arquitetura religiosa no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

CAROATÁ, José Próspero S. **Crônica do Penedo**. Maceió, Ed. Do Departamento Estadual de Cultura, 1962.

CASTELO BRANCO, Fabiana Rodrigues. **O pátio do complexo franciscano de Santa Maria Madalena. Marechal Deodoro-Alagoas. (Urbanização e usos nos séculos XVIII e XIX)**. 2000. Monografia apresentada no XI curso de Especialização em Cultura e Arte Barroca – Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2000.

CAVALCANTI, Vanildo Bezerra. **Recife do Corpo Santo**. Recife: Prefeitura Municipal do Recife, Secretaria de Educação e Cultura, Conselho Municipal de Cultura, 1977.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano, 1 : artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2005.

CERULLO, Flávia Campos. **Olhares e memórias: representações históricas do rio são francisco e da paisagem urbana de Penedo - Al.** UFRJ, 2009. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Urbanismo), Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Rio de Janeiro.

COSTA, Ana Rita F. et al. **Orientações Metodológicas para Produção de Trabalhos Acadêmicos**, 3ª edição, Maceió: EDUFAL, 1997.

COSTA, Craveiro. **História das Alagoas: resumo didático.** Maceió: SERGASA, 1983.

DUBY, Georges. **O Tempo das Catedrais – A Arte e a Sociedade, 980 – 1420.** Lisboa: Editorias estampa, 1979.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

EVENO, Claude. **Regarder le paysage.** Paris: Gallimard-jeunesse Giboulées, 2006.

FERRARE, Josemary Omena Passos. **A preservação do patrimônio histórico: um repensar, a partir da experiência de marechal deodoro.** 1996. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia - UFBA. Salvador.

_____. **Marechal Deodoro: um itinerário de referências culturais.** Maceió: Edições Catavento, 2002.

_____, Josemary Omena Passos. **A cidade Marechal Deodoro: do projeto colonizador português à imagem do "lugar colonial".** 2006. 2 v. Tese (Doutorado em Arquitetura/História do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto - FAUP. Porto.

FONSECA, Fernando L. **Santo Antonio do Paraguaçu.** Salvador: Museu do Recôncavo Wanderley Piinho, 1973.

FONSECA, Pedro Paulino da. **Memória História da Fundação dos Conventos da Província das Alagoas.** Rio de Janeiro: Typ. De Pinheiro e Cia, 1874.

_____. **A Velha Cidade das Alagoas – recordação de suas antigas festas.** In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, vol. XXII, Maceió, 1942/1943, pp.18-26.

FRAGOSO, Hugo. **São Francisco do Paraguaçu: uma história sepultada sob ruínas.** Salvador: SCT, 2004.

FREYRE, G. **A Propósito de Frades.** Bahia: Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

GARCIA, Antônio Carlos. **Praça se torna patrimônio da humanidade.** Jornal da Cidade, Aracaju, 03 de agosto de 2010, nº 11.413, Cidades, p. B-3.

CARRAZZONI, Maria Elisa. **Guia dos bens tombados: Expressão e Cultura.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1980.

HELENO, Sebastião. **Marechal Deodoro, a primeira capital de Alagoas.** Maceió: Gráfica Bom Conselho Ltda., 1998 / Sebastião Heleno, 2002.

HERCKMAN, Elias. **Descrição geral da Capitania da Paraíba.** João Pessoa: A União, 1982.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILHA OFM, Frei Manuel da. *Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil – 1584/1621*. Petrópolis: Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil/ Vozes, 1975.

INSTITUTO ARNON DE MELLO. *Convento Franciscano Santa Maria dos Anjos*. Penedo, [19-].

INSTITUTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Proposal for the inscription of the São Francisco square in São Critóvão-SE on the World Heritage List*. Aracaju, 2009.

_____. **Paisagem cultural**. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1756>>. Acesso em: 15 mar. 2012

_____. **Bens móveis e imóveis inscritos nos livros do tomo do instituto do patrimônio histórico e artístico nacional 1938 – 2009**. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1356>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

_____. **Arquivo Noronha Santos**. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

JABOATÃO OFM, Frei Antonio de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil**, vls. I, II e III, Recife: Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 1980 (fac-simile da Ed. De 1859-1861-1862).

LAGO, Pedro e Bia Corrêa do. **Coleção Princesa Isabel – Fotografia do Século XIX**. Rio de Janeiro: Capivara Editora Ltda., 2008.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Trad. Marcos de Castro, 4ª edição, Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, Idelbrando Alves de ; LIMA, D. V. B. **A Ordem de São Francisco no Brasil Colônia: Um apanhado histórico**. In: II Encontro Internacional de História Colonial: A experiência colonial no Novo Mundo (séculos XVI a XVIII), 2008, Natal. II Encontro Internacional de História Colonial: A experiência colonial no Novo Mundo (séculos XVI a XVIII). Natal, 2008.

_____. **Religiosidade na Parahyba Colonial: o trabalho da catequese franciscana entre os nativos**. João Pessoa: A União, 2010.

Livro das Crônicas do Penedo I: 1903-1930. Acervo da Biblioteca do convento de Nossa Senhora dos Anjos.

Livro das Crônicas do Penedo II: 1907-1920. Acervo da Biblioteca do convento de Nossa Senhora dos Anjos.

Livro das Crônicas do Penedo III: 1931-1974. Acervo da Biblioteca do convento de Nossa Senhora dos Anjos.

MAGALHÃES, Ana Cláudia Vasconcellos. **Frades, artistas, filósofos: o convento de Santa Maria Madalena e a atitude franciscana frente à natureza: ontem e hoje**. 2005. 155 p Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Tecnologia. Maceió, 2005.

MARX, Murillo. **Cidade brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

_____. **Seis Conventos, Seis Cidades**. Tese de doutorado (mimeo), São Paulo, USP, 1984.

_____. **Nosso Chão: do sagrado ao profano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

_____. **Cidade no Brasil, terra de quem?** São Paulo: Nobel: Editora da USP, 1991.

_____. **Cidade no Brasil, em que termos?** São Paulo: Nobel: Editora da USP, 1999.

_____. **Cercas Estigmatizadas, Gertrizes Consumadas**. Comunicação apresentada no Colóquio "A Construção do Brasil Urbano", em Lisboa/Portugal, 2000.

_____. **Ar livre Barroco?** In: *Arte Sacra Colonial: barroco memória viva*. Org. Percival Tirapelli. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2001, p.26-33.

MATTOSO, José (Org.). **América do sul: patrimônio de origem portuguesa no mundo**. Lisboa: Fundação Gunbelkian, 2010.

MELLO NETO, Ulysses Pernambucano de. **Arquitetura Franciscana: Tempo e Forma**. Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e geográfico Pernambucano, vol LVIII, Recife, 1993, pp. 329 – 343.

MELO, Taciana Santiago de. "**Stadtluft macht frei**" (**o ar da cidade liberta**), **o ar dos conventos se moderniza: frades alemães no Nordeste do Brasil**. UFAL, 2012. Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo - Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2012.

MÉRO, Ernani Otacílio. **A História do Penedo**. Maceió: [s.n.], 1974.

_____. **A Província Franciscana no Brasil**. Maceió: SERGASA, 1982.

_____. **Os Franciscanos em Alagoas**. Maceió: SERGASA, 1982.

_____. **A campanologia de Alagoas**. Maceió: SERGASA, 1985.

_____. **Penedo: templos, ordens e confrarias**. Maceió: SERGASA, 1991.

_____. **Santa Maria Madalena**. Maceió: SERGASA, 1994.

_____. **A Evangelização em Alagoas**. Maceió: SERGASA, 1995

MIRANDA, Maria do Carmo Tavares. **Os Franciscanos e a Formação do Brasil**. Recife: UFPE, 1964.

Mosteiro de Santa Clara de Coimbra. *Do convento à ruína, da ruína à contemporaneidade*, Coimbra: Direcção Regional de Cultura do Centro, 2008.

MOURA, Antônio Joaquim de. **Opúsculo da descrição geographica, topographica, phizica, política e histórica, do que unicamente respeita à província das Alagôas no Império do Brazil**. Maceió: EDUFAL/CESMAC, 2009.

MUELER, Bonifácio. **Convento de Santo Antônio do Recife**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1984.

MUNIZ, Bianca Machado. **Escavando a história: Um estudo do Forte Maurício no contexto da Arquitetura Militar do século XVII**. UFAL, 2010. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2010.

PESSÔA, José (Org.). **Lúcio Costa: documentos de trabalho**. 2. ed. Lisboa: Iphan, 1999. _____ (Org.); PICCINATO, Giorgio (Org.). Atlas de centros históricos do Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

Plano urbanístico de São Cristóvão. Tombo II. Grupo Grau/ Governo do Estado de Sergipe, Salvador, 1980.

Praça São Francisco é “Patrimônio da Humanidade”. Jornal do Dia, Aracaju, 03 de agosto de 2010, Cidades, p.07.

Praça São Francisco: patrimônio da humanidade. Correio de Sergipe, Aracaju, 03 de agosto de 2010, Correio Urbano, Geral, p.A8.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Evolução urbana do Brasil (1500/1720)**. São Paulo: Editora PINI, 2000.

REIS, Nestor Goulart; BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira; BRUNA, Paulo Júlio Valentino. **Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial**. São Paulo: Edusp : Imprensa Oficial de São Paulo, 2000.

ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis: o sagrado e o urbano**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999.

ROWER OFM, Frei Basílio. **A Ordem Franciscana no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1947.

SALES, Francisco Alberto. **Arruando para o forte**. Recife; Bagaço, 2003.

SANTANA, Moacir Medeiros de. **O Patrimônio Cultural de Uma Velha Cidade (Marechal Deodoro)**. Maceió, 1970.

SANTOS, Paulo F. **Formação de Cidades no Brasil Colonial**. Coimbra: V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, 1968.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E MEIO-AMBIENTE. Governo do Estado de Sergipe. **Aspectos históricos, artísticos e culturais da cidade de São Cristóvão**. Aracaju, 1989.

SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO. Unidade Executora de Projetos/ Prefeitura de Penedo. **Usos, normas e cores: manual do usuário do centro histórico de Penedo**. Maceió: SEBRAE, 2004.

SILVA, Maria Angélica; MAGALHÃES, Ana Cláudia V. **O Barroco como horizonte e a paisagem vista do particular: uma prática dos conventos franciscanos do Nordeste?** In: II Encontro Internacional de História Colonial, 2008, Natal. II Encontro Internacional de História Colonial. Natal : EDUFRN, 2008. v. 1. p. 74-74.

_____. (Org.). **O Olhar Holandês e o Novo Mundo**. Maceió: EdUFAL, 2011.

SOUSA, Alberto. **A invenção do barroco brasileiro: a igreja franciscana de Cairu**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2005.

SOUTELO, Luis Fernando Ribeiro. **Os franciscanos em Sergipe**. In: Santo Antônio, arte e devoção. Aracaju, 1996.

SOUZA, Laura de Mello e (Org.). **História da vida privada no Brasil 1: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1999.

SUASSUNA, Ariano; TEIXEIRA, José de Monterroso; SILVA, Maria João Espírito Santo Bustorff. **Igarassu : origem, cenários e cores**. Recife: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva; Rio de Janeiro : Agir, 1998.

TEIXEIRA, Manuel C. (Org.). **A praça na cidade portuguesa**. Lisboa: Livros Horizontes, 2001.

TEIXEIRA, Rubenilson Brasão; TRIGUEIRO, Edja B. F. **A igreja, a casa de câmara e a praça: símbolos e relações de poder no espaço urbano colonial**. In: II Encontro Internacional de História Colonial, 2008, Natal. Anais do II Encontro Internacional de História Colonial, 2008. p. 1-19.

TEIXEIRA, Rubenilson. **Da cidade de Deus à cidade dos homens: a secularização do uso, da forma e da função urbana**. Natal: EDUFRN, 2009.

TENÓRIO, Douglas Apratto; DANTAS, Cármem Lúcia. **Redescobrimo o passado: cartofilia alagoana**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2008.

TIRAPELI, Percival (org.). **Arte Sacra: barroco memória viva**. 2. Ed. – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: editora UNESP, 2005. Vários autores.

VAINFAS, Ronaldo; SOUSA, Juliana Beatriz de. **Brasil de todos os santos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2002.

VALENTE, Aminadab. **Penedo sua história**. Maceió, s.ed. 1957.

WILLEKE OFM. **Convento de Santo Antônio de Ipojuca**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, v. 13, p.4-79, 1956.

_____. **A Primeira Ordem se Estabelece no Brasil**. In: Anais do Museu Histórico Nacional, Ministério da Educação e Cultura, 1973, vol. XXIV.

_____. **Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1975.

_____. **Franciscanos na História do Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1977.

_____. **Missões Franciscanas no Brasil**. 2ª edição. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1978.

ZUNTHOR, Paul. **Le terroir** (Capítulo 4). In: La mesure du monde. Paris: Éditions de Seul, 1993. p- 69-90.

APÊNDICES



APÊNDICE A

Tabela com os conventos franciscanos contemplados por ações de tombamento do IPHAN

BEM TOMBADO	DENOMINAÇÃO PARA O IPHAN	LIVRO DO TOMBO	ANO
Convento e Igreja de São Francisco Salvador, BA	Igreja e Convento de São Francisco	Livro Belas Artes e Histórico	1938
Igreja da Ordem Terceira de São Francisco Salvador, BA	Igreja da Ordem terceira de São Francisco	Livro Belas Artes	1938
Convento e Igreja de Santo Antônio Igarassu, PE	Convento de Santo Antônio, inclusive o adro e cruzeiro fronteiros	Livro Belas Artes	1938
Convento e Igreja de Santo Antônio Ipojuca, PE	Convento de Santo Antônio	Livro Belas Artes	1938
Convento de São Francisco Olinda, PE	Convento de São Francisco ou Convento de Nossa Senhora das Neves	Livro Belas Artes	1938
Convento e Igreja de Santo Antônio Recife, PE	Convento de Santo Antônio	Livro Belas Artes	1938
Capela Dourada Recife, PE	Capela dos Noviços da Ordem Terceira de São Francisco	Livro Belas Artes	1938
Igreja da Ordem Terceira de São Francisco João Pessoa, PB	Igreja da Ordem Terceira de São Francisco	Livro Belas Artes e Histórico	1938
Convento de Santo Antônio Sirinhaém, PE	Convento de Sirinhaém (Residência de São Francisco em Sirinhaém,) Convento de Santo Antônio)	Livros Histórico e Belas Artes	1940
Convento e Igreja de Santa Cruz São Cristóvão, SE	Igreja e Convento de Santa Cruz	Livros Belas Artes e Histórico	1941
Convento e Igreja de Santo Antônio São Francisco do Conde, PE	Igreja e Convento de Santo Antônio	Livro Belas Artes	1941
Convento dos Franciscanos Penedo, AL	Residência Maria dos Anjos (Convento dos Franciscanos) e Cruzeiro de Pedra	Livros Histórico e Belas Artes	1941
Igreja do Convento de Paraguassu Cachoeira, BA	Igreja e ruínas do antigo Convento de Santo Antônio do Paraguassu	Livros Belas Artes e Histórico	1941
Convento e Igreja de Santo Antonio Cairu, BA	Igreja e Convento de Santo Antônio	Livro Belas Artes	1941
Convento e Igreja de Santo Antônio João Pessoa, PB	Convento e Igreja de Santo Antônio ou de São Francisco	Livro Belas Artes	1952
Convento e Igreja de São Francisco Marechal Deodoro, AL	Convento e Igreja de São Francisco (orfanato de São José)	Livro Histórico	1964
Mosteirinho de São Francisco Paudalho, PE	Mosteirinho de São Francisco	Livro Belas Artes	1966
Lavabo do Convento de Santo Ant ^o de Paraguassu Cachoeira, BA	Lavabo de mármore português do convento de Santo Antônio de Paraguassu	Livro Belas Artes	1974

Legenda dos Estados nordestinos:

	Alagoas
	Pernambuco
	Paraíba
	Bahia
	Sergipe

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.¹⁴⁸ Adaptação da autora.

APÊNDICE B

¹⁴⁸ Quadro realizado a partir de informações obtidas na publicação: Bens Móveis e Imóveis inscritos no Livro do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, RJ, IPHAN, 1994. Acesso foi possível devido à participação da mestranda nas atividades de pesquisa do Projeto “Memórias Franciscanas”, realizado pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem e apoiado pelo IPHAN. Livros do Tombo – IPHAN.

Descrição dos conventos franciscanos inscritos no Livro do Tombo pelo IPHAN, 2009

Fonte: Bens Tombados – Bens Móveis e Imóveis Inscritos nos Livros do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional 1938 – 2009, Quinta Edição - 2009, Revista e Atualizada.

BAHIA

Cachoeira

Bem / Inscrição Igreja e ruínas do antigo Convento de Santo Antônio do Paraguassú

Nome atribuído Convento de Santo Antônio do Paraguassu: igreja e ruínas

Nº Processo 0280-T-41

Livro Belas Artes Nº inscr.: 239-A ; Vol. 1 ; F. 053 ; Data: 25/09/1941

Livro Histórico Nº inscr.: 173 ; Vol. 1 ; F. 029 ; Data: 25/09/1941

OBS. “O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº 13/85/SPHAN”.

Cairu

Bem / Inscrição Igreja e Convento de Santo Antônio

Nome atribuído Convento e Igreja de Santo Antônio

Nº Processo 0258-T-41

Livro Belas Artes Nº inscr.: 250-A ; Vol. 1 ; F. 055 ; Data: 17/10/1941

OBS.: “O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº 13/85/SPHAN”.

Salvador

Bem / Inscrição Conjunto arquitetônico, paisagístico e urbanístico Centro Histórico da Cidade de Salvador

Nome atribuído Salvador, BA: conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico do centro histórico; Centro Histórico de Salvador

Nº Processo 1093-T-83

Liv. Arq./Etn./Psg. Nº inscr.: 086; Vol. 1 ; F. 029 ; Data: 19/07/1984

Bem / Inscrição Igreja da Ordem Terceira de São Francisco

Nº Processo 0089-T-38

Livro Belas Artes Nº inscr.: 078 ; Vol. 1 ; F. 014 ; Data: 25/05/1938

OBS.: “O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº 13/85/SPHAN”.

Bem / Inscrição Igreja e Convento de São Francisco

Outras denom. Convento e Igreja de São Francisco

Nº Processo 0086-T-38

Livro Belas Artes Nº inscr.: 011 ; Vol. 1 ; F. 003 ; Data: 31/03/1938

Livro Histórico Nº inscr.: 001 ; Vol. 1 ; F. 002 ; Data: 31/03/1938

OBS.: "O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº 13/85/SPHAN".

Conde

Bem / Inscrição Igreja e Convento de Santo Antônio

Nome atribuído Convento e Igreja de Santo Antônio, e Capela da Ordem Terceira

Nº Processo 0257-T

Livro Belas Artes Nº inscr.: 249-A ; Vol. 1 ; F. 055 ; Data: 17/10/1941

OBS.: "O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº 13/85/SPHAN".

PARAÍBA

João Pessoa

Bem / Inscrição Centro Histórico de João Pessoa

Nome atribuído João Pessoa, PB: centro histórico

Nº Processo

Livro Histórico Nº inscr.: 590 ; Vol. 2 ; F. 097 ; Data: 04/09/2009

Liv.Arq./Etn./Paisag. Nº inscr.: 146 ; Vol. 2 ; F. 055 ; Data: 04/09/2009

Bem / Inscrição Convento e Igreja de Santo Antônio ou de São Francisco, inclusive a Casa de Oração e Claustro da Ordem Terceira de São Francisco, o adro, o cruzeiro fronteiro e toda a área da antiga cerca conventual

Nome atribuído Convento e Igreja de Santo Antônio, Casa de Oração e Claustro da Ordem Terceira de São Francisco

Outras denom. Convento de Santo Antônio; Convento de São Francisco

Nº Processo 0063-T-38

Livro Belas Artes Nº inscr.: 407 ; Vol. 1 ; F. 078 ; Data: 16/10/1952

OBS.: "O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº 13/85/SPHAN".

Bem / Inscrição Igreja da Ordem Terceira de São Francisco

Nº Processo 0042-T-38

Livro Belas Artes Nº inscr.: 047 ; Vol. 1 ; F. 009 ; Data: 05/05/1938

OBS.: "O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº 13/85/SPHAN".

PERNAMBUCO

Igarassu

Bem / Inscrição Conjunto arquitetônico e paisagístico da Cidade de Igarassu

Nome atribuído Igarassu, PE: conjunto arquitetônico e paisagístico

Nº Processo 0359-T-45

Liv. Arq./Etn./Psg. Nº inscr.: 051 ; Vol. 1 ; F. 012 ; Data: 10/10/1972

Bem / Inscrição Convento de Santo Antônio, inclusive o adro e cruzeiro fronteiros e toda a área da antiga cerca conventual.

Nome atribuído Convento e Igreja de Santo Antônio

Nº Processo 0131-T-38

Livro Belas Artes Nº inscr.: 068 ; Vol. 1 ; F. 013 ; Data: 17/05/1938

OBS.: "O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº 13/85/SPHAN".

Ipojuca

Bem / Inscrição Convento de Santo Antônio

Nome atribuído Convento e Igreja de Santo Antônio

Nº Processo 0003-T-38

Livro Belas Artes Nº inscr.: 003 ; Vol. 1 ; F. 002 ; Data: 21/03/1938

OBS.: "O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº 13/85/SPHAN".

Olinda

Bem / Inscrição Acervo arquitetônico e urbanístico da cidade de Olinda, na área delimitada no Processo nº 674-T-62.

Nome atribuído Olinda, PE: conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico

Outras denom. Conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico de Olinda; Cidade de Olinda; Centro histórico de Olinda; Sítio histórico de Olinda; Olinda - conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico

Nº Processo 0674-T-62

Livro Belas Artes Nº inscr.: 487 ; Vol. 1 ; F. 088 ; Data: 19/04/1968

Livro Histórico Nº inscr.: 412 ; Vol. 1 ; F. 066 ; Data: 19/04/1968

Liv. Arq./Etn./Psg. Nº inscr.: 044,0 ; Vol. ; F. 11,19 ; Data: 19/04/1968

OBS.: "Planta demarcada no Processo 674-T-62. Ver fls. 19 do Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico."

Bem / Inscrição Convento de São Francisco ou Convento de Nossa Senhora das Neves, capela, casa de oração e claustro dos Terceiros Franciscanos, inclusive o adro e o cruzeiro fronteiro e toda a área da antiga cerca conventual

Nome atribuído Convento e Igreja de São Francisco: capela, casa de oração e claustro dos Terceiros Franciscanos

Nº Processo 0143-T-38

Livro Belas Artes Nº inscr.: 189 ; Vol. 1 ; F. 033 ; Data: 22/07/1938

OBS.: “O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº 13/85/SPHAN”.

Pau D’alho

Bem / Inscrição Mosteirinho de São Francisco

Outras denom. Mosteirinho de Paudalho

Nº Processo 0774-T-66

Livro Belas Artes Nº inscr.: 484 ; Vol. 1 ; F. 088 ; Data: 08/09/1966

OBS.: “O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº 13/85/SPHAN”.

Recife

Bem / Inscrição Conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico do antigo Bairro do Recife.

Nome atribuído Recife, PE: conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico

Nº Processo 1168-T-85

Livro Belas Artes Nº inscr.: 614 ; Vol. 2 ; F. 039 ; Data: 15/12/1998

Liv. Arq./Etn./Psg. Nº inscr.: 119 ; Vol. 1 e 2 ; F. 099 ; Data: 15/12/1998

Bem / Inscrição Convento de Santo Antônio

Nome atribuído Convento e Igreja de Santo Antônio

Nº Processo 0144-T-38

Livro Belas Artes Nº inscr.: 186 ; Vol. 1 ; F. 032 ; Data: 20/07/1938

OBS.: “O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº 13/85/SPHAN”.

Sirinhaém

Bem / Inscrição Convento de Serinhaem (Residência São Francisco em Serinhaem), Convento de Santo Antônio

Nome atribuído Convento de Santo Antônio

Nº Processo 0145-T-38

Livro Belas Artes Nº inscr.: 286 ; Vol. 1 ; F. 049 ; Data: 08/07/1940

Livro Histórico Nº inscr.: 140 ; Vol. 1 ; F. 023 ; Data: 08/07/1940

OBS.: “O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº 13/85/SPHAN”.

SERGIPE

São Cristóvão

Bem / Inscrição Conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico constituído pela cidade de São Cristóvão

Nome atribuído São Cristóvão, SE: conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico

Nº Processo 0785-T

Liv. Arq./Etn./Psg. Nº inscr.: 040 ; Vol. ; F. 010 ; Data: 23/01/1967

Bem / Inscrição Igreja e Convento de Santa Cruz

Nome atribuído Convento e Igreja de Santa Cruz

Outras denom. Convento Franciscano; Convento de São Francisco

Nº Processo 0303-T-41

Livro Belas Artes Nº inscr.: 251-A ; Vol. 1 ; F. 055 ; Data: 29/12/1941

Livro Histórico Nº inscr.: 184 ; Vol. 1 ; F. 031 ; Data: 29/12/1941

OBS.: "O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº 13/85/SPHAN".

ALAGOAS

Marechal Deodoro

Bem / Inscrição Convento e Igreja de São Francisco

Outras denom. Museu de Arte Sacra de Alagoas: prédio; Orfanato São José; Igreja de São Francisco

Nº Processo 0426-T-50

Livro Histórico Nº inscr.: 377 ; Vol. 1 ; F. 061 ; Data: 04/11/1964

OBS.: "O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº 13/85/SPHAN".

Penedo

Bem / Inscrição Conjunto histórico e paisagístico da cidade de Penedo

Nome atribuído Penedo, AL: conjunto arquitetônico, paisagístico e urbanístico

Nº Processo 1201-T-86

Livro Histórico Nº inscr.: 541 ; Vol. 2 ; F. 26/29 ; Data: 30/10/1996

Liv. Arq./Etn./Psg. Nº inscr.: 113 ; Vol. 1 ; F. 77/80 ; Data: 30/10/1996

Bem / Inscrição Igreja de Nossa Senhora da Corrente

Nº Processo 0740-T-64

Livro Histórico Nº inscr.: 373 ; Vol. 1 ; F. 060 ; Data: 28/07/1964

OBS.: "O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº 13/85/SPHAN".

Bem / Inscrição Residência Maria dos Anjos (Convento dos Franciscanos) e cruzeiro de pedra.

Nome atribuído Convento e Igreja Santa Maria dos Anjos

Nº Processo 0310-T

Livro Belas Artes Nº inscr.: 252-A ; Vol. 1 ; F. 055 ; Data: 29/12/1941

Livro Histórico Nº inscr.: 185 ; Vol. 1 ; F. 031 ; Data: 29/12/1941

OBS.: "O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº 13/85/SPHAN".

APÊNDICE C . Álbum do Adro de Santa Maria Madalena



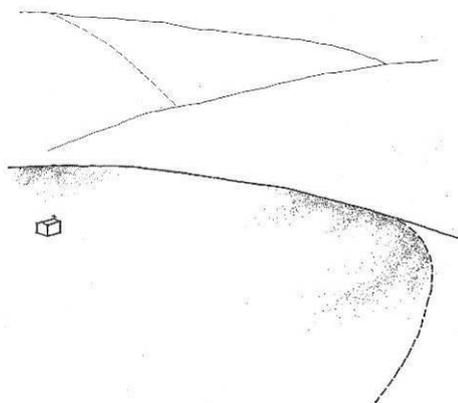
APÊNDICE D . Álbum do Adro de Nossa Senhora dos Anjos



ANEXOS

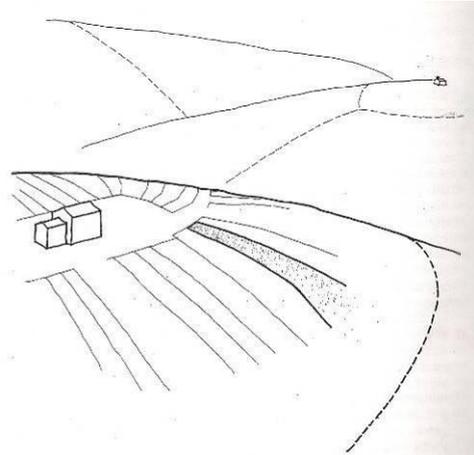


ANEXO A
Esquemas ilustrativos do processo de formação espacial por meio do patrimônio religioso como instrumento fundiário.



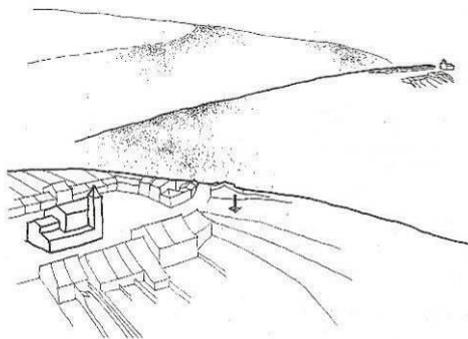
O patrimônio de uma capela se constitui por entre as sesmarias, contribui para seu sustento, possibilita o acesso à terra.

42



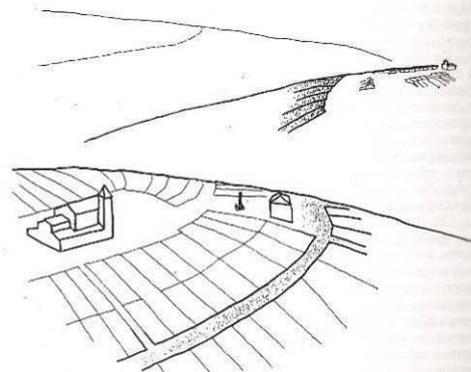
A capela acolhe moradores em pequenas porções de sua gleba, torna-se instrumento de urbanização e cria uma nova paisagem.

43



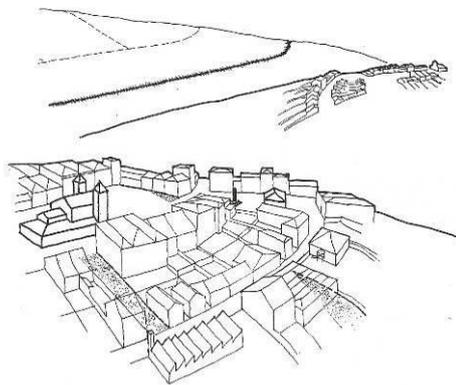
Próspero e avantajado, o lugar — certamente uma freguesia — ascende a vila e ganha um patrimônio, agora público: o rassiô.

78



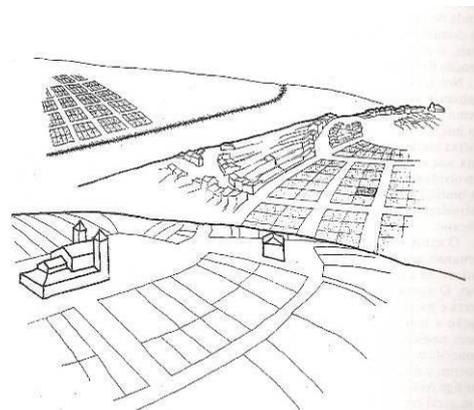
Uma câmara administrará o município, o pelourinho simbolizará sua autonomia; uma nova etapa da vida urbana e da ordem fundiária.

79



Cresce a vila e se adensa, aumenta a importância dos limites de todo o tipo e se multiplicam as questões de alinhamento.

110



Surge o loteador, o empreendedor imobiliário que retalha uma gleba, vende suas parcelas, passa igualmente a desenhá-la cidade.

111

ANEXO B

Propostas de Preservação para a sede urbana de Marechal Deodoro: PLANO INTEGRADO/1979

EM RELAÇÃO À ATUAL SEDE URBANA DE MARECHAL DEODORO, PROPÕE-SE ANTES DE MAIS NADA A PRESERVAÇÃO DO ESPAÇO URBANO E DO ACERVO ARQUITETÔNICO LÁ EXISTENTE.

Para efeito de propostas e normatização, e tendo em vista as características e a qualidade da arquitetura local, a área foi dividida em zonas de três tipos distintos, quais sejam de Preservação Rigorosa (Z.P.R.), de Preservação Paisagística (Z.P.P.) e de Preservação Ambiental (Z.P.A.) (ver mapas 10-B e 24, vol.2).

As zonas de Preservação Rigorosa, em número de três, correspondem às partes da cidade onde está situada a maior parte das edificações antigas preservadas ou mesmo modificadas, sem se encontrarem, contudo, descaracterizadas.

Já as Zonas de Preservação Paisagística correspondem aos entornos das Z.P.R. e são constituídas pelas áreas da cidade já ocupadas total ou parcialmente, e não situadas dentro dos limites das Z.P.R. Essas áreas não apresentam o mesmo valor arquitetônico e urbanístico constatado nas Zonas de Preservação Rigorosa. Tendo em vista, porém, o relevo do sítio urbano e o tipo de ocupação do solo aí verificado, torna-se indispensável a definição de certas normas que venham disciplinar o seu crescimento, permitindo a manutenção de uma certa unidade entre as duas zonas.

Finalmente, a Zona de Preservação Ambiental compreende todas as áreas situadas fora dos limites das duas primeiras zonas, e dentro da atual sede urbana, correspondendo às áreas de mangues e alagados, bem como àquelas cobertas por vegetação de encosta e aos trechos de acentuada declividade.

A - Propostas Relativas a toda a Sede Urbana

Quanto ao Sistema Viário

- Deverão ser reservadas ao uso exclusivo de pedestres as ruas da Fortaleza, Marechal Deodoro, São Francisco e trechos da Tavares Bastos e da Tenente José Tomé (ver mapa 30, vol. 2)
- Deverá ser criada uma via margeando a lagoa e constituindo-se em prolongamento nos dois sentidos da Avenida Maria Madalena (ver mapa 31, vol. 2).
- Deverá ser criado um estacionamento periférico na Avenida Maria Madalena, com capacidade para 80 veículos (ver mapa 30, vol. 2).
- O terminal de Ônibus intermunicipais, ora localizado na Praça General Hermes da Fonseca, deverá ser transferido para a Avenida Maria Madalena (ver mapa 30, vol. 2).

A proposta de destinar ruas para o uso exclusivo de pedestres visa, sobretudo, a proteger as edificações dos efeitos maléficos do tráfego intenso, já que a estabilidade das mesmas se encontra ameaçada, não só em virtude da sobrecarga provocada pelo grande número de veículos, como pelo risco de aciamentos, uma vez que essas ruas são bastante estreitas e tortuosas. Além disso, a retirada dos veículos dessas ruas, permitiria aos transeuntes uma melhor percepção do conjunto arquitetônico local.

Quanto à proposta de abertura de uma via que margeie a lagoa, temos a considerar que as atuais avenidas Maria Madalena e São Francisco praticamente só são utilizadas nos dias de feira, quando as barracas são espalhadas por suas calçadas e faixas de rolamento. Dessa forma, a abertura de tal avenida, fazendo a ligação entre as rodovias MAD-020 e AL-215, não só faria com que o trecho já existente passasse a ser mais bem utilizado, como sobretudo retiraria o tráfego mais pesado das ruas centrais da cidade.

Por outro lado, a transferência do terminal de Ônibus intermunicipais para essa avenida de safogaria sobremaneira a Praça General Hermes, enquanto que a criação do estacionamento periférico teria em vista sobretudo o fluxo turístico, de maneira especial nos períodos de férias escolares.

Quanto às áreas verdes

- Deverá ser preservada a vegetação existente no terreno pertencente ao convento de São Francisco. Propõe-se a destinação de um trecho desse terreno para acampamento.
- A proposta visa um local para hospedagem de turistas, proporcionando ao convento um rendimento que pode ser revertido à conservação do conjunto arquitetônico (Convento e Ordens 1ª e 3ª).
- Deverão ser preservados os espaços verdes dos amplos quintais da atual sede urbana, através da proibição do adensamento dessas áreas.
- Deverá ser proibida a construção de qualquer edificação nos espaços ocupados por praças, jardins e campos ou quadras de esportes.

Quanto aos logradouros públicos

que necessário, e realizada quando essa inexistir. Nesse último caso, as vias deverão ser preferencialmente pavimentadas com paralelepípedos, não apenas por ser esse o tipo de revestimento que predomina nas ruas de Marechal Deodoro, como por ser o seu custo bem mais baixo (ver quadro 17, vol. 3).

- As vias destinadas ao uso exclusivo de pedestres deverão ter as suas condições de acesso melhoradas, sempre que se faça necessário (ver quadro 17, vol.3).
- As praças e estacionamentos deverão receber árvores de copas largas de forma a criar áreas de sombra.
- Os serviços de infra-estrutura básica de água, luz e esgoto deverão ser estendidos às áreas carentes do núcleo urbano.

B- Propostas relativas às Zonas de Preservação Rigorosa

Delimitação/Setorização

A delimitação das Zonas de Preservação Rigorosa (Z.P.R.) foi realizada a partir do traçado de linhas imaginárias paralelas e distando 35,00m das testadas dos lotes nas áreas de interesse arquitetônico e/ou urbanístico.

Assim, o limite da Z.P.R.1 começa na cerca do terreno do Convento de São Francisco, seguindo paralelamente à Rua da Matança, passando pelo entroncamento do Cruzeiro e avançando mais 35,00m, contados a partir das testadas dos lotes da Rua General Cícero de Góis Monteiro; segue paralelamente às testadas dessa mesma rua, acompanha a Praça General Hermes da Fonseca e as ruas Ladislau Neto e Tenente Siqueira Campos, guardando delas uma distância constante igual a 35,00m; segue envolvendo a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e mais três casas situadas por trás da mesma igreja; desce para a Rua da Fortaleza e segue paralelamente à Rua Tavares Bastos, passando a manter um afastamento de 20,00m das testadas dos lotes dessa rua; segue paralelamente ao Beco do Ostro, na altura da praça situada em frente à Colônia dos Pescadores; acompanha a margem da lagoa, pelas avenidas Maria Madalena e São Francisco, até encontrar novamente a cerca do convento.

Em função da definição das propostas, a Zona de Preservação Rigorosa foi dividida em cinco setores distintos, sendo que cada setor possui uma ou mais edificações religiosas ou civis de destaque. São eles:

- O setor A, compreendendo as ruas Marechal Deodoro, Barão de Alagoas, São Francisco, General Cícero de Góis Monteiro e a Praça General Hermes da Fonseca. Estão situados nesse setor a Casa do Marechal Deodoro e o Conjunto Franciscano (convento e igrejas das ordens 1ª e 3ª). A primeira dessas edificações é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sob o nº 376-A do livro da história, à folha 61, em 25 de agosto de 1964. Também tombados pelo IPHAN são o Convento Franciscano e a Igreja da Ordem 1ª, o nº 377 do livro da história, à folha 61, em 4 de setembro de 1964.
- O setor B, compreendendo trechos das ruas Tavares Bastos e Tenente José Tomé. Está situado nesse setor o Palácio Provincial.
- O setor C, compreendendo trechos das ruas Tenente Siqueira Campos e Tenente José Tomé. Estão situados nesse setor a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e a Cadeia Pública.
- O setor D, compreendendo trechos das ruas Tenente Siqueira Campos e Ladislau Neto. Situa-se nesse setor a Igreja de Nossa Senhora do Rosário.
- O setor E, compreendendo um trecho da Rua Ladislau Neto. Está situada nesse setor a Igreja de Nossa Senhora do Amparo.

A Z.P.R.2 corresponde à Vila Padre Osman Cônego Carvalho, enquanto a Z.P.R.3 corresponde ao largo de Taperaçuá.

Propostas Gerais

- Deverão ser recuperados os prédios e melhoradas as suas condições de habitabilidade.

- Deverão ser reconstruídas todas as ruínas situadas nas Zonas de Preservação Rigorosa.
- Deverá ser mantido, sempre que possível, o uso para o qual foi destinada originalmente a edificação.
- Os prédios pertencentes à Prefeitura deverão abrigar atividades de interesse da comunidade.
- As edificações originalmente religiosas, oficiais ou civis, em caso de mudança de uso, deverão abrigar atividades culturais ou comunitárias. Adaptam-se, assim, às edificações religiosas, usos como auditório, sala de conferências ou teatro. Já as edificações oficiais e civis prestam-se à instalação de mercado ou atelier de artesanato, sala de exposição, Biblioteca, equipamentos educacionais e profissionalizantes, de saúde ou de lazer, associações civis (bandas de música, sindicatos, clubes de bairro), atividades comerciais e de prestação de serviços, restaurantes, pousadas e atividades administrativas.
- Em caso de construção nova dentro das Zonas de Preservação Rigorosa, deverão ser observadas as seguintes normas:
 - Estar o projeto integrado ao seu entorno, devendo, entretanto, ser coerente com a época de sua construção.
 - Manter o tipo de implantação no terreno sem recuo frontal
 - Observar uma taxa de ocupação do solo nunca superior a 40% da área total do terreno.
 - Nunca possuir mais de um pavimento.
 - Observar como inclinação mínima para os telhados, a taxa de 25% e, como material de construção, a telha cerâmica do tipo canal.
- As reformas dentro das Zonas de Preservação Rigorosa deverão obedecer aos projetos apresentados pelo Plano Integrado de Uso do Solo e Preservação do Patrimônio de Marechal Deodoro.
- As paredes das fachadas do casario localizado nas Zonas de Preservação Rigorosa deverão ser sempre construídas em alvenaria com massa corrida, não devendo jamais serem pintadas com tinta a óleo.
 - Deverão ser realizadas algumas pequenas alterações na rede elétrica de Marechal Deodoro de forma a minimizar as interferências visuais causadas pelos postes, transformadores e fiação no conjunto arquitetônico das Zonas de Preservação Rigorosa (ver anexo 1, página 115).
 - A rede telefônica aérea, ora existente nas Zonas de Preservação Rigorosa de Marechal Deodoro, deverá ser substituída por outra subterrânea (ver anexo 2, página 119).
 - Dentro dos limites das Z.P.R. não deverá ser permitida a colocação de toldos, marquises ou vitrines projetadas sobre o passeio.
 - As placas contendo os nomes das lojas deverão ser em madeira e colocadas na parte superior das portas, com uma altura máxima de 40cm (ver croquis 19, página 95).

Propostas Específicas

Z.P.R.1/Setor A

- Tombamento, a nível estadual, da Igreja da Ordem 3ª de São Francisco.
- Desapropriação, para demolição, do bar situado na esquina da Avenida Maria Madalena com Rua Barão de Alagoas, e do posto-bar situado vizinho ao primeiro e na mesma Rua Barão de Alagoas. As edificações em questão acham-se obstruindo a via pública, além de se constituírem em interferência visual na percepção do conjunto arquitetônico da Rua Barão de Alagoas.

Recomendação

Utilizar a casa do Marechal Deodoro, já restaurada, para a instalação de atividades de interesse da comunidade local.

Z.P.R.1/Setor B

- Tombamento, a nível estadual, do Palácio Provincial.

ANEXO C

Anteprojeto da restauração da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco

HISTÓRICO

A Igreja da Ordem 3.^a de São Francisco foi instituída no ano de 1720 pelo provincial Frei Hilário da Visitação que a 14 de julho desse mesmo ano procedeu à sua primeira eleição.

Em 1763 ainda não havia sido edificada a igreja daquela ordem, mas já havia sido lançado seus alicerces.

Desde o início de sua construção datada da segunda metade do Século XVIII, a igreja sofreu várias alterações, no entanto, seu uso esteve sempre ligado às funções originais de culto.

A referência iconográfica identificada pela pesquisa histórica resume-se a uma foto da fachada da igreja que mostra um gradil (hoje desaparecido) de limitando o adro, sendo de época bem posterior à construção inicial da igreja. (ver foto em anexo).

Como não há documentação escrita nem iconográfica que forneça dados precisos no tocante ao histórico do monumento, o mesmo será baseado nas informações coligidas através da análise visual e apreciativa da dinâmica dos espaços interno e externo, fundamentadas na renovação parcial do reboco. (ver pranchas em anexo).

O monumento denuncia claramente, as contribuições das várias épocas evidenciadas nos estilos rococó e neoclássico das fachadas.

Seu partido em planta apresenta três etapas de construção. Inicialmente, nave, capela-mor, sacristia e consistório. Em seguida o ambiente anexo à sacristia, e posteriormente a área atrás da capela-mor.

Essas superposições concorreram para alterar a volumetria inicial da edificação, bem como, seu espaço interno.

Seu partido arquitetônico demonstra nitidamente a pretensão de se construir galeria lateral. Entretanto não foi construída, o que motivou de certa forma uma desorganização no espaço da igreja e uma mutilação ao plano pretendido.

Internamente, a nave guarda sua proporção e escala. Porém reflete a consequência de um produto inacabado, com acessos ao coro e púlpito, de caráter provisório, bem como, os novos posicionamentos evidenciados nos altares - lateral e colaterais - datados de 1927 e no arco-cruzeiro, alterado na sua perfilatura em 1858. Apresenta estrutura de telhado em canga de porco, restaurado em 1874 e piso em cimentação, resultado de alteração.

A capela-mor pouco profunda e mais estreita conserva a proporção inicial. Sua parede de fundo foi reconstruída impossibilitando a compreensão de como era disposto o altar primitivo. Compõe seu espaço quatro tribunas, com características recentes, e o altar-mor contemporâneo aos outros altares.

A sacristia situada ao lado da capela-mor preserva a escala original. Sua alteração consiste no entaipamento de dois armários embutidos.

O consistório sofreu alteração na estrutura do telhado não sendo possível precisar a data, nem identificar sua estrutura original.

O ambiente anexo à sacristia, resultado de um acréscimo, encontra-se bastante alterado impedindo a leitura correta do espaço interno. Sua parede de fundo foi reconstruída em espessura inferior à antiga, ampliando um pouco a dimensão do ambiente, alterando conseqüentemente, sua proporção. Conserva ainda, uma de suas paredes laterais bastante expressiva, embora suas janelas estejam entaipadas.

O corpo da edificação que fica atrás da capela-mor corresponde à 3ª etapa de construção. Nele encontramos a escada que leva ao consistório. Apesar de ser estranha sua localização, não foram encontrados vestígios de uma outra escada que, possivelmente, seria na sacristia.

A pesquisa histórica realizada, fundamenta-se portanto nos conhecimentos em visita ao local e nos resultados das investigações procedidas em cartório, arquivo público, biblioteca e arquivo do IPHAN-Recife.

As informações de cunho histórico foram encontradas em um único livro: "Patrimônio Cultural de uma Velha Cidade" - Moacir Medeiros de Santana.

OBS.: Ver jogo de pranchas - "H".

ANÁLISE TIPOLOGICA

As Capelas da Ordem 3.^a de São Francisco, na sua maioria, encontram-se perpendiculares às naves das igrejas conventuais, a exemplo dos conventos do Recife, Olinda, João Pessoa, Igarassu, Ipojuca, Sergipe - todos no Nordeste.

Entretanto, em alguns casos toma feição diferente, apresentando um edifício isolado, paralelo à igreja conventual, e portanto com seu frontispício próprio dando diretamente para o exterior.

No Nordeste destacam-se dois conventos franciscanos com essas características: o de Salvador e o de Marechal Deodoro-AL. Este último, à semelhança da Igreja da Ordem 3.^a de Salvador, apresenta frontispício recuado formando um pequeno adro.

No que se refere ao partido em planta, têm algumas soluções em comum: nave única, capela-mor pouco profunda e mais estreita e, ainda, a ausência da torre.

A Igreja da Ordem 3.^a de Marechal Deodoro-AL., apresenta partido com características que faz crer ter havido pretensões de se construir galeria lateral, através da qual teríamos acesso ao coro e consistório, tal qual a Igreja da Ordem 3.^a de Salvador. Um ponto distinto entre as duas igrejas seria a localização da sacristia: uma situada na parte posterior da capela-mor e a outra ao lado, tornando-se fiel ao traçado de planta das igrejas locais do mesmo período - Século XVIII.

Sua fachada principal é típica de fins do Séc. XVIII, similar a muitas do mesmo período, como a anexa Igreja da Ordem 1.^a e a Igreja da Ordem 3.^a do Carmo, da mesma cidade.

A grande cornija, trilobada, entre o frontão e o frontispício, é bem mais relevada e de desenho elegante e erudito. Seu encurvamento em três curvas lembra o desenho rococô do Rosário de Goiana (PE). Essa cornija em arcos, movimentada a composição da fachada, diminuindo o tímpano e ampliando, em consequência, o resto do corpo do frontispício, propiciando maior verticalidade. Acostada à parede lateral, acompanhando o alinhamento da fachada localiza-se a sineira à semelhança de Santa Luzia do Norte-AL.

É excelente a composição da fachada quanto ao jogo de superfícies e en vazaduras; acima da portada única, característico das igrejas da região, foi elevada a janela central, além da linha das laterais, como em Santa Luzia do Norte-AL. e Igrejas da Ordem 1.^a e 3.^a do Carmo da mesma cidade. A feição da ane

xa Igreja da Ordem 1.^a, possui janelas providas de balcões e com desenhos semelhantes. Apresenta frontão de proporções elegantes, em curvas e contra curvas, típico do período.

Os elementos rococó definem e marcam sua fachada, fornecendo um encadementamento de ornatos do melhor gosto.

A fachada lateral apresenta-se já ao gosto neoclássico, existindo um exemplar no local - Igreja da Ordem 1.^a do Carmo - resultado de uma alteração.

A Igreja da Ordem 3.^a de São Francisco obedece ao sistema construtivo da arquitetura religiosa local do Séc. XVIII - paredes estruturais na sua maioria em alvenaria mista de pedra e tijolo - e conserva em alguns ambientes a estrutura de telhado - canga de porco - comum às igrejas da região.

A igreja contou, provavelmente, com a arte dos mesmos entalhadores e mestres de cantaria da anexa Igreja da Ordem 1.^a, a observar pelo padrão de execução da balaustrada do coro e tribunas, e ainda, pela semelhança dos trabalhos de perfilatura em pedra calcárea, material comum à região.

A volumetria está em harmonia com a escala da cidade e das igrejas locais.

OBS.: Tendo em vista a descaracterização em que se encontram as igrejas da região, não há condições de se fazer um estudo tipológico mais detalhado.

- ver croquis em anexo -

ANÁLISE FÍSICA

Fachadas

a) Para a Praça Pedro Paulino (Fachada Principal).

-Revestimento

Reboco antigo, apresentando superfícies enegrecidas, dificultando a leitura do relevo.

-Elementos Decorativos

Cunhais de pedra calcárea delimitando os panos da fachada arrematado por corucheis. Apresentam trechos gastos pela ação dos intempéries.

Frontão em curvas e contra curvas, com ornatos em massa pouco definidos pela presença de fungos. É emoldurado por cornija trilobada também em massa estando em bom estado de conservação apesar da falta de limpeza.

Ombreiras e vergas curvas em pedra marcam os vãos da fachada. Acima das vergas, as sobrevergas coroadas com desenho em relevo. Apresentam-se parcialmente danificadas pela ação dos intempéries.

-Envazaduras

No andar térreo apresenta uma única portada emoldurada em pedra cujos socos estão danificados. A porta é rica em detalhes, com almofadas movimentadas, bem ao gosto rococô. Apresenta-se pequenas falhas na sua composição e encontra-se também ressecada.

No pavimento superior, possui três janelas que iluminam o coro e a nave, estando as das laterais entaipadas pelo lado de dentro, não prejudicando a composição da fachada. Têm enquadramento de pedra original.

As folhas da janela central encontram-se estragadas apresentando inclusive, provável modificação na sua ferragem, não se adequando bem à sua composição.

Acima da janela central localiza-se o óculo com elementos decorativos.

Na sineira identifica-se uma abertura com arco pleno onde se localizava o sino.

-Beiral

Não existe nesta fachada. Todos os paramentos terminam em curvas e contra-curvas.

AMBIENTAÇÃO

A Igreja da Ordem 3^a de São Francisco está implantada em local privilegiado, sendo favorecido por ambiente de espaços abertos e livres.

Seu entorno é marcado pela presença da Igreja da Ordem 1^a; o casario que circunda a praça Pedro Paulino com numerosas casas e sobrados importantes apesar das várias descaracterizações individuais, e pela continuidade visual de sua volumetria, valorizado pela densa cobertura vegetal.

Nas suas proximidades identifica-se algumas construções novas que não chegam a interferir na paisagem urbana tendo em vista suas localizações.

As interferências maiores residem na falta de tratamento paisagístico ao entorno mais próximo; rede de distribuição elétrica com postes mal posicionados; falta de agenciamento na área fronteira à igreja; rebaixamento da rua lateral, dificultando o acesso ao casario e à igreja, pela lateral.

O problema principal reside na delimitação da zona de proteção ao monumento tendo em vista o condicionamento, já bem evidente, da diretriz do sistema viário da cidade.

NATUREZA DA RESTAURAÇÃO PROPOSTA

Com os dados resultantes dos estudos desenvolvidos no diagnóstico, procurou-se chegar a uma conclusão de como intervir num monumento que, além de não ter sido concluído no seu plano original, sofreu reformas e ampliações que descaracterizaram seu espaço interno e alteraram sua volumetria.

A falta de dados históricos precisos quanto às reformas por ele sofrida; o respeito ao não concluído; a não interferência ao espaço externo e a necessidade de espaço tendo em vista a nova utilização proposta, resultaram no critério ao respeito às contribuições de épocas distintas.

Face ao exposto, a proposta é manter os espaços internos com exceção do corpo posterior à capela-mor por não possuir valor arquitetônico que justifique sua preservação. Além disto prejudica a composição da fachada do corpo que dá continuidade ao da sacristia.

A intenção é a de organizar o espaço e valorizar os elementos originais que realmente, apresentam-se com um caráter mais forte, e portanto, cujos valores são dignos de serem preservados.

Procurou-se intervir o mínimo possível na edificação, sendo que as intervenções de vulto residem na inclusão de equipamentos sanitários, a criação de acessos novos ao coro e consistório e introdução de um painel de madeira em lugar do altar-mor.

De resto, procurou-se adequar a ocupação ao monumento, numa atitude de respeito ao existente sem contudo deturpar nem violentar a integridade do imóvel quanto ao seu aspecto plástico, volumétrico e estético.

Para atingir os objetivos do projeto de restauração, foram realizadas prospecções, que embora não tão profundas, permitiram chegar a conclusões que estão definidas no anteprojeto realizado, diretriz que se confirmará quando das obras de remoção dos rebocos, interna e externamente, de partes indicadas. Deste modo, procuro analisar a situação atual de cada ambiente e propor o que me parece mais oportuno, no momento. Claro que as prospecções finais poderão mudar a direção do anteprojeto e para este fim se completará o projeto devidamente.

Ambiente 01 - Adro

Estado atual: o adro é delimitado por diferença de piso, sendo que à sua direita existe um muro sobreposto ao cunhal da fachada. Este muro, execu-

tado em aivenaria de tijolo rebocado, tem portão arrematado por um triângulo, e sobre ele, uma cruz. Serviu de acesso ao cemitério em uma determinada época. Junto a esse muro há vestígios de um gradil que delimitava o adro, porém de construção recente, grosseiro e, em total desacordo com a leveza e elegância da fachada. (Foto em anexo)

O adro encontra-se sem revestimento de piso. Suas dimensões são reduzidas. Sua forma é em trapézio retângulo, resultado da inclinação da rua.

Fachada da Igreja: frontispício de proporções elegantes com superfícies em relevo, enegrecidas. Cunhais e enquadramentos dos vãos em pedra calcárea, em relativo estado de conservação. Não apresenta problemas estruturais. Os danos são os referentes ao estado de conservação dos relevos enegrecidos e do calcáreo, estragado pela ação das chuvas, principalmente na parte inferior da fachada.

No coroamento do frontispício há uma pequena vegetação que no momento, parece não comprometer a estrutura.

As esquadrias requerem restauração parcial e pintura.

Proposta

A proposta consiste em eliminar o muro, devolvendo à composição da fachada, o cunhal em sua integridade. Além de valorizar o espaço e beneficiar o conjunto arquitetônico. Entretanto, se faz necessário a construção de um muro, para proteção do conjunto. Este deverá ficar recuado em relação à fachada da Igreja da Ordem 3ª, e perpendicular às ilhargas das duas igrejas.

O adro receberá piso em tijoleira de barro, medindo 0,30 m x 0,30 m, assentados com rejunte à maneira contemporânea.

Deverá se proceder à limpeza de toda a fachada da igreja, assim como, a verificação do estado do reboco e, se necessário, restaurá-lo.

Os elementos em pedra calcárea deverão ser restaurados, em massa na cor. Para maior proteção deverá se aplicar "silicone".

Para o extermínio da pequena vegetação pulveriza-se "tordon".

A porta principal deverá ser restaurada. As partes faltantes deverão seguir os modelos existentes. As esquadrias estando bastante ressecadas se faz necessário a aplicação de "óleo de linhaça".

Considerações Gerais

- Contornando toda a edificação deverá se proceder a execução de uma calçada, em tijoleiras de barro, em forma de calha para melhor coleta das águas pluviais e impedindo que as águas se acumulem na base das paredes.
- O madeiramento utilizado em toda a edificação deverá ser devidamente imunizado com pentaclorofenol.
- As esquadrias ressecadas deverão ser aplicado óleo de linhaça.
- As ferragens de portas e janelas que ainda se conservam deverão ser limpas, retirando a pintura que possui, aplicar pintura anti-corrosiva e finalmente a pintura na cor cinza escuro. As esquadrias antigas que se encontram sem ferragem deverão ser executadas conforme modelo existente. As esquadrias novas receberão ferragem nova.
- Deverá se proceder a um estudo das cores das esquadrias originais.
- A edificação deverá receber pintura interna em calafumagem e externa, em tinta plástica acrílica (latex PVA).
- Demolição de toda rede elétrica. Construção de novas instalações.
- Efetuar prospecção na fundação e remoção do reboco nos locais que se fizerem necessário.
- As estruturas de concreto serão rigorosamente dimensionadas na fase de projeto, por especialista.

ANEXO D

Documentos Avulsos Contidos na Pasta número 06 do Bem Cultural: Praça Rui Barbosa – Acervo da Administração Central do IPHAN/RJ

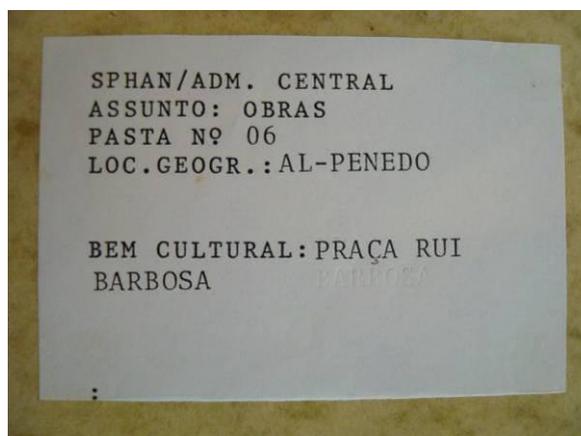


Figura 1: Etiqueta de identificação da pasta que contem os documentos referentes à Praça Rui Barbosa e utilizados como fonte de pesquisa nesta dissertação.

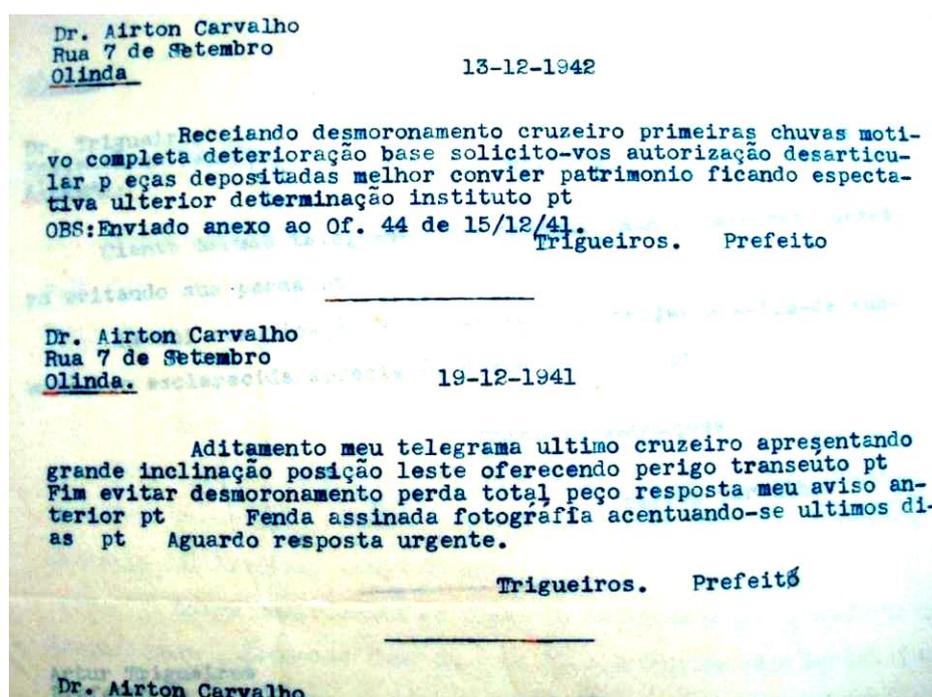


Figura 2: Telegramas do prefeito do Penedo, Artur da Mota Trigueiros, enviados a Airton Carvalho, Diretor Regional do Patrimônio Histórico.

Dr. Airton Carvalho
Rua 7 de Setembro
Olinda 24-12-1941

Cientifico vossa senhoria cruzeiro desabou definitiva-
mente ocasionando desfacelacão totalpt Acebo tirar fotogra-
fia enviarei toda brevidade seu governo.

Trigueiros. Prefeito

Dr. Airton Carvalho
Rua 7 de Setembro
Olinda 2-1-1942

Referencia telegrama ultimo vossa senhoria informo pre-
feitura impossibilitada cumprir solicitação virtude grande aflu-
encia fieis apropriaram-se bloco fragmento afim conservarem
como reliquias para amuletos outros crediçs logo monumento ruiu.
Uma vez nada existir local trabalhos prefeitura prosseguiram pt
Determinarei serem recolhidos restos cruzeiro.

Trigueiros. Prefeito

Figura 3: Telegramas do prefeito Artur da Mota Trigueiros envidados a Airton, Diretor Regional do Patrimônio Histórico.

Penedo, 0 de novembro de 1941.

Ilmo. Sr.
Dr. Airton Carvalho,
M.D. Diretor Regional do Patrimônio Histórico
Recife.

Esta Prefeitura tem o prazer de, dirigindo-se a V. Sa., reportar-se ao assunto que motivou a troca de telegramas entre esta e essa repartição, com referencia ao antigo cruzeiro existente na Praça Rui Barbosa, nesta Cidade.

Dando cumprimento ao plano de melhoramentos urbanísticos traçado para a presente fase da vida do municipio, esta Administração houve por bem lançar vistas para um dos logradouros públicos mais centrais da Cidade, que, graças ao abandono lamentavel com que vinha sendo tratado, a despeito de sua localização no coração da urbs, afigurava-se um verdadeiro capinzal (foto n° 1) que, dia

a dia

Figura 4: Início da carta enviada a Airton Carvalho pelo prefeito do Penedo, Artur da Mota Trigueiros. Parte 1.6.

a dia, acentuava sua denuncia flagrante contra a ausencia de gos-
to e cuidado por parte da Edelidade. Assim, fez organizar a plan-
ta anexa que deverá ser adaptada à praça, sendo, porém, uma das su-
as primeiras preocupações dirigir-se ao Revmo. Frei Libório, Guar-
dião do Convento de São Francisco desta Cidade, sob cujos cuidados
se acha a cruz de pedra da Praça Rui Barbosa, que por sinal já es-
tá bastante deteriorada apresentando uma fenda bem profunda no lu-
gar assinalado por uma seta no foto nº 2, com o fim de obter a sua
autorização para a retirada da aludida cruz. Desse entendimento
com o Guardião do Convento resultou o acordo pelo qual a Prefeitura
se comprometia a transferir o cruzeiro para o jardim da Ordem
IIIa., que é uma dependencia adida do Convento, com o que ficaria
aquele monumento melhor guardado, prontificando-se ainda a Municipi-
palidade a cientificar o Patrimônio Histórico logo que isso acon-

Figura 5: Continuação da carta enviada a Airton Carvalho pelo prefeito do Penedo, Artur da Mota Trigueiros. Parte 2.6.

tecesse.

Quando, porém, se iniciavam os serviços de aterro da praça (fo-
to nº 2) e instalação de andaimes para a desarticulação do cruzeiro,
o Revmo. Frei Libório vem comunicar à Prefeitura achar-se de posse
de uma carta proibitiva de seu Provincial de Recife, que, segundo o
Sr. Guardião, se havia entendido com essa repartição, ficando resol-
vido sustar-se os serviços de transferência do cruzeiro.

Nessa circunstância a Prefeitura procura, por sua vez, o entendimen-
to telegráfico que levou a efeito com o Patrimônio, vindo a saber
que o cruzeiro se acha, efetivamente, tombado.

Sensibilizada ainda pela maneira cordial e pronta por que foi
atendida por V. Sa., a Administração vem mais uma vez à sua presen-
ça, no sentido de propor, por sua conta e risco, a desarticulação
das peças do cruzeiro para armá-lo novamente dentro do jardim da Or-
dem IIIa., como ficou sugerido no acôrdo com o Revmo. Frei Libório.
Cumpre esclarecer que isto em nada virá desvirtuar o valor artísti-

Figura 6: Continuação da carta enviada a Airton Carvalho pelo prefeito do Penedo, Artur da Mota Trigueiros. Parte 3.6.

co ou histórico que porventura possua o cruzeiro, mesmo porque ele não integra nenhum plano colonial digno de admiração, visto que está localizado numa praça onde a feição arqueológica em nada prepondera, diante da iniciativa particular na construção de casas em estilo contemporâneo. Outrossim, nenhuma documentação histórica ou crônica regional recomenda o cruzeiro aos olhos do observador, e ainda que assim fosse não parece razoável ser ele conservado em situação de ruínas no lugar onde se ergue, sendo mais acertada a sua instalação na propriedade do Convento onde, antes de tudo, terá um tratamento digno do respeito afeto à sua qualidade de convenção religiosa merecedora de acatamento e reverência.

Afora isto incumbe-se a Prefeitura, caso convenha a essa repartição, do concerto reclamado pelo cruzeiro que provavelmente atingirá a importância de 30\$000, no máximo, faltando-lhe como lhe falta a pequena haste superior e um revestimento de pintura.

Admiradora também que é das relíquias do nosso passado, esta

Figura 7: Continuação da carta enviada a Airton Carvalho pelo prefeito do Penedo, Artur da Mota Trigueiros. Parte 4.6.

Administração vem oferecer o seu concurso para a conservação da tradicional e legendária "Casa da Oração" desta Cidade que ora se acha em deplorável desamparo, ameaçando ruir, ao passo que lamenta a monstruosa remodelação efetuada na "Casa de Aposentadoria", cujo puro estilo colonial sofreu um verdadeiro assassínio na austeridade e na beleza do conjunto.

Cumpre esclarecer ainda a V. Sa., que, dum entendimento realizado entre esta Administração e o Revmo. Provincial Frei Pedro, sediado nessa Capital, nasceu a ideia de negociar êle com essa repartição a transferência do cruzeiro da Praça Rui Barbosa para o jardim da Ordem IIIa., conhecedor que é da necessidade de remodelação daquela praça e da excelência do alvitre de trasladação.

Figura 8: Continuação da carta enviada a Airton Carvalho pelo prefeito do Penedo, Artur da Mota Trigueiros. Parte 5.6.

Confiante no elevado espírito de patriotismo de V. Sa., fica a Prefeitura na expectativa de suas instruções, valendo-se do ensejo atual para externar protestos de consideração e apreço com votos sinceros de

- Saude e fraternidade-

Dr. Artur da Mota Trigueiros.

- Prefeito -

Figura 9: Final da carta enviada a Airton Carvalho pelo prefeito do Penedo, Artur da Mota Trigueiros. Parte 6.6.

COPIA DO TELEGRAMA:

Dr. Artur Trigueiro

Prefeito Penedo

Alagôas

Acusando recebimento officio 260 venho solicitar encarecidamente paralização obras praça Rui Barbosa permitindo assim aguardar pronunciamento Secção Técnica Serviço Patrimônio Rio pt

Confiando espirito compreensão vossa senhoria apresento atenciosas saudações

Figura 10: Trecho de telegrama enviado ao Prefeito do Penedo, Artur da Mota Trigueiros.

Recife, 15 de dezembro de 941.

of. 44.

Senhor Diretor:

*à Sr. Dir. SPHAN, para in-
formar a respeito. 26. XII. 1941*

Remetemos junto ao presente algumas fotografias do Con-
vento de S. Francisco de Penêdo.

Foram elas tiradas pelos padres franciscanos que tiveram a genti-
leza de as remeter a êste Serviço.

Numa delas vê-se a colocação do cruzeiro ameaçado de ser desmon-
tado pela Prefeitura daquela cidade para o ajardinamento da praça
fronteiriça ao convento.

Desejamos que V. S. chame a atenção do Dr. Lúcio Costa para as
lages assentadas sôbre os cachorros das janelas que como êstes,

Figura 11: Trecho de carta enviada a SPHAN/RJ pelo Diretor Regional do Patrimônio Histórico.

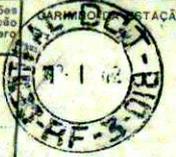
 MINISTÉRIO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS		TELEGRAMA CTN
O préambulo contém as seguintes indicações de serviço: espécie do telegrama, estação de origem, número do telegrama, número de palavras, data e hora da apresentação		DUSPHAN OFF.
Recebido: De: <i>[Signature]</i> à: <i>[Signature]</i> por: <i>[Signature]</i>		INDICAÇÕES DE SERVIÇO TAXAS - FIDUCIÁRIO CTN EDUSPHAN RIO DF - PATR. HIST. ARTIST. NACIONAL 71 711 <i>[Handwritten notes]</i>
PRÉAMBULO - N 232 DE OLINDA PE 72 25 3 1620 -		
- PREFEITO PENEDO NAO PARALIZOU OBRAS PRACA COMUNICOU CRUZEIRO RUIM AFIRMANDO NADA MAIS EXISTIR INTERESSE SPHAN PT JULGO DESARTICULACAO PROVOCADA PECO PROVIDENCIAS - AYRTON ----- CT SPHAN - EDUSPHAN - RIO DF -----		

Figura 12: Telegrama enviado por Airton, Diretor Regional do Patrimônio Histórico, a SPHAN/RJ, que comunica a subtração do cruzeiro da Praça Rui Barbosa.

